

DRA. MARGARET L. TYLER

**CURSO
DE
HOMEOPATIA**



EDITORIAL HOMEOPÁTICA BRASILEIRA

— 1965 —

CURSO DE HOMEOPATIA

PELA
DRA. MARGARET L. TYLER

Com correções e sugestões de
SIR JOHN WEIR e DR. D. M. BORLAND



EDITORIAL HOMEOPATICA BRASILEIRA

1965

Handwritten signature and date: 13/11/65

EDITORIAL HOMEOPATICA BRASILEIRA

Volumes já editados

- 1 — PROBLEMAS DO ENSINO E DESENVOLVIMENTO DA HOMEOPATIA (Atas do 2.º Simpósio Latino-Americano de Homeopatia, realizado em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 1961).
- 2 — ORGANON DA ARTE DE CURAR ou EXPOSIÇÃO DA DOCTRINA HOMEOPATICA — Samuel Hahnemann (Tradução diretamente da 6.ª edição alemã).
- 3 — HOMEOPATIA, MEDICINA POSITIVA — Prof. Sýlvio Braga e Costa, Catedrático da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro.

Título da obra original em inglês:
"POST-GRADUATE CORRESPONDENCE COURSE IN HOMEOPATHY"

Apresentação

A EDITORIAL HOMEOPÁTICA BRASILEIRA tem a satisfação de entregar mais uma obra sobre a Homeopatia, em cumprimento ao programa que se traçou. É a tradução de 12 magníficas lições organizadas para Curso de Homeopatia para Médicos, por correspondência, pela DRA. MARGARET TYLER, destacada médica homeopata da Grã-Bretanha.

Apesar de já transcorridos mais de 30 anos da realização do curso (1933), os ensinamentos contidos nas lições continuam perfeitamente atualizados. A dra. Tyler pertence ao grupo dos ortodoxos hahnemannianos e, assim sendo, explicada fica a citação quase exclusiva de trechos tanto do "Organon", como das "Doenças Crônicas", comentados com muita propriedade.

Nota-se que a autora repete alguns assuntos várias vezes, mas num curso mensal por correspondência, justifica-se a repetição: "REPETITIO EST MATER STUDIORUM".

A ASOCIACIÓN MÉDICA HOMEOPÁTICA ARGENTINA, de Buenos Aires, em 1945, publicou a primeira tradução do curso em língua espanhola, e a edição, há muito tempo esgotada, demonstra o interesse que o livro despertou. No prefácio daquela tradução do "POST GRADUATE CORRESPONDENCE COURSE IN HOMEOPATHY" foi dito:

"Dentro das características formais impostas por sua condição de curso por correspondência, a obra da dra. Tyler destaca-se por sua qualidade pedagógica, na qual a simplicidade e a amenidade da exposição junta-se a profundidade conceptual e fidelidade teórica que tornaram a autora uma das figuras hahnemannianas de mais renome na Grã-Bretanha."

Na edição argentina consta como apêndice um seu trabalho intitulado "O REPERTÓRIO DE KENT", o qual faz par-

te da presente obra, acrescido de um outro: "DIFERENTES MEIOS DE ACHAR O REMÉDIO".

As lições do curso foram revisadas e anotadas por outros dois grandes mestres da Homeopatia: Sir John Weir, médico da família real inglesa, e o dr. Douglas M. Bodland, médico do Hospital Homeopático de Londres.

Merece especial registro o fato de ter a dra. Tyler apresentado vários casos clínicos de pneumonia com o respectivo tratamento homeopático. Naquela época ainda não havia sido descobertos os sulfamídicos e só muitos anos depois é que surgiram os antibióticos. O que se deseja salientar é que o tratamento de pneumônicos pela Homeopatia continua eficaz com os mesmos medicamentos usados desde o início do método hahnemanniano, há mais de 150 anos, porque obediente a uma lei terapêutica.

A autora admite, sem demérito para sua excelente obra, como verdadeiras algumas concepções de Hahnemann, não essenciais à Homeopatia e rejeitadas, hoje em dia, pela maioria dos adeptos da doutrina:

- a) A teoria da divisibilidade indefinida da matéria.
- b) A teoria de que a ação do medicamento é incondicionada e mais forte do que a da moléstia.
- c) A explicação da cura homeopática pela teoria da substituição, à qual o próprio Hahnemann dava importância secundária ("Organon" § 28).
- d) A concepção de que a ação do medicamento se faz pela mediação exclusiva do sistema nervoso.

Chama-se a atenção do leitor para a tradução portuguesa da obra de Hahnemann: "ORGANON DA ARTE DE CURAR OU EXPOSIÇÃO DA DOCTRINA HOMEOPÁTICA" traduzida diretamente da 6.ª edição alemã, publicada pela EDITORIAL, que complementará as lições do curso.

Cumpra, finalmente, agradecer ao LABORATÓRIO HOMEOTERÁPICO S. A., de São Paulo, a doação que nos fez da tradução do trabalho da dra. Tyler.

EDITORIAL HOMEOPÁTICA BRASILEIRA.

SÍNTESE DOUTRINÁRIA

As doutrinas de Hahnemann em breve sumário

O REMÉDIO SEMELHANTE: — ou,

ESTIMULAÇÃO VITAL CONTRA A DOENÇA pela reação vital (curativa) a um medicamento capaz de produzir na pessoa sã uma doença (artificial) "semelhante".*

O EXPERIMENTO DAS SUBSTÂNCIAS MEDICAMENTOSAS para determinar seus exatos poderes subversivos em relação à saúde humana.

O EXPERIMENTO DE MEDICAMENTOS SOMENTE EM INDIVÍDUOS SÃOS.

O REGISTRO CUIDADOSO DAS DOENÇAS ARTIFICIAIS (MEDICAMENTOSAS) para comparação com casos de doença natural.

RETRATAÇÃO DO CASO, não somente com o propósito de diagnóstico, mas para obter os sintomas próprios do paciente e suas reações anormais.

A SELEÇÃO DO REMÉDIO por cuidadosa comparação do complexo sintomático característico do paciente com o dos medicamentos, até que se descubra o medicamento de sintomas mais semelhantes.

UM MEDICAMENTO DE CADA VEZ: homeopático, não necessariamente a esta doença, mas a este paciente com esta doença. (N. B. O remédio único, sempre, nos experimentos e no tratamento, a fim de que o reconhecimento da ação medicamentosa subversiva e curativa possa ser igualmente definida.

A DOSE ÚNICA: repetida somente quando necessário, isto é, na recorrência dos mesmos sintomas, modificados, após um intervalo variável de acordo com a agudeza ou cronicidade do caso: — tendo o paciente revelado entretantos notável melhora.

Portanto: DOSES INFREQUENTES.

A HIPERSENSIBILIDADE DAS PARTES DOENTES, especialmente a um estímulo "semelhante", que necessita:

A PEQUENA DOSE. Mas esta é necessitada também pelo caráter do estímulo que, em grandes doses de certas drogas, resultaria letal; em doses médias inibiria e em muito pequenas doses seria estimulador ao paciente sofredor e seus órgãos.

O RETORNO DE SINTOMAS ANTIGOS e seu significado.

NÃO INTERFERÊNCIA COM A REAÇÃO VITAL:

(a) com a agravação homeopática inicial, a menos que seja suficientemente severa para exigí-la.

(b) com a reação de melhoras progressivas, enquanto dura a reação vital.

POTENCIALIZAÇÃO: — a redução sistemática da massa, com liberação de energia.

LIÇÃO PRIMEIRA

SIMILIA SIMILIBUS CURENTUR

TRATEM-SE OS SEMELHANTES PELOS SEMELHANTES

O campo da Homeopatia é a Matéria Médica

A Homeopatia é o ramo da medicina que se ocupa (unicamente) de:

A descoberta de medicamentos

A experimentação (ou a patogenesia) de medicamentos

A preparação de medicamentos

A sua administração — incluindo dose e repetição.

Pressupõe, como coisa assente e indiscutível, o conhecimento completo de todas as matérias que constituem a "Medicina", hoje em dia, isto é, Anatomia descritiva, Anatomia patológica, Fisiologia e Patologia, Bacteriologia, Química etc., e *Diagnóstico*. A homeopatia se especializa apenas em drogas, na sua descoberta, na investigação dos seus poderes morbígenos e, portanto, curativos, e na sua aplicação.

Em suma, o domínio da Homeopatia é a Matéria Médica e a sua exata aplicação (com conhecimento prévio, como quer Hahnemann, baseado na lei e deduzido de experimentação prolongada e exaustiva e de experiência) à doença e ao sofrimento. Almeja sempre a cura, sendo possível; mas mesmo em casos incuráveis, o exato remédio homeopático prova ser o melhor paliativo, até para proporcionar uma espécie de eutanásia.

Cura

Hahnemann define a "cura" como "um restabelecimento não perturbado por sofrimentos posteriores".

A medicina dos "semelhantes"

A Homeopatia é a medicina dos "Semelhantes" — como o seu nome o indica (*Homoios* = semelhante, *pathos* = sofrimento). Ela sustenta que não há nada na natureza que, podendo prejudicar, não possa ser usado para curar, mas curar aquilo, e só aquilo, que possa causar.

Já se disse: "As drogas provocam e curam doenças e as doenças são as mesmas". Por exemplo:

A *Beladona* cura a febre escarlatina, porque o envenenamento de beladona é (até onde vão os sintomas) indistinguível da febre escarlatina. Ambos apresentam a pele ardente, os olhos brilhantes com as pupilas dilatadas, a garganta seca e dolorida, excitação, até ao ponto de delírio.

O *Arsênico* cura rapidamente o envenenamento por ptomaina, porque os seus sintomas são praticamente idênticos — náuseas terríveis, vômitos e diarreia, frialdade e colapso, ansiedade com agitação e angústia.

O *Sublimado corrosivo* ("Mercurius corrosivus") cura a disenteria, quando há tenesmo interminável com evacuações sanguinolentas.

Há um veneno de aranha — *Latrodectus mactans* que, onde penetra, produz os sintomas típicos da *angina de peito* e é um dos melhores remédios para essa enfermidade.

Dose mínima

Mas, ao usar tais remédios, deve empregar-se, por razões óbvias, não a dose fisiológica, mas a mínima. A homeopatia preocupa-se só com o estímulo vital.

Hahnemann começou seus experimentos com doses fisiológicas e, como resultado da experiência, reduziu-as cada vez mais, até que chegamos à nossa prática atual de empregar doses mínimas.

A lei "Arndt-Schultz"

E aqui, a generalização de Arndt-Schultz é mais ou menos explicativa: *Venenos que, em grandes doses, são letais, em doses menores, tendem a inibir e, em doses ainda mais pequenas, estimulam as mesmas células.*

Hahnemann viveu muito antes de Schultz, mas ambos chegaram praticamente à mesma conclusão: somente, Hahnemann

converteu em prática a sua doutrina, ensinando e legando-nos o poder de tratar as doenças pela reação estimulante a tais drogas, como as que são produzidas nos indivíduos sãos em condições análogas, estimulando curativamente, por esse meio, as células, tecidos ou órgãos idênticos afetados.

A Homeopatia não trata a doença, mas a pessoa doente

A Homeopatia, como se depreenderá, não trata a doença *per se*, mas as pessoas doentes. A doença não constitui fator tão importante na prescrição homeopática como o indivíduo com a doença.

Tomemos a pneumonia, por exemplo. Conhecem-se muitas drogas que causam "pneumonia" — *Phosphorus*, *Bryonia*, *Chebidonium*, *Acido Nítrico* e outras. Mas, não só os organismos associados à doença diferem, como também não há duas pessoas que exibam precisamente o mesmo quadro de sintomas, ao sofrerem de pneumonia. Além disso, drogas que nunca se souberam que congestionassem, inflamassem ou provocassem maciez dos pulmões podem ser requeridas pelo quadro de sintomas de qualquer doente especial e, por consequência, curar. São os sintomas, especialmente os sintomas estranhos e imprevistos, não comuns à doença, mas ao paciente com a doença, que reclamarão fortemente uma droga que tenha provocado precisamente esses sintomas nas pessoas de saúde.

Um enfermo de pneumonia está enrubescido e quente, contorce-se a dormir, não pode deitar-se do lado afetado, que não tolera pressão, mostra tendência para o delírio, ou está violentamente delirante. O quadro aqui é o da *Beladona* e o remédio, portanto, é *Beladona*. Um caso recente de pneumonia no início, em nosso London Hospital, foi o de uma criança de três anos, com temperatura alta, pele ardente, pulmão direito afetado e delírio ruidoso que, depois de algumas doses de *Beladona*, ficou sem febre e praticamente bem dentro de vinte e quatro horas.

Um quadro de sintomas inteiramente diverso exige *Baptisia*, e nenhuma dessas drogas pode substituir a outra. Aqui vemos um rosto sombrio, congestionado e somolento, de aparência narcotizada. O doente parece apatetado, como que entorpecido por drogas e cai a dormir, ao responder a uma pergunta. Esse caso ocorreu durante a terrível "gripe pneumônica" do fim da guerra passada, o médico que pediu auxílio chamou-lhe o pior caso que tinha tido durante a epidemia, receando que o enfermo morresse, mas a *Baptisia* alterou completamente as condições e a paciente, no dia seguinte, estava fora de perigo.

Quadro

Quadro -
Pneumonia

Um terceiro doente de pneumonia tem pontadas na pleura que o obrigam a deitar-se sobre o lado afetado, para limitar os movimentos torácicos e conseguir pressão (exatamente o contrário da *Belodona*). Ele não se atreve a mover-se e respirar é um terror. A língua está branca. Tem grande sede de bebidas frias. Irrita-se, se o perturbam. Esses são os sintomas da *Bryonia* e um grande número de casos de pneumonia exige *Bryonia* e cede muito prontamente a ela.

Mas não devemos omitir o *Acônito*: — muitas vezes, o primeiro remédio em que pensar, na pneumonia. Aqui, o quadro de sintomas é a subitaneidade do ataque, geralmente depois de exposição ao vento frio, cortante. Pulso forte, saltitante. Dores no peito que não deixam o doente deitar-se sobre nenhum dos lados. Tosse expelindo sangue vermelho vivo. Mas com isso tudo, não seria *Acônito*, sem intranquilidade, agitação, angústia, ansiedade, medo da morte, que parece inevitável. E *Acônito* é sempre pior de noite. Ou os estados do *Acônito* podem sobrevir repentinamente de noite, durante uma pneumonia em que a seleção de remédios não foi bem feita. E aqui *Acônito*, com os seus sintomas mentais, dará alívio e quase súbita paz ao enfermo.

Nos casos de *Phosphorus*, a localização é geralmente na base direita. E como em *Bryonia*, o doente tem sede para grande quantidade de água fria; mas aqui as dores são constritivas e o peito sente-se oprimido. Se o paciente é uma criança, está constantemente a pedir uma coisa e outra, só para ter sempre alguém perto. Não pode estar sozinho. (*)

Ou, tratemos de casos de diarreia; esses, se são agudos e simples, cedem muito pronta e rapidamente ao tratamento homeopático dos "semelhantes".

Uma diarreia de *Colocynthis* faz com que o paciente se dobre com grandes dores e que aperte muito o abdôme.

Uma diarreia de *Aloes* obriga a vítima a sair da cama, de manhã bem cedo; e sair quando se passeia, se está de pé, ou depois das refeições. O doente tem micção e flatos involuntários. Borborigno abdominal. Se há mamilos hemorroidários externos, melhora com aplicações frias.

Uma diarreia aguda de *Arsenicum* sugere intoxicação alimentar, com a sua violência de vômitos e evacuações, muitas vezes, simultaneamente, com terríveis náuseas e prostração, com ansiedade, intranquilidade e angústia. É fácil discernir o remédio — que é muito rápido na sua ação curativa — se os sintomas concordarem.

(*) Vide no final do capítulo os gráficos que mostram o efeito de diferentes remédios administrados, de acordo com os sintomas, em casos simples de pneumonia.

Quadro -
diarreia

Uma diarreia de *Mercurio* manifesta-se com mau cheiro das dejeções, com a língua suja, mau gosto, suores e tenesmo que não alivia.

Todo o médico que agir nessas condições, dando o medicamento individual para o caso individual, não deixará de ter resultados convincentes.

Sintomas individuais

Certos sintomas comuns a todos os casos de congestão dos pulmões, diarreia, disenteria, servem para identificar e classificar a moléstia, mas não são sintomas em que se possa basear uma prescrição de cura. São os sintomas estranhos e individuais, peculiares a um certo doente com pneumonia ou outra qualquer enfermidade, que devem ser enquadrados com um remédio que possa produzir sintomas iguais nas pessoas sãs. Esse somente pode provocar o estímulo vital e, portanto, curar rapidamente. Esta rapidez é inacreditável, enquanto se não vê. E, mesmo então, é assunto, de maravilha, sempre renovada.

Alguns dos primeiros parágrafos do *Organon da Arte de Curar* de Hahnemann, simplificados e condensados.

A única e a mais alta missão do médico é restituir a saúde ao doente, que é o que se chama curar.

O designio mais elevado da cura é o alívio e extermínio da doença em toda a sua extensão, da maneira mais breve, mais suave e mais segura, de acordo com razões claramente compreensíveis.

O médico deve perceber o que é curável nas doenças em geral e em cada indivíduo em particular.

Deve compreender claramente o que é curativo nas drogas em geral e em cada droga, em especial, isto é, deve ter perfeito conhecimento dos poderes medicinais.

Precisa adaptar o que é curativo nos remédios àquilo que é indubitavelmente mórbido num doente. Cada caso de doença precisa ser enfrentado por um remédio adequado quanto ao seu modo de agir, à sua necessária preparação e quantidade e ao tempo próprio para a sua repetição.

Deve conhecer os obstáculos no caminho do restabelecimento.

Tem de colher auxílio de fatos concernentes à causa mais provável da moléstia aguda; e de sinais importantes, ocorri-

dos durante toda a história dum caso de doença crônica, pelas quais é descoberta a causa primária dessa, que depende, geralmente, dum "miasma" crônico (infecção crônica a parasitar o organismo).

Nas doenças crônicas, especialmente, a constituição do paciente, as características da mentalidade e do temperamento, as suas ocupações, o seu modo de vida e os seus hábitos etc., devem ser levados em consideração.

Devem notar-se as alterações na saúde do corpo e da alma, sintomas mórbidos, desvios do estado de saúde anterior experimentados pelo doente e observados pelo médico ou pelos familiares.

A soma dessas observações representa a doença em toda a sua plenitude: a verdadeira e a única forma concebível da doença.

Depois da remoção de todos os sintomas, a série inteira dos fenômenos perceptíveis, é impossível que permaneça qualquer coisa que não seja a saúde ou que quaisquer processos internos continuem ativos.

* * *

Em suma, toda a hipótese, por mais habilmente urdida e expressa em palavras, conduzirá às mais palpáveis inconsistências, se não é fundada na verdade.

* * *

Pela observação, pelo raciocínio e pela experiência, cheguei à conclusão de que, contrariamente à velha alopatia, a melhor forma de curar encontra-se seguindo esta proposição: *A fim de curar suave, rápida, segura e permanentemente, escolher para cada caso de doença um remédio que, por si próprio, seja capaz de provocar uma afecção semelhante àquela que é destinado a curar.*

* * *

Curas genuínas e suaves só se conseguem pelo princípio da Homeopatia... Este princípio... fornece-nos o único método que habilita a pericia humana a curar enfermidades com

grande certeza, rapidez e duração porque esse método curativo baseia-se em eterna e imutável lei da Natureza" (Organon), Uma droga "só pode curar em virtude de os seus sintomas serem semelhantes aos do caso de doença, e de não poder deixar de curar de conformidade com a eterna lei homeopática da natureza". (Hahnemann, Matéria Médica Pura).

Doenças semelhantes destroem-se mutuamente e uma doença similar medicamentosa destrói uma doença natural

Hahnemann mostra que o princípio de Similia estende-se também ao reino das doenças, que as doenças de sintomas semelhantes aniquilam-se ou, como o deveríamos exprimir, servem de antídoto umas às outras, e é exemplificado, *inter alia*, com a vacina e a varíola.

É de modo semelhante, afirma ele, que uma doença artificial ou uma doença medicamentosa serve de antídoto a uma doença natural de sintomas semelhantes.

Sómente que, como ele insiste, a doença artificial ou doença medicamentosa é muitíssimo superior, como agente curativo, a qualquer doença natural, visto que as doenças naturais são incertas na sua ação e deixam muitas pessoas não afetadas, ao passo que os agentes medicinais (Arsênico, por exemplo) "atuam, em todos os tempos e sob todas as circunstâncias, sobre todos os seres vivos, e possuem esta vantagem de que podem ser diluídos, divididos, potencializados até quase ao infinito pelo médico, até que se veja o efeito do tratamento com uma transição suave, imperceptível, mas rápida, do sofrimento para a saúde".

Ele diz: A força superior das doenças artificiais não é a única condição do seu poder de curar as doenças naturais. *As drogas devem ser capazes de produzir no corpo humano uma doença artificial tão semelhante quanto possível àquela que tem de ser curada.*

Porque é pela sua semelhança, combinada com o seu maior poder, que a doença medicamentosa extingue e aniquila o desarranjo causado pela doença natural.

Isto é tão verdadeiro que a própria natureza não consegue curar doença mais antiga pela superveniência de nova doença dissimilar, por mais forte que seja; nem o médico pode curar com drogas incapazes de produzir estado mórbido similar no corpo com saúde.

Extratos de conferências e opúsculos

"Nos homeopatas somos "um grupo à parte", apenas no que diz respeito ao estudo e à administração de drogas. Tudo o mais nós partilhamos com os nossos irmãos profissionais. Apenas, nós nos especializamos em drogas."

Como um dos nossos mais antigos escritores escreveu há anos, "a Homeopatia é uma parte da ciência médica. Não é medicina, mas uma grande reforma num dos seus departamentos. Não tem nova anatomia, fisiologia, patologia ou química... Mas utiliza as ciências da toxicologia e da patologia de maneira que era impossível, antes da descoberta da Lei dos Semelhantes."

"A droga que pode ser usada para adversamente afetar certos processos vitais pode usar-se para estimular os mesmíssimos processos vitais, de modo curativo. Isto é Homeopatia."

Como Hahnemann diz: "Não há agente, não há poder na natureza capaz de afetar morbidamente o indivíduo saudável, que não possua, ao mesmo tempo, a facilidade de curar certos estados morbidos."

* * *

"Um dos nossos maiores cientistas de hoje diz que o mero princípio de escolher remédios similares parece-me senso comum biológico".

A Homeopatia: elo que faltava

Em que difere a Homeopatia da Alopacia?

A Alopacia estuda as doenças e descreve-as com grande cuidado e minúcia. Firma-se principalmente no diagnóstico e no prognóstico.

A Alopacia também estuda drogas, faz experiências quanto à sua ação, nota cuidadosamente os seus efeitos sobre os diferentes órgãos e tecidos — especialmente de animais.

(Nota: As experiências de Hahnemann são muito mais conclusivas, visto que foram todas feitas sobre seres humanos sadios.)

"O conhecimento preciso dos efeitos puros, peculiares e morbíficos de certas drogas sobre o indivíduo humano sadio é o único que pode ensinar-nos, de maneira infalível, em que estados morbidos, mesmo que esses nunca houvessem sido anteriormente observados, um remédio, cuidadosamente escolhido de acordo com a similaridade dos sintomas, se pode empregar como agente

de cura infalível que os vença e os extinga permanentemente." (Hahnemann, Matéria Médica Pura).

* * *

Sir William Milligan, doutor em medicina, escreveu recentemente: "As primeiras fases da doença são muitas vezes insidiosas, os sintomas são principalmente subjetivos e o diagnóstico torna-se difícil pela ausência de grosseiras alterações patológicas. Essas alterações iniciais são, contudo, precisamente as fases em que o médico tem a melhor oportunidade de curar o enfermo e de cortar a doença pela raiz."

É nisto que a Homeopatia vence. O médico da velha escola acha-se desarmado enquanto não aparecem as alterações patológicas; está absolutamente às escuras. Nem mesmo pode diagnosticar.

Mas um doente, antes de lhe aparecerem profundas alterações patológicas, tem sintomas. Sente-se mal. Pode dizer os desvios da sua normalidade. E o homeopata, tratando dos sintomas que existem de fato, salva o seu paciente, mais vezes do que ele sabe, de enfermidade grave, podendo, como afirma Hahnemann, "tratar eficientemente de doenças, mesmo que elas nunca anteriormente tivessem sido observadas". (Opúsculo).

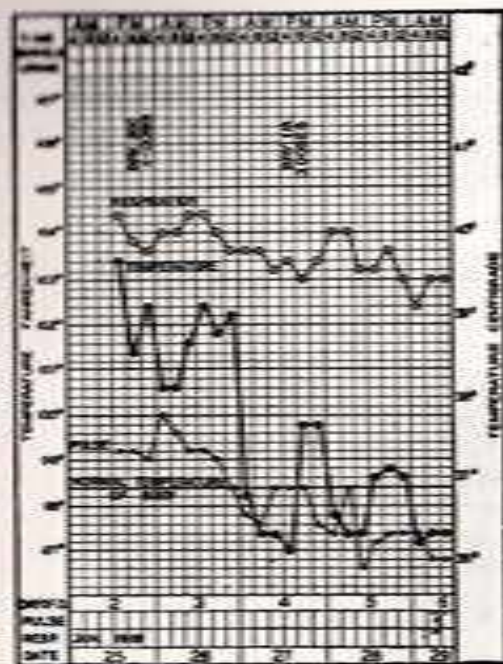
* * *

O falecido Sir James Mackenzie também se firmava no fato de que o nosso problema é o próprio doente. Ele é um verdadeiro cosmos em si mesmo, diferente de qualquer outro ser humano vivo. As suas reações e respostas aos estímulos, quer da droga, quer da doença, são de interesse e importância especial. O diagnóstico deve ir mais fundo do que à mera causa próxima, mais fundo do que aquelas condições prévias que permitiram a doença, deve mergulhar até às ocultas atividades da vida, com as quais a resposta curativa está intimamente ligada.

Muito da obra de Mackenzie podia ter sido escrita por Hahnemann. Ele, como Hahnemann, diz: "O que é importante para nós é o não usual, o inesperado na reação do paciente aos estímulos, externos ou internos, mentais ou físicos, que nos dêem quaisquer indícios das mais íntimas e mais profundas operações vitais."

Hahnemann diz: "Devem ser anotadas, muito principalmente e quase exclusivamente, as características mais proeminentes, incomuns e peculiares do caso de doença, para que essas tenham a mais estreita semelhança com os sintomas do remédio requerido, se se pretende curar." (Opúsculo).

Os casos seguintes, tratados no Hospital Homeopático de Londres, mostram a pronta ação dos remédios homeopáticos na pneumonia. Devemos observar que os primeiros foram daqueles com que tivemos de lidar no fim de 1.^a Guerra Mundial, quando a pneumonia era particularmente mortal.



Pleuro-Pneumonia — Bryonia.

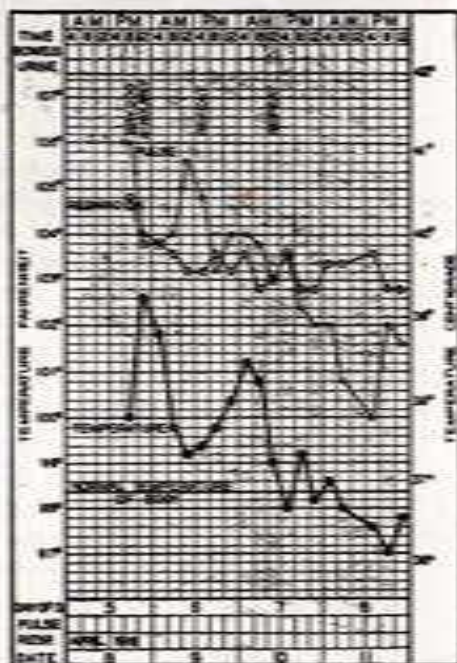
25-1-1918. L. M., 41 anos. Pleuro-pneumonia da base direita. Doente do Almirantado, enviado no segundo dia de doença, às 4 horas da manhã. Na admissão, temperatura de 39°,6. Excursões respiratórias: 44. Expectoração sanguinolenta, Bryon. 200, quatro doses. A temperatura estava subnormal no fim de 36 horas; 16 horas depois subiu para 37°,6, quando se administrou Bryon. 1.000, que pôs fim ao quadro.

(1) Os algarismos "30-200-1.000" etc., referem-se a diferentes graus de atenuação homeopática ou "potencialização".

Pneumonia — Bryonia.

Criança de 14 meses, em coma desde 3 de abril. Vômitos, no dia 4 de abril. Admissão recusada em dois hospitais: o primeiro diagnosticou algo no pulmão direito e o segundo forneceu uma nota que dizia "Não há vaga. Meningite".

Na admissão, em 8 de abril de 1918, encontrou-se nitida infecção pneumônica no pulmão direito. Como a criança estava irritada e não permitia que tocassem nela, foram-lhe administradas algumas doses de Bryonia, que resolveram o caso.

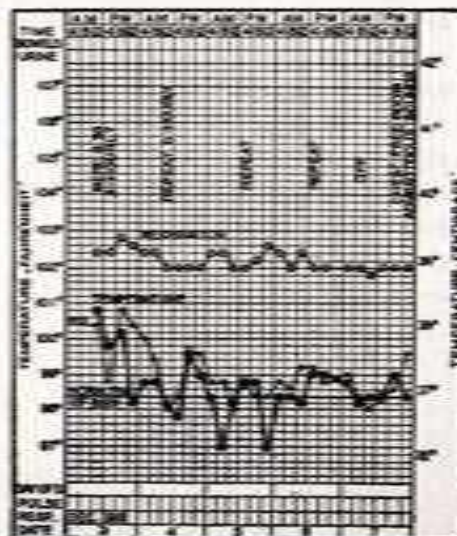
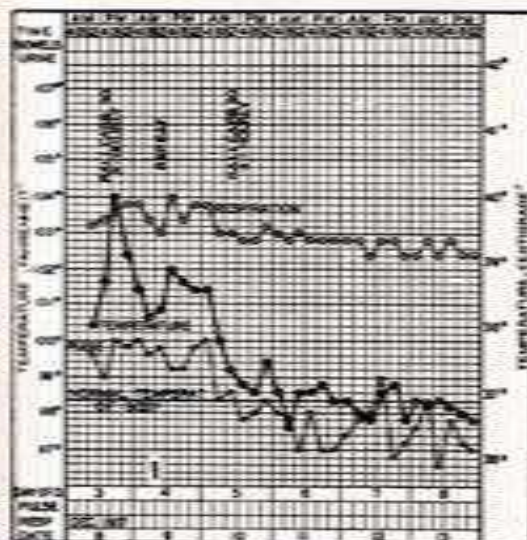


Pleuro-Pneumonia — Kali carb.

Pleuro-pneumonia da base direita. Homem de 65 anos, admitido a 8 de dezembro de 1917. Expectoração cor de tijolo. Dores lancinantes especialmente no hemitorax direito, provocando gritos, com a respiração e independentes dela. Temperatura: 40°. Excursões respiratórias: 48. As dores começaram com forte calafrio no dia 6. Desde então não tem dormido — grita na hora das dores. Muito inquieto. Deita-se do lado esquerdo. "Quer estar bem agasalhado". Kali carb. 30, de duas em duas horas.

As dores cessaram duas horas depois da primeira dose de Kali carbon, e o doente teve a sua primeira noite boa. A mais alta temperatura foi no dia 9, 38°,8; depois baixou rapidamente. Restabelecimento rápido.

Os sintomas gritados são os de Kali carbon. Levaram à escolha do remédio, que foi suspenso quando a temperatura se normalizou.



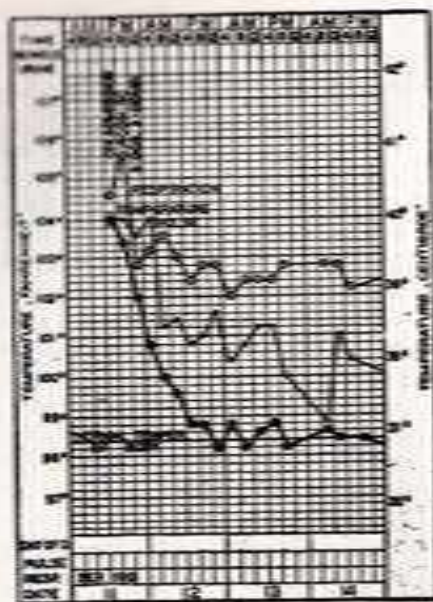
Pneumonia — Mercurius.

Outra pneumonia da base direita. Apresenta quadro sintomático diferente e requer droga diferente.

Mulher de 30 anos. Influença no dia 26 de novembro, com tosse e expectoração sanguinolenta. Admitida no dia 3 de dezembro de 1918. Rosto terroso, com suores. Língua com espessa camada de saburra, úmida. Transpiração profusa e fétida por todo o corpo. Sopro tubário audível posteriormente na parte média do hemitorax direito, estertores crepitantes mais abaixo. Do lado esquerdo, murmúrio vesicular áspero, rude, sem área definida de macicez. Merc. 30, de 3 em 3 horas.

No dia 4 a doente já se encontra melhor. Sente-se "muito bem". Não há suor nem mau cheiro. Língua bem mais limpa. O sopro tubário já não se ouve. Ainda alguns estertores crepitantes. Medicamento repetido por alguns dias.

No dia 7 — tórax livre de ruídos anormais... Sente-se muito bem.

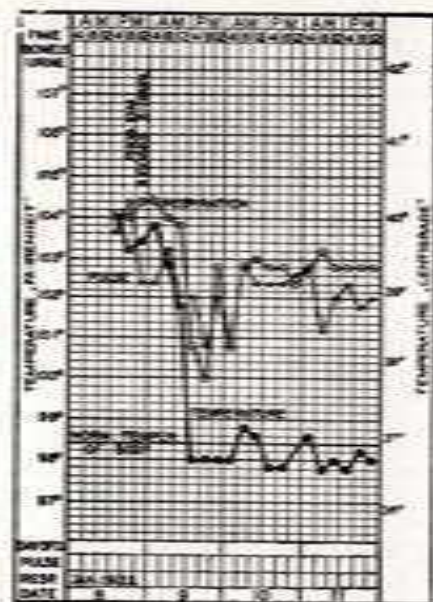
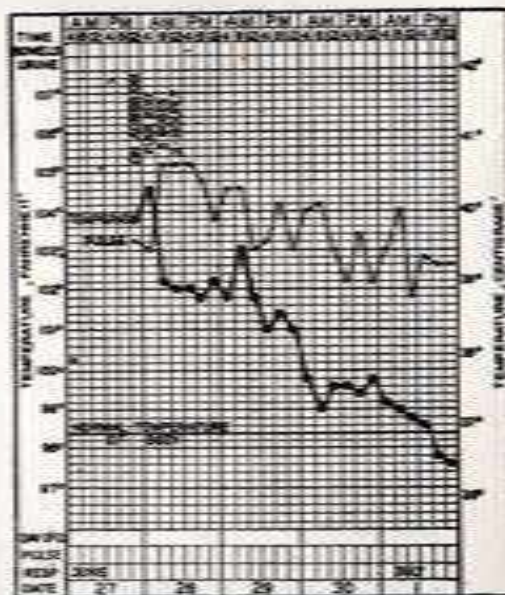


Bronco-Pneumonia — Aconitum.

Caso muito precoce, numa criança de 17 meses. Estava brincando de manhã e de repente ficou vermelho, febril e irritado. Admitido às 4 horas da tarde, no dia 11 de setembro de 1919. Temperatura: 40°. Excursões respiratórias: 56. Focos "disseminados em ambos os pulmões de sopro tubário ou respiração rude". Pulso 140. Com Aconitum 30 (seis doses de 3 em 3 horas), a temperatura teve queda rápida em 24 horas, com normalização da respiração e do pulso.

Bronco-Pneumonia — Pulsatilla.

Criança de 5 meses, admitida à meia-noite, 27 de junho de 1919. Pequeno foco de bronco-pneumonia na base direita. Estivera vomitando e os olhos achavam-se lacrimejantes, avermelhados, com secreção purulenta verde só pelo olho esquerdo. A temperatura, quatro horas depois, às 4 horas da manhã, era 40°,3. A criança tomou Puls. 300 de 2/2 horas e a temperatura baixou rapidamente, ficou absolutamente normal no dia 1.º de julho.



Bronco-Pneumonia — Phosphorus.

Meninazinha de 4 anos e meio, admitida às 4 horas da tarde de dia 8 de janeiro de 1922, com bronco-pneumonia. Temperatura 40°, pulso 136, excursões respiratórias 40.

Não esteve bem nos últimos dez dias: febril, tosse curta, chiado no peito; grita, inquieta, descobre-se.

O pulmão esquerdo mostrava posteriormente maciez em extensa área. Estertores crepitantes. O pulmão direito apresentava zona de maciez na região axilar.

Fez-lhe administrado Phosphorus 10.000, seis doses de 2/2 horas.

Em 24 horas a temperatura já estava abaixo do normal (36°,6); o pulso e as excursões respiratórias também normalizaram-se.

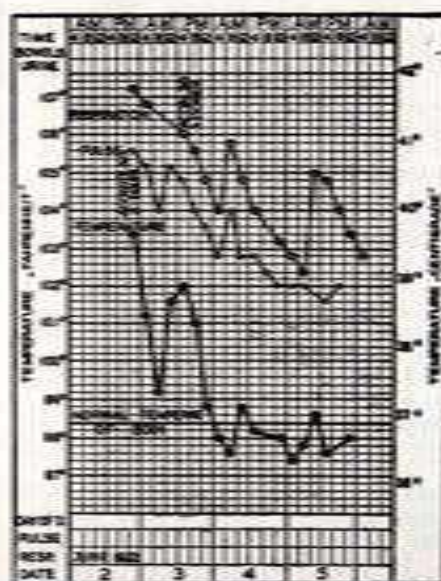
No dia 10 ainda havia sinais pneumônicos, mas eles logo se dissiparam e teve alta curada no dia 12.

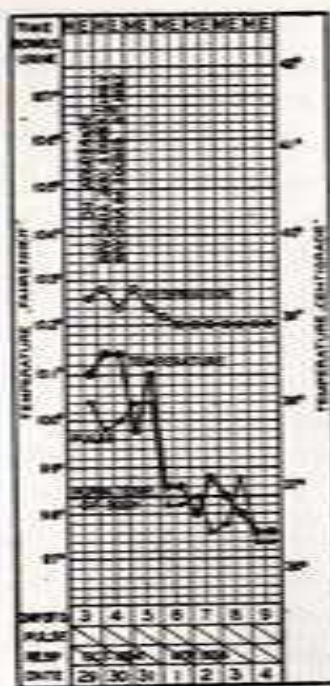
Um dos casos comuns de Aconitum.

Criança de 14 meses, em dentição, admitida à meia-noite, com temperatura de 39°,5, pulso 72 e respiração, 156, muito rápida. Estertores crepitantes em ambas as bases, especialmente na direita. A criança tinha estado sonolenta, respirando dificilmente em todo o dia anterior. Agora estava inquieta e irritada.

Fez-lhe administrado Aconitum 30 de 2/2 horas — a temperatura e as excursões respiratórias baixaram. No dia seguinte, por causa de uma menor ascensão térmica, foi repetido o Accn. 30 de 3/3 horas: isso liquidou o caso.

(Sarampo há um mês atrás).





Pneumonia — Bryonia.

Mulher de 38 anos, admitida em 29 de outubro de 1934. Tinha-se resfriado, com tosse incômoda. E agora, nos três últimos dias, tinha dor aguda sob o omoplata direito, que vinha aumentando de intensidade.

A dor é em pontada, lancinante, pior pelo movimento, pela tosse, por uma inspiração profunda; melhor pelo calor e pela pressão.

Tosse curta, dolorosa. A expectoração sai com dificuldade, é viscosa e tem laivos de sangue. Sede para grandes porções de água. Temperatura 38°3. Pulso 104. Excursões respiratórias 26.

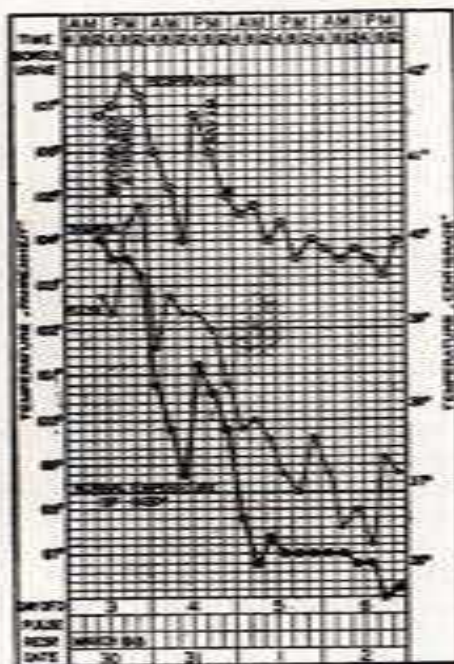
Exame: Limitação de movimentos e maciez à percussão na base esquerda, com sopro tubário e pectoriloquia afônica.

Uma típica pneumonia de Bryonia. Os sintomas coincidindo perfeitamente no remédio e no doente.

Foi-lhe administrada Bryon. 200. 4 doses de meia em meia hora. No dia seguinte, já melhor, a dor, a tosse e a expectoração diminuídas, embora com a temperatura ainda

acima do normal, deram-lhe Bry. 1.000, três doses de 3 em 3 horas, o que liquidou o caso. Naturalmente que teria de fazê-lo!

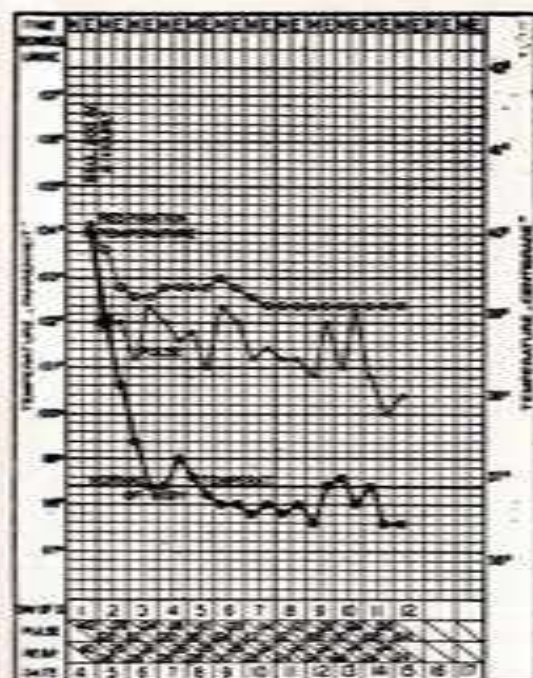
Mas, não poderia ter sido uma crise natural? A desmentir isso, observar que ela estava melhor em todos os sentidos no segundo dia e antes de a temperatura descer, e que tudo se tinha dissipado, no tórax e no resto, ao quarto dia após a admissão.



Pneumonia — Bryonia.

Menina de 7 anos, admitida ao meio-dia (30 de março de 1918), com dor no hemitórax esquerdo e foco pneumônico nítido na base esquerda. Temperatura 40°. Pulso 148. Excursões respiratórias 76. Bryonia 200 de 2/2 horas fez baixar a temperatura a 37°,1 em 24 horas. Subiu de novo às 4 horas da manhã para 38°,3 e ainda havia algumas dores, de modo que recebeu Bry. 1.000 de 4/4 horas; em menos de 48 horas a temperatura estava abaixo do normal e as dores extintas.

N. B. — Grande percentagem de pneumonias requer Bryonia.



Pneumonia Lobar Direita — Belladonna.

4 de novembro de 1935. I. K., menina de três anos.

Estava bem até o meio do dia em que foi admitida. Depois cansada, com frio e de mau humor. Mais tarde, com febre, pulando durante o sono, delirante e barulhenta. Batimento das asas do nariz. Respiração apressada. Muita sede.

A entrada, temperatura 40°; excursões respiratórias 40; pulso 142. Tórax sensível, pula ao ser tocada.

Pele muito quente.

As 10 horas da noite, maciez da base direita até a escápula. Diminuição do murmúrio vesicular. Belladonna 200. 4 doses de 2/2 horas.

No dia seguinte, 5 de novembro. Muito melhor. Mais calma. Várias descargas de fezes líquidas e esverdeadas.

Após 24 horas da entrada, temperatura 37°,1. Nada mais, a não ser um pouco de herpes labial.

N. B. — Uma pneumonia abortará, contanto que se comece cedo

e se ministre o correto estímulo vital — o que apenas se pode descobrir com os métodos de Hahnemann.

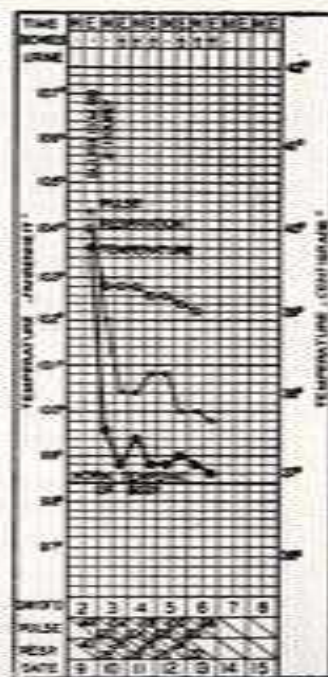
Pneumonia — Sulfur.

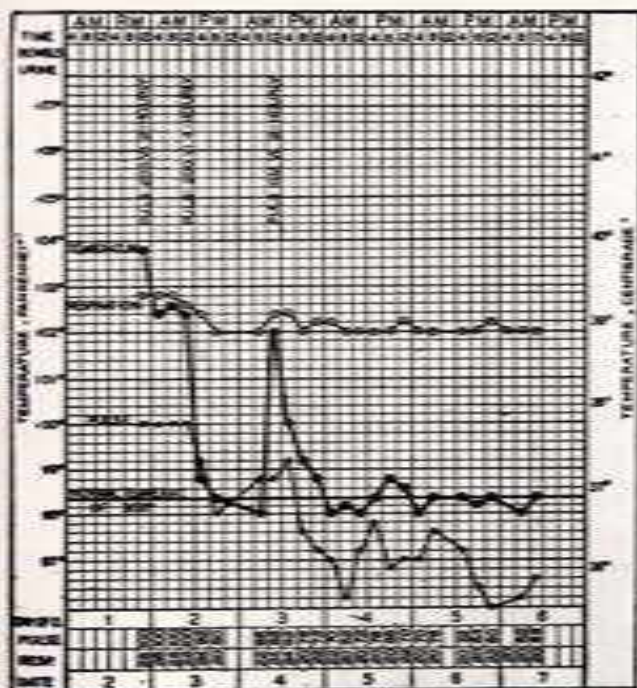
C. G. C., 6 anos. Deu entrada em 9 de dezembro de 1935 (segunda-feira). Estêve fora de casa durante todo o dia de sábado, 7, com nevoeiro cerrado. Doente nessa noite. Febril e com tosse todo o domingo. Sede para bebidas frias. Inquieta e febricitante à noite.

Quando entrou, a criança estava muito suja e mal vestida, rosto pálido, lábios brilhantes e vermelhos. Tosse preta e difícil. Temperatura 39°,7. Pulso 144. Excursões respiratórias 40. Encontrou-se uma pneumonia lobar esquerda. Sulfur ... 10.000, seis doses de 2/2 horas.

No dia seguinte, dia 10, a temperatura baixou e a criança sentiu-se melhor.

"A temperatura permaneceu ao redor de 37°,2 por alguns dias, mas a criança estava bem".





Fleuris — Comêço de Pneumonia — Pulsatilla.

L. G., 13 anos. Deu entrada à meia-noite, a 2 de novembro de 1935.

Ao despertar de manhã, queixou-se de que não se sentia bem e fizeram-na guardar o leito. As 5 da tarde queixou-se de dores no peito. Trazida ao Hospital à meia-noite.

Exame: Temperatura 39°8. Pulso 100. Excursões respiratórias 28. No pulmão direito, atrito pleural no ápice e estertores subcrepitanes mais abaixo. Pulmão esquerdo limpo. Paciente clara, de cabelos ruivos. Choroa e sem sede. Puls. 200, 6 doses de 2/2 horas.

Na manhã seguinte sentia-se muito melhor e já não tinha dores no peito.

Exame: Não há atrito. Alguns estertores úmidos no ápice direito. Ao meio-dia temperatura 39°1. Pulso 100. Excursões respiratórias 26. Deu-se Puls. 200, seis doses de 4/4 horas. As 4 da tarde, temperatura 37°6. Pulso 92. Excursões respiratórias 24.

No dia seguinte, dia 4, a paciente sentiu-se muito bem. Peito lim-

po. A temperatura subiu para 38°8 ao meio-dia, de modo que recebeu Puls. 10.000, 6 doses, de 2/2 horas.

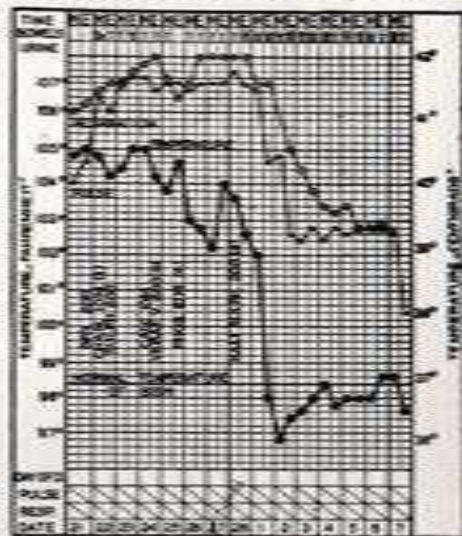
Restabelecimento sem acidentes.

Bronco-Pneumonia

Lactente de 7 meses e meio, enviado em 21 de fevereiro de 1935 de um hospital vizinho, por falta de leitos, com bronco-pneumonia. Antecedentes de "bronquite desde o Natal", mas adoeceu 3 dias antes da admissão.

Exame: Todos os sinais de bronco-pneumonia presentes, principalmente do lado direito. Respiração ofegante, rápida, com excursões respiratórias até 78. Temperatura 40°5. Pulso 170. Sons profusos. Bry., Calc., Sulf. pouco ou nada fizeram. Um pouco melhor com Phos. mas "rapidamente curado com Kali sulfi."

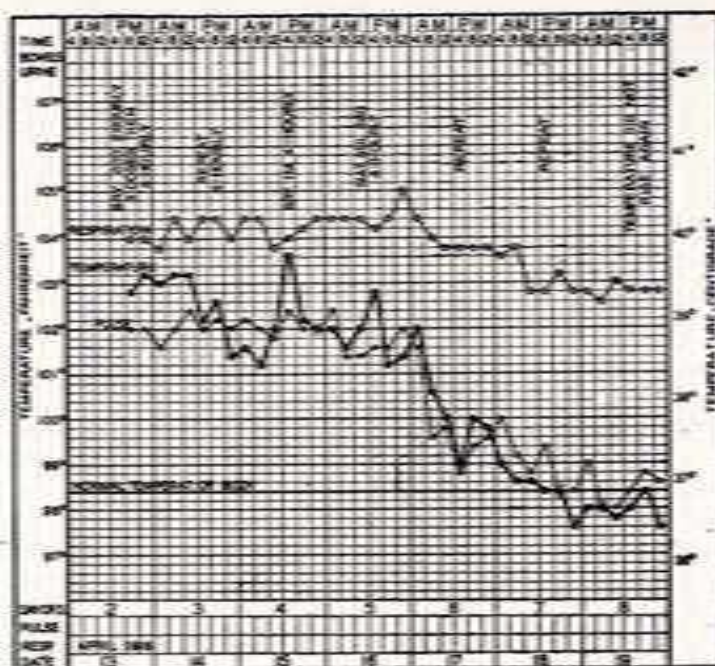
Esse caso foi citado como um desses em que o remédio acertado não foi logo descoberto. Moral do caso: quando, em doença aguda, não há rápida melhora, é por que o remédio não foi encontrado — o caso deve ser reconsiderado, com talvez indicações mais nítidas por observações posteriores. Esse caso não cedeu dramaticamente sob o aspecto terapêutico. Entretanto os resultados finais foram o melhor que se podia desejar. Nunca se deixou vencer e acabou vencendo, mesmo quando desorientado no começo.



Pneumonia Dupla — Natrum sulfar.

Interessante caso de pneumonia dupla num jovem de 20 anos, com asma e enfisema.

Estêve com calafrios duas noites antes da entrada, às 8 horas da noite, a 13 de abril de 1918. Havia expectoração sanguinolenta, cujo exame revelou "infecção múltipla: pneumococcus, estreptococcus, estafilococcus, pneumobacilos, e bacilos Frankel".



Bryonia 200 pareceu melhorar um pouco durante 36 horas, não muito; depois, Bryonia 1 m pareceu continuar a melhorar, suavemente. Mas a 16, Natrum sulf. 200 de quatro em quatro horas, produziu melhoras rápidas e contínuas. A temperatura desceu gradualmente em trinta e seis horas e não tornou a subir.

N. B., no que diz respeito a prognóstico: O micro-organismo é de importância infinitamente menor que o remédio. Se podeis estimular com êxito o doente, o próprio doente pode atacar a infecção.

LIÇÃO SEGUNDA

REAÇÃO VITAL — ESTÍMULO VITAL — SENSIBILIDADE

Base da Homeopatia

A Homeopatia, como se disse, é inteiramente baseada na *estimulação vital* e na *reação curativa vital*.

Seu alvo difere inteiramente do da "Medicina", como esta geralmente se compreende; e é por isso que não só a dosagem e a repetição homeopáticas não se podem aplicar à terapêutica da Velha Escola, como também a dosagem e a repetição da Velha Escola não se podem aplicar à Medicina da Estimulação Vital. (*)

Seu objetivo

A homeopatia pretende que o doente se cure a si próprio e apenas procura estimulá-lo para esse fim.

Ação e reação

Mas, se uma pessoa deseja "fazer alguma coisa" — subversiva, sem dúvida — a um doente, a fim de *produzir ação purgativa*, deve usar dose suficiente, mas contudo não tóxica, de qualquer purgativo, para conseguir, sem todavia ultrapassar, o seu objetivo; ou se se deseja *fazer dormir um paciente*, deve-se usar dose suficiente, mas não letal, dum hipnótico; e assim por diante. Mas nenhum desses métodos pode provocar *reação curativa* — não! Visto que para cada ação há uma *reação igual e contrária*, a insônia e a prisão de ventre apenas se tornam mais inveteradas, tanto quanto persistir essa terapia; e as drogas terão de ser repetidas, de ser aumentadas, e depois substituídas por outras drogas semelhante, até que essas também falhem. Tais providências podem servir para paliar uma crise, mas não são, de modo nenhum, curativas.

(*) Exceção na mais moderna vacinoterapia, uma homeopatia grosseira que forçosamente se aproxima dos ensinamentos de Hahnemann, quanto à dose e repetição, i.é, o remédio simples, a dose muito pequena, a dose não frequente, a confiança na reação vital (Ver mais adiante).

Drogas constipantes para curar a constipação

A Homeopatia, pelo contrário, enfrenta a prisão de ventre com a droga que mais prende o ventre, na dose pequena que apenas estimula a reação. Por exemplo:

Opium, para prisões quase invencíveis de *paresia intestinal*: quando os intestinos não funcionam e o reto se enche de massas redondas, duras e negras. Ausência de atividade; incapacidade para fazer esforços de defecação.

Plumbum, também quando há *paresia intestinal*. Aqui o paciente pode acionar os músculos abdominais, mas o reto está paralisado e não é possível expelir as fezes. (*Alum.*)

Nux vomica, quando há peristaltismo irregular e mesmo reverso que causa desejo sempre renovado e atormentador de defecar com escassos resultados. Isso está muitas vezes ligado a "espasmos", dores beliscantes numa parte e noutra do abdome, ficando o doente irritado e colérico.

Bryonia, quando as fezes são duras, negras, secas e pequenas; esse doente também é irritado.

Sulfur, quando as fezes são muito volumosas para passarem sem grande dor, gritando a criança antes de ir ao vaso, por saber o que isso significa. Caso impressionante, sucedido há anos, exemplifica isso: uma menina foi levada nos braços da mãe ao consultório para ver o que se podia fazer a sua inveterada prisão de ventre — e a criança não tinha mais de 2 anos. Estava tão mal que o médico teve de ser chamado de tempos em tempos para lhe extrair as fezes do reto. Essa dolorosa operação havia tido lugar no dia anterior e a criança continuava assustada, chorosa e sentia-se infeliz. Os seus sintomas além da prisão de ventre eram tipicamente os de *Sulfur*, e sendo-lhe dada uma única dose de *Sulfur* no estado mais alto de subdivisão, o resultado foi que teve dejeção natural no dia seguinte e nos dias subsequentes; e a prisão de ventre ficou curada. (Prescreva o remédio adequado e verá como é possível realizar belas curas!).

E assim por diante: cada droga que prende cura a espécie exata de prisão que causa, em dose que não seja suficiente para agravar o estado, provocando a sua reação à normalidade.

Para curar a insônia

Da mesma maneira, a Homeopatia pode muitas vezes curar a *Insônia* com o remédio mais apropriado à exata condição dos insones. Assim, a insônia devida à absoluta falta de sono e a excesso de pensamentos é combatida por doses infinitesimais de *Coffea*, isto é, para a insônia como a que causa o café, nas pessoas sensíveis a ele.

A insônia devida a inquietude e ansiedade, depois de esforço demasiado, de susto ou duma operação cirúrgica, é tratada com *Acônito*, que causa nos experimentadores inquietude com ansiedade desesperada e medo da morte — especialmente à noite.

A insônia devida a esforços exagerados, com cansaço, sensação de contusão e sensibilidade dolorosa da parte do corpo sobre que se está deitado, trata-se com *Arnica*.

Esses e remédios como tais, cada um por via das suas condições especiais, não darão somente descanso e sono; mas, visto que a sua ação é idêntica ao sofrimento, a sua reação tende ao repouso e à paz. E, tendo provocado apenas o estímulo vital e nada mais, raras vezes requerem qualquer repetição.

Drogas muitas vezes as mesmas: a aplicação é que é ao contrário

A Homeopatia é a medicina da reação vital e da estimulação vital. As drogas empregadas na Alopatria e na Homeopatia são frequentemente as mesmas, mas aplicadas com intenção exatamente opostas. Ambos os métodos estão corroborados por grande e paciente experiência e podem ser aplicados com êxito — pelo que respeita aos seus diferentes objetivos. Não deve haver questão entre as escolas, cabendo fazer-se apenas uma pergunta: "O que dá melhores resultados?" E aqui cada um apenas precisa investigar o assunto.

Será verdade?

Eis a impressão dum jovem médico saído há pouco do curso, ao ler o *Organon* de Hahnemann. "É maravilhoso, estonteante, muito razoável, mas será verdade. Felizmente o é.

A Homeopatia, servindo-se, como se disse, da reação vital, usa sempre a droga que é capaz de provocar o estado semelhante ao que se quer combater, a fim de conseguir aquela reação e curar. Nos estados agudos o seu efeito é notabilíssimo e, freqüentemente, quase repentino.

Exemplo demonstrativo

Uma senhora estava muito apouquetada certa noite, não podendo respirar sem pontadas. Finalmente, deram-lhe uma dose de *Arnica* (um dos grandes remédios da pleurodinia). Apenas a tinha ingerido, soltou um suspiro profundo e disse: "É o primeiro folégo que consigo em toda a noite!". Poucos minutos depois, dormia profundamente.

(*) *Arnica* produziu nos experimentadores ansiedade e dor no tórax, e pontadas violentas ao respirar fundo.

Alguns parágrafos do *Organon da arte de curar* de Hahnemann — simplificados e resumidos.

Na saúde, o princípio vital (o dinamismo que anima o corpo material) domina com poder ilimitado e conserva todas as partes do organismo em atividade vital admirável e harmoniosa; por forma que a mente possa empregar esse instrumento vivo e saudável para os fins mais altos do nosso ser.

Sem o princípio vital, o organismo material é incapaz de sentir, de funcionar e de se preservar a si próprio. As sensações e o preenchimento das funções da vida são absolutamente dependentes desse princípio vital e material, que anima o corpo físico na saúde e na doença.

Na doença, é o princípio vital que é primeiramente transformado por qualquer *influência dinâmica* — qualquer agente mórbido inimigo da vida.

É somente esse princípio vital, anormalmente modificado, que pode provocar sensações mórbidas e que determina a *atividade funcional anormal* a que nós chamamos *doença*.

As doenças são produzidas apenas pelo princípio vital anormalmente perturbado.

Não há desordem curável, nem mudança mórbida, invisível e curável dentro do corpo que não se faça evidente (para o observador cuidadoso) por sinais e sintomas.

O princípio vital transformado, conjuntamente com os sintomas perceptíveis que produz, constitui o todo, uma unidade.

O instrumento material da vida (o corpo) é inconcebível sem essa energia vital que ele instintivamente percebe e regula. Do mesmo modo, a energia vital é inconcebível sem o organismo material. Ambos constituem uma unidade, apesar de, em pensamento, nós os separarmos em duas concepções.

O princípio vital é afetado somente dum modo por assim dizer imaterial, pelas forças inimigas que perturbam as harmonias da vida.

É a força vital só se pode libertar da doença com remédios apropriados que atuam sobre ela por meio da sensibilidade nervosa, presente em toda a parte do organismo.

Os remédios curativos restituem a saúde apenas pela sua ação sobre o princípio vital, quando os sintomas têm revelado, tão completamente quanto possível, a doença.

As alterações do princípio vital (que constituem a base da doença) são canceladas pela remoção do complexo in-

teiro de sinais e distúrbios perceptíveis, donde se conclui que o médico tem apenas de remover o complexo total de sintomas, a fim de, ao mesmo tempo, cancelar e aniquilar a alteração interna, isto é, o transtorno mórbido do princípio vital e conseqüentemente a totalidade da doença — a própria doença.

Mas a doença removida quer dizer saúde restabelecida.

E visto que, a não ser pela totalidade dos sintomas, não existe outra maneira pela qual as doenças possam exprimir a sua necessidade de alívio, segue-se que *só a totalidade dos sintomas em cada caso individual de doença pode ser o nosso guia único na seleção do remédio*.

* * *

Hahnemann também fala de remédios "administrados em forma simples e intervalos longos, em doses tão pequenas que sejam precisamente suficientes, sem causarem dor nem debilidade, para aniquilar a doença natural, por meio da reação da energia vital."

Diz também que "os efeitos curativos são rápidos e certos em proporção à energia do princípio vital do paciente."

Hahnemann também escreve na sua *Matéria Médica Pura*: "É suficiente a quantidade menor possível de remédio em forma potencializada".

"Doses muito pequenas de medicamento têm muito menos probabilidades de deixar de exercer sua ação peculiar, porquanto sua própria exigüidade não pode excitar o organismo a evacuações revolucionárias, ao passo que uma dose grande, pelo antagonismo que provoca no sistema, é, as mais das vezes, expelida rapidamente, e corporalmente expulsa e extravassada em vômitos, diarreia, diurese, transpiração etc.

As partes doentes são muito suscetíveis aos "Remédios semelhantes"

E também, a respeito da maior *sensibilidade das partes doentes*, diz Hahnemann:

"A dose mínima possível do medicamento homeopático, com a precisa e bastante força para criar a mais leve agravação homeopática, operará principalmente sobre as partes doentes do corpo, que se têm tornado extremamente suscetíveis a um estímulo tão semelhante à sua própria doença".

Hahnemann, quando applicava aos tecidos hipersensíveis doentes, o único estímulo a que eles eram mais sensíveis, isto é, a droga de sintomas semelhantes — quer dizer, a droga que se ti-

nha provado excitar esses tecidos especiais — foi forçado, cada vez mais, a reduzir suas doses.

É por experimentações que descobrimos, em cada caso, exatamente quais órgãos ou tecidos são afetados por diferentes venenos: e quando aplicamos esses, como estimulantes, a partes não só especialmente sensitivas a essas mesmas drogas, mas também tornadas hipersensitivas pela doença, é manifesta a necessidade de reduzir a dose.

Ele diz: "Ninguém, senão o observador cuidadoso, pode fazer qualquer idéia do grau a que a sensibilidade do corpo é levada, num estado de doença. Excede tudo o que se possa crer, quando a doença atingiu grande intensidade. Um paciente em estado tífico comatoso, insensível, prostrado, que não desperta a qualquer abalo, surdo a todos os chamados, será rapidamente restituído ao estado de consciência pela dose mais infima de *Opium*, mesmo que seja um milhão de vezes menor do que alguém jamais tenha prescrito."

É interessante notar que o Professor Bier, o grande cirurgião, que há alguns anos encheu de pasmo a Alemanha por retornar, pelo menos até certo ponto, à Homeopatia, escreveu no seu

Qual deve ser nossa atitude para com a Homeopatia?:

"Hahnemann mostrou muito claramente que são precisas doses muito menores duma droga para produzir reação num corpo doente do que num são, e que, além disso, no corpo doente — especialmente nos casos crônicos — a parte afetada reage muito mais intensamente do que as partes não afetadas. Desde que eu repetidamente pus em relêvo esse fato, tem sido ele universalmente aceito no tratamento por irritantes. Da mesma forma, mostrou o meu assistente, A Zimmer, que é preciso 250.000 vezes mais ácido fórmico para produzir sintomas nos saudáveis do que nos gotosos. A esta intensificada irritabilidade do limiar da doença, chamamos reação limiar."

E Bier cita Hufeland: "Há um reagente que é mais delicado que o mais delicado reagente químico: é o reagente que está dentro do organismo vivo."

Foi acentuado por Hahnemann, e recentemente pelo Professor Bier, que os tecidos doentes são infinitamente mais sensitivos à ação da droga. Daí, a necessidade do emprego de doses mínimas do remédio homeopático.

"Esta hipersensibilidade em caso de doença — quer da mente quer do corpo — quase não precisa de demonstração.

"A observação mais trivial que, num estado de ânimo, nos passaria despercebida, noutro, pode afetar-nos profundamente.

"Os antipiréticos abaixam a temperatura — mas só na febre. Eles não afetam uma temperatura normal.

"É preciso menos morfina para dominar a dor do que para causar analgesia numa pessoa saudável.

"E por isso, como se disse, as doses pequenas são eficientes na doença, por causa da hipersensibilidade devida à doença". (Opúsculos).

* * *

Mais alguns parágrafos do *ORGANON*, simplificados e condensados:

"Incontrovertivelmente, e o axioma funda-se na experiência — as doses de todos os medicamentos homeopáticos, sem exceção, devem ser reduzidas a tal ponto que, depois da sua ingestão, provoquem agravação homeopática quase imperceptível. Este é o seu padrão de medida; e por mais que a diminuição prossiga a ponto de parecer incrível às idéias materialistas da maior parte dos médicos (*), as suas ociosas declamações têm de cessar ante o veredito da infalível experiência.

"Todo paciente, especialmente na parte do seu corpo que está doente, pode ser afetado até um grau incrível por medicamentos que correspondam em semelhança de ação. Não há ninguém por mais robusto que seja, que estando afetado por qualquer doença, a que chamam doença local, não perceba rapidamente a desejada alteração na parte contaminada, contanto que tome o remédio salutar, homeopático, na dose mais concebivelmente pequena; e que, indiscutivelmente, não seja muito mais afetado por ela do que uma criança saudável de um dia de idade. Como o mero cepticismo teórico é insignificante e ridículo, quando comparado com a infalível prova experimental!"

(*) Que eles aprendam com os matemáticos que uma substância dividida, não importa em quantas partes, deve ainda conter na mais pequena, alguma substância original; que a porção mais inconcebivelmente mínima nunca deixa de ser alguma coisa da original e não pode positivamente tornar-se em nada. Que aprendam nas ciências físicas que há forças enormemente poderosas perfeitamente destinadas de peso, calor, luz etc., e portanto infinitamente mais leves que o medicamento contido nas menores doses empregadas pela Homeopatia. Que pesem, se puderem, as palavras irritantes suscetíveis de causar uma cistite de fígado ou as notícias trágicas a respeito do seu próprio filho que podem matar uma mãe. Que toquem, durante um quarto de hora um pequeno capuz de erguer um péso de cem libras e se converçam, pela dor que sofrerem, que até os agentes independentes podem produzir os efeitos mais violentos no homem. Se alguns, que foram fracos, deixarem que o estímulos verbas o contacto da ponta do polegar de um magnetizador de forte poder, durante alguns minutos, se sentirem desagradáveis que sofreram fúria de arrender-se de tentar pôr limites às atividades limitadas da natureza.

"Se o alopaia, que tenta a homeopatia, imaginar que não se pode aventurar a dar doses tão pequenas e atenuadas, que pergunta a si mesmo que risco ocorrerá, ao fazer isso? Se for correto o cepticismo, que sustenta que só o ponderável é real e que todo o que é imponderável nada vale, então nada pode resultar de mais de uma dose que não deve produzir efeito algum: e certamente que isso será sempre mais indício do que as doses demasiadamente grandes da medicina alopática. Considera ele a sua inoperância, ligada aos seus preconceitos, mais digna de confiança do que a experiência de muitos anos, corroborada por fatos? Além disso, o remédio homeopático torna-se dinamicamente em cada divisão e diminuição por titulação e por sucussão: com um desenvolvimento dos poderes inerentes às substâncias medicinais de que nunca se sonhou antes de nos tempo, e que é dum caráter tão poderoso que, nos últimos anos, eu fui obrigado, por experiências convincentes, a reduzir a dose as dez sucussões, anteriormente prescritas para serem dadas depois de cada atenuação.

A sensibilidade do corpo à doença e às drogas

Hahnemann escreve mais na *Matéria Médica Pura* (resumido):

"A susceptibilidade do organismo vivo às doenças naturais é incomparavelmente menor do que aos remédios.

"... Se os agentes inimigos, em parte físicos e em parte psíquicos, que se designam por doença, possuíssem um poder incondicional de transtornar a saúde, eles, porque estão universalmente distribuídos, não deixariam ninguém de boa saúde: toda a gente ficaria doente.

"Mas como, tomadas em conjunto, as doenças são apenas estados excepcionais da saúde humana, e como é necessário que se reúnam certo número de circunstâncias e condições, tanto quanto no que diz respeito aos agentes mórbidos como ao indivíduo, para que uma doença seja produzida pelas suas causas excitantes, segue-se que o indivíduo é tão pouco propenso a ser afetado por noxas que eles nunca podem incondicionalmente torná-lo doente, e que o organismo humano é capaz de ser transtornado por eles apenas quando está especialmente predisposto.

"Mas sucede inteiramente o contrário com os agentes dinâmicos artificiais, que denominamos medicamentos. Porque todo o verdadeiro medicamento atua em todos os tempos, sob todas as circunstâncias, em cada ser vivo humano, e excita-o com os seus próprios sintomas peculiares; de modo que evidentemente todo organismo humano vivo deve sempre e inevitavelmente ser afetado pela doença medicamentosa e, por assim dizer, infectado: o que não se dá com as doenças naturais.

"... Os agentes medicinais possuem um poder absoluto de transtornar a saúde humana, ao passo que os agentes mórbidos possuem apenas um poder muito condicionado".

Não há doença sem um indivíduo susceptível

"Antes de ter surgido a bacteriologia, nos séculos XVII e XVIII, prestava-se muita atenção à constituição como importante causa predisponente de doença; mas esta concepção desapareceu ante a demonstração dos micro-organismos — as atuais causas excitantes da doença. Isso reconhece-se agora ter sido uma glorificação indevida da "semente", à custa do "solo" ou hospedeiro da doença, porque é óbvio que, apesar de uma doença infecciosa não se poder desenvolver na ausência dum germe específico, não pode haver moléstia sem um indivíduo susceptível. A impor-

tância do fator constitucional... está de novo recebendo atenção." (Sir Humphry Rolleston, "Med. Press and Circ.", 4 Janeiro, 1933.)

E Kent diz: "A susceptibilidade antecede todo o contágio. Se um indivíduo não é suscetível à varíola, não pode ser atacado por ela, e não a contrai, nem que se aproxime dos piores casos ou ingira uma crosta variolosa".

O estímulo vital direto aplicado às partes doentes

O trabalho biológico do professor alemão Hugo Schultz é interessante, porque explica mais ou menos a Homeopatia. Levou-o também a um sistema de medicamento "semelhante", de pequenas doses, com a experimentação das drogas nos indivíduos sãos, a fim de as aplicar com conhecimento prévio no tratamento dos enfermos. Em suma, é isto:

"O corpo, quer seja atacado por droga, quer por doença, tem os seus próprios e inerentes métodos de resistência. Os sintomas são o resultado desse ataque combinado com a defesa.

"Mas nem a droga, nem a doença, ataca originariamente todo o corpo. Toda a droga e toda a doença têm o seu próprio e definido ponto de ataque, que difere de todos os outros.

"Quando a droga e a doença afetam, da mesma maneira, tecidos ou células idênticas, produzem-se sintomas idênticos.

"A vida da célula é suscetível aos estímulos: e a biologia ensina que as energias vitais respondem a estímulos de acordo com regras definidas.

"As drogas podem usar-se para estimular a vida da célula, e a chamada "Lei Arndt-Schultz" diz-nos de que maneira, a saber que, as pequenas excitações estimulam a atividade vital; as excitações médias aumentam-na; as excitações fortes deprimem-na; as excitações exageradas jugalam-na.

"Sentimos, muitas vezes, que poderíamos ajudar enormemente um paciente se lhe pudessemos ministrar um estimulante vital que fosse direto às suas partes afetadas. E isso pode realizar-se, mas somente administrando-lhe a droga que seria venenosa para essas partes da mesma maneira, isto é, uma droga capaz de provocar os mesmos sintomas. Mas, sem dúvida, essa droga não deve ser dada numa dose que embaraçaria fatalmente, ou até paralisaria as suas atividades, mas naquela dose mínima que estimula a reação vital...

"Hahnemann insiste em que os remédios devem ser administrados em doses tão mínimas que sejam suficientes (sem causar outro sofrimento) para aniquilar a doença por meio da reação da energia vital." (Opúsculo).

* * *

A Homeopatia prescreve para indivíduos sensíveis. Ninguém que não seja sensível a um remédio o pode "experimentar". E nenhum remédio ao qual o doente não seja sensível o pode curar. E nós conhecemos a sensibilidade de qualquer doente a qualquer droga, pela identidade dos seus sintomas peculiares.

Kent diz: "A suscetibilidade é apenas um nome para um estado subjacente a toda doença possível e a toda cura possível."

A suscetibilidade aos medicamentos

"Os medicamentos em forma líquida penetram em todas as partes do organismo e se espalham por elas com tão inconcebível rapidez, por via do contacto com os nervos sensitivos que inervam os tecidos, que seu efeito pode, com propriedade, definir-se como material.

Todas as partes do corpo, dotadas de nervos sensitivos, são capazes de receber a influência medicamentosa e de transmitir o seu poder a todas as outras partes.

Além do estomago, a lingua e a boca são as partes mais suscetíveis às impressões medicamentosas; mas a mucosa que reveste o nariz possui esta suscetibilidade em alto grau. Também o reto, as partes genitais e todos os órgãos sensitivos do nosso corpo são quase igualmente suscetíveis aos efeitos dos remédios. Por essa razão, partes despidas de epiderme, superficies feridas ou ulceradas, permitirão que os medicamentos penetrem tão prontamente, como se tivessem sido administrados pela boca, e porisso a olfação ou inalação devem ser ainda mais eficazes." Hahnemann.

Efeitos contrários de grandes e pequenas doses

"No que diz respeito à dose homeopática, suponho que a maioria das pessoas emprega essa expressão em sentido errado. A Homeopatia, *per se*, nada tem absolutamente que ver com a exiguidade da dose. É a maneira de escolher o remédio, não o tamanho da dose, que o torna homeopático. O remédio é homeopático, somente em razão da sua semelhança à doença. Apenas, quando se dá um medicamento "semelhante" se deve sempre ter em conta que doses grandes e pequenas têm efeitos opostos, e que se tem de dar a dose que apenas estimule, sem paralisar ou envenenar. A dose pequena é apenas um corolário do principio — ou, antes da lei — que é perfeitamente expressa pela palavra *Homeopatia*".

"Que as doses grandes e pequenas atuam de modos exatamente opostos, mostra-se com numerosos exemplos. Na Exposição de

Flôres de Chelsea, há poucos anos, exhibiu-se uma bonita planta e, ao lado dela, uma ainda mais bonita, com uma placa a dizer que esta tinha sido tratada com uma preparação de Boro, uma parte para cinco milhões, e que uma dose mais forte lhe teria retardado o crescimento.

Recente relatório sobre rádio, do Conselho de Investigação Médica, refere-se ao principio geral que foi verificado com tantas drogas: que as grandes doses e as muito pequenas atuam de modo contrário.

Provou-se que o Ergosterol irradiado, em doses médias e pequenas, favorece o depósito de cálcio do sangue nos ossos, mas grandes doses produzem o efeito inverso e fazem com que o cálcio se liberte dos ossos e passe à corrente sanguínea.

Tem-se provado que doses muito pequenas de cloreto de mercúrio produzem aumento da proliferação de certas colônias de bactérias, ao passo que as grandes doses matam-nas." (Opusculo).

Ação das drogas

"A medicina tem-se ocupado muito em descobrir a ação exata das drogas. Mas, a não ser por Hahnemann e a sua Lei, isso não tem sido de grande auxílio na revelação das suas propriedades curativas. Pode guiar-nos, quando desejamos fazer alguma coisa pelo nosso doente; e aqui, sem dúvida, devemos dar doses apreciáveis para obter o efeito que almejamos, quando o purgamos, o fizemos suar ou vomitar, o tornamos insensível à dor, o mergulhamos num sono artificial, ou na inconsciência total, e assim por diante. Mas essas ações são todas subversivas. São daquela natureza que violenta o organismo e para nenhum desses fins servem as doses infinitesimais da Homeopatia. A dose aqui deve ser material para atingir um fim material. E — estas coisas não são curativas — não têm relação curativa com a doença".

Estímulo vital

"Mas a Homeopatia não confia nas coisas materiais, nem nas ações subversivas. O seu desígnio total, só e único — é o estímulo vital, uma proposição muito diferente! Se se quer obter, não alteração, não subversão, não mera palição, mas a Cura, deve-se fazer com que o doente se cure a si próprio. O estímulo vital que a sua condição exige deve ser-lhe dado, em atuação delicada em tecidos que se tornaram particularmente sensíveis pela doença, a fim de iniciar a desejada reação contra o mal".

A potência da dose mínima

Sir Langdon Brown, que foi professor de física na Universidade de Cambridge, disse a respeito de "Como atuam as drogas?": "Esses efeitos terapêuticos das vitaminas e dos hormônios exemplificam outro ponto — a potência da dose mínima (*). Quando alguém me perguntou se eu imaginava poder produzir qualquer influência no corpo dando 5 grs. duma droga, eu respondi-lhe que o próprio corpo trabalhava com frações de miligrama. A potência dum hormônio é enorme. O extrato do lóbulo posterior da pituitária (Abel) pode produzir contração do útero, quando uma parte é dissolvida em 15.000 milhões de partes de água — um grão em 1.000 toneladas de líquido". E continuou: "Isso pode servir de argumento em favor da Homeopatia. Não há dúvida que Hahnemann possuía algumas idéias valiosas, mesmo se considerarmos que algumas das suas premissas eram defeituosas: o sintoma, como expressão de qualquer coisa que precisa de ser auxiliado, mais do que reprimido; o valor do tratamento de expectativa; a eficiência de pequenas doses — tudo isso foram conceitos progressistas".

E ele continuou a dizer: "Todo o sistema de imunização ativa por vacinas é baseado em que se deve ajudar a expressão sintomática da tentativa do corpo para expelir a doença".

. . .

Pouco a pouco, à medida que se vão alargando os conceitos da Velha Escola, eles aproximam-se, embora cruamente, da Homeopatia. Mais especialmente isso se dá com a moderna vacinoterapia, por meio da qual a Medicina entra finalmente no domínio puramente Hahnemanniano da *Medicina da Reação Vital Carativa*.

Aqui, forçosamente, se intrometem as Leis Subsidiárias de Hahnemann ou "Doutrinas", e não somente a medicina dos semelhantes, mas o remédio único, a dose pequena, a agravação inicial (muitas vezes), o período de melhora — que não deve ser interrompido, mesmo até à descoberta, que já anda "no ar", de que as vacinas podem ser dadas, com maior êxito e menos riscos, pela boca.

Nosódios

Hahnemann, há mais de cem anos, começou a empregar material de doença para curar as doenças. Mas as suas experiências

(*) Observa-se que ele usa as próprias expressões de Hahnemann: — "A potência da dose mínima". A ciência está-se expressando agora nos próprios termos de Hahnemann.

não foram feitas nos doentes, mas nêle próprio e nos seus experimentadores saudáveis e voluntários. E devido à perfeição do seu preparo e administração, nunca houve nada de trágico nas suas demonstrações.

Homeopáticos ou Isopáticos?

Já se perguntou: São tais remédios realmente homeopáticos ou isopáticos? — "semelhantes" ou "idênticos"? Hahnemann fez a mesma pergunta, discutiu-a, e decidiu contra a Isopatia. Esses materiais estão tão modificados, sustentou êle, pela preparação que sofrem, que já não são "idem" mas "simillimum". E, sem dúvida já não são a doença; são incapazes de transmitir a doença, apesar de poderem evocar sintomas similares. E, certamente, são a coisa mais parecida com a doença que se pode imaginar e portanto poderosos para estimular a reação vital.

Psorinum

"PSORENUM", um preparado extraído da *vesícula da sarna*, foi o primeiro desses materiais de doença a ser usado medicamente. Mas foi só depois de o experimentar cuidadosamente nos saudáveis, a fim de demonstrar a exata "doença artificial" que êle era capaz de provocar (e, por consequência, de curar) que Hahnemann, em 1833, publicou seus experimentos no *Stapf's Archiv*. (*).

Mas desde esse dia até hoje, a Homeopatia tem estado preparando, experimentando, publicando e prescrevendo os seus Nosódios. E nisso, entre os primeiros discípulos de Hahnemann, os pioneiros foram o Dr. Constantino Hering, a quem nossa dívida é enorme, e os Drs. Swan e Fincke (o seu trabalho foi feito na América).

Lyssin (Hydrophobinum) data de 1833. *Anthracinum*, apresentado por Hering no *Stapf's Archiv*, em 1830, foi usado "com êxito espantoso numa má epidemia de carbúnculo, curando todos os casos em homens e animais — sendo os seus pormenores publicados em 1836; e, desde então, têm-se publicado resultados em outras epidemias. Esse Nosódio tem desde então sido usado na prática homeopática, para certos casos de septicemia virulenta, casos com cianose dos tecidos e dores queimantes.

(*) Pelos seus últimos escritos, tem-se inferido que êle tinha outros produtos de doenças em preparação, mas não estavam suficientemente experimentados, diz êle, para serem lançados ao mundo. Até que se traduzam os seus livros enciclopédicos e os seus requisições literárias (só recentemente é que foram descobertos e desempoeirados) não sabemos como longe Hahnemann foi nessa direção. Não se inclinava muito para isso, na sua primeira época.

Depois disso, um Nosódio se seguiu a outro — algumas vezes rebaixado até por homeopatas como material asqueroso, obtendo-se contudo sempre bons resultados, cada um na sua esfera, em mãos capazes e esclarecidas. Tais são: *Variolinum* (da pústula da variola) muito usado na América pela Homeopatia para combater a variola e para preveni-la; *Malandrinum* (de morino); *Syphilinum* (ou *Luësinum*) e *Gonorrhinum* (ou "Medorrhinum"), estes dois experimentados e publicados em 1880... e uma porção de outros, *Diphtherinum*, *Influenzinum*, *Scarlatinum*, *Morbillinum*, *Streptococcinum*, *Staphylococcinum*, *Pneumococcinum* e assim por diante, para não falar das nossas valiosas preparações de tuberculinas, que os homeopatas vinham usando há anos (desde 1879) antes de Koch ter demonstrado o bacilo e espantado o mundo com doses experimentais tão fortes que tiveram de ser prontamente abandonadas.

Mais adiante, apresentaremos casos que mostram, frequentemente, melhoras admiráveis com o seu emprêgo. Usam-se, como todos os remédios homeopáticos, para os sintomas que possam provocar, por doença ou experimentação, e também para certos casos incuráveis de doenças obscuras, em que o paciente "nunca se sentiu bem" desde uma destas (supostamente) doenças "agudas"; em que elles parecem, muitas vezes, despertar a reacção contra as condições latentes, eliminando-as assim, condições essas que têm persistido indefinidamente desde o "restabelecimento".

LIÇÃO TERCEIRA

MATÉRIA MÉDICA HOMEOPÁTICA E EXPERIMENTAÇÕES

Experimentações registradas para tornar praticável a Homeopatia

A Homeopatia, por mais ideal e verdadeira que fosse, seria, sem dúvida, impraticável, se não se pudessem comparar os sintomas de qualquer doente com os das experimentações, e assim fazer um diagnóstico correto do remédio.

Como diz Hahnemann: "É indispensável que tenhamos grande provisão de drogas, conhecidas precisamente quanto aos seus efeitos sobre a saúde humana, para que possamos achar um remédio homeopático, isto é, um análogo apropriado em forma de provocador de doença artificial, e portanto agente curativo, para cada doença do mundo.

Uma matéria médica particularíssima

Ele, portanto, não só passou o resto da vida, ajudado por uns cinquenta colaboradores valiosos (na sua maioria médicos) a experimentar ou a "provar" remédios, quanto às suas possibilidades subversivas sobre as sensações humanas e a saúde, como também registrou meticulosamente as suas investigações, na linguagem simples dos provadores e de acôrdo com um plano definido, o que as torna prontamente acessíveis. Publicou-as, e os seus primeiros resultados encontram-se na *Matéria Médica Para* (*), dois grandes volumes, traduzidos para o inglês pelo Dr. Robert Dudgeon, famoso em esfigmografia. Aqui, as drogas aparecem por ordem alfabética, consistindo o grosso da matéria nos sintomas que despertam, mas sendo, muitas vezes, antecedida por pequenas informações de inapreciável valor, não só acerca da droga, da sua história e preparação, mas que dão inestimáveis sa-

(*) (Vide página fac-similada acima. A obra foi agora republicada pela primeira vez, depois de cinquenta annos).

gestões quanto aos seus usos. As últimas experimentações saíram no volume Doenças Crônicas, ao passo que outras experimentações isoladas apareceram nos números do *Stapf's Archiv*. Essas experimentações de drogas realizadas por Hahnemann e os seus auxiliares formam o núcleo da Matéria Médica Homeopática.

Isso difere inteiramente de tudo o que a medicina das escolas fez antes ou depois da sua época. É coisa única no seu gênero, no seu plano, nos seus resultados. É tão nova como científica, tão moderna hoje como no dia em que foi compilada e publicada. Por que razão?

Porque, no plano de Hahnemann, não havia lugar senão para a experimentação pura e para a mais rigorosa exatidão, e também porque as suas descobertas eram registradas na linguagem simples e direta da natureza.

Diz ele: "Depois de número considerável de drogas ter sido provado dessa maneira em pessoas saudáveis, e depois de cada elemento ou sintoma de doença, que as drogas são capazes de produzir, ter sido cuidadosamente notado e fielmente registrado, possuiremos então uma verdadeira Matéria Médica".

Somente fatos

"Consistirá numa coleção de efeitos genuínos, puros e não enganosos de simples drogas: será um código da natureza... Tais registros conterão e representarão, em similitude, os elementos homeopáticos de numerosas doenças naturais, que devem ser curadas, daqui em diante, por esses meios. Por outras palavras, estes registros conterão listas de sintomas de doenças artificiais; e estas fornecem os únicos e verdadeiros meios específicos para a cura certa e permanente de doenças naturais similares."

E ainda mais: "*Uma Matéria Médica dessa espécie deve excluir toda a suposição, toda a mera asserção e ficção; seu contexto total deve ser a linguagem da natureza, proferida em resposta a investigação cuidadosa e fiel.*"

Outros experimentos

Mas a Homeopatia não se limita e nunca pretendeu confinar-se e limitar-se pelo trabalho a toda uma vida de um homem só, por mais estupenda que ela tenha sido. Desde que apareceu, tem-se descoberto ou discernido droga após droga, provada (extensa ou parcialmente) e acrescida à massa do material curativo homeopático. Mas todo o trabalho subsequente tem-se feito absolutamente nessas diretrizes. Nunca se tornou necessário eliminar ou alterar. Registrada na linguagem simples da natureza, isenta de teorias, livre da terminologia transitória de gerações sucessi-

vas, a obra de Hahnemann perdura em todos os tempos — completa e verdadeira; e tanto assim que a ciência, ao descobrir novas verdades, nunca pôde tocar nas premissas de Hahnemann — a não ser para as confirmar — visto que elas são baseadas, como ele o assevera, em Lei.

Matéria médica ilimitável

A Matéria Médica Homeopática, incluindo, como pode incluir, todo o agente nocivo sobre a terra, de origem animal, vegetal e mineral, até mesmo produtos mórbidos (nosódios), tem efetivamente "possibilidade de aumentar em número". Não deve haver limites para ela: a não ser, tanto quanto a nossa experiência nos ensina, naquilo que os esforços e o gênio do seu descobridor e dos seus discípulos nos transmitiram até hoje.

Mas, como dissemos, todo o trabalho subsequente tem sido absolutamente feito sob as diretrizes de Hahnemann e ordenado para consulta rápida e fácil, de acordo com o seu esquema.

A Enciclopédia de Allen

A maior coleção de experimentações e a mais científica para quem desejar consultá-la, são os dez grandes volumes da *Enciclopédia de Matéria Médica Pura do Dr. T. F. Allen*. Aqui, todo o sintoma é marcado por um pequeno número referido à lista dos experimentadores que encabeça cada droga. (*) É, portanto, sempre possível descobrir por qual experimentação ou por qual envenenamento e também por que "dinamização" (preparação homeopática) cada um dos sintomas foi produzido. Mas essas experimentações e envenenamentos são muito rigorosamente selecionados. Não trata de sintomas observados nos doentes, ou de sintomas clínicos, exceto quanto aos seus tipos, isto é, põe em itálico ou em negrito sintomas que têm sido, já muitas vezes, confirmados clinicamente por notáveis efeitos curativos. Tão severa é essa seleção, que o Dr. Richard Hughes, um dos seus editores, eliminou até mesmo alguns dos sintomas de Hahnemann, porque ocorreram com loucos durante a sua atuação brilhante num manicômio. Mas muitas drogas novas foram acrescentadas à nossa Matéria Médica, desde a sua publicação em 1874-1879. Há muito tempo que está esgotada; aparecem, porém, de tempos a tempos, exemplares, muito disputados.

Os Sintomas Guias de Hering

A seguir, em importância, vêm os *Sintomas Guias de Hering* — outros dez volumes. Em alguns respeito, é obra menos exten-

(*) Vide página-espécime apensa.

sa e completa do que a de Allen: mas é mais valiosa e elucidativa, porque inclui aquilo que na Enciclopédia de Allen é anátema, ou seja um abundante material de clínico; isto é, verificações minuciosas de experimentações em acção curativa nos doentes. Ambos têm razão. As experimentações, para estarem acima de suspeita, devem ser feitas como Hahnemann aconselhou, em pessoas saudáveis, a fim de se obter preciso conhecimento dos efeitos puros das drogas, mas também é de valor inestimável ver as verificações clínicas, e no Repertório (ou index dos sintomas) como veremos depois, os sintomas que não só foram revelados por experimentos, mas que têm sido, uma e mais vezes, verificados clinicamente pela cura dos mesmos sintomas, aparecem em itálico ou em negro, em todas rubricas.

Enciclopédia da Patogenia das Drogas

Podemos passar à *Enciclopédia da Patogenia das Drogas*, quatro volumes e index, uma compilação de provas, reprovadas e envenenamentos: um livro para estudo daqueles que escrevem sobre Homeopatia, mas que pouco ajuda a receitar.

Os Nosódios de Allen

A *Matéria Médica dos Nosódios*, do Dr. H. C. Allen, publicada em 1910, dá a sintomatologia de trinta e quatro remédios, na sua maior parte produtos morbidos. Alguns desses aparecem nos *Sintomas Guias*, de Hering, e um bom número deles nas *Notas Tónicas* do Dr. Allen e no *Dicionário de Clarke*.

O Dicionário de Clarke

Depois, segue-se uma obra de grande importância prática, o *Dicionário de Matéria Médica*, do Dr. J. H. Clarke. Esse livro, sendo um dicionário, contém, além das drogas bem experimentadas, grande número de remédios recentes e sugere remédios parcialmente experimentados, ou com necessidade de experimento. Seguindo o exemplo de Hahnemann na sua *Matéria Médica Pura*, insere pequenos prefácios de introdução, muito úteis e muito instrutivos, à maior parte das experimentações. Excelentes, porque enunciam os principais usos e os resultados do emprego na doença dos vários remédios de que trata. Esses prefácios fornecem magnífica leitura àqueles que desejam estudar a *Matéria Médica Homeopática*. O *Dicionário de Clarke* ainda se encontra à venda, não sendo excessivo o seu preço, pela matéria

que apresenta. (*). As grandes obras, a *Enciclopédia*, de Allen e os *Sintomas Guias*, de Hering, obtêm-se, de vez em quando, em segunda mão; cremos que até hoje nunca foram republicadas.

Manuais

Mas esses volumosos livros de consulta não são manejáveis e tornam-se impossíveis de usar quando se trata de prática geral e de trabalho rápido, à cabeceira do doente. Por isso, fizeram-se algumas compilações em pequenos manuais.

As Notas Tónicas de Allen

"Talvez o melhor desses, sempre republicado e de fácil aquisição, seja *As Notas Tónicas*, do Dr. H. C. Allen, pequeno volume no qual se pode rapidamente compulsar uma droga, recordando e verificando os seus sintomas. É uma excelente compilação sucinta mas cheia, com os sintomas *característicos* dos remédios de uso comum.

A Chave Sinóptica de Boger

Um livrinho de bolso ainda mais recente, também valioso, e que contém mais remédios que as *Notas Tónicas*, é a *Chave Sinóptica*, do Dr. C. M. Boger. Esse volume tem características muito apropriadas para imediata consulta; e apresenta um pequeno repertório dos mais característicos sintomas das drogas comuns, útil quando não se encontra à mão um repertório grande.

Os Indicadores, de Nash

Os *Indicadores*, de Nash podiam ter sido mencionados em primeiro lugar. Um livro delicioso para aqueles que não se revoltam com os americanismos um tanto forçados do Dr. Nash. "É o melhor livro para dar a um principiante", dizem-nos, a fim de o acostumar a pensar homeopaticamente.

O Manual de Bólso, de Boericke

Há outro livrinho que não se deve omitir — *O Manual de Bólso da Matéria Médica Homeopática*, do Dr. Boericke. Contém grande número de remédios homeopáticos — uns dois mil —

(*) Sabemos agora que "O Dicionário de Clarke" se encontra esgotado; mas não será difícil arranjar ainda algum exemplar. A *"Matéria Médica"*, de Jahr, e a *"Farmacodinâmica"* de Hagner são excelentes, mas não trazem as últimas drogas.

e traz ainda pequeno repertório. Não descreve tão bem as drogas como Nash e Allen, mas é útil para consulta.

As Preleções de Kent

Mais tarde, o estudante aplicado da Homeopatia precisará das *Preleções sobre Matéria Médica, de Kent* — inimitáveis — produzidas pela vasta experiência dum homem que seguiu de perto as pegadas de Hahnemann, não só dotado de inteligência prodigiosa e grande visão, mas possuidor também de grande clínica, da qual derivou todo o auxílio prático que nos dá. O Dr. Kent não era mero imitador. Falava com conhecimento e autoridade.

A maioria das obras aqui referidas veio da América: alguns dos trabalhos maiores e mais completos foram feitos por médicos americanos em íntima colaboração com colegas ingleses. A homeopatia deu as suas passadas mais largas e teve muitos dos seus maiores investigadores nos Estados Unidos da América, para onde emigravam muitos dos primeiros e mais distintos colaboradores de Hahnemann.

É preciso ler Matéria Médica

Para se vir a ser um bom clinico homeopata — convém dizer já — é necessário que se seja leitor constante da *Matéria Médica Homeopática*. "*Ler um medicamento todos os dias e dois aos domingos*", eis o conselho dum dos grandes anciãos da Homeopatia. E podemos acrescentar: Leiam em vários livros e aprendam o que os diferentes autores nos dizem acerca dos remédios: aprendam-no por diferentes palavras e vindo de fontes diferentes. Os nossos muitos divulgadores tiveram práticas variadas, mentalidades diversas e viveram em climas desiguais. Um aprendeu a manejar uma droga com extraordinária facilidade; outro, outra. Cada um deles dar-vos-á, com muita coisa que é a mesma, diferentes golpes de vista sobre remédios. E seja como for, a própria circunstância de lidarmos com muita coisa que é a mesma, mas que é diferentemente arranjada e exprimida, não deixa de nos ser útil. Aprendei com muitos, se quiserdes dominar a *Matéria Médica*, isto é, os seus remédios mais vulgarmente usados, e tende uma idéa dos seus remédios mais raros, precisos talvez, apenas uma ou duas vezes na vida dum homem, mas quando precisos, indispensáveis.

A literatura da Homeopatia é enorme — nós apenas lhe tocamos pela rama. Compreende também, naturalmente, grande número de livros sobre *Terapêutica Homeopática*. Mas aqui é in-

teressante lembrar que, apesar de ter escrito muito, Hahnemann não nos deixou um único tratado sobre *Terapêutica*.

O Organon, de Hahnemann

O seu *Organon da Arte de Curar* explica a Homeopatia e ensina-nos a descobrir o remédio necessário para o *sufredor individual*, seja de que doença for, quer reconhecida e catalogada, quer rara, misteriosa ou "nova", e a receitar. Ensina-nos a tratar prontamente da doença ainda não suficientemente evoluída para diagnóstico, pelo que se poupa tempo valioso e pelo que aquilo que se podia tornar enfermidade grave é felizmente abortado. Ensina-nos a precever sobre os sintomas presentes e característicos de cada individuo, sem considerar a nomenclatura, podendo-se ver, em "doenças" inteiramente diferentes e curarem-se, as várias modalidades: a da *Bryonia*, a da *Belladonna*, a do *Rhus*, a do *Aconito*. Onde não existem sintomas, não existe doença e onde existem sintomas devem ser combatidos imediatamente com uma droga capaz de provocar os mesmos sintomas nos individuos saudáveis.

O *Organon* tem sido traduzido muitas vezes e encontra-se sempre à venda. Expõe a *Lei da Cura* e as suas leis subsidiárias ou corolários, derivados do experimento e da experiência, para fins de aplicação.

Do *Repertório de Kent* (índice de sintomas) e de outros repertórios, trataremos mais tarde.

Do *Organon, de Hahnemann* — simplificado e resumido:

"O segundo dever do verdadeiro médico é adquirir conhecimento dos agentes curativos das doenças naturais, de modo que, quando chamado a curar, possa escolher um cujos sintomas de doença artificial mais estreitamente se assemelhem à totalidade dos sintomas importantes da doença natural que deseja curar.

O poder de produzir doença de cada droga deve ser conhecido completamente, isto é, devemos descobrir todos os sintomas mórbidos e alterações na saúde de pessoas sãs que cada droga é capaz de desenvolver. Só então poderemos ter esperança de seleccionar dentre elas remédios homeopáticos adequados para a maioria das doenças naturais".

Experimentos em doentes: não satisfatórios

"Se para fins de experimentos, as drogas fossem ministradas apenas a *peçoas doentes*, mesmo que dadas em forma simples, pouco ou nada se poderia determinar quanto aos

seus puros efeitos, visto que quaisquer mudanças na saúde que pudessem produzir estariam tão misturadas com os sintomas da doença, que raras vezes estes seriam distintamente discernidos.

Experimentos apenas nas pessoas sãs

"Não há, portanto, outro meio possível pelo qual se possam exatamente determinar os efeitos peculiares dos medicamentos sobre a saúde dos indivíduos. Não há meio mais seguro, nem mais natural de realizar isso, do que administrar experimentalmente os diferentes remédios, em doses moderadas, às pessoas saudáveis, a fim de determinar que alterações, sintomas e sinais cada um d'elles produz na saúde do corpo e do espirito, isto é, que elementos de doença podem ou tendem a produzir. Porque, como se mostrou, todo o poder curativo dos medicamentos reside na sua faculdade de alterar a saúde do homem e isso demonstra-se com observações sobre este (*).

"Eu fui o primeiro a abrir este caminho, o qual tenho percorrido com perseverança devida apenas à inabalável convicção desta grande verdade (proclamada com tão grandes benefícios para a humanidade): apenas pelo emprêgo homeopático dos medicamentos é possível a cura certa das doenças humanas.

Inutilidade das "torturas técnicas"

Matéria Médica Pura, de Hahnemann. Extração do Prefácio do Autor:

"Eu não vou escrever uma crítica da *Matéria Médica* usual, pois teria de apresentar ao leitor relação pormenorizada dos esforços improficuos feitos até hoje para determinar os poderes dos medicamentos pela sua cor, gosto e cheiro... Teria de mostrar como a química se tem dedicado, por

(*) Nem um único médico, tanto quanto sei, durante os últimos dois mil e quinhentos annos, pensou neste modo tão natural, tão absolutamente necessário e o único genuino, de experimentar remédios pelos seus efeitos puros e peculiares em transmittir a saúde do homem, a fim de conhecer qual o estado morbido que cada remédio é capaz de curar — exceto o grande e immortal Albrecht von Haller. Só he, além de mim, via a necessidade d'isto (vêz. o Prefácio à *Pharmacopœia Helvet.* Basil. 1771) "Sempe primum in corpore sano medicis testanda est, sine peregrina ulla miscela: odorisque et sapore ejus exploratis, exigua illius dosis ingredenda et ad omnes, quae inde contingunt, affectiones, quis pulsus, qui calor, quae respiratio, quaeque excretiones, attendend. Inde ad dictum phaenomenorum, in sano ob observatum, transitus ad experimenta in corpore aegroti..."

Mas ninguém, nem um único médico, atendeu ou seguiu esta valiosa sugestão.

destilação a seco e a úmido, a extrair das substâncias medicinaes, mucos, óleos etéreos, ácidos e óleos empireumáticos, sais voláteis... Enunciaria os métodos adotados pela mais recente ciência química para obter extratos, a fim de serem depois condensados, dissolvendo as partes solúveis em vários líquidos. Descreveria o método de os separar da resina, da goma, do glúten, do amido, da cera, da proteína, dos sais e das terras, dos ácidos e alcalóides, por meio de vários reagentes. E dir-vos-ia como se convertem em gases. É bem conhecido que, a despeito de tódas essas práticas exaustivas, nunca se conseguiu que nem uma única das innumeráveis substâncias medicinaes revelasse que espécie de poder curativo ela possuia. *Certamente que as substâncias materiaes extraídas delas não eram o espirito que anima cada simples substância e que faz com que ela cure certos estados morbidos... Este espirito não se pode agarrar com as mãos; só pode ser reconhecido pelos seus efeitos sobre o corpo vivo.*

"O dia do verdadeiro conhecimento dos remédios e da verdadeira arte de curar despontará quando os homens deixarem de atuar tão pouco naturalmente, a ponto de dar drogas às quaes têm sido atribuidas virtudes puramente imaginárias, ou que têm sido apenas vagamente recomendadas, e cujas qualidades elles ignoram inteiramente; e que mistram misturadas em tódas as espécies de combinações..." (*).

O verdadeiro conhecimento das drogas

"O dia do verdadeiro conhecimento dos remédios e da verdadeira arte de curar despontará quando os médicos confiarem a cura dos casos completos de doença a uma única substância medicinal, e quando... empregarem para a extinção e cura de um caso de doença, cujos sintomas tenham sido investigados, uma única substância medicinal cujos efeitos positivos tenham verificado, e a qual possa mostrar entre esses efeitos um grupo de sintomas muito semelhantes aos apresentados pelo caso de doença.

No que concerne às minhas próprias experimentações e às dos meus discipulos, tomaram-se todos os cuidados possíveis para garantir a sua pureza, a fim de que os verdadeiros poderes de cada substância medicinal pudessem fi-

(*) Os médicos em geral, enquanto não sabem melhor, podem continuar a mandar as suas multiformes e complicadas receitas a aviar aos farmacêuticos... sem precisarem de saber nada acerca da esfera de ação ou das propriedades especiaes de cada ingrediente. Além d'isso, mesmo que conhecessemos perfeitamente os poderes das drogas, quando isoladamente, não poderíamos fazer ideia do que ellas podem effectuar, se misturadas.

car claramente expressos nos efeitos observados. Elas foram realizadas em pessoas o mais saudáveis possível e sob condições externas reguladas tão semelhantes quanto possível.

As doses muito pequenas da Homeopatia produzem esse extraordinário efeito, precisamente por não serem tão grandes que se torne necessário para o organismo desembaraçar-se delas pelo processo revolucionário de eliminação.

No *Organon da Medicina*, ensinei que os medicamentos que atuam dinamicamente extinguem as doenças apenas de acordo com a similaridade dos seus sintomas. Aquêlle que tenha compreendido isso, perceberá que se um trabalho sobre *Matéria Médica* pode revelar as qualidades precisas dos remédios, deve ser esse um do qual se tenham arredado toda a mera suposição e óca especulação acerca das qualidades reputadas das drogas, e que apenas registre o que os medicamentos exprimem quanto ao seu verdadeiro modo de ação nos sintomas que produzem no corpo humano...

* * *

E, noutra parte, escreve: "Não há agente, não há poder nenhum na natureza capaz de afetar mórbidamente o indivíduo são, que não possua, ao mesmo tempo, a faculdade de curar certos estados mórbidos".

* * *

"As substâncias medicinais, ao produzirem alterações mórbidas no corpo humano saudável, atuam em obediência a leis fixas e eternas da natureza, gerando, em virtude dessas leis, certos sintomas mórbidos definidos; e cada droga produz sintomas especiais, conforme a sua peculiaridade." (*Organon*).

Diz também: "A Homeopatia é uma arte simples de cura, invariável nos seus princípios e nos seus métodos de os aplicar" (*Organon*, Prefácio).

Desde que se verificou esta lei natural de cura... por meio de toda a experimentação pura e prática genuína, tornando-se assim um fato estabelecido, é de pouca importância uma explicação científica do seu modo de ação." (*Organon*).

* * *

"Na cura permanente da doença... a natureza parece nunca atuar de outro modo, senão de acordo com estas suas leis manifestas, e por isso ela atua, se nos é licito empregar a expressão, com certeza matemática." (*Matéria Médica Pura*).

* * *

"... pelo método homeopático... escolhamos uma droga que deve possuir o poder... em grau mais alto do que qualquer outro... de produzir uma condição mórbida artificial muito semelhante à da doença natural". (*Organon*).

* * *

"A mera investigação de drogas, sem qualquer lei para a sua subsequente aplicação na doença, é de fraca e limitada utilidade. Foi unicamente Hahnemann que, na sua *Lei dos Semelhantes*, estabeleceu, para sempre a relação entre a droga e a doença, isto é, entre a doença medicamentosa e a doença natural, provando que uma pode neutralizar e extinguir a outra; e assim tornou a medicina não só científica, mas prática." (*Opúsculo*).

* * *

"O princípio fundamental do médico homeopata (que o distingue de todos os médicos de todas as outras escolas mais antigas) é este: que ele nunca emprega com nenhum doente um medicamento, cujos efeitos no indivíduo humano saudável não tivessem sido prévios e cuidadosamente experimentados e assim levados ao seu conhecimento. Receitar para doentes sob mera conjectura de alguma possível utilidade para alguma doença semelhante, ou por ouvir dizer que "um remédio foi bom para tal ou qual doença" — essa aventura inconsciente deve o homeopata filantropo deixar para o alopata." (*Um dos rodapés do Organon*).

* * *

"Essas perturbações mórbidas, experimentadas pelas drogas no corpo saudável, devem ser aceitas como a única possível revelação do seu inerente poder curativo. Apenas por intermédio delas podemos descobrir que capacidade de produzir a doença, e por isso que capacidade de curar a doença, possui cada droga, de per si." (*Organon*).

Envenenamentos

Mais citações do *Organon* a respeito dos "Experimentos":

"Também verifiquei que os sintomas resultantes de quando pessoas saudáveis tomam doses venenosas de medicamentos, por engano, para fins homicidas ou suicidas, concordavam com as minhas próprias observações, quando experimentava em mim ou em outra qualquer pessoa saudável.

Os tratadistas dão pormenores dos envenenamentos para provar os efeitos perigosos das substâncias tóxicas e pa-

ra acautelar os outros sobre o seu uso; e também, não só para exaltarem a sua própria habilidade quando, depois de empregarem os remédios, a saúde do enfermo se restabelece gradualmente, mas, em parte, para se justificarem, pelo caráter perigoso do que elles chamavam venenos, quando o paciente morre."

Revelações do poder

"Mas nenhum desses observadores sequer imaginou que os sintomas que registravam, para provar o caráter venenoso de tais substâncias, eram revelações seguras do poder que tais drogas possuíam para extinguir curativamente sintomas semelhantes, quando ocorriam nas doenças naturais; que os seus fenômenos de intoxicação eram indícios da sua ação curativa homeopática; que o único modo possível de descobrir os seus poderes medicinais é observar as mudanças que são capazes de produzir na saúde de pessoas saudáveis.

Os poderes puros, peculiares, dos medicamentos utilizáveis para a cura de doenças, não se podem deduzir de quaisquer especulações *a priori*, engenhosas, nem do cheiro, do gosto ou da aparência das drogas, nem da sua análise química, nem do seu emprego numa prescrição múltipla misturada — nem na doença.

Nunca se suspeitou que estas histórias de doenças medicamentosas proveriam um dia os rudimentos da verdadeira, da pura Matéria Médica, pois que a Matéria Médica, desde os tempos mais remotos, tem consistido inteiramente em falsas conjecturas e imaginosas ficções, isto é, não tinha existência.

A concordância das minhas próprias observações com estas mais antigas e o modo como estas mais antigas observações concordavam com outras da mesma espécie de autores diferentes, devem levar à convicção de que as substâncias medicinais, aos produzirem alterações mórbidas no corpo humano saudável, *atuam de acordo com leis fixas e eternas da natureza*, em virtude das quais produzem certos sintomas *fidedignos de doença*, cada uma delas *de acordo com o seu caráter peculiar*".

Cada medicamento produz o seu próprio efeito peculiar

"Cada medicamento possui a sua própria ação peculiar sobre o corpo humano, diferente de qualquer outro.

Justamente como cada espécie de planta difere na sua forma externa, no seu modo de vida e crescimento, no gosto e no cheiro de qualquer outra espécie e gênero de plantas; e justamente como cada mineral e sal diferem de todos os outros no seu aspecto exterior, como nas suas propriedades físicas e químicas, assim todos os medicamentos diferem nos seus efeitos patogênicos, e por consequência, terapêuticos. Cada substância produz as suas próprias, peculiares, definidas e determinadas alterações na saúde dos seres humanos, de modo a excluir a possibilidade de confundir uma com a outra.

Os medicamentos, de que dependem a vida e a morte do homem, a doença e a saúde, devem, portanto, ser cuidadosa e inteiramente distinguidos uns dos outros. Devem ser testados para esse fim, por experimentos puros e cuidadosos no organismo são, a fim de se obter conhecimento preciso dos seus poderes e efeitos reais, e assim habilitar-nos a evitar erros no seu emprego nas doenças, porque é só pela sua correta seleção que a saúde do espírito e do corpo — a mais de todas as bênçãos — pode ser rápida e permanentemente restabelecida".

Intensidade variável de ação

"No experimento de medicamentos devemos ter em vista que as substâncias fortes, assim chamadas heróicas, propendem, mesmo em pequenas doses, a produzir alterações na saúde até de pessoas robustas. Nestas experimentações devem dar-se medicamentos de poder mais suave, em quantidades maiores. Ao passo que, para determinar a ação dos medicamentos mais fracos, os indivíduos escolhidos para a experimentação devem ser pessoas não só livres de doença, mas delicadas, irritáveis e sensíveis.

Nessas experimentações (das quais dependem a precisão em medicina e o bem estar das gerações futuras do gênero humano), somente se devem empregar medicamentos que sejam perfeitamente conhecidos e de cuja pureza, genuinidade e energia estejamos absolutamente seguros".

A respeito dos medicamentos a serem experimentados

"Cada medicamento deve ser tomado em forma simples, não adulterada: plantas indígenas, em sucos recentemente espremidos, misturados com um pouco de álcool, para impedir que se deteriorem; substâncias vegetais exóticas, em forma de pós ou tinturas preparadas com álcool, enquanto es-

Um problema não se dá por resolver-se o sistema e
pode o mesmo ser deixado em paz, até percebermos
seu curso.
Se preciso com êxito o fazo em um "estado
de consciência e observação".

lão frescas, e depois misturadas com certa proporção de água; sais e gomas devem ser dissolvidos em água antes de serem tomados. Se a planta apenas pode ser obtida em estado sêco e se os seus poderes são fracos, pode usar-se numa infusão, que se consegue cortando a erva em pequenos pedaços, e derramando água fervente sobre ela, para extrair-lhe os princípios medicinais; devendo ser ingerida imediatamente depois da preparação, enquanto ainda quente, visto que os sucos vegetais espremidos e as infusões aquosas de ervas fermentam rapidamente e decompõem-se, perdendo assim as propriedades medicinais.

Nestas experimentações, cada substância medicinal deve ser empregada completamente só e perfeitamente pura, sem a mistura de qualquer substância estranha e sem o experimentador tomar qualquer outra coisa de natureza medicinal no mesmo dia — nem tampouco nos dias subsequentes — nem ainda durante todo o tempo em que desejamos observar o efeito do remédio”.

Experimentadores

“Enquanto dura a experimentação, a dieta deve ser estritamente regulada. Deve ser privada de especiarias e ter um caráter simples e puramente nutritivo. É preciso evitar legumes, tubérculos, saladas e sopas de ervas. Podem tomar-se as bebidas usuais, mas estas tão pouco estimulantes quanto possível.

A pessoa que está experimentando o remédio deve ser de absoluta confiança e conscienciosa. Durante toda a prova deve evitar todo esforço excessivo, mental e corporal, todas as espécies de dissipação e de paixões vivas; não deve ter negócios urgentes a distrair-lhe a atenção; tem de se observar cuidadosamente a si própria e de não se perturbar enquanto se dedica a isso; o seu corpo deve encontrar-se naquilo que, para elle, constitui um bom estado de saúde; e precisa de possuir bastante inteligência para exprimir rigorosamente, descrevendo-as, as suas sensações.

Os medicamentos devem ser experimentados tanto num sexo como no outro, para que quaisquer alterações na saúde da esfera sexual possam ser reveladas.”

Muitos experimentadores e experimentos

“Toda a influência externa, e especialmente todo o medicamento, possui a propriedade de produzir as suas próprias e especiais alterações na saúde dos organismos vivos.

Mas nem todos os sintomas de um remédio aparecem numa pessoa, ou todos duma vez, ou durante a mesma prova. Alguns podem ocorrer no primeiro, outros só durante o segundo ou terceiro ensaio. Ou, noutra pessoa, podem aparecer outros sintomas; ou numa quarta, oitava ou décima pessoa podem observar-se alguns dos fenômenos que já apareceram numa segunda, sexta ou nona, e assim por diante. Além disso, podem não ocorrer na mesma hora.”

Quando um medicamento pode considerar-se totalmente experimentado

“Todo o quadro mórbido de um medicamento só se pode integrar numa escala, por assim dizer, quase perfeita, com numerosas provas em pessoas adequadas de ambos os sexos e várias constituições. E nós só podemos estar seguros de que certo medicamento foi inteiramente provado, quanto ao seu poder de alterar a saúde humana, quando as experimentações subsequentes produzem apenas sintomas já observados ou muito pouco de caráter novo”.

Efeitos raramente produzidos nos saudáveis affectam os doentes de uma doença semelhante

“Apesar de, como já se disse, um medicamento, quando provado em pessoas saudáveis, não produzir num individuo todas as alterações de saúde de que é capaz, e apesar de estas só poderem ser verificadas mediante provas em muitos individuos de constituição corporal e mental diversa, contudo a droga tende a provocar todos esses sintomas em todas as pessoas (*). Isto está de acôrdo com uma lei eterna e imutável da natureza, em virtude da qual a droga põe em jogo todos os seus efeitos, mesmo os que raramente são produzidos nos saudáveis, sempre que é administrada a uma pessoa que sofre de semelhante condição mórbida. Quando escolhida homeopaticamente, mesmo as menores doses produzirão imperceptivelmente no paciente um estado artificial semelhante à doença natural, que rápida e permanentemente o liberta e o cura da sua doença original”.

(*) Que as drogas entrem a sua impressão sobre todo o corpo são, prova-se com o fato de que, quando empregadas como remédios, prestam eficiente serviço homeopático a todas as pessoas doentes, para a cura de sintomas mórbidos semelhantes aqelles que ellas só parecem produzir nos chamados individuos sãssimilâneos.

Quanto menor a dose melhor o experimento

"Dentro de certos limites, quando menor fôr a dose usada para tais provas, mais distintamente se desenvolverão os efeitos primários, sem mistura com efeitos secundários ou reações do princípio vital. Isto é, contanto que sejamos cuidadosos em escolher experimentadores amantes da verdade, sóbrios em todos os respeitos, delicadamente sensíveis e que se possam concentrar nas minúcias de suas sensações."

Efeito de grandes doses no experimento

As doses excessivas, por outro lado, viciam os resultados, não só com certo número de reações secundárias ocorridas entre os sintomas, mas mesmo porque os efeitos primários podem sobrevir com tanta confusão e com tanto ímpeto que nada se possa observar com rigor, para não falarmos no perigo do seu emprêgo, ao qual, ninguém que tenha qualquer consideração pelos seus semelhantes e que olhe para o mais baixo dos homens como irmão, pode ser indiferente."

Retorno de antigos sintomas

"Se se cumprirem as condições já expostas, todos os desvios da saúde normal durante uma prova devem ser considerados e registrados como sintomas do medicamento, mesmo se o experimentador há muito tempo, tivesse observado iguais sintomas espontâneos em si próprio. O seu retorno (*) durante o experimento apenas mostra que a constituição especial desse individuo está particularmente predisposta a tais sintomas. Neste caso, elles são o efeito do medicamento. Os sintomas não sobrevêm espontaneamente enquanto o medicamento que se tomou está afetando todo o organismo, mas são produzidos pelo medicamento".

O médico e seus experimentadores

"Quando o médico não está experimentando em si mesmo, mas deu o remédio para que outra pessoa o experimentasse, deve esta anotar distintamente, ao tempo da sua ocorrência, tôdas as sensações, dores, ou alterações de saúde

(*) A volta dos antigos sintomas — no seu caminho para a cura — é de ocorrência frequente e de excelente prognóstico, na cura de doenças crônicas.

que experimenta, registrando para cada sintoma a hora (depois da droga tomada) em que appareceu e, se continuarem, a sua duração.

O médico examina este registro immediatamente após a conclusão da experimentação ou (se esta durar alguns dias) todos os dias, a fim de interrogar o experimentador enquanto tudo está fresco na sua memória, sobre a natureza exata de cada ocorrência, para anotar quaisquer outros pormenores ou fazer as alterações que o experimentador sugerir. (*).

Se o experimentador não souber escrever, o médico deve ouvi-lo, todos os dias, sobre o que lhe succedeu e como se produziu."

Declarações espontâneas

"Mas o que se deve registrar como autêntico é principalmente a declaração espontânea do experimentador. Nada de conjecturas podem admitir-se e admitam-se o menos possível respostas a perguntas orientadas. As precauções que previamente tomei quando investigava os fenômenos e traçava o quadro das doenças naturais devem-se observar na investigação dos sintomas medicamentosos.

Os melhores experimentos são aquêles que o médico saudável, sem preconceitos e sensível, fêz em si mesmo com tôdas as precauções e cuidado aqui mencionados. Verificando os puros efeitos dos remédios simples na alteração da saúde humana e as doenças artificiais que elles são capazes de provocar nos saudáveis, fica conhecendo com a maior certeza aquilo que pessoalmente experimentou (**).

(*) Todo aquelle que publica, para o mundo médico, os resultados de tais experimentos, torna-se responsável pela suas afirmações; e assim deve ser, visto que esta em causa o bem da humanidade sofredora.

(**) Fazendo de sua própria pessoa o terreno de experimentações, o médico usufruirá outras vantagens inestimáveis. Primeiro que tudo, a grande verdade brotará em seu íntimo inconsciente. Isto é, que os poderes medicinaes das drogas (a base do seu poder curativo) estão nas próprias alterações da saúde e nas condições morbidas que elle mesmo experimenta. E também, por attentas observações sobre si, comprehenderá suas próprias sensações, o seu modo de pensar e o seu temperamento; tornar-se-á aquelle que todo o médico deve ser: um bom observador. As observações sobre os outros não são tão interessantes como as feitas em nós próprios. O observador dos outros deve sempre lembrar que o experimentador não sente exactamente o que diz, ou que não descreva as suas sensações com exactidão. Deve ficar em dúvida quanto a ter-se enganado — pelo menos até certa ponto. Tais obstáculos ao conhecimento preciso, que nunca podem ser superadas quando investigamos em outros os sintomas morbidos artificiais que occorrem nas experimentações são eliminadas quando experimentamos em nós mesmos. Um experimentador próprio sabe com certeza o que experimenta; e toda nova experimentação o leva a investigar os poderes de outros medicamentos. Torna-se cada vez mais prático na arte de observar (de tanta importância para o médico), fazendo-se o assento infalível e seguro das suas próprias observações.

Que não se pense que as leves indisposições causadas pelo experimento de medicamentos possam ser danosas para a saúde. Pelo contrario. A experiência mostra-nos que o organismo do experimentador torna-se, com êstes frequentes ataques à sua saúde, cada vez mais apto a repeller influencias externas inimigas e agenas morbidas morbos, tanto naturais como artificiais. Endurece-se, resistindo a tudo que lhe de natureza danosa, por mais dessas experimentações moderadas com medicamentos na sua pessoa. Sua saúde torna-se mais inalterável, fica mais robusta, como toda a experiência mostra."

O caminho para uma verdadeira matéria médica

"Depois de havermos assim experimentado nos saudáveis um grande número de remédios simples e de termos cuidadosamente registrado todos os elementos mórbidos e sintomas que esses produtores de doença artificial são capazes de desenvolver, então teremos uma verdadeira Matéria Médica; uma coleção de modos de ação puros, reais e dignos de confiança das drogas simples; um volume do livro da natureza, onde ficam registradas as mudanças peculiares de saúde e os sintomas que pertencem a cada um desses poderosos remédios. Aqui se encontra o quadro mórbido (homeopático) de muitas doenças naturais para serem curadas depois por elles. Numa palavra, contém os estados mórbidos artificiais que serão para os estados mórbidos naturais similares, os únicos verdadeiros agentes homeopáticos (isto é, na terapêutica específica), para efetuar a cura certa e permanente.

De tal matéria médica tudo o que é conjectural, imaginário ou mera asserção deve ser rigidamente excluído. Tudo deve ser pura linguagem da natureza, em resposta a cuidadosa e honesta interrogação.

Precisamos verdadeiramente de um grande número de medicamentos, conhecidos exatamente quanto aos seus efeitos puros na saúde do homem, para que possamos encontrar um remédio homeopático (isto é, um análogo mórbido artificial, curativo) para cada enfermidade existente no mundo.

Contudo, mesmo agora, graças à exatidão e riqueza de sintomas revelados pelos poderosos medicamentos que têm sido experimentados no corpo humano, há muito poucas doenças para as quais se não encontre, entre as drogas já classificadas pelos seus efeitos puros, um remédio homeopático regularmente adequado. (*)

Esses remédios, com um mínimo de perturbação, restituem a saúde duma maneira suave, certa e permanente, e com muito mais certeza e segurança do que as efetuadas pela terapêutica geral e específica da antiga arte médica alopática, com os seus desconhecidos remédios compostos, que

(*) — "A princípio, há uns quarenta anos, eu era a única pessoa que fazia de experimento dos puros poderes dos medicamentos a mais importante das suas occupações. Desde então, tenho sido ajudado por alguns moços, que experimentaram em si próprios e cujas observações revii com sentido crítico. Mas, ainda, outros também fizeram um trabalho magnífico. Mas, que não podemos fazer no caminho da cura, no domínio infinitamente grande da doença, quando grande número de observadores, dignos de confiança, tentam assim enriquecer a única verdadeira matéria médica, com cuidadosas experimentações em si próprios! A arte de curar aproximar-se-á então das ciências matemáticas em certeza."

podem alterar e agravar mas não podem curar as doenças; e que retardam, em vez de promoverem, o restabelecimento nas doenças agudas, pondo freqüentemente a vida em perigo."

Ações primária, secundária e alternada

Nos antigos receituários de (muitas vezes) drogas perigosas dadas em doses excessivamente grandes, notamos que certos estados eram produzidos (não no princípio, mas para o fim dessas práticas desagradáveis) com um caráter exatamente oposto àqueles em que primeiro apareciam.

Esses sintomas (o próprio inverso do Primário (*), ou a verdadeira ação do medicamento sobre o princípio vital) são a reação do princípio vital — a sua ação Secundária. Desta ação secundária, com doses moderadas sobre os corpos saudáveis, raras vezes ou nunca há o menor vestígio: ao passo que, com as doses pequenas, nunca os há absolutamente.

Durante o processo curativo homeopático, o organismo vivo reage apenas tanto quanto é preciso para restabelecer o estado de saúde normal.

As únicas exceções a isto, são os remédios narcóticos. Esses, na sua ação primária, podem destruir a sensibilidade e a sensação assim como a irritabilidade, e acontece freqüentemente que, na sua ação secundária (mesmo com doses moderadas no corpo saudável), se observam maior irritabilidade e aumentada sensibilidade.

A não ser com narcóticos, quando a experimentação é com doses moderadas de medicamentos em organismos sãos, vemos somente a sua ação primária, que são os sintomas com os quais o medicamento transforma a saúde e desenvolve um estado mórbido de maior ou menor duração.

Mas entre esses sintomas ocorrem (com certos medicamentos) não poucos que são parcialmente, sob certas condições, inteiramente contrários a outros sintomas que aparecem prévia ou subsequente, os quais, porém, não devem ser considerados como ação secundária ou mera reação do princípio vital. Representam apenas o estado alternativo dos vários paroxismos da ação primária: são denominados ações alternadas.

(*) Aqui, Hahnemann refere-se a um parágrafo anterior que diz isto: "Todo o agente que atua sobre a vitalidade transforma-a, mais ou menos, e altera a saúde por um período maior ou menor. A isso chama-se ação primária. A isto mesmo princípio vital esforça-se por opor a sua energia. A essa ação resistente, uma propriedade, uma ação automática dos nossos poderes de conservação, de defesa, chama-se ação secundária."

"Alguns sintomas são freqüentemente produzidos por medicamentos, isto é, em muitos indivíduos; outros mais raramente, ou em poucas pessoas; outros, em muito poucas pessoas; outros em muito poucos organismos sadios".

Idiosincrasias

"A última categoria pertencem as chamadas idiosincrasias, palavra por que exprimimos as constituições peculiares, saudáveis em todos os aspectos, mas que são propensas a sofrer com determinados agentes que parecem não fazer impressão alguma e não produzir alteração na maioria dos indivíduos (*).

Mas esta inabilidade de impressionar toda a gente é apenas aparente. Duas coisas são precisas para a produção de quaisquer alterações mórbidas na saúde do homem, a saber: o poder inerente da substância influente e a capacidade do organismo de ser influenciado por ela. Tais transtornos de saúde não se podem apenas atribuir às constituições peculiares, devem também ser atribuídos às substâncias que os produzem, nas quais deve residir o poder de fazer impressão semelhante em todos os corpos humanos, de tal maneira, porém, que só um pequeno número de pessoas saudáveis são afetadas por elas.

Que esses agentes fazem efetivamente esta impressão sobre todo o organismo são, prova-se pelo fato de que, quando empregados como remédios, prestam eficiente serviço homeopático (**) a todas as pessoas doentes para a cura de sintomas mórbidos semelhantes àqueles que elas só parecem produzir nos chamados indivíduos idiosincrásicos".

Métodos inúteis de investigação

"A fim de verificar as ações dos agentes medicamentosos para o propósito de aplicá-los no alívio do sofrimento humano, devemos confiar o menos possível no acaso, trabalhando tão racional e tão metódicamente quanto possível. Vemos que, para esse objetivo, o auxílio da química é ainda imperfeito, devendo-se apenas recorrer a ela com cautela; que a similaridade dos gêneros de

(*) Algumas pessoas podem desmaiar com o cêbre das rosas e cair em estados mórbidos e às vezes perigosos por comerem maçãs, castanheiras ou ovos de barbo, ou por tocarem nas folhas de algumas espécies de samamba.

(**) Assim, a Princesa Maria Porphyrogênita restabeleceu o seu irmão, o Imperador Alexo, que sofria de desmaios, borrifando-o com água de rosas... e Honório verificou grandes benefícios, em casos de síncope, com vinagre de rosas."

plantas no sistema natural, como também a similaridade de espécies de um gênero, fornecem apenas dados obscuros; que as propriedades sensíveis das drogas nos ensinam meras generalidades, e estas invalidadas por muitas exceções; que as mudanças que se dão no sangue, pela mistura de medicamentos, não ensinam nada; e que as injeções de medicamentos nos vasos sanguíneos dos animais, assim como os efeitos sobre os animais aos quais se têm ministrado medicamentos, é um modo demasiado rude de proceder para que possamos fazer um juízo das ações mais sutis dos medicamentos. Nada resta senão experimentar os medicamentos que desejamos investigar no próprio corpo humano". (Hahnemann).

Experimentações e Reexperimentações

O Dr. J. Rutherford Russel (*História e Heróis da Arte da Medicina*, 1861), escreveu:

"O modo por que Hahnemann conduzia as suas experimentações foi distribuindo porções da substância que estava experimentando àqueles que o ajudavam, pedindo-lhes que tomassem uma série de doses e registrassem os seus efeitos, fazendo êle o mesmo. Dessa maneira, acumulou a prova de testemunhos independentes, comparando uma série de observações com outra, e todas com a sua observação própria, omitindo o que achava accidental ou trivial, e dispondo em ordem regular aquelas que êle considerava dignas de confiança. Tornou-se questão de importância vital para a sua escola determinar até que ponto essas primeiras experimentações de Hahnemann e seus discípulos mereciam confiança; e há alguns anos instituiu-se uma sociedade em Viena para examinar, crítica e experimentalmente, os chamados experimentos de Hahnemann.

"Uma das primeiras substâncias que a sociedade escolheu para exame foi o *Acônito*. Formou-se uma comissão, à frente da qual estava o Dr. Gerstef, médico proficiente assim como muito filantropo, que presidia e registrava. A êle se associaram treze médicos, um dos quais professor da Universidade. Cada uma dessas treze pessoas recebeu uma garrafa de tintura, sem saber o que era, e tomou-a em várias doses de uma gota a quatrocentas gotas; anotaram cuidadosamente os efeitos que observaram, mandando os seus informes ao Dr. Gerstef. Este dispôs-os, e publicou-os, cada um deles, na sua maior parte, com as próprias palavras do experimentador, inserindo o seu nome para quem quer que quisesse poder verificar por si mesmo a autenticidade do registro, visto que os médicos que haviam tomado parte no trabalho estavam clinicando em Viena e eram homens bem conhecidos. Seria difícil imaginar uma experimentação realizada sob

condições mais satisfatórias para obter prova evidente. A conclusão a que esta sociedade chegou foi que, entre os resultados das suas experimentações, um dos mais notáveis foi que "quasi cada uma das observações de Hahnemann sobre o *Acónito* se confirmaram.

O Relatório ocupa 227 páginas e é a monografia sobre qualquer substância médica mais satisfatória que conhecemos na literatura médica. As experimentações duraram alguns meses; foram feitas com grandes incômodos e freqüentemente com dores intensas e sofrimentos de todas as espécies; e, ao lê-las, é impossível não nos enchermos de respeito pelo zelo que pela ciência mostraram os experimentadores.

Isto é um modo de emprendermos a descoberta dos efeitos dum medicamento muito diferente do seguido por Natholus, que envenenava ladrões, ou por Mageodie, que envenenava cães, ou então por aquêles médicos que experimentaram o *Acónito* nos seus doentes, porque, por maior que seja a nossa simpatia para com os sofrimentos dos outros, não deve ser comparada com o sofrermos nós mesmos a dor no nosso corpo. E além do positivo mal-estar que esse sistema de auto-envenenamento ocasionava, era preciso que os experimentadores fossem criaturas muito abnegadas, abstendo-se de tudo na sua dieta e nas suas ocupações, que pudesse de qualquer modo prejudicar o trabalho da droga sob investigação. Se somos obrigados a render homenagem a esses pacientes e abnegados médicos de Viena pelos seus esforços em experimentar os efeitos do *Acónito* e de dois ou três outros medicamentos, que devemos pensar de Hahnemann, que nos deixou um registro de experimentações de não menos de cento e seis substâncias medicinais? De fato, ele passou a vida, desde os quarenta e cinco anos de idade, nesse sistemático auto-sacrifício. Pela sua obra, renunciou a tudo."

140. Dispneia

Aperto no peito, especialmente quando fala, mesmo a cada palavra — a garganta contraída; não sentia aperto no peito, ao andar.

Rastejamento na laringe, que provoca tosse, com sensação como se um corpo macio estivesse localizado ali, com picadas finas estendendo-se para o lado direito da garganta (depois de 4 d) (Gn).

Muito em baixo nas fauces (e no palato mole) uma sensação áspera, de arranhadura e secura provocando tosse curta, com expectoração amarela e viscosa e rouquidão (*) de modo que, só com esforço pode falar no tom de baixo profundo; ao mesmo tempo, sente opressão do peito como se alguma coisa ali retivesse o ar quando tosse e fala, como se a expiração se não pudesse fazer. (durando alguns dias) (Ws).

Tosse vinda profundamente do tórax.

145. Tosse, cujos impulsos se seguem uns aos outros tão violentamente que é mal pode respirar.

Tosse à noite, imediatamente depois de se deitar.

Tosse noturna.

Acorda de noite, às 2, tossindo por um pequeno espaço de tempo e então adormece novamente.

A noitinha, enquanto está deitado, e que expira, uma súbita contração do hipogastrio, que o torna nauseado como se fosse vomitar e lhe provoca a tosse.

150. A tosse, quando a expectoração não se processava facilmente, afetava-lhe o abdome, como umas tenazes a apertar, e com esforço para vomitar.

A tosse provoca-lhe vômitos.

Ao tossir, vomita água, muco e comida.

Ao tossir, o ar que expele dos pulmões cheira a ardido.

Tosse de manhã, com expectoração.

155. (O sabor do que tosse e escarra é salgado).

O que tosse de manhã é amargo.

O que tosse tem sabor desagradável de manhã — não durante o dia.

Picadas no tórax quando tosse.

De manhã em diante, pontadas intoleráveis quando tosse e respira fundo, na parte superior do lado do tórax, perto da

(*) Muito semelhante a este deve ser o estado em que algumas espécies de tísica laringea crônica que não haja no fundo della nenhuma coexistência específica de natureza aguda (sífilis, pólicia etc.) a Drosera é tão peculiarmente útil. Esta planta também provoca tosse muito violenta nos carneiros (ver. *Buttrichius*, in *Act. Hafln.*, vol. IV, pág. 382). Alguns dos médicos antigos achavam esta planta útil em algumas espécies de tosse maligna e em pessoas tísicas, confirmando assim o seu poder medicinal (homeopático); mas os modernos, de acordo com as suas antipáticas teorias, preveniram contra o seu uso, por causa de sua suposta acidez.

LACHESIS

433

Trigonocephalus lachesis, L.

Ordem natural: — Ophidia.

Nome comum: Sarracena

Preparações: Triturações

Autoridades: (1 a 18 de Hering, Denkschrift der N. Am. Akad. der Hom. Keilk., 1837, B., efeitos de picada); 1, C. Hering, efeitos de 30.^a dil.; 1 b, o mesmo, efeitos de trituração e de 1.^a e 2.^a tris; 2, Stapf, 30.^a dil.; 3, Bute, 30.^a; 4, Bauer, 30.^a; 5, Beblert, 30.^a; 6, Detwiler, 30.^a; 7, Gross, 30.^a; 8, Kummer, 30.^a; 9, Reichhelm, 30.^a; 10, Roemig, 30.^a; 11, Wesselhoeft, 30.^a; 12, Kehr, 30.^a; 13, Koth, 30.^a; 14, Matlach, 30.^a; 15, De Young, 30.^a; 16, Helffrich, 30.^a; 17, Schmoele, 30.^a; 18, Lingen, 30.^a; 19, Robinson, Jornal Brit. de Homeop., 24, 515, efeito de 6.^a dil., quatro vezes por dia, num homem; 20, o mesmo, 20.^a dil. numa mulher; 21, o mesmo, 30.^a dil., numa mulher; 22, Dr. H. B. Fellows, efeito de 30.^a dil. (tomada para uma tosse), Rev. Am. de Homeop., 5, 411; 23, Dr. Barthleth, efeitos de 6.^a dil. numa mulher, por espasmo do esôfago, que curou, Jornal N. Am. de Homeop., 2, 157; 24, Metcalf, efeito de 30.^a dil. numa moça que sofria de dores de cabeça crônicas, J. N. Am. de Homeop., 2, 158; 25, Berridge, efeito de 60m. Fincke, num doente (?), J. de Homeop. de N. York, 2, 312; 26, o mesmo, efeito de 60m. Fincke, num doente, (?) J. Am. de M. M., 9, 246; 27, o mesmo, efeito de 6.^a dil. em si mesmo, ibid.; 28, efeito de 200.^a dil. num homem ibid.; 29, M. M. efeito de 6.^a dil. numa menina de 12 anos, J. Am. de M. M., 4, pág. 78.

Estado mental — Disposição — Mantém grande calma e firmeza de espírito, durante acontecimentos muito desagradáveis (sétimo dia e seguintes). 1.^a — Animado, sem qualquer causa. 2 — Excitado toda a manhã (segundo dia, segunda prova); decididamente melhorado de saúde, sofrendo só de ter fumado muito (terceiro dia). 1.^a — Excitado durante muito tempo à noite, animado, a despeito duma constante pressão aguda, debaixo da omoplata, 1. — Uma espécie de êxtase, como após impressões sublimes, ou alegria excessiva, durante todo o dia; constantemente, deseja falar e fazer muito, e cada vez parece mais dominar-se (terceiro dia), 1.^a — Imagens fantasiosas, com a febre à noite, 1.^a — Parece-lhe a ele, durante o dia, que sonhou tudo o que tem acontecido, apenas um tanto diferente, 1.^a — Grande irritabilidade; uma poesia embaladora fê-lo chorar insoderadamente; chegou a gritar de alegria; quando, por exemplo, lia o Tell, de Schiller, não pôde prosseguir; um arrebatamento extraordinário obrigou-o a desistir; em cenas patéticas, desatava a chorar, e foi assim durante muitos dias; depois de muito chorar, sentia dor sobre os olhos, 1. Falava muito durante o estado febril, à noitinha, 1. —

LIÇÃO QUARTA

SINTOMAS

"Sintomas — são tudo o que distingue o homem doente de si mesmo, quando não está doente".

Carrol Daxham

Linguagem da doença

A Homeopatia ensina, pois, que as doenças se exprimem apenas por sintomas, e que é pelos sintomas que elas apelam para o agente curativo.

Linguagem das drogas

E que as drogas também, quando experimentadas nos são, provocam sintomas, um complexo sintomático para cada droga; e que quando o complexo sintomático da doença e da droga coincidem, e quando a droga é empregada na apropriada pequena dosagem, os sintomas são cancelados e a saúde restaura-se.

Alívio nas doenças agudas e crônicas

Nos estados muito agudos, como em algumas dores nervosas, o alívio pode ser quase instantâneo. Como quando, em certa pessoa, quase frenética com um insuportável sofrimento depois de penosa extração de dentes — muito irritada, quase desvairada — uma dose de *Chamomilla* (que produz precisamente essa dor intolerável) em preparação homeopática, deu completo alívio e restituiu a tranquilidade em poucos minutos.

Em enfermidade contínua, aguda, mas menos simples e recente, o remédio pode precisar de ser repetido, no caso de os sintomas cederem e depois reaparecerem; ou precisará de ser substituído, os os sintomas mudarem...

Ao passo que nos estados crônicos a reação, uma vez estabelecida, pode ser de efeito muito duradouro. Trataremos disto mais adiante.

Hierarquia dos sintomas

Mas os sintomas diferem largamente na importância que têm sob o aspecto da prescrição e de cura: isto é, no apêlo que elles fazem à escolha do remédio.

Sintomas gerais

1 — Há os sintomas pertinentes ao próprio enfermo, a respeito dos quais elle diz "Eu", inteiramente separados daquellas das suas partes — de que elle diz "Meu ou Minha". Esses sintomas "Eu" ou "sintomas gerais" ou "GERAIS", são da mais alta importância — *se nítidos* — em relação à escolha do remédio: especialmente quando denotam mudança de mentalidade ou de sensibilidade devida à doença. Os desvios da normalidade da raça podem ser importantes, como infundada suspeita ou ciúme; mas os desvios da normalidade do individuo são ainda mais importantes. Formam parte integrante do quadro clinico.

Anomalias devidas à doença

Como — "Desde que eu estou doente, resfriou-me horrivelmente", ou "eu não posso suportar o calor." ... "Agora — é curioso! — o tempo úmido — ou a mudança de tempo — impressiona-me muito. Antigamente, nunca me importava com o tempo!" ... "Agora, repugnam-me as gorduras — gostava tanto delas!" ... "Surgiu em mim um apetite tão extraordinário de doces — de sal — de vinagre — de queijo!" ... "Sinto uma sede terrível depois que isso começou: Preciso de bebidas geladas — ou bebidas muito quentes — ou leite frio — ou quente — ou limonada" ... "Ela gostava de caminhar um pouco pelo escuro, absolutamente senhora de si! — mas desde que está doente, grita se lhe apagam a luz. Temos de ter a luz acesa toda a noite" ... "Ele tinha tão bom gênio, que nada o desconcertava; agora, zanga-se por um nada e não pode sofrer a menor contradição: nem parece o mesmo!" ... "Sim, ela está muito mudada: imagina que toda a gente está a falar dela, está a olhar para ela, mete-se-lhe na cabeça que o remédio é veneno e recusa tomá-lo, ou pensa que a comida está envenenada e não quer comer. Todas as pessoas são inimigas — ou policias — ou assassinos", e assim por diante. Tais sintomas tornam a prescrição fácil, porque têm a sua indicação precisa na *Matéria Médica* e podem ser combatidos. As drogas, assim como a enfermidade, podem causar resfriamento, medo, ciúme, anseios e aversões, reacções anormais ao ambiente. *Phosphorus* e *Stramonium* são das que provocam e curam o medo da escuridão;

Rhus e *Lachesis*, desconfiança e receio de envenenamento e assim sucessivamente com todas as fases peculiares do sofrimento humano, físico ou mental. Mas devemos lembrar-nos que não é apenas um único sintoma, mas o complexo sintomático que tem de concordar na droga e no doente, apesar de que um sintoma preponderante pode muitas vezes levar-nos a consultar a *Matéria Médica*, para ali verificarmos que a droga que o provocou, provocou também o resto dos sintomas. Mas ao tratar dum caso, podemos ter de escolher entre diversas, mesmo muitas drogas que parecem competir umas com outras; e, para a possibilidade de comparação, os efeitos das drogas estão registrados, com o maior cuidado e grande minúcia, na *Matéria Médica* e nos *Repertórios* — que consistem na enumeração de drogas que têm causado efeitos e podem, por consequência, ser curativas em todas as espécies de afecções.

Sintomas particulares

2 — A seguir em grau de importância, são os sintomas a respeito dos quais o doente diz "Meu ou Minha" ... "Minha dor de cabeça — minha dor abdominal — minha tosse — minha dor de garganta." Tais sintomas chamam-se "particulares", porque não se generalizam ao doente como um todo, mas se particularizam a qualquer parte do corpo d'elle. Esses também, com a devida atenção a qualquer possível causa mecânica, devem ser tomados em consideração e confrontados com uma droga que os tenha provocado, com as suas "modalidades" inerentes ou qualificações, especial para esse paciente com dores de cabeça, ciática, tosse, dor de garganta.

Por exemplo, esta dor de cabeça é somente tolerável quando ella anda ao ar livre, como a dor de cabeça da *Pulsatilla*; esta outra exaspera-se ao menor movimento, como com a *Bryonia*; esta precisa da cabeça bem apertada e bem quente, como a dor de cabeça da *Silicea*; esta outra requer applicações frias — mesmo num doente resfriado — o que sugere o *Phosphorus*. Ou, numa afecção da garganta, quando a dor vai até ao ouvido, temos de tomar em consideração *Phytolacca*, ou quando a garganta se irrita desordenadamente e não pode sofrer o mais ligeiro toque, *Lachesis*; ou quando a garganta está vermelha e inchada que arde e fica intoleravelmente seca, *Belladonna*. Mas tais indicações para o remédio não passam de meras sugestões, porque, por exemplo, a dor de cabeça da *Bryonia* não só pára com os movimentos (*Spigelia*, *Eupatorium* e outras drogas têm essa característica), mas com a dor de cabeça de *Bryonia* (tipicamente) aparece a lingua branca, sede, provavelmente prisão de ventre com fezes duras e secas e a extrema irritabilidade que faz com que a

pessoa queira estar só. É sempre o conjunto de sintomas que decide; mas a gente sente-se, a maior parte das vezes, inclinada a escolher uma droga por uma peculiaridade forte, característica. Procuramos o caso na *Matéria Médica* para encontrarmos muitas vezes aí o quadro completo até aos pormenores mais aparentemente triviais, mas que não deixam de ser verdadeiramente importantes.

"Modalidades"

As "modalidades" (sintomas qualificativos), sendo peculiares e características de indivíduos e de certas drogas, revestem-se de grande importância, podendo muitas vezes considerar-se como "gerais". Por exemplo, a *agitação com os movimentos da Bryonia* compreende todos os sintomas da droga, náuseas, vômitos, desmaio, dores reumáticas e de pleura. Tudo isto só é tolerável quando se está em descanso. A *Bryonia* tem duas modalidades salientes, *piora com os movimentos e melhora com a pressão* — que conserva as partes doloridas em repouso.

Sintomas comuns

3 — Depois há os Sintomas Comuns, comuns a muitas doenças e a numerosos remédios e que, portanto, não diagnosticam nada, a não ser qualificados. Tais sintomas são vômitos, diarreia, suores, reumatismo, sede... e devem ser qualificados de modo que sejam de utilidade na escolha do remédio. Vômitos de bilis ou de sangue; vômitos quando se está de pé, ou passeando, depois de comer ou de beber, ou somente depois de se tomarem bebidas quentes ou frias; aqui o médico está-se aproximando de uma prescrição possível. A diarreia, por si só, não tem valor para nós, porque centenas de drogas purgam; mas os vômitos conjuntamente com a diarreia requerem muito poucos remédios, além do *Arsenicum*; ou a diarreia associada a excessivas ânsias após o defecar, ou imediatamente depois da refeição, ou às 5 da manhã (*Aloe*), ou arrancando o paciente para fora da cama (*Aloe*), ou a incapacidade, com muito esforço, para evacuar, quando uma grande descarga de fezes sai daí a pouco sem o doente dar por isso (novamente *Aloe*), que é espetacularmente curativo aqui. Os sintomas comuns qualificados podem ser, na doença aguda, tudo o que o clínico tem para designar o remédio e que bastem para isso. Eles partilham do "estranho, raro e peculiar" de Hahnemann; são de extraordinária importância, do que tornaremos a falar daqui a pouco.

Sintomas mecânicos

Outrossim, os sintomas que dependem de causa mecânica não caracterizarão o paciente e muitas vezes, além disso, não podem ser tomados em consideração, por mais urgência que haja em tentar escolher a droga curativa. Tais são: frequência de micção com uma pedra na bexiga ou um fibroma instalado no pêlvis, ou a urina a gotejar duma bexiga muito distendida; dores provocadas pela pressão nervosa e originadas por qualquer subluxação articular, tantas vezes a causa da ciática; a epilepsia jacksoniana etc. etc. Isso tudo requer auxílio mecânico. Não diagnosticam propriamente o doente; o que reclamam é a interferência mecânica nos seus órgãos. Podem constituir parte muito grande do seu sofrimento, mas são de pouco auxílio a respeito da prescrição do remédio da reação vital.

Sintomas mentais

Mas, entre os *Sintomas Gerais*, os mais importantes, e aqueles que devem entrar no quadro, se se quer que a prescrição seja feliz, são quaisquer SINTOMAS MENTAIS VERDADEIROS E SALIENTES, especialmente se forem devidos à doença ou formem parte dela.

Sintomas estranhos, raros e peculiares

E a seguir em importância são os SINTOMAS ESTRANHOS, RAROS E PECULIARES que caracterizam esta doença neste paciente, quer sejam mentais, gerais, ou apenas particulares (isto é, pertencentes apenas às suas partes afetadas). Pesam muito na determinação do remédio. Por exemplo, um desejo desordenado de queijo leão, mais duma vez, sugerido *Cistus Canadensis* para um enfermo com catarro renitente e resfriados constantes, o qual, tendo-se mostrado de bom efeito, elimina o estado mórbido do doente. Ou, na esfera mental, um paciente, a sofrer muito, com a face ou partes azuladas, com ciúmes e suspeições; incapaz de suportar o contacto de roupas ou o toque na garganta; que precisa estar sempre falando se não sufoca, só requer um remédio, um único (*Lachesis*), chame-se como se chamar a doença, seja dor de cabeça, difteria, gastrite, doença cardíaca; ao passo que outro, com os mesmos ciúmes e suspeições, mas lacrimoso e terno, e não sufocando por toque ou contacto, mas num aposento quente, e sumamente intolerante ao ar frio ou à mais leve corrente de ar fresco, precisa, não de *Lachesis*, mas de *Pulsatilla*; ou um terceiro, também suscitoso e ciumento, mas colérico

e apaixonado, e que não tolera absolutamente bebida fria nem nenhuma outra, requererá, não *Pulsatilla* ou *Lachesis*, mas *Nux Vomica*.

É dessa maneira que os sintomas, especialmente os sintomas característicos e imprevistos (*totalidade dos sintomas característicos* de Hahnemann), fazem o seu forte apêlo para o remédio que lhes corresponde e, por consequência, remédio curativo. Porque, sempre que os sintomas concordam na droga e no enfermo, os resultados tornar-se-ão prontamente manifestos.

Ouçamos Hahnemann (*Organon*) sobre os Sintomas:

Visto que as doenças são apenas as aberrações da saúde que se declaram por sintomas;

E visto que a sua cura é apenas possível pela mudança dessas aberrações em saúde:

É evidente que os medicamentos nunca poderiam curar doenças se não fivessem em si próprios o poder de alterar a saúde do homem, as suas sensações e funções, e que o seu poder curativo deve ser atribuído ao seu poder de subverter a saúde.

Esse poder imaterial de alterar a saúde jaz oculto na natureza íntima medicamentosa. Nunca se pode descobrir por qualquer processo de raciocínio. É apenas observando os seus efeitos sobre a saúde que tais poderes se podem determinar.

Onde as drogas atuam como agentes curativos, fazem-no apenas pelo seu poder de alterar sensações corporais, produzindo sintomas peculiares.

Por conseguinte, temos de confiar nas perturbações mórbidas no organismo são, como a única possível revelação do seu inerente poder curativo. É somente por tais perturbações que descobrimos o poder de produzir doença e o poder de curar doença possuído por cada droga.

As drogas não manifestam outro poder curativo, a não ser a sua tendência para produzir sintomas mórbidos nos saudáveis e para os eliminar nos doentes.

Tanto a prática como a experimentação provam que sintomas persistentes de doença são imperfeitamente aliviados por uma droga de sintomas contrários, pois que, depois do alívio aparente, irrompem, de novo, com aumentada intensidade, manifestamente agravados.

Dessa forma, o que se impõe é apenas o método homeopático de aplicar remédios. Aqui, escolhe-se a droga que enfrente a totalidade dos sintomas mórbidos. Esta droga (préviamente experimentada em indivíduos são) deve, acima de

tôdas as outras, possuir o poder de criar uma *condição mórbida artificial*, muito semelhante à da doença natural.

Novamente um pouco do *Organon*:

Numa doença, da qual não se tem de remover nenhuma causa que a provoque ou que a mantenha, nada se deve observar senão os sintomas. Esses somente, com a devida atenção à possibilidade de algum *zoonoma* (micro-organismo parasítico — vide *Doenças Crônicas*) e às circunstâncias acessórias, devem constituir o meio por via do qual a doença requer e designa o seu agente curativo.

Por isso, a totalidade desses seus sintomas (*este quadro externamente refletido da natureza interna da doença, isto é, do princípio vital sofredor*), deve ser o principal ou o único meio pelo qual a doença pode fazer conhecido o remédio de que ela precisa: — a única coisa que pode determinar a escolha do remédio mais apropriado.

É tão impossível conceber como demonstrar que, depois da eliminação de todos os sintomas da doença e do conjunto dos fenômenos perceptíveis, possa permanecer qualquer coisa que não seja a saúde, ou que os processos mórbidos no interior continuem ainda ativos.

Na saúde, o princípio vital imaterial (o dinamismo que anima o corpo material) governa com discrição ilimitada e retém tôdas as partes do organismo numa admirável e harmoniosa operação vital, tanto quanto às sensações como às funções, a fim de que a nossa alma dotada de razão possa livremente empregar esse instrumento vivo, saudável, para os desígnios mais altos do nosso ser...

O organismo material, sem a força vital, não é capaz de nenhuma sensação, nenhuma função, nenhuma conservação: recebe tôdas as sensações e desempenha tôdas as funções da vida, unicamente por meio do ser imaterial (o princípio vital) que anima o organismo material na saúde e na doença.

Na doença, é esse princípio vital, imaterial, que é primeiramente alterado pela influência dinâmica de qualquer agente mórbido, inimigo da vida.

É apenas esse princípio vital anormalmente modificado que pode provocar sensações mórbidas no organismo e *determinar a atividade funcional anormal a que nós chamamos doença...*

As doenças são somente produzidas pelo princípio vital mórbidamente perturbado...

Dentro do corpo humano, não há desordem curável nem alteração mórbida invisível e curável, que não se torne co-

nhecida como doença ao observador exato por meio de sinais e sintomas, de inteira conformidade com a infinita bondade da divina Sabedoria.

A parte ou o todo

"Distinguir entre o que se relaciona com o doente e o que se relaciona com uma parte é essencial no estudo da Matéria Médica. Tudo o que se relaciona ao doente é geral, tudo o que se relaciona a uma parte é particular. Essas duas coisas podem opor-se uma à outra e por isso o estudante da Matéria Médica ficará algumas vezes embaraçado, porque encontrará agravação com o movimento e alívio com o movimento, registrados sob o mesmo remédio. É somente pelas fontes da Matéria Médica, isto é, pelos experimentos e pela administração do remédio, que nós podemos observar o que é verdadeiro acerca de uma parte e o que é verdadeiro acerca do todo. Encontramos, às vezes, um paciente que quer estar num quarto quente com a cabeça fora da janela para alívio da cabeça. Em tal caso, a cabeça é aliviada pelo frio e o corpo é aliviado pelo calor. Isso é um sintoma típico de *Phosphorus*, que alivia pelo frio quanto aos sintomas da cabeça e do estômago, mas agrava com o frio quanto aos sintomas do tórax e do corpo. E assim, se o paciente de *Phosphorus* tem vômitos e sintomas de cabeça, diz: "Quero ir para o ar livre e que tomar coisas frias; mas se ele tem sintomas do tórax e dores nas extremidades, diz: "Quero ir para dentro de casa aquecer-me". E justamente como vemos isso nos doentes, assim o é no estudo dum remédio: devemos discriminar." — *Kent*.

Valor comparativo dos sintomas

"Esta questão de temperatura é freqüentemente de muito valor quando o corpo, como um todo, é marcadamente afetado por uma temperatura, e algum órgão especial pelo oposto; por exemplo, deparamos com uma aversão geral ao frio com o *Ammonium carb.* e *Carbo vegetabilis*, e contudo a respiração dessas pessoas é aliviada com o ar frio. *Cycl.* produz a mesma agravação, exceto quanto à sua dor de cabeça e catarro; *Magnesia phos.*, exceto pela sua tosse e algumas dores de cabeça; *China*, exceto pelos seus sintomas do estômago; ou *Phosphorus*, exceto pelas suas dores de cabeça e sintomas do estômago. Ou como um paciente que sofria de cefalalgia e de reumatismo geral do corpo observa, se pudesse ter o corpo num banho quente e a cabeça numa cuba de gelo, seria extraordinariamente feliz. Inversamente, a agravação geral do calor de *Lycop.*, exceto pelos seus sintomas do estômago

e alguns reumáticos; ou *Secale*, exceto por algumas dores de cabeça e nevralgias, ilustram o valor disto" — *Dr. Gibson Miller*.

Sintomas estranhos, raros e peculiares

"Críticos capciosos e estudantes presunçosos têm troçado do grande número de sintomas peculiares e para eles triviais, que aparecem na *Matéria Médica*, e também nos registros clínicos da Homeopatia — sintomas que não aparecem em qualquer outra parte da literatura médica e que não receberam o selo de aprovação das autoridades vigentes. O médico vulgar nunca lhes dá qualquer atenção quando os doentes falam deles; o clínico negligente nunca faz uso deles, ao escolher o seu remédio, e o patologista não sabe explicá-los. Contudo, eles estão dentro da Matéria Médica e em casos relatados por muitos dos nossos maiores clínicos que declaram que os acharam úteis e até indispensáveis." *Smart Close, M. D. (Recorder, E. U. da América)*.

Os próprios sintomas mentais têm hierarquia

"A irritabilidade e a depressão mental evocam um grande número de remédios e formam o centro em volta do qual giram todos os sintomas mentais, em alguns casos. A razão de serem estas mais interiores do que alguns outros sintomas do espírito é porque se relacionam com as próprias afecções. Os sintomas mentais podem ser classificados num remédio. As coisas que se relacionam com a memória não são tão importantes como as coisas que se relacionam com a inteligência e as coisas que se relacionam com a inteligência não são tão importantes como as coisas que se relacionam com as afecções, ou desejos ou aversões.

Vemos, num estado de irritabilidade, que o doente não é irritável quando faz as coisas que deseja fazer; se quer que lhe falem, por exemplo, a gente não descobre a sua irritabilidade enquanto conversa com ele. Nunca descobrimos que ele é irritável enquanto fazemos aquilo de que ele gosta. Mas precisamente quando fazemos aquilo que ele não quer, esta irritabilidade ou perturbação da vontade vem à superfície, e isto é o verdadeiro estado do espírito do enfermo, de que aquilo que ele deseja pertence aquilo que ele quer e as coisas que se relacionam com aquilo que ele quer são as coisas mais importantes em todo o experimento. Pode-se dizer que um indivíduo está triste, mas ele está triste porque lhe falta alguma coisa de que precisa; deseja alguma coisa que não tem e fica triste por isso. A tristeza pode alcançar tal grau que ponha a mente em confusão". — *Kent*.

Sintomas negativos

"Os sintomas positivos são de toda a importância: os sintomas negativos são de menor ou de nenhuma importância.

Nem todas as pessoas podem apresentar todos os sintomas de qualquer droga, num experimento; ou reagir *in totum* a qualquer doença.

O fato de que uma pessoa só pode defecar em pé pode constituir sintoma forte e peculiar, sugerindo *Causticum*, que se deve aplicar nesse caso. Mas o fato de que uma pessoa pode defecar da maneira usual não contra-indica *Causticum*.

O fato de que uma pessoa "piora ajoelhada" sugere *Cocc.* e *Sepia*, ou "se sente desmaiar quando se ajoelha", sugere *Sepia*. Mas o fato de que uma pessoa se pode ajoelhar sem desmaio não contra-indica *Sepia*. Talvez nenhum em cem pacientes de *Sepia* se queixe desse sintoma.

O fato de que as gorduras repugnam a uma pessoa sugere *Pulsatilla* como uma dum grupo de drogas que podem ser de auxílio, nesse caso; mas o fato de que qualquer doente come e saboreia as gorduras não exclui a *Pulsatilla* se o resto dos sintomas, e especialmente os mentais, requererem esse remédio.

São os sintomas positivos, sempre, aqueles que temos de tomar em consideração.

...

"Ao receitar, são importantes os desvios do normal da raça, mas mais importantes são os desvios do normal do indivíduo".

Falta de adaptação

A gente pode considerar um doente como uma pessoa que cessou de se adaptar ao seu ambiente — mental e físico. Ele está fora de tom — muitas vezes de modo assaz discordante. Coisas inócuas ou imperceptíveis, ou mesmo salutares para o indivíduo normal, a ele, agora, causam sofrimento, talvez dano.

E é precisamente pela totalidade dessas reações anormais à vida, mentais e físicas, ao calor e ao frio, ao tempo úmido e ao seco, ao barulho, à luz, à sociabilidade, à simpatia, às perturbações elétricas, às gorduras, sais, doces, azedos, bebidas (quentes ou frias), ao vestuário, ao toque, ao sono, à contradição, com receios recentemente desenvolvidos e sensibilidades, que estamos aptos a escolher um remédio que alterou o ritmo de uma pessoa saudável da mesma maneira, e aplicando-o, estimular o seu retorno à normalidade.

"O senhor só pergunta as coisas más!" foi o comentário pertinente de um moço que assistia ao interrogatório clínico dum seu irmão enfermo. Exatamente! Se não houvesse "coisas más", nenhum desvio do normal, a pessoa estaria sã e não doente. É apenas por causa das "coisas más" que um instrumento pode ser rigorosamente escolhido para servir. Não serve qualquer chave para qualquer fechadura. Se a chave se ajusta, a fechadura cede; não de outro modo. E se o remédio se ajusta, o doente reagirá; não de outro modo.

A Homeopatia é largamente alicerçada sobre uma grande extensão daquilo que agora se designa com o nome de "alergia".

Tratamento pelo nome da doença

"Desde os dias de Hahnemann, novas doenças, provavelmente as centenas, têm sido descobertas, descritas e tituladas, geralmente com o nome do homem que primeiro as trouxe à luz por meio de brilhante e trabalhosa monografia. E para todas elas, se procuram febrilmente "tratamentos".

Mas — elas sempre existiram! apesar de não conhecidas, e o homeopata tem sempre os meios de tratá-las, visto que para ele, assim como para Hahnemann, quando é preciso prescrever, não há doenças; apenas pessoas doentes. E cada doente, de per si, tem de ser considerado de acordo com os seus sintomas individuais. Os nomes das doenças têm utilidade para a classificação; para receitar, são inúteis.

Um diagnóstico nem sempre é possível. O remédio deve ser — isto é, para o clínico homeopata, cujo êxito depende da sua habilidade para reconhecer no paciente aquilo que tem de ser curado, independente do seu nome, e aplicar para o seu alívio a droga semelhante.

Observai o redemoinho dos novos tratamentos, descobertos, experimentados, dados como inúteis e abandonados, contudo, sempre sucedidos por nova avalanche. Depois, "contrastai isso com a confiança calma do homeopata. Para esse doente, qualquer que seja a sua doença, tenha ela sido há muito descoberta, recentemente descoberta ou ainda não descoberta, e chamemos-lhe o que lhe chamarmos, há apenas um remédio no momento, a saber, aquele que é requerido pelos sintomas."

...

E a respeito dos SINTOMAS MENTAIS, Hahnemann diz mais, no *Organon* e na sua *Matéria Médica Pura*:

"O estado do temperamento e da mente do paciente é muitas vezes da mais decisiva importância na seleção homeo-

pática do remédio, sendo um sintoma, distinto e peculiar que, menos que todos, não deve escapar à observação do médico.

Um dos principais sintomas na doença é o estado da disposição do enfermo.

Deve prestar-se atenção especial aos sintomas da disposição, para verificar se são semelhantes...

... Cada substância medicinal afeta a mente de maneira diferente."

Por exemplo:

"*Acônito* raras vezes ou nunca efetuará uma cura rápida ou permanente num doente de disposição sossegada, calma e equilibrada; e da mesma forma *Nux. vomica* quando a disposição é suave e fleumática, *Pulsatilla* quando é feliz, alegre e obstinada, ou *Ignatia* quando é imperturbável e nem inclinada para o medo nem para sofrer vexames".

...

A respeito da HIERARQUIA DE SINTOMAS, Hahnemann diz:

"Devem notar-se e considerar-se especialmente, e quase exclusivamente, as características do caso de doença mais proeminentes, mais invulgares e mais peculiares; porque *esses devem, particularmente, apresentar a mais estreita semelhança aos sintomas do remédio desejado, se se quer realizar a cura.*

Os sintomas mais gerais e indefinidos, falta de apetite, dores de cabeça, fraqueza, sono inquieto, angústia etc., a não ser que sejam mais intensamente definidos, merecem muito pouca atenção por causa da sua indeterminação e porque generalidades dessa espécie são comuns a todas as doenças e a quase todas as drogas."

Diz que quando a doença e o remédio apresentam "sintomas proeminentes, invulgares e característicos, uma doença de data recente será geralmente cancelada e extinta, sem complicações adicionais, com a primeira dose de remédio".

...

Hahnemann também diz: "*No Organon da Medicina, ensinei esta verdade, que os medicamentos que atuam dinamicamente extinguem as doenças apenas de acordo com a similaridade dos seus sintomas.*

Aquêle que tenha percebido isso compreenderá que se uma obra sobre *Matéria Médica* pode revelar as qualidades precisas dos remédios, essa deve ser uma obra da qual se tenham excluído toda a mera afirmação e ociosa especulação sobre a reputada qualidade das drogas e que apenas registre o que os medicamentos exprimem quanto ao seu verdadeiro modo de ação nos sintomas que produzem no corpo humano. Por isso, o clínico regozijar-se-á de achar aqui um modo pelo qual possa eliminar as doenças dos seus semelhantes com segurança, rapidez e permanência, conseguindo-lhes as bênçãos da saúde com maior certeza". (*Matéria Médica Pura*).

Sintomas

"O médico observa os desvios da condição anterior de saúde do doente, sentidos por ele, reconhecidos pelas pessoas que o rodeiam e nele observados pelo próprio médico. Todos esses sinais observados representam em conjunto a doença em toda a sua extensão..." (*Organon*).

Numa doença que não apresente nenhuma causa manifestamente provocadora ou persistente para que se remova, nada se deve discernir senão os sintomas. Só esses (com a consideração devida à possível existência de algum miasma...) devem constituir o meio pelo qual a doença requer e designa o seu agente curativo. Por isso, a totalidade dos sintomas... deve ser o principal ou único meio pelo qual a doença revela o remédio necessário para a sua cura... (*Organon*).

... A menor coisa que fique em germe pode eventualmente reproduzir em cheio a doença" (*Doenças Crônicas*).

A totalidade dos sintomas

"Além da totalidade dos sintomas, é impossível descobrir qualquer outra manifestação pela qual as doenças possam exprimir a sua necessidade de alívio. (*Organon*).

Manifestações distintas, sensíveis de doença, apelando claramente para o nosso auxílio por meio dos sintomas, são desdenhosamente rejeitadas como indignos objetos de cura. Elimina a cura alguma coisa, a não ser isto?" (*Organon*).

Quando um clínico conseguir remover inteiramente todos os sintomas, certamente terá ele curado a causa obscura e interna da doença." (*Organon*).

Alguns excertos de conferências e artigos

"Os remédios, para serem úteis, têm de se ajustar não só à *doença*, mas ao *indivíduo* com a doença.

Um homem precisa dum terno de roupa. Não lhe basta telefonar a um alfaiate: Quero um terno para homem! Seria muito fácil se precisássemos apenas dizer: Quero um remédio para vômitos, para bronquite; como se nada mais fôsse necessário. Mas uma casaca é inútil para um trabalhador do campo, como as peliças são impróprias para os trópicos. As roupas devem-se ajustar inteiramente ao homem quanto ao seu tamanho e talhe, aos seus gostos e exigências."

...

(Por que nos preocupamos tanto com Sintomas Gerais (ou Gerais), com as reações do doente como um todo (não pedaço dele), com tais condições como as do calor e do frio, da umidade e do tempo seco, da trovoadas, do dia e da noite, horas especiais e outras circunstâncias?

"Por que nenhum de nós é igual a respeito dessas coisas, em bora sofrendo da mesma doença.

É inútil diagnosticar "reumatismo" e depois receitar um remédio "reumático".

Um enfermo reumático entra num consultório e diz: "Doutor, este é um dos meus dias maus. Está chovendo". Segue-se um segundo que se regozija: "Estou ótimo hoje. Olhe! as minhas articulações estão livres, não sinto dor. Fico sempre assim quando chove a cântaros".

Rhus tox. e *Causiticum* são remédios reumáticos. Mas *Rhus* nunca será útil à pessoa que se sente pior no tempo seco, nem *Causiticum* à pessoa que fica pior com a umidade. Essas duas drogas podem afetar precisamente os mesmos tecidos precisamente do mesmo modo, mas nunca curarão os mesmos doentes.

Por consequência, tais sintomas, se bem assinalados, são guias importantes para a escolha do remédio...

Portanto, os sintomas peculiares, que parecem tão absurdos, podem levar-nos a tomar em consideração qualquer remédio que, de outro modo, nunca nos lembraria) Por exemplo:

Um dos nossos médicos, quando era estudante, depois duma manhã de prática farmacêutica, experimentou sensação estranha, ao deitar-se à noite. Era como se um globo de metal fino se estivesse quebrando na base do cérebro, cujos fragmentos se ouziam ti-

nir, ou cuírem. De manhã, fêz-se uma busca nas drogas que se tinham manuseado durante a aula de farmácia e foi de fato encontrado esse sintoma em *Aloe*. Muitos anos depois, uma doente revelou esse extraordinário sintoma, e lembraram-se de que *Aloe* também tinha produzido as dores de cabeça de que ela se queixava, e *Aloe* curou-a.

Um jovem médico estava angustiado porque um lado do seu rosto extravasava de suor enquanto o outro estava seco. Tinha tomado *Pulsatilla* para qualquer incômodo e estava experimentando-a.

Um menino mentalmente deficiente, era, entre outras anomalias, terrivelmente ciumento do homem com quem sua irmã estava comprometida. Sempre que o noivo a visitava, o rapaz ficava muito travesso e *defecava nas calças!* Verificou-se que esse era um sintoma do *Hyoxygamus*, *defecação involuntária por excitação*. Deram-lhe uma dose de *Hyoxygamus c. m.* (em extrema atenuação homeopática), e a próxima informação foi que "tôda a gente notou que ele ficou mais sossegado e que, apesar de o noivo da irmã ter estado na casa, não se tinha mostrado ciumento..."

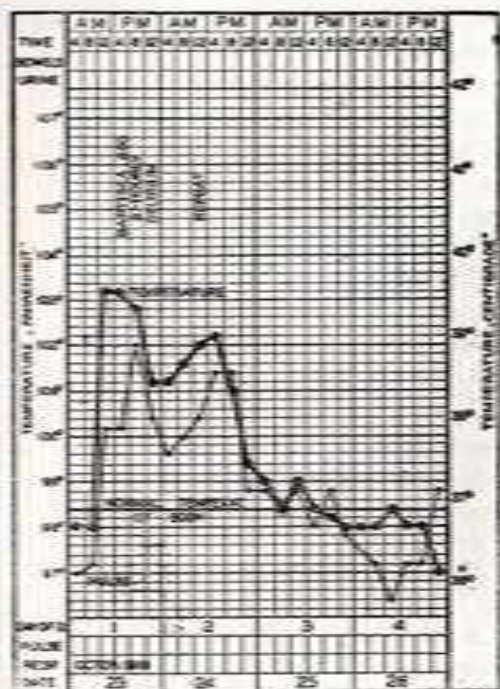
O falecido Sir James Mackenzie insistia em que o doente é o nosso problema. Ele é um verdadeiro cosmos em si próprio, diferente de qualquer outro ser humano vivo. As suas reações e respostas aos estímulos, quer da droga, quer da doença, são de especial interesse e importância. O diagnóstico deve penetrar mais fundo que na mera causa próxima — mais fundo que naquelas condições prévias que permitiram a doença — indo até às ocultas atividades da vida, às quais a resposta curativa está indissoluvelmente ligada.

Grande parte da obra de Mackenzie podia ter sido escrita por *Hahnemann*. Ele, como *Hahnemann*, diz: O que é importante para nós é o *involgar*, o *inesperado* na reação do paciente aos estímulos, externos ou internos, mentais ou físicos, ligados ou não à doença, a fim de podermos ter qualquer conhecimento, fraco que seja, dos mais íntimos e mais profundos processos vitais.

Mas *Hahnemann* vai mais longe, porque diz: "As características mais *proeminentes*, *involgares* e *peculiares* do caso de doença devem ser especialmente e quase exclusivamente notadas; porque estas, em especial, devem ter a mais estreita semelhança com os sintomas do remédio que se deseja, se se quer curar." (Opúsculo de ensino).

EXEMPLOS DE CURAS HOMEOPÁTICAS RÁPIDAS EM DOENÇAS AGUDAS

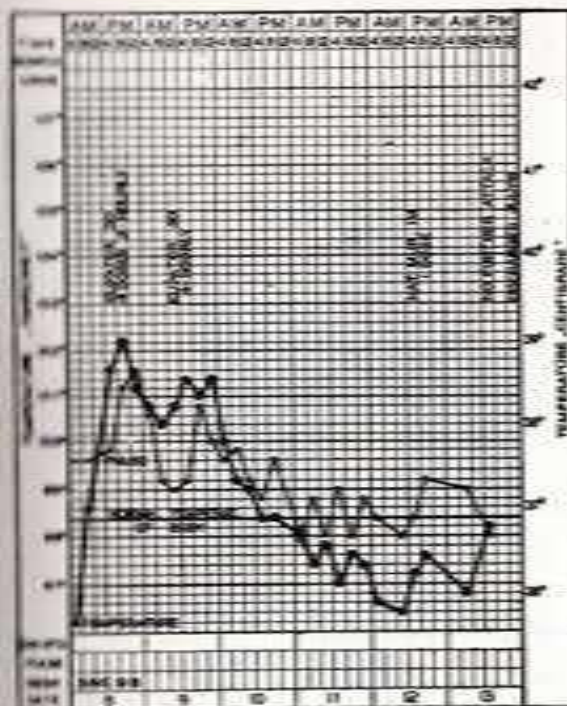
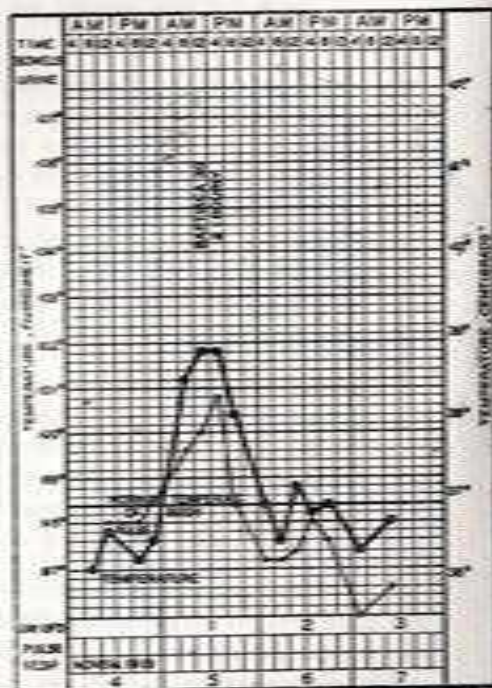
Nos primeiros dias após a 1.ª Guerra Mundial, grande número de casos de pneumonias mortais e "pneumonias gripais" vieram ter ao nosso Hospital de Londres. Entre esses, houve alguns casos de *Baptisia* e *Baptisia* niles atacou rapidamente. Mostraremos aqui dois desses casos, porque os pacientes estiveram no Hospital nessa época, para que se possa ver a subitaneidade do ataque e a rápida ação curativa da *Baptisia*.



Caso de gripe de forma gastrintestinal num doente em observação por úlcera gástrica. Idade: 49 anos. Em 23 de outubro de 1918 a temperatura sobiu rapidamente a 39.4. Dor de cabeça; dores no corpo todo; fezes líquidas, amareladas e de pouca quantidade; mucosanguinolentas e com fragmentos de membranas. Dores abdominais. Delírio à noite. O caso mostra o súbito e grave ataque e a súbita cessação de sintomas com *Baptisia*. Depois de 11 defecções assim a 24, houve uma defecção normal a 25 e a 26.

Como diz: "Todo o remédio tem uma marcha — uma velocidade. *Baptisia* produz um estado infeccioso mais rapidamente que a maioria dos outros remédios. Aceleração rápida para a morte; prostração mais rápida que o costume". "Estúpido — entontado — abóbado dilatado boca pútrida". Esse é o tipo de gripe que *Baptisia* cura com igual rapidez.

Doente do Almirantado, marinheiro de 38 anos, mandado para o Hospital Homeopático de Londres com maleita — surdo por causa do quínino. Depois de *Natrum muriaticum* 200, permaneceu bem até 5 de novembro, quando a temperatura sobiu repentinamente, com mal-estar, calafrios e dores em todo o corpo. Falava de olhos fechados, língua suja, hálito fétido. *Baptisia* de 1/2 horas prontamente terminou o ataque.



Erisipela da face com paratidite aguda.

Menina de seis anos e meio, deu entrada no dia 14 de fevereiro de 1919. Mandada, por falta de leitos, por outro hospital, onde, a 11, tinham-lhe aberto um abscesso (face esquerda) na boca. A criança estava muito mal, com bocha amarela na bochecha, muito edema e halo inflamatório de bordos elevados — o aspecto logo passou a ser o da erisipela. Olhos fechados. Temperatura de cerca de 40°, pulso acima de 150. No dia 15 havia muito edema e foi feita uma incisão na bochecha, no lugar em que parecia formar-se um abscesso, mas apareceu muito pouco pus (*estreptocóccico*). "Ha três dias que estava muito pior, quando *Lach.* a curou em tempo notavelmente curto". (Era do lado esquerdo e sob o edema mole, sentia-se a parótida aumentada e endurecida).

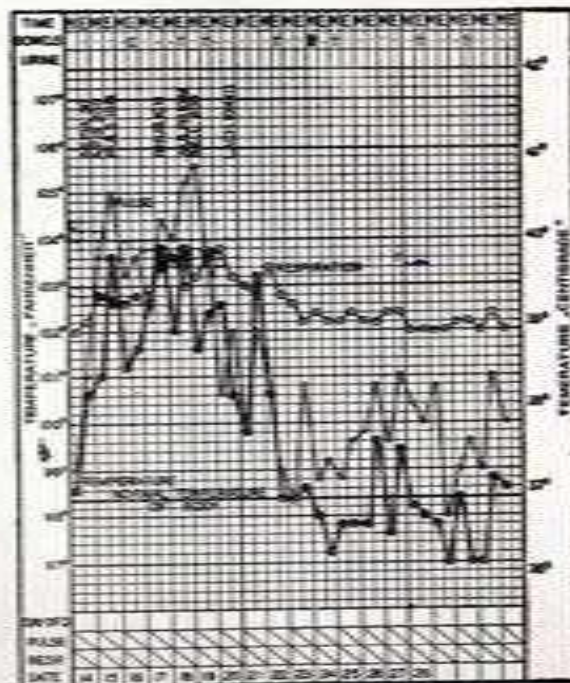
Lachesis não só tem liberalidade esquerda, mas usualmente as partes inflamadas são arriçadas ou adquirem cor de gurgara.

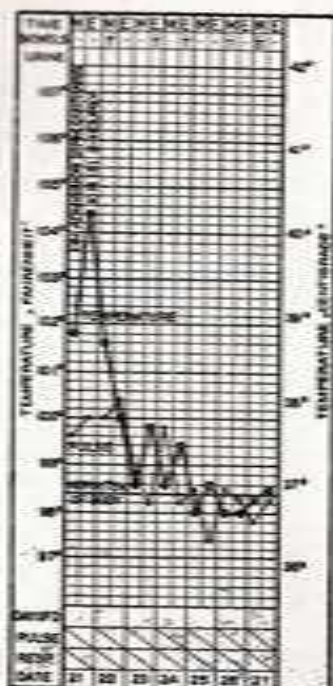
Um caso de *Eupatorium*.

Recebi num doente do Almirantado, mandado durante a Guerra, com maleita. Depois de estar há um mês no Hospital, começou com gastrite às 7 hs. da manhã, dor nos ossos do corpo, subindo a temperatura. As 8 horas da tarde suava profusamente. Por causa da febre, dos ossos doloridos e da temperatura de manhã cedo, foi-lhe administrado *Eupatorium* 30, 4 doses de 1/2 hora. Isso foi repetido no dia seguinte, acabando com a crise. Permaneceu no Hospital até 11 de junho, sem mais nenhuma crise e foi-lhe dada alta, curado.

N. B. — Alguns dias depois desta crise, recebeu uma dose de *Natr. mur.* 1.000. Em casos de malária *Eup.* pert. é dado na crise aguda, com os ossos doloridos; ao passo que *Natr. mur.* é um dos remédios para curar a maleita.

Os sintomas grafados são os típicos de *Eupatorium*.





Erisipela — Cantharis.

Garôta de 9 anos. Deu entrada no dia 21 de janeiro de 1936. Antecedentes de 7 a 8 semanas. Começou com uma pancada na perna, que infeccionou. Tinham-na tratado em casa.

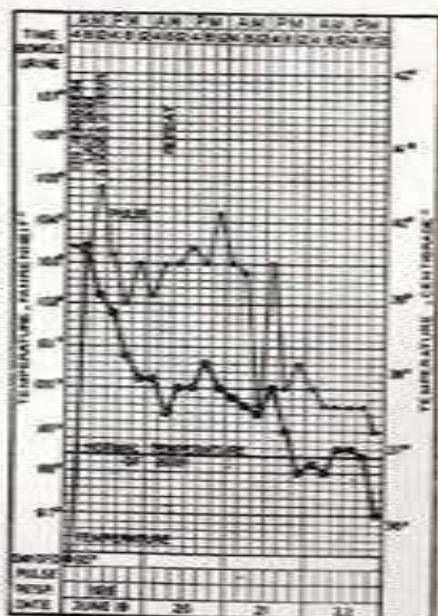
Quando entrou, não se podia sustentar na perna. No meio da tíbia havia uma crosta da antiga lesão e do tornozelo ao joelho a pele estava vermelha, levantada, com bolhas amareladas em algumas pequenas áreas. Muito sensível ao toque. Adenite inguinal. Temperatura: 38,8 a 40,2. Canth. 10.000, 6 doses, de 2/2 horas. Externamente, Cantharis em aplicação local. A temperatura desceu logo, ao passo que a vermelhidão etc. "sumiu como por encanto".

Inflamações vermelhas, com edema, queros, com bolhas — sugerem Cantharis.

Difteria — Lachesis.

Lactente de 5 meses, do sexo feminino, deu entrada às 5 da manhã, no dia 19 de junho de 1918. A mãe disse que a criança estava normal quando a pôs na cama. Mas às 4 horas da manhã acordou e encontrou a criança "preta" e por isso a trouxe ao Hospital às 5 horas. A temperatura retal era apenas de 35°. Criança bem nutrida, nada no peito ou no abdome; mas com a face escurecida, irritable, língua tumida e secreção de côr entre o castanho e o avermelhado escapando pela boca. Estrepto e cultura mostraram numerosos bacilos diftéricos. Foi administrado Lachesis 200, de 2/2 horas e a temperatura que tinha subido de 35° às 4 da manhã para 39,4 às 8 horas, baixou rapidamente. Com a segunda cultura, somente 34 horas depois da primeira, "nada se desenvolveu, a cultura foi estéril". Nova anotação, alguns dias depois, diz: "Criança contente, sorridente, com boas ojeas".

N. B. Na difteria o remédio de acôrdo com os sintomas (Lachesis, Lycop., Merc. cyan., Diphtherinum ou qualquer que seja), não só alivia e cura, mas a garganta ficará estéril em 24 a 48 horas.



LIÇÃO QUINTA

"O primeiro dever do médico é averiguar a condição exata do doente: a causa da doença, o modo de vida, a natureza da mente, a força e o caráter dos sentimentos, a constituição física e especialmente os sintomas da enfermidade... de acôrdo com as regras do Organon.

"... Depois, procura descobrir o verdadeiro remédio homeopático."

(Doenças crônicas, pág. 152).

A RETRATAÇÃO DO CASO

Talvez o problema mais difícil da homeopatia seja a retratação do caso. O profano pode pensar: qualquer pessoa pode retratar o caso, mas é preciso um bom clínico para descobrir a droga, ao passo que é exatamente o contrário o mais difícil. Quando um caso é bem retratado, o trabalho está praticamente acabado; mas sem que o caso esteja bem retratado, ninguém pode receitar corretamente.

Não é apenas pelos sintomas que podemos fazer o diagnóstico: êsses devem ser cuidadosamente notados e registrados, mas precisamente onde a Velha Escola pára, nós começamos. Os contos da carochinha (*), que o médico da Velha Escola põe impa-

(*) — (Nota de Hahnemann). O médico da velha escola pouco se importava com esse assunto. Não queria escutar nem mesmo os pormenores das circunstâncias da enfermidade do doente; na verdade, interrompia frequentemente a relação dos seus sintomas, a fim de não se demorar na escrita rígida da sua prescrição (composta de uma variedade de ingredientes cujos verdadeiros efeitos ele desconhecia).

Nenhum médico alopatha procurava saber todas as circunstâncias minuciosas da doença do paciente, e muito menos as notava por escrito. E ao tornar a ver o paciente, após alguns dias, não se lembrava dos poucos pormenores que ouvira na sua visita anterior (onde visto nesse intervalo tantos enfermos); tinha-se entrado todo por um ouvido e saído pelo outro. Em visitas subsequentes, apenas fazia algumas perguntas gerais, passando à cerimônia de tomar o pulso e ver a língua, antes de escrever outra receita — sem os mesmos princípios irracionalistas — ou mandando continuar com a pilheria (em grandes quantidades, várias vezes ao dia); então, com uma vênha graciosa, corria a ir ver o quinquagésimo ou sexagésimo doente que tinha de visitar no decurso da tarde.

A profissão que, acima das outras, exige reflexão, o exame cuidadoso e consciencioso de cada indivíduo doente e um tratamento especial fundado nisso, era assim exercida por pessoas que se chamavam, a si próprias, médicos, clínicos racionais. O resultado era, como se podia esperar, quase invariavelmente mau e contudo os doentes tinham de continuar a consultá-los, em parte porque não havia melhor, em parte, por medo.

cientemente de parte, por não terem importância para elle, são muitas vezes factores essenciaes que conduzem a uma prescrição homeopática feliz.

Mas o DIAGNÓSTICO deve ser efetuado, quando possível, registrando-se as anomalias patológicas e as observações que se fizeram: (a) por amor da própria reputação do médico; (b) para observar o decurso da doença e o resultado do tratamento; (c) pela necessidade de differenciar, muitas vezes, coisas dependentes da causa patológica e que, portanto, não caracterizam um doente individual; (d) porque pode determinar grande variação na preparação homeopática empregada, especialmente no inicio do tratamento quando há grosseiras modificações estruturais, com destruição de tecidos, como na tuberculose adiantada. Aqui, é melhor principiar cautelosamente, para prevenir o risco de provocar uma reacção demasiado violenta, não tolerada pelo enfermo.

(a) Não fala em favor do bom nome de um médico, a preocupação com os sintomas e a receita, ao extremo de se descuidar de examinar — por exemplo o reto, quando um doente se queixa de "hemorróidas", deixando que um clínico mais consciencioso diagnostique, mais tarde, carcinoma inoperável. O remédio — sim! — mas também, o diagnóstico! "Isto devemos nós fazer, sem descurarmos uma coisa nem outra."

(b) Nós podemos, muitas vezes, ao tratar dum doente, curar coisas de que nunca ouvimos falar; assim, ao curar uma dor de cabeça rebelde, curar também, inadvertidamente, com grande surpresa do doente, uma alopecia de que elle nunca tinha falado. Ou, por outro lado, quando ao consultarmos as nossas anotações, numa visita subsequente, inquirir acerca de qualquer incômodo de que o doente se queixava, de que, porém, absolutamente se esqueceu, mas que está registrado, para testemunhar o seu restabelecimento.

(c) Porque (como já dissemos) os sintomas devidos, por exemplo, a um fibroma encravado na pélvis, um cálculo na bexiga, ciática ou dores nervosas devidas a uma subluxação articular, são na maioria mecânicos e devem ser jugulados por meios mecânicos. Hahnemann insiste nisso (*). O remédio seleccionado na base de tais sintomas, sintomas dependentes de interferência ou pressão mecânica, "comuns" à affecção grosseira que os origina e não peculiares ao doente, não endireitará a articulação nem causará reabsorção; apesar de que algum outro remédio escolhido

(*) Hahnemann (Organon) diz que: "Affecções de partes externas do corpo que precisam de pericia mecânica pertencem à cirurgia, isto é, quando impedem o principio vital de realizar a cura. Tais são, a remoção de impedimentos à cura; redução de luxações; junção de lábios de feridas e de ossos fraturados; extracção de corpos estranhos; incisões, para a remoção de corpos obstructivos ou para dar livre saída a effluvis. Mas o socorro "dinâmico" será, muitas vezes, preciso para a febre e a dar conselhos pelas lesões que affectam o corpo todo, e nos quaes é imperativamente requerido o tratamento homeopático".

em vista do estado actual do paciente e completamente estranho aos enfadonhos sofrimentos de que elle principalmente se queixa, poderá causar a reabsorção do fibroma ou do cálculo.

Mas isto nem sempre é fácil. Contudo, "atrelai o vosso carro a uma estrela". Que o vosso designio, que o vosso desejo, exceda sempre o vosso alcance! Decerto encontrareis decepções, devidas talvez a insufficientes conhecimentos, ou ao numero insufficiente de drogas bem provadas; mas ireis muito mais longe do que se apenas disserdes: "Impossível! Não há tratamento para esta doença" e nem mesmo fizerdes tentativas.

Num caso de doença bem apanhado em que o problema seja posto com exatidão, qualquer pratico pode, por assim dizer, achar-lhe a equação; ao passo que o clínico mais brilhante não consegue descobrir o remédio quando o caso de doença foi apanhado por pessoa sem o mais elementar conhecimento do que o receituário homeopático significa. Precisamente faltam as coisas que elle necessita conhecer. Um clínico assim percebe perfeitamente quando as observações do hospital são primeiramente colhidas por um principiante, por mais zeloso que seja, que ainda não aprendeu o que é de máxima importância perguntar e registrar e acentuar. O médico que toma as suas próprias notas sossegadamente à sua escrevaninha consegue melhores resultados. O auxilio dos outros nem sempre nos auxilia!

E, contudo, a retratação homeopática é a própria simplicidade. Hahnemann estabeleceu, pela sua grande experiência e sagacidade, as regras, e elas continuam válidas.

(1) Anotar tudo, precisamente com as palavras empregadas pelo doente e pelas pessoas de sua companhia, registrando, logo no principio, a sua principal queixa ou sofrimento.

(2) Não tentar traduzir isso nos termos médicos atuais, o que tornaria o trabalho de comparação mais difficil. A homeopatia é toda escrita na linguagem simples que exprime exactamente o que foi sentido pelos experimentadores. Se os experimentos e a Matéria Médica tivessem sido registrados na linguagem científica do tempo de Hahnemann, a Homeopatia teria morrido depressa ou precisaria de andar sempre a ser reescrita. Esta banalidade de expressão causa espanto a clinicos acostumados aos modernos termos médicos; mas é justamente isso que tem salvado a Homeopatia. Não se encontram palavras tais como "nystagnus", "paralôia", na Matéria Médica; e se encontramos "nystagnus" no Repertório, o termo refere-se apenas a "movimentos anormais da pupila". Mas encontraremos pormenorizadas illusões de todas as espécies, podendo comparar o que verificamos no nosso doente com aquilo que foi provocado em pessoas saudáveis por qualquer droga ou drogas, sem a confusão de termos (talvez) transi-

tórios ou termos científicos locais e de teorias (talvez também transitórias) que estão ligadas a elas no nosso espírito influenciado pelas modas do tempo. Hahnemann buscou FATOS e por isso vive. As nomenclaturas e as teorias são varridas, à medida que surgem novos investigadores e novos tratadistas. Hahnemann não tinha respeito por nada, senão pelos fatos, registrados "na linguagem simples, insofismável da natureza".

(3) Nunca se deve fazer uma pergunta a que o doente possa responder com um Sim ou Não. Nunca se devem fazer perguntas que insinuem a resposta. Quanto mais prática o médico tiver de interrogatórios, mais ele compreende que há doentes que respondem "Sim" por indolência ou por incapacidade de se exprimirem corretamente; ou por distração, quando pensam em qualquer outra coisa com que desejam impressionar o médico. O clínico arguto percebe que tais respostas são perfunctórias e que nada significam.

(4) Nunca se deve fazer sugestões para o doente adotar ou não adotar. Nunca se deve perguntar: "O senhor gosta do tempo úmido, seco ou quente?" mas "que tempo é o que convém ao seu reumatismo — à sua asma" — e qual não convém. E quando o doente responde, pensai!... Durante um período de tempo muito quente, um enfermo pode dizer que preferia que estivesse frio; ou em tempo muito frio, que prefere o calor. Apenas aqueles que são extremamente afetados pelo calor ou pelo frio darão uma resposta digna de se anotar. Um doente que, no tempo mais rigoroso, diz: "Eu gosto do frio!" ou que num verão sufocante, realmente se consola com o calor, manifesta um sintoma verdadeiro e fornece ao clínico dados dignos de anotação. Mas, observe-se, "quente" (para o enfermo) pode significar "abafado" e "sem ar" o que não é absolutamente a mesma coisa. É preciso diferenciar.

(5) Devemos observar o temperamento do nosso doente, dando-lhe o devido desconto. Há hipocondríacos — há pessoas sensíveis e intolerantes, pessoas que exageram os seus males, apresentando-os a uma luz demasiadamente forte, para que o médico se impressione e redobre de esforços em seu proveito; ou, por outro lado, aqueles que occultam o que é importante, por timidez, reserva ou vergonha. A verdade deve ser íntegra, pois a verdade maior ou a verdade menor ambas tendem a desmortejar.

(6) Há também os doentes que pegaram termos científicos de médicos ou de amigos que foram tratados por médicos, ou de livros de medicina, que os não compreenderam, mas que os adotaram como aplicáveis ao seu caso, gostando de os empregar. Como recentemente, uma mulher que se analisava demasiadamente a si própria e às suas sensações. Disse que tinha "úlcera gástrica". Porém, emendou logo: "Não, não é úlcera gástrica,

mas um estômago gástrico". O clínico, enfasiado, observou-lhe: "Você sabe o que significa gástrico? O que você me está dizendo é que tem um estômago estômago". Ela percebeu e calou-se, por um momento. Depois, anunciou que tinha "ciática em todo o corpo". O médico viu-se obrigado a retorquir-lhe: "Olhe, senhora, se eu estou aqui para a tratar, a senhora e eu devemos ambos falar na mesma língua". Mas foi inútil. Os seus padecimentos eram numerosos e ela tinha-os todos catalogados na cabeça com rótulos errados.

Mas os loquazes! — O médico tem de interrompê-los a fim de obter os sintomas essenciais. Aqui, apenas o clínico tem a consolação de chegar a um sintoma mental definido — *Loquacidade!* Ou os taciturnos — os desconfiados — aos quais se têm de arrancar os sintomas, com trabalho. Alguns desses pacientes, quando, por fim, os mandamos embora, deixam-nos uma sensação: "a de que nos bateram e nos contundiram, que nos deixaram arrasados!"

Portanto, ouvi primeiro o que o paciente tem a dizer-vos e anotai-o.

(7) Depois disso, fazei com que ele qualifique as suas queixas. Tem uma dor de cabeça — que lhe parece ser a causa: Trabalho? Ansiedade? Irregularidades na alimentação? — Quando surge: Ao despertar? A qualquer hora do dia? — E quando desaparece? Que a alivia: o calor ou o frio, movimento ou descanso, comida ou jejum? E assim por diante. Na inclusa lista de perguntas úteis, podem-se empregar a respeito do doente como um todo, o seu "Eu", ou a respeito das modalidades das suas partes sofredoras, o seu "Meu" ou "Minha".

(8) Depois, tendo ouvido o depoimento do doente e feito com que ele especifique as suas anomalias quando essas necessitam de especificação, devem fazer-se-lhe mais perguntas — procurai qualquer coisa de "estranho, raro ou peculiar" que ele tenha que dizer-vos e anotai-o, como sendo de especial valor.

(9) E agora — a última coisa mas não a menor — devemos tentar esclarecer-nos acerca da sua mentalidade, especialmente das alterações da sua mentalidade devidas à doença. Se nos precipitarmos sobre esse ponto, é provável que o doente se recale, empregando as suas defesas. Consigamos a sua confiança; façamos-lhe compreender que o que desejamos é socorrê-lo de modo muito eficiente, e todo o quadro clínico se revelará proveitosamente.

O médico terá, decerto, assim registrado bastante mais do que o que precisa para identificar o caso de doença — mas deve rever tudo e verificar se tem os sintomas mentais e a totalidade dos sintomas característicos para confrontá-los com os de algum

remédio. É bom acentuar essas essencialidades. Todo o resto pode ter valor para referência e para acompanhar o decurso da doença; mas o grão que cuidadosamente se joizou — apenas alguns sintomas, muitas vezes — indicarão, ou devem indicar, o remédio.

É necessário algum esforço para apanhar o caso conveniente; mas a facilidade vem com a prática e a experiência, e vale a pena. Isto é que constitui a diferença entre o êxito e o fracasso.

Do *Organon* de Hahnemann — simplificado e condensado:

O exame individual de um caso de doença requer, da parte do clínico, isenção de preconceitos, sentidos apurados, atenção ao observar e fidelidade em anotar o caso de doença.

Para isso eu darei, aqui, apenas instruções gerais.

Fala o paciente

O paciente relata pormenorizadamente a história dos seus sofrimentos.

Aquêles que o rodeiam dizem aquilo de que o ouviram queixar-se; descrevem a sua conduta e aquilo que nêle têm notado.

O médico vê, ouve e observa tudo o que no doente apresenta caráter alterado ou desusado.

Registra com exatidão tudo o que o doente ou seus amigos lhe dizem, empregando as expressões próprias dêles.

Guardando silêncio êle próprio, deixa-lhes dizer tudo o que têm a dizer-lhe e evita interrompê-los, a não ser que se desviem para assuntos estranhos, visto que cada interrupção quebra a cadeia dos pensamentos e que aquilo que deveriam dizer já lhes não ocorre precisamente da mesma maneira.

Mas êle aconselha-os, no principio, a falar devagar, a fim de que possa anotar os pontos importantes.

Começa uma nova linha com uma nova circunstância mencionada pelo doente, a fim de que os sintomas estejam todos agrupados um por baixo do outro. Fica assim habilitado a fazer adições a qualquer sintoma, comunicado vagamente a principio, mas depois mais explicitamente.

• • •

Depois de os narradores acabarem o que têm a dizer de sua própria vontade, então o médico retorua a cada sintoma por sua vez e pede pormenores a respeito dêle.

O médico obtém particularidades e qualificações

Lê os sintomas que lhe foram comunicados, um por um, e pede mais explicações a respeito de cada um: A que horas ocorreu essa crise? Foi algum tempo antes de tomar o presente remédio, ou enquanto o tomava, ou apenas alguns dias depois de deixar de o tomar? Descreva exactamente a dor ou sensação e o lugar exato. Veio a dor em paroxismos simples, ou foi continua? Quanto tempo durou? A que horas do dia ou da noite e em que posição do corpo era ela mais violenta ou não sentida? Qual foi a natureza exata desta ou daquela circunstância mencionada? A descrição deve ser feita em palavras simples.

Não formular perguntas que induzam a resposta

Dêsse modo, o médico obtém informação mais clara a respeito de cada pormenor mas nunca deve arquitetar as perguntas de maneira a sugerir a resposta (*). (Por exemplo, o médico não deve perguntar: sucedeu isto ou aquilo? Nunca deve fazer sugestões que tendam a levar o paciente a dar falsa resposta ou a fazer uma narração falsa dos seus sintomas.) Nunca deve fazer perguntas que possam ser respondidas Sim ou Não, porque o paciente, ou por indolência ou para agradar ao seu interrogador, pode ser levado a responder na afirmativa ou na negativa qualquer coisa que não seja verdadeira ou que seja meia verdade, ou que não seja estritamente correcta; devendo, assim, dar em resultado um falso quadro da doença e um tratamento impróprio.

Se os pormenores voluntariamente fornecidos pelo paciente não contêm nada a respeito dos órgãos ou das funções do corpo ou do estado mental, o médico formula mais perguntas acerca dessas e do estado da mente e da disposição. Mas aqui, também, êle deve só usar de expressões gerais, a fim de que os seus informantes possam ser obrigados a entrar em minúcias.

Funções

Por exemplo, qual é o caráter das evacuações? Como urina? Como é o seu sono de dia ou de noite? Qual é o estado da sua disposição, do seu temperamento, da sua memória? E a respeito de sede? Que espécie de gosto sente na bôca? Que espécie de comida e bebida aprecia mais, o que lhe repugna mais? Cada co-

(*) O médico não deve apresentar a sua pergunta assim, por exemplo: "O senhor não observou esta ou aquella circunstância?" Não deve fazer qualquer sugestão que leve a uma resposta e depoimento errados.

mida ou bebôda tem o seu gôsto natural, ou outro gôsto invulgar? Como se sente depois de comer ou beber? Tem alguma coisa a dizer sôbre a cabeça, os membros, o abdômen?

Depois de o paciente ter assim, de sua própria vontade, fornecido as informações precisas e traçado um quadro, razoavelmente perfeito, da doença, o médico pode ser obrigado (se não possui tôdas as informações de que necessita) a formular perguntas mais precisas e especiais.

Por exemplo: Quantas vêzes evacua? O caráter exato das evacuações. A evacuação esbranquiçada era de muco ou de fezes? Sentia dor durante as evacuações? Se sentia, a exata situação e caráter? Que vomitava o paciente? O mau gôsto é pútrido, amargo, azêdo ou o quê? E antes ou depois de comer, ou durante a refeição? E a que hora era pior? Qual é a sensação das eructações? A urina sô fica turva quando deposita ou logo após a micção? De que côr é a urina? De que côr é o sedimento? Como passa êle no sono? Geme, suspira, fala, grita ou estremece durante o sono? Ressona durante a expiração ou durante a inspiração? Repousa de costas ou sôbre que lado? Cobre-se bem com as roupas, ou não pode suportar o peso das cobertas? Desperta com facilidade, ou dorme profundamente? Como se sente êle logo depois de acordar? Quantas vêzes acontece isto ou aquilo e que causa o produz? Acontece quando está sentado, deitado, de pé ou quando em movimento? Apenas em jejum, ou somente de manhã, ou à noitinha, ou só depois de comer, ou quando? Quando sentiu o calafrio? Foi apenas uma sensação de resfriamento, ou tinha êle deveras frio? Se tinha, em que partes, ou enquanto se sentia resfriado, estava quente quando se lhe tocava? Era uma sensação de frio sem tremuras? Estava quente sem vermelhidão nas faces? Que partes dêle eram quentes ao toque? Ou queixava-se de calor, sem estar quente ao toque? Quanto durou o resfriamento? Quanto durou a sensação de calor? Quando ocorreu a sêde? Durante o calor o antes dêle, ou a seguir a êle? Qual era a intensidade da sêde e qual a bebôda desejada? Quando veio o suor — no princípio ou no fim do calor, ou quantas horas depois do calor? Quando a dormir ou quando acordado? O suor era escasso ou profuso? Era quente ou frio? Em que partes? Que cheiro tinha? De que se queixava êle antes ou durante o ataque de frio? E durante o do calor? Depois dêle? E durante ou depois do sudouro? Nas mulheres, deve notar-se o caráter da menstruação e outras descargas etc.

* * *

Depois de o médico ter acabado de assentar as particularidades do caso, anota as suas próprias observações a respeito do

paciente e averigua aquilo que era pecaliar ao doente no estado de saúde.

As próprias observações do médico

Por exemplo, ele nota a conduta do doente durante sua visita: se êle era mal humorado, questionador, apressado, lacrimoso, desesperado e triste, ou esperançoso, calmo etc; se estava sonolento, de compreensão embotada; seu modo de falar, rouquidão, fraqueza, incoerência; a côr da face, dos olhos, da pele; o estado da lingua, hálito, seu odor; a sua audição; se as suas pupilas estavam dilatadas ou contraídas, a sua reação à luz; o estado do pulso; a condição do abdome; a condição da pele, se úmida, quente, fria, ou sêca ao toque; a sua posição, deitado de cabeça para trás, bôca meio ou inteiramente aberta, posição dos braços, colocados acima da cabeça; ou se se deita de costas ou em que posição; com que esforço se ergue; e qualquer coisa mais que se impenna ao médico como digna de nota.

Sintomas medicamentosos

As sensações e sintomas dum paciente sob a influência de algum remédio anterior não fornecem um quadro verdadeiro da doença. Mas os sintomas e sofrimentos do que êle apresentava antes do uso de tais remédios ou depois de terem sido por alguns dias suspensos, retratarão fielmente a doença original e devem ser cuidadosamente anotados.

Nas doenças crônicas, quando o paciente tem tomado remédios até ser visto pela primeira vez, é bom deixá-lo durante alguns dias sem remédio ou administrar-lhe qualquer coisa não medicinal, adiando o exame mais preciso dos seus sintomas mórbidos, a fim de que êsses possam ser analisados sem perturbação na sua pureza e assim se possa obter um verdadeiro quadro da doença.

Mas quando a doença é muito aguda e o seu tratamento não permite demora, o médico (se não puder averiguar que sintomas havia antes do emprêgo dos remédios) deve consentir-se com as condições mórbidas presentes. Uma doença complicada por drogas inadequadas é geralmente mais séria e perigosa que a doença original e requer pronto e eficaz socorro. Traçando o quadro completo do que agora se lhe apresenta, o médico ficará habilitado a enfrentá-lo com um remédio homeopático próprio e o doente não ficará sacrificado às drogas perniciosas que ingeriu.

Causas de doença

Se a doença, quer aguda quer crônica, é o resultado de qualquer causa óbvia, o paciente, ou os seus amigos em particular, mencioná-la-ão espontaneamente ou quando cuidadosamente interrogados.

Causas de caráter deprimente, que o paciente e os amigos não gostam de confessar, deve o médico tentar arrancá-las com perguntas hábilmente formuladas, ou obtê-las por informação particular. Tais como: envenenamento ou tentativa de suicídio, onanismo, abusos, libertinagem, excessos de vinho, de bebidas fortes, de café; abusos na alimentação ou de algum alimento nocivo; infecção por moléstia venérea ou sarna; amores infelizes, ciúmes, infelicidade doméstica, atribulações, apoquentações por causa de alguma desventura na família, crueldade, vingança frustrada, orgulho ofendido, dificuldades pecuniárias, medo supersticioso, fome, imperfeição nas partes pudendas, uma rutura, um prolapso, e assim por diante.

Doenças crônicas

Quando se interroga em doenças crônicas, devemos tomar em consideração as ocupações usuais do paciente, o seu atual modo de vida e de dieta, a sua situação doméstica e assim por diante, para averiguar qualquer coisa que tenda a produzir ou a manter a doença, a fim de que, pela sua remoção, se possa promover a cura.

Nas doenças crônicas de mulheres, deve-se prestar especial atenção à gravidez, esterilidade, desejos sexuais, partos, abortos, amamentação e ao estado atual do fluxo menstrual — seus intervalos etc., cor, quantidade, precedido ou seguido de leucorréia. Especialmente pelos incômodos mentais ou físicos, pelas sensações ou dores de que são precedidos, acompanhados ou seguidos.

Investigação das doenças crônicas

Nas doenças crônicas, as investigações devem ser tão cuidadosas e circunstanciadas quanto possível. Devem notar-se os pormenores mais minuciosos, se se quer efetuar a cura, porque, nessas doenças, elles são mais peculiares e muito diferentes das afecções agudas.

E também porque os doentes crônicos estão tão habituados aos seus sofrimentos que pouco ou nenhum caso fazem dos sintomas acessórios mínimos, que são, muitas vezes, da maior importância na determinação da escolha do remédio. Eles chegam a considerá-los quase como uma parte necessária da sua condição —

quase como a saúde — cujo verdadeiro sentido elles quase esqueceram durante quinze ou vinte anos de sofrimento. Mal podem crer que esses sintomas acessórios, esses desvios maiores ou menores da saúde, possam ter qualquer ligação com a doença principal.

O temperamento do paciente

Os doentes diferem muito em temperamento. Os hipocondriacos e as pessoas muito sensíveis ao sofrimento e muito intolerantes inclinam-se a descrever os seus sintomas muito ao vivo, empregando expressões exageradas, a fim de induzir o médico a redobrar de esforços em seu benefício.

Outros, por indolência, por falsa modéstia, por timidez ou fraqueza de espirito, ocultarão sintomas, ou exprimi-los-ão em termos vagos ou dirão que não têm importância.

Devendo nós atender, em particular, à própria descrição pelo paciente das suas sensações e sofrimentos, ligando interesse especial às expressões com as quais elle se esforça por nos fazer compreender os seus males, porque podem ser alterados ou erroneamente enunciados pelos amigos e pessoas que o servem, devemos também ter em vista que a investigação, muito especialmente, das doenças crônicas, exige a maior circunspeção, talo, conhecimento da natureza humana, cuidado no prosseguimento do inquérito e um grande grau de paciência.

* * *

No conjunto, o médico encontra muito menos dificuldade no exame das *Doenças Agudas* e nas de origem recente, porque, aqui, sendo recentes e estando frescos na memória do enfermo e dos amigos os fenómenos e os desvios da saúde, são ainda novos e patentes. O médico precisa, em tais casos, de também saber tudo, mas tem muito menos que averiguar. As anomalias são-lhe quase espontânea e pormenorizadamente manifestadas.

Doenças epidêmicas

Na investigação da totalidade dos sintomas das *Doenças epidêmicas e esporádicas*, carece de importância saber se qualquer moléstia semelhante já antes appareceu no mundo, sob o mesmo nome ou sob qualquer outro.

Nem a novidade, nem a peculiaridade, de uma tal epidemia faz qualquer diferença no modo do seu exame ou tratamento, porquanto o médico deve sempre considerar o verdadeiro quadro de qualquer doença corrente como qualquer coisa de novo e

de desconhecido, e investigá-la completamente — isso se deseja praticar a medicina duma maneira real e radical, nunca substituindo as observações próprias por simples conjecturas; nunca partindo da certeza de que o caso que tem na frente é total ou parcialmente conhecido, mas investigando-o cuidadosamente em tôdas as suas fases.

Isso é tanto mais necessário quanto um exame cuidadoso mostrará que tôda a doença corrente é, em muitos respeitoes, um fenómeno único, diferindo grandemente de tôdas as epidemias anteriores, a que certos nomes têm sido erroneamente applicados; *a exceção dessas epidemias que se originam dum principio contagioso que permanece sempre o mesmo, tais como a variola, o sarampo etc.*

São precisos diversos casos para obter o quadro epidêmico

Do seu primeiro caso duma epidemia o médico não pode, certamente, obter o quadro completo. É só uma estrita observação de vários casos que revelará a totalidade dos seus sinais e sintomas. Mas um médico observador pode, pelo exame até do primeiro e do segundo enfermo, chegar tão proximamente a um conhecimento do seu verdadeiro caráter, que fique impresso no seu espirito o quadro característico da doença, para assim conseguir encontrar o seu conveniente remédio homeopático.

Registrando os sintomas de vários casos, o quadro da doença torna-se cada vez mais completo, não mais extenso e prolixo, porém mais característico, incluindo mais peculiaridades dessa doença colectiva. Sintomas como falta de appetite, insônia etc. tornam-se mais precisamente definidos quanto às suas peculiaridades, ao passo que os sintomas mais especiais e acentuados, que são peculiares a muito poucas doenças e de ocorrência mais rara — pelo menos na mesma combinação — tornam-se proeminentes e constituem as características dessa epidemia.

Tôdas as pessoas que sofrem duma epidemia corrente, tendo-a contraído da mesma fonte, sofrem da mesma doença, mas a plena intensidade de tal doença epidêmica e a totalidade dos seus sintomas não podem ser conhecidos apenas por meio de um único paciente; e só podem ser perfeitamente averiguados pelos sofrimentos de vários pacientes de constituições diferentes.

Vantagens de um caso bem retratado

Quando o quadro da doença (*na totalidade dos sintomas que especialmente a assinalam e a distinguem*) tenha sido convenientemente registrado, está realizada a parte mais difficil da tarefa.

O médico tem então o quadro da doença (especialmente se essa é crônica) sempre perante si para o guiar no seu tratamento.

Pode investigá-lo em tôdas as suas partes, e pode separar os sintomas característicos, a fim de opor a esses (isto é, a tôda a própria doença) uma força mórbida muito semelhante em forma de uma substância medicinal homeopaticamente escolhida, selecionada da lista dos sintomas de todos os remédios cujos puros efeitos tenham sido averiguados.

E quando, durante o tratamento, deseje conhecer qual tenha sido o efeito do medicamento e que alteração se deu na condição do paciente, apenas precisa, durante esse novo exame, de abstrair os sintomas que melhoraram, para assinalar o que ainda permanece e para acrescentar quaisquer sintomas novos que podem ter sobrevindo.

Sintomas

“O médico observa os desvios da anterior condição de saúde do doente, sentidos por ele, reconhecidos nêle pelas pessoas que o rodeiam e nêle observados pelo médico. Esses sinais observados, conjuntamente, representam a doença em tôda a sua extensão...” (*Organon*).

* * *

Mais adiante daremos mais ensinamentos sobre doenças crônicas.

“Uma das regras da prescrição homeopática é apanhar o caso nas próprias palavras do paciente. Não tenteis traduzi-las em termos médicos; aumentareis as vossas difficuldades e provavelmente errareis o remédio. É admirável como os doentes se exprimem nos termos correntes da *Materia Médica*. Hahnemann mostrou a sua grande sabedoria, ao registrar tão cuidadosamente as palavras da gente comum, porque a medicina é melhor servida com a simplicidade e a verdade. Se ele tivesse registrado as suas observações nos termos médicos do seu tempo, elas de há muito estariam obsoletas. Como ficaram, ficam para tôdas as épocas. E em vez de estarem obsoletos, os escritos de Hahnemann estão ainda avançados em relação a seu tempo, e a grande difficuldade no modo de aceitar as suas investigações é que foram, em muitas das suas essencialidades, bastante adeantadas à sua época. Mas o mundo médico progride e a Homeopatia já não é o não-senso tornado difficil, mas o senso comum tornado prático”. (*Opúsculo*).

* * *

"Começar por escrever o depoimento do doente pelas suas próprias palavras.

Por quê? Para evitar erros e más interpretações, mas especialmente para fins de comparação.

A matéria médica consiste nos depoimentos de pessoas simples, em linguagem simples.

Por isso tem-se censurado a homeopatia. Os seus fatos não são registrados nos termos científicos dos nossos dias.

E, contudo, é precisamente esta simplicidade e esta verdade que têm salvado a homeopatia e a tem tornado acessível a todos os povos e a todas as épocas. Se tivesse sido exarada na terminologia científica de há cem anos, de há muito que seria obsoleta.

A ciência duma geração é, muitas vezes, o erro da seguinte. Mas, no nosso caso, é o inverso. Porque aquilo que, em homeopatia, foi, durante um século, vituperado, reconhece-se agora como a última palavra em ciência. *Mas a Verdade é Grande, e encontra meio de prevalecer no seu longo caminho*. (Opúsculo).

* * *

Quanto à retratação do caso, tem-se de perguntar bastante. Registra-se apenas o que é definido e descobre-se, muitas vezes, o remédio apenas por alguns sintomas, mas que sejam característicos, incluindo sintomas mentais definidos e sintomas estranhos, raros e peculiares ao doente.

Entre os sintomas que precisamos de perguntar, há os seguintes:

AGRAVAÇÕES HORÁRIAS (no Repertório a agravação é sempre subentendida a não ser que esteja especificada a melhora):

Manhã (morning)

Antes do Meio-Dia e Meio-Dia (forenoon and noon)

Tarde (afternoon)

Noitinha (evening)

Noite (night)

{ antes e depois da meia-noite.

Essas agravações do tempo encontram-se no fim, sob o título "Generalidades" mas encontram-se também em todo o *Repertório de Kent*, em todas as listas (Vide "Tosse", "Perspiração").

Horas especiais, muitas vezes de grande importância como às 10 ou 11 da manhã de Sulph. e Nat. mur.; às 4 até 8 da noite de Lye., em todas as espécies de condições, desde as pneumonias e febres até à dor de dentes; a agravação a 1 da noite de Ars. e assim por diante.

Essas horas especiais estão colocadas depois da Manhã, Tarde etc. onde ocorrem.

PERIODICIDADE. Freqüentemente muito importante, como a "de sete em sete dias" de Sulph. até à periodicidade diária, à mesma hora, de Cedron.

CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS. Melhor ou pior com o Frio (pág. 1348), com o Calor (pág. 1412), isto é, o paciente, em seu conjunto; ou as suas partes sofredoras (encontrado em todo o livro).

Pior ou melhor com o AR (pág. 1343), em lugares fechados.

Com TROVOADAS (pág. 1403, 149 etc.). A Sepia sofre com as trovoadas, e contudo Sepia é o único remédio que alivia durante uma tempestade.

Phos. e Rhododendron e alguns outros aterrorizam-se com o trovão. Recentemente, houve um curioso exemplo disso. Uma família transferiu-se para um local onde havia belos rododendros, e todos os seus membros, que nunca se haviam assustado com as tempestades, começaram a aterrorizar-se com as trovoadas. Estavam todos provando Rhododendron.

SONO. "Pior ao despertar" (pág. 141 e por todo o livro). Muitas drogas provocam isso e principalmente Lachesis, que no sono produz agravação, chegando até "ao medo de ir dormir" (pág. 47), por causa do aumento do sofrimento ao despertar.

Melhor com o sono tem algumas drogas a seu crédito, como Sepia e Phos. Melhor com o sono é, sem dúvida, normal e a homeopatia trata do anormal, mas há casos em que a melhora com o sono é muito acentuada, em grandes sofrimentos ou em que um sono curto elimina, por exemplo, uma dor de cabeça. Por isso há a rubrica — Melhor com o sono (pág. 1402, 148).

Os Sonhos são algumas vezes úteis para a escolha do medicamento, quando é repetido muitas vezes. Como sonhos com os mortos; com perseguições etc. (pág. 1235-45).

FALTA DE CALOR VITAL, "Frieza" (pág. 1366).

PERSPIRAÇÃO. Alívio com, agravação com (pág. 1391). Suas modalidades: quente, fria, fétida etc (pág. 1293).

Incapacidade de perspirar. Suor suprimido (pág. 1302).

MUDANÇAS DE TEMPO (pág. 1347).

TEMPO SECO (pág. 1357) ou **ÚMIDO** (pág. 1421).

TEMPO VENTOSO E TEMPESTUOSO (pág. 1241).

Pior com o BANHO, com o banho quente, com o banho de mar (pág. 1345-6).

Alimentação. Pior com, melhor com (pág. 1357).

DESEJOS OU AVERSÕES (sob "Estômago", "Desejo de" (pág. 483-6); "Aversão por" (pág. 408-2).

Gorduras

Sal

Coisas doces
Alimentos muito temperados
Carne, Peixes, Leite, Pão
Fruta, coisas azedas, vinagre
Bebidas quentes, bebidas frias, gelados
Estimulantes: álcool, chá, café etc.
E, menos importante, contudo também importante, alimentos que agravam. (Sob "Generalidades", "Alimentação" pág. 1362-4, 486, 503).
SÊDE (pág. 527-530). Extrema, insaciável
Sem sede, durante a febre etc.
Sede de coisas quentes ou frias.
De limonada, chá, café, álcool (Em "Estômago" Desejo de).
MENSTRUACÃO. Antes, no principio, isto é, agrav. e melh. (pág. 1373).
Prematuras, tardias, escassas, abundantes, suprimidas.
Fétidas, acres etc. (pág. 724-9).
POSIÇÃO. De pé, sentado, deitado, ajoelhado.
Pior ou melhor deitado do lado direito, do lado esquerdo, de costas, sobre o ventre, sobre o lado dorido ou não dorido. (Vd. "Generalidades" e em todo o livro, "cabeça", "costas", "extremidades" etc.).
PRESSÃO. Melhor ou pior com, não tolerando a (pág. 1392 e em todo o livro).
Melhor tirando as roupas (pág. 1348, etc.)
TOQUE e sensibilidade da pele (págs. 1407 e 1331).
Aversão ao toque (pág. 89).
TREPIDAÇÃO. (pág. 1369. Vid. "Dor de cabeça" etc.).
DORES errantes e mutáveis (pág. 1389, 1046, etc.).
SENSIBILIDADE À DOR (pág. 78, 1360). Insensibilidade à dor (pág. 1390). Sentidos muito agudos (pág. 78).
À luz (pág. 78, 249).
Ao barulho, ou à música (pág. 78, 79).
A cheiros (pág. 394, 341), a cheiro de comidas (pág. 1390-507).
SUSTOS (pág. 82).
TONTURAS (pág. 96-106).
MEDO: do mal (pág. 44), de doenças (pág. 44), de alguma coisa que vai acontecer (pág. 45).
de multidões (pág. 43).
do escuro (pág. 43).
de ladrões (pág. 47).
de sufocação (pág. 47).
da morte (pág. 44).
da loucura (pág. 45).
do suicídio (pág. 47).

Aversão à **COMPANHIA** e melhor sozinho (pág. 12).
Desejo de **COMPANHIA** e pior sozinho (pág. 12) — Medo de estar só (pág. 43).
E estes sintomas mentais:
Indiferença (pág. 54, 55), e aversão aos entes amados (pág. 9).
Ódio (pág. 51).
Altivez (pág. 51).
Nostalgia (pág. 51).
Pesar (pág. 50).
Desprezo (pág. 16).
Contradizer (tendência a) (pág. 16).
Contradição (intolerante à) (pág. 16).
Censurador (pág. 10).
Crime (pág. 60).
Suspeita (pág. 85).
Choro (pág. 92-4).
Cansaço da vida (pág. 92).
Violência, veemência (pág. 91).
Timidez, acanhamento (pág. 89).
Loquacidade (pág. 63).
Pressa (pág. 52). Lentidão (pág. 81, 82, 83).
E assim por diante, nas 95 páginas de **MENTE**.
Eis aí a espécie de perguntas que se precisa fazer e para as quais se pode necessitar de respostas — mas a resposta só é valiosa quando obtida sem fazer diretamente a pergunta.
Como foi dito, muitas dessas perguntas podem ser usadas a respeito dos sintomas "Eu" ("Eu sinto o calor ou o frio"), ou também para qualificar os sintomas "Meu ou Minha" ("Minha cabeça ou o meu estômago está pior com o calor ou o frio"). Ou os sintomas "Eu" e "Meu e Minha" podem ser contraditórios e isso sugerir muito uma ou talvez duas drogas, auxiliando a encurtar o trabalho.
Por exemplo, os pacientes de *Phosphorus* sentem o frio intensamente, geralmente são pessoas friorentas, e contudo a dor de cabeça, num paciente de *Phosphorus*, é aliviada com aplicações frias, e as dores de estômago de *Phosphorus*, os seus vômitos, etc. requerem frio, requerem gelo. Os líquidos frios podem até ser vomitados quando se aquecem no estômago.
Quando os Gerais e os Particulares, os sintomas "Eu e Meu ou Minha" são contraditórios, eles apelam fortemente por um remédio.
Depois de terdes ultimado um caso e vos terdes determinado por um, possivelmente por dois ou três remédios prováveis, ide à Matéria Médica e lede-os bem, para vos certificardes de qual serve absolutamente. Isso para o fim de se obter uma receita correta; mas também para proveito de vós para que aprendais a Matéria Médica e a vejais em ação. Assim não esqueceréis, mas atingireis, pelo contrário, proficiência impossível de conseguir de outro modo.

LIÇÃO SEXTA

SELEÇÃO DO REMÉDIO

Sintomas determinantes

Hahnemann diz-nos que "os sintomas que determinam a escolha do remédio" são, na sua maior parte, peculiares a esse remédio e de semelhança acentuada aos da doença.

Diferenças e não correspondências

E também que "cada remédio difere nos seus efeitos de todos os outros". E aqui lembrai-vos de que são as diferenças e não as correspondências que nos interessam. Inúmeros sintomas podem ser comuns a um grande número de drogas e, se derdes igual proeminência a esses, achareis impossível fazer uma seleção. E quanto aos sintomas indefinidos — "Falta de apetite, perda de sono, fraqueza etc.", a não ser qualificados, eles são inúteis na determinação do remédio, porque são "comuns à maior parte das drogas e a quase todas as doenças".

Traços característicos

Hahnemann ensinou que "ao comparar os sintomas da doença com séries de sintomas de drogas provadas, devem tomar-se em consideração, muito especialmente e quase exclusivamente, os traços mais proeminentes e peculiares (característicos) do caso. Esses devem ter a mais estreita semelhança com os sintomas do remédio desejado, se se quiser curar".

Importância dos sintomas mentais

E também: "O estado de espírito do doente e do seu temperamento são, muitas vezes, de mais decisiva importância na seleção do remédio".

E ele fala na "totalidade dos sintomas característicos".

Totalidade característica

A "totalidade" de Hahnemann significa, pois, a totalidade característica, incluindo, sem dúvida, a mentalidade característica. Isso ilumina enormemente o trabalho de esclarecer o caso, além de ser o único modo de chegar a um resultado.

Kent

Ou como Kent o enuncia, a fim de diminuir o trabalho, bem como para chegar a um resultado mais definido.

"Quando olhardes para uma série de sintomas, descobri primeiro 3, 4, 5 ou 6, ou tantos sintomas que existam que sejam *estranhos, raros e peculiares*. Estranhos, raros e peculiares devem referir-se ao próprio doente.

Depois de vos terdes fixado em 3 ou 4 ou 6 remédios que tenham esses sintomas característicos, verificai então qual deles se casa mais com o resto dos sintomas do doente, comuns e particulares".

Sintomas que não se podem omitir

"Depois de terdes apanhado um caso por escrito, fixareis os sintomas que não podem ser omitidos em cada indivíduo. Obtende os sintomas marcantes, estranhos e peculiares e depois verificai que não haja "gerais" no caso, que se oponham a eles ou os contrariem".

Kent diz: "Se virdes as notas tónicas do *Arsenicum*, certificai-vos de que o paciente é friorento, medroso, inquieto, pálido, fraco e *Ars. curará*.

Ou as notas tónicas parecem indicar *Pulsatilla*.

Verifique se ela *NÃO* é friorenta (ou friorenta só em quarto fechado), se gosta de janelas abertas, deseja ar fresco, quer andar ao ar livre, melhora pelo movimento, se não tem sede, se é lacrimosa, meiga.

Mas se as notas tónicas forem tidas como definitivas e os sintomas gerais não concordam, aí então virão os insucessos".

A fim de obter facilmente as notas tónicas, antes de começar a trabalhar num caso, deveis ter um lápis vermelho, para depois sublinhardes os sintomas "estranhos, raros e peculiares" (isto é, os característicos) do caso.

Muitas vezes, o médico é feliz. Há um sintoma predominante, por exemplo, "terror da loucura", que é quase loucura, para o qual *Mancinella*, que quase não se encontra em outra parte no *Repertório*, se mostra em negrito. O clínico depara com tal droga na *Matéria Médica* para achar, muitas vezes, o resto dos sintomas registrados sob a droga que causa esse terror; então ele prescreve com segurança. Podemos citar a esse respeito um caso ocorrido há

uns vinte anos, em que a paciente estava prestes a entrar num manicômio. Dados os sintomas da doente, não se sabia se optar pela *Pulsatilla*, que também tem esse terror (em negrito) se por *Ignatia*. Não ministraram à doente nenhum desses remédios. Ela estava emagrecendo, com as faces pálidas, indiferente a tudo, inteiramente ocupada com a sua fobia, que se tornava aguda se acontecia alguém mencionar a palavra loucura. Por fim, então, deram-lhe uma dose de *Mancinella* e depressa voltou à normalidade. Duas ou três vezes em todos esses anos subseqüentes, o marido observou uma ameaça da fobia antiga, tendo-lhe outra dose restabelecido o equilíbrio. Hoje, é mulher saudável e normal.

Ou o caso pode consistir em particularidades meramente qualificadas pertencentes a algum órgão ou função, podendo ser frequentemente escolhido com facilidade e êxito o remédio. A tais particulares dizem respeito os sintomas gástricos de *Graphites*. Aqui, o complexo de sintomas peculiares é: *melhor com alimentação, aliviado com alimentos e bebidas tépidas ou quentes; aliviado com o estar deitado*. Tanto quanto conhecemos, não há outro remédio que tenha isso tudo, isto é:

| | |
|--|--|
| Dor de estômago melhorada por bebidas quentes | Alum., ars., bry., graph., mang., nux-m., Nux-v., ph-ac., rhaz-l., spong., sulf., verat. |
| Melhorada por comer (dentre os medicamentos acima) . | Graph., mang. verat. |
| Melhorada deitando-se (dentre os medicamentos acima) | graph. |

Adiante citaremos casos em que, sob essas indicações, *Graph.*, em tênues preparações homeopáticas, tem curado.

E também alguns casos fáceis, elaborados para mostrar como isso se pode fazer e com que resultados.

A escolha do remédio nem sempre é tão fácil, mas tendo atenção aos sintomas característicos e anotando as drogas que têm algum sintoma que não se pode desprezar, de preferência um sintoma mental, se for *nítido e verdadeiro*, o médico chega rapidamente a um resultado, eliminando de toda a rubrica as drogas que não tenham esse sintoma a seu crédito. A facilidade vem com a prática e experiência, como na maior parte das coisas.

Nas doenças crônicas complicadas, com uma história longa de muitas moléstias e abundante ingestão de drogas, as coisas podem ser menos óbvias, devendo em tais casos tomar-se muitos outros fatores em conta.

Mas é demasiado cedo neste Curso para entrar na Teoria das Doenças Crônicas de Hahnemann e no seu tratamento. Isso tem de vir mais tarde.

É muito melhor para o médico colher a sua primeira experiência no trabalho mais simples e direto das afecções agudas.

Isso demonstrará o maravilhoso poder da Homeopatia e é aqui que ele ganhará confiança e entusiasmo.

É somente quando os remédios de sintomatologia óbvia deixam, depois de um período de melhoras acentuadas, de operar a cura completa do doente, que nós temos de esgrimir contra uma das *Doenças Parasitárias Crônicas* de Hahnemann, oriundas talvez da sífilis, talvez da gonorréia (herdada ou adquirida) ou ainda da diátese tuberculosa ou até das sequelas dum ataque anterior de variola, ou febre escarlatina etc., porque tudo isso e muitas mais doenças infecciosas agudas, de melhoria aparente, deixam atrás de si condição onde parece subjazer uma variedade de manifestações de má saúde, que não cederão totalmente sem que sejam tomadas em conta e tratadas com receitas, muitas vezes com preparação homeopática daquilo que produziu a doença original.

Como sabemos nós isso? Por causa dos assombrosos resultados que se seguem à administração de tais remédios, em tais casos.

Mas, sem dúvida, quando há uma paragem na melhoria de casos crônicos, devemos também procurar se há um foco séptico, um erro na dieta, nas ocupações, habitações úmidas etc.

A próxima lição tratará do *Repertório* e de como se deve usá-lo para achar o remédio.

Simple indisposições

Do Organon de Hahnemann, simplificado e condensado:

Quando um paciente se queixa apenas de alguns sintomas triviais de origem muito recente, o médico não deve considerá-los como uma doença que requiera sério auxílio clínico. Leve alteração da dieta ou do modo de vida remove geralmente uma indisposição tão ligeira.

Mas se os sintomas de que o doente se queixa, apesar de poucos, tem caráter violento, o médico, ao investigar mais descobre geralmente outros sintomas não tão intensos que servirão para completar o quadro da doença.

Sintomas violentos

Quanto mais severos forem os sintomas duma doença aguda, maior é a certeza de se descobrir o seu remédio próprio contanto que sempre se tenha um número suficiente de remédios para escolher. Entre séries de sintomas de muitos remédios, não será difícil escolher um cujo quadro artificial de doença tenha grande semelhança com a totalidade dos sintomas da doença natural. Tal medicamento é o remédio procurado.

Sintomas característicos

Nesta procura do remédio homeopático específico (isto é, nesta comparação dos sintomas da doença com os sintomas da droga) são os sintomas do caso, os *primários, singulares, não comuns e peculiares* (isto é, os característicos) que devem corresponder aos sintomas do medicamento escolhido, se se pretende curar. Os sintomas mais gerais e indefinidos, falta de apetite, dores de cabeça, fraqueza, sono intranquilo, angustia etc., a não ser que sejam mais claramente definidos, merecem pouca atenção em virtude da sua indeterminação e também porque generalidades dessa espécie são comuns a todas as doenças e a quase todas as drogas.

Se o antitipo construído com os sintomas do medicamento mais apropriado apresenta esses sintomas peculiares, não comuns, singulares e distintos (característicos) iguais em número e similaridade aos da doença, esse medicamento é o específico homeopático apropriado para essa condição mórbida: a doença, se não é antiga, será removida e extinta até pela primeira dose, sem qualquer perturbação de monta.

Torno a dizer: *Sem perturbação de monta*. Porque, durante o emprêgo do medicamento mais homeopático, apenas os sintomas desse que correspondem aos da doença são chamados a atuar. Esses, suplantando e assoberbando os mais fracos sintomas da doença no organismo, os restantes sintomas da droga, freqüentemente muito numerosos, não tendo relação com o caso, não são chamados a atuar. O paciente, que está melhorando a toda a hora, mal os percebe. A dose excessivamente mínima da Homeopatia é fraca de mais para que os sintomas não homeopáticos da droga afetem as partes sãs do corpo. É só em virtude da sua homeopaticidade que uma droga pode afetar as partes do corpo que já estão irritadas e excitadas por uma doença similar; e é assim, fazendo com que o principio vital reaja à doença da droga, semelhante mas mais forte, que a doença original é extinta.

Não há, contudo, quase nenhum medicamento homeopático, por mais apropriadamente escolhido que seja, e especialmente se fôr dado em dose insuficientemente diminuta, que não produza em pessoas muito irritáveis e sensíveis, pelo menos, uma perturbação pequena, não habitual, qualquer novo sintoma ligeiro enquanto a sua ação dura, porque é quase impossível que o medicamento e a doença se cubram um ao outro tão exatamente como dois triângulos com lados iguais e ângulos iguais. Mas essa diferença sem importância (geralmente) será facilmente sobrepujada pela energia ativa do organismo vivo, e nem chega a ser percebida por doentes de sen-

sibilidade não excessivamente delicada, e as melhoras prosseguem, até ao restabelecimento completo, contando que elas não sejam interrompidas por influências medicinais estranhas, por erros no regime ou por exacerbação de paixões.

* * *

"A Homeopatia é inconcebível sem a mais precisa individualização". (*Organon*).

Hierarquia dos sintomas

"O estado de espirito do doente e do seu temperamento é, muitas vezes, da mais decisiva importância na seleção homeopática do remédio, visto que é um sintoma distinto e peculiar que, menos que todos, deve escapar à observação precisa do médico". (*Organon*).

"Um dos principais sintomas na doença é o estado de espirito". (*Matéria Médica Pura*).

"Deve dar-se especial atenção aos sintomas da disposição, de modo que sejam muito semelhantes". (*Matéria Médica Pura*).

"... cada substância medicinal afeta a mente de maneira diferente". (*Organon*).

Doenças mentais

Do *Organon* de Hahnemann, simplificado e condensado:

A respeito daquilo a que se chama *Doenças Mentais*, essas não constituem classe de enfermidades nitidamente separada das outras tôdas, pois que em tôdas as chamadas doenças orgânicas a condição do espirito e a disposição ficam sempre alteradas; e em todos os casos de moléstias que somos chamados a curar, devemos prestar especialíssima atenção à índole do paciente, se queremos obter um quadro preciso da doença e ficar em posição de a tratarmos homeopaticamente com êxito (*).

(*) Quantas vezes, por exemplo, não deparamos com uma índole afável, branda, em enfermos há anos molestados pelas mais dolorosas doenças, a ponto de o médico se ver impedido a estimar o paciente e compadecer-se dele! Mas se éle domina a doença e restitui o doente à saúde — como sucede frequentemente na clínica homeopática — fica, muitas vezes, espantado e horrozeado pela tremenda alteração que se deu na sua índole. Tem, muitas vezes, de presenciar o retorno da ingratitude, crueldade, malícia refinada e das propensões mais e mais degradantes, que eram precisamente as qualidades que o doente possuía antes da sua doença.

Aquelles que eram pacientes com saúde, tornam-se frequentemente obstinados, violentos, apressados e até intolerantes e caprichosos quando doentes; aquelles que eram castos e modestos, tornam-se muitas vezes lascivos e desvergonhados. Uma pessoa de inteligência clara pode tornar-se obtusa, ao passo que um fraco de espirito pode mostrar-se mais prudente e sábio, e um homem lento de resolução adquire grande presença de espirito e rapidez de resolução etc.

Isso verifica-se em tão larga escala que o estado de disposição determina, muitas vezes, a seleção do remédio, sendo característica saliente que, menos que tôdas, pode ficar oculta aos olhos do médico observador.

E sintomas mentais

O Criador dos agentes terapêuticos parece ter ordenado especialmente que esse estado alterado da mente e do temperamento fôsse a anomalia mais importante em tôdas as doenças, porque não existe, em todo o mundo, substância medicinal poderosa que não modifique, muito notavelmente, o estado da mente e do temperamento de todo o experimentador saudável, e todo o remédio faz isso de maneira diferente.

Por conseguinte, nunca poderemos curar de acôrdo com a natureza — isto é, homeopaticamente — se não observarmos, em todos os casos de doença, aguda ou crônica, as mudanças da mente e do temperamento, e se não escolhermos para o paciente um medicamento cuja força mórbida, em adição à sua similaridade com outros sintomas, seja capaz de produzir também uma condição semelhante da mente e estado de espirito.

As chamadas doenças locais

(Nós locamos no que segue, numa nota apenas à lição N.5, mas o assunto é digno de a êle nos referirmos mais pormenorizadamente, tal qual êle aparece numa parte do *Organon*).

AS CHAMADAS DOENÇAS LOCAIS, RECENTEMENTE PRODUZIDAS POR LESÕES EXTERNAS, parecem, à primeira vista, merecer o nome de doenças locais. Mas nesse caso, as lesões devem ser muito triviaes e, portanto, de pouca consequência. Porque, em danos vindos do exterior, se são absolutamente sérios, todo o organismo vivo dêles participa, sobrevém febre etc. O tratamento de tais doenças é relegado para a cirurgia, mas isso está certo apenas quanto ao auxilio mecânico de que precisam as partes afetadas, por meio do qual os obstáculos à cura (a qual só se pode dar pela atuação da força vital) possam ser removidos por agentes mecânicos, isto é:

pela redução das luxações;
por agulhas e ligaduras, para juntar os lábios das feridas;
pela redução das luxações;
por pressão mecânica, para deter o sangue nas artérias;
pela extração de corpos estranhos que tenham penetrado nas partes vivas;

fazendo uma incisão na cavidade do corpo para remover uma substância irritante ou para conseguir a evacuação de derrames ou coleção de líquidos;

aproximando as extremidades quebradas de um osso fraturado e fixando-as em contato por ligadura apropriada etc.

Mas quando em tais circunstâncias todo o organismo vivo necessita, como sempre acontece, de auxílio dinâmico ativo para realizar o trabalho da cura, isto é, quando a febre violenta que resulta de contusões extensas, músculos lacerados, tendões e vasos sanguíneos afetados precisa de ser removida por remédio ministrado internamente, ou quando a dor de partes escaldadas ou queimadas precisa de ser homeopaticamente eliminada, então requerem-se os serviços do médico dinâmico e os da sua benfazeja homeopatia.

Quando é imperativo o tratamento paliativo

(Deixemos que Hahnemann responda a uma pergunta formulada em recente reunião da Real Sociedade de Homeopatia, quanto ao que um homeopata faria num caso de envenenamento súbito).

"Sómente em casos mais urgentes, em que o perigo de morte iminente não permite esperar, nem uma hora, nem um quarto de hora, nem mesmo minutos, pela ação do remédio homeopático, é necessário fazer uso de paliativos. Por exemplo, em acidentes repentinos acontecidos a pessoas até então saudáveis — tais como asfixia e vitalidade suspensa por faísca, sufocação, congelação, afogamento etc., convém estimular a vida física com choques elétricos brandos, com injeções de café forte, com estimulantes olfativos, com aplicações graduais de calor. Quando se aplica esse estímulo, a vitalidade volta à sua ação anterior, porque aqui não houve doença, mas apenas suspensão ou supressão do princípio vital no estado de saúde. A essa categoria pertencem vários antidotos para envenenamentos súbitos: *alkalis* para ácidos minerais, *Hepar sulphuris* para venenos metálicos, café e cânfora (e *ipeca-cuanha*) para envenenamento pelo ópio etc.". (Notas, *Organon*).

Fatos, não preconceitos, ao receitar

O verdadeiro médico evitará cuidadosamente tornar-se favorito de medicamentos que ele tenha, acidentalmente talvez, achado freqüentemente úteis e que tenha usado com bom efeito.

"E também o verdadeiro clínico não desprezará desdenhosamente remédios que tenha usado, vez por outra, com mau efeito, devido a escolha errônea (sua própria culpa), nem os evitará por outras razões falsas, como, por exemplo, que foram não homeopáticos para esse caso de doença. Ele deve ter em conta que, de todos os agentes medicinais, só invariavelmente merece a preferência aquêle que corresponde mais precisamente pela similaridade à fofalidade dos sintomas característicos; e que nenhum preconceito tolo devem interferir nessa séria escolha". (*Organon*).

Focalizando o remédio

"Em muitos remédios nada se vê à superfície, porque eles manifestam-se em sensações mais interiores e profundas. Deixai-me expor-vos um caso que illustre esta minha afirmação. Por exemplo: leve um indivíduo robusto, que declara passar regularmente de saúde, a almoçar consigo. O senhor já notou há certo tempo que o seu nariz está sempre descamando — imediatamente tendes um indício. Ele nunca fala a respeito de sua saúde. Daí a pouco, enquanto almoça, a porta bate com força e ele sobressalta-se. Eis a segunda indicação. Depois, ele lhe diz que come muito, que a comida lhe sabe muito bem, que se sente bem disposto depois de comer, e o senhor mesmo observou que ele come bastante. O senhor não lhe disse uma palavra sobre a saúde dele. Não lhe pediu que relatasse qualquer sintoma. Finalmente, o senhor passa a leiteira e ele diz: "Oh, não posso beber leite — provoca-me diarreia. Nunca o tomo". Quem não será capaz de receitar para esse indivíduo, sem o levar ao consultório? Quem poderá pensar em outra coisa que não seja *Natrum carb.* para tal caso? Algumas vezes poderemos descobrir tudo, se levarmos um indivíduo opinoso a almoçar conosco". — *Kent*.

* * *

"Você registrou a história do paciente. Comece agora a pesquisa dos sintomas *extremos, raros e peculiares*. Isto é, faça-o repassar sua exposição, amplificando e qualificando suas afirmações. Por esse meio você poderá topar com um ou dois sintomas que lhe são peculiares e não meramente indicadores da doença.

O fato de ele ficar sem fôlego — na asma — não tem alcance. Faz parte do programa, é comum a todos os asmáticos.

Mas o fato de poder ele respirar somente deitado com os braços estendidos para fora (*Psorinum*) ou com os cotovelos nos joelhos (*Medorrhinum*) pode ser peculiar a este caso e ser altamente indicativo de um, ou dois ou três remédios. *Grife isso*.

Se você for tão hábil ou feliz que possa conseguir dois ou três sintomas valiosos, o trabalho pode terminar aqui. Pois, procurando as drogas que causaram esses sintomas, poderá encontrar numa delas o quadro completo do caso, doença e tudo". (Opusculo).

Mais citações sobre o assunto

"É a totalidade dos sintomas característicos que decide a escolha do remédio. Podeis não encontrar todos os sintomas de um paciente numa droga, ou todos os sintomas duma droga num paciente, mas os essenciais devem lá estar.

As idiosincrasias a respeito de comida são muito importantes. A criança que furta sal, a mulher que nunca passa o frasco das conservas sem se servir, a criança que mete grandes bocados de gordura crua na boca ou rói uma cebola crua enquanto as lágrimas lhe rolam pelas faces. Em alguns casos, por exemplo, com o sal, a pessoa, embora coma bastante quantidade, pode não absorver o suficiente para as suas necessidades; em outros casos, pode tratar-se de apetite depravado. Nas náuseas e nos vômitos da gravidez, os apetites não usuais ajudam muito na seleção do remédio". (Opusculo).

* * *

"O médico que domina o complexo de peculiaridade das drogas é receitador rápido e bem sucedido.

Nunca devemos avolumar as nossas tarefas esquecendo-nos de que a "totalidade dos sintomas" de Hahnemann era a **TOTALIDADE DOS SINTOMAS CARACTERÍSTICOS**, quer na droga quer no paciente. O resto dos sintomas não importa.

Um doente está resfriado, inquieto, ansioso, desconfiado, tem medo da morte, é tão fastidioso que salta fora da cama para pôr uma cadeira no seu lugar; e sente dores ardentes aliviadas pelo calor. Sua doença pode ser malária, envenenamento por plomina, asma, doença do coração. É "o cavalheiro da bengala de castão de ouro" — *Arsenicum*.

Um doente é argumentador, não se importa com a aparência pessoal nem com a limpeza; piora com o banho, com correntes de ar; sente ardor no estômago, nas solas dos pés, à noite; tem ardor e vermelhidão nos orifícios, nas pálpebras e no ânus; lábios muito vermelhos; não pode estar meia hora sem comer; sensível ao calor, ao sol; gosta de gorduras, que não suporta... Sua doença pode ser hemorróidas, pneumonia, eczema, furúnculos, mas *ele* é o filósofo andrajoso — *Sulphur*.

"Nova doente chora na sua presença, mas podeis fazê-la sorrir. Ela responde prontamente à simpatia, a uma palavra acêda, a um céu nublado. É desconfiada, ciumenta; teme a escuridão, não pode estar só; não tem fome nem sede; precisa **MOVER-SE**, precisa de **AR PURO**. Sua doença pode ser conjuntivite, otite, enterite, até artrite, mas ela é a "flor-do-vento" — *Pulsatilla*.

Este outro perdeu todo o gosto de viver; o desespero consome-o; tem manias suicidas, é inquieto, mal humorado, rabujento, briguento, sem disposição para conversar. Sua doença pode estar nos ossos, no nariz, especialmente no coração, mas *ele* é *Aurum*.

Ou este homem está atormentado com a maldade dos outros; toma qualquer coisa por insulto; está muito desconfiado; imagina que está a ser enganado por pessoas despeitadas, invejosas; que não lida senão com gente falsa; sente-se impellido ao suicídio por afogamento. A sua doença pode ser tuberculose articular, glandular, da laringe, ter afecções nos ossos longos. Podeis designá-la como paranóia, mas *ele* é *Drosera*.

Ou ainda este, obcecado pelo PASSADO, por insultos e danos de outrora, perseguido pelo passado e sem lhe poder fugir; sofre de orgulho ofendido, de mortificação e de inveja; indigna-se muito com o que fazem os outros ou com o que *ele* próprio faz. É mais mental que patológico. *Ele* é *Staphisagria*".

(*Problemas da Educação Homeopática* — Sir J. Weir).

Hahnemann Analisa um Caso (*) (*Matéria Médica Pura*).

Muitas pessoas semi-convertidas à Homeopatia têm-me pedido que publique instruções ainda mais exatas a respeito de como esta doutrina pode ser aplicada na prática e como devemos proceder com ela...

Também me perguntam: "Como devemos examinar a doença em cada caso particular?..."

"Como na homeopatia o tratamento não é dirigido para causas internas da doença, imaginárias ou sofismadas, nem ainda para nomes de doenças inventadas pelo homem, das quais a natureza nada conhece, e como todo o caso de doença não miasmática (não parasitária) é uma individualidade distinta, independente, peculiar, um complexo de sintomas sempre diferentes em sua natureza, nunca presumíveis hipoteticamente, por isso não se podem exarar instruções especiais para ela (nenhum esquema, nenhum quadro), à exceção daquilo que o médico deve fazer para efetuar uma cura: opor a cada agregado de sintomas mór-

(*) Um tanto resumido.

bidos dum caso um grupo de sintomas medicinais semelhantes tão completos como êle consiga encontrar em qualquer simples droga conhecida; porque esse sistema de medicina não pode admitir que mais do que uma única substância medicinal (cujos efeitos tenham sido verificados com exatidão) seja ministrada ao mesmo tempo.

Em cada caso individual (e cada caso é uma individualidade, diferente de todas as outras) o clínico homeopata... deve ser conhecedor dos medicamentos que até à data tenham sido investigados a respeito da sua ação positiva, ou consultá-los para cada caso de doença; mas além disso, êle deve esforçar-se para provar inteiramente em si mesmo ou em outras pessoas saudáveis medicamentos que não tenham sido ainda investigados, para saber as alterações morbidas que são capazes de produzir, a fim de aumentar o nosso arsenal de agentes curativos conhecidos, de modo que a escolha dum remédio para toda a infinita variedade de casos de doença (para cujo combate nunca poderemos possuir bastante ferramentas e armas apropriadas) se possa tornar cada vez mais fácil e precisa... Sem esta investigação (e a não ser que a pura ação patogénica sobre o indivíduo saudável tenha sido previamente averiguada) todo o tratamento de doenças continuará, necessariamente, a ser, não só um ato tolo, mas até um ato criminoso, um ataque perigoso à saúde humana..."

Mais tarde, descreve êle "dois casos de curas homeopáticas dos mais triviais". Enunciaremos a primeira, resumindo um pouco, para mostrarmos o modo pelo qual se pode chegar ao remédio.

Sh, lavadeira, cerca de 40 anos, doente há mais de três semanas, impedida de ganhar a vida.

1. A cada movimento, especialmente a cada passo e pior ao dar um passo em falso, ela sente uma dor aguda na boca do estômago, que provém, todas as vezes, do lado esquerdo.

2. Quando deitada, está perfeitamente bem, sem dor nenhuma.

3. Não consegue dormir depois das 3 da manhã.

4. Aprecia a comida, mas depois de comer um pouco sente-se mal.

5. Depois tem azia, escorrendo-lhe água da boca.

6. Eructações frequentes, sem gosto, depois de cada refeição.

7. Temperamento apaixonado, propensa à cólera. Quando a dor é violenta, cobre-se de suores. Catamênio regular há quinze dias.

Sob outros respeitos, a sua saúde é boa.

Então, êle procede à análise dos sintomas, referente aos remédios possíveis.

Sintoma 1 — *Bell., Chin. e Rhus tox.* causam dores agudas na boca do estômago, mas nenhuma delas só em movimento, como aqui. *Puls.* certamente causa dores agudas na boca do estômago, ao dar um passo em falso, mas somente como rara ação alternada (*) e não tem os mesmos desarranjos digestivos como aqui... nem o mesmo estado de temperamento.

A *Bryonia* tem, entre os seus principais sintomas alternados, dores com o movimento, e especialmente dores agudas, assim como pontadas debaixo do esterno (na boca do estômago), ao levantar os braços; e ao dar um passo em falso ocasiona dores agudas em outras partes.

O sintoma negativo 2 corresponde especialmente à *Bryonia*. Poucos medicamentos (exceto talvez *Nux* e *Rhus tox.* na sua ação alternada, nenhum dos quais se ajusta aos outros sintomas) mostram o completo alívio de dores durante o descanso e quando deitado: *Bry.* faz isso de maneira especial.

O sintoma 3 encontra-se em vários medicamentos, e também na *Bryonia*.

O sintoma 4 no que respeita a "náuseas depois de comer" encontra-se em diversos outros medicamentos (*Ign., Nux* etc.) mas nem tão constantemente nem com vontade de comer, como na *Bryonia*".

Sintoma 5 — Vários outros medicamentos causam salivação ácida, além da *Bryonia*. Mas os outros não produzem sintomas semelhantes aos restantes. Por isso, a *Bryonia* é preferível a êles nesta parte da doença.

Sintoma 6 — As eructações (só de gases) depois de comer encontram-se nalguns medicamentos, mas em nenhum tão constantemente, tão usualmente e a um tal grau, como na *Bryonia*.

Sintoma 7 — Um dos principais sintomas nas doenças é "o estado de espírito", e como a *Bryonia* também causa este sintoma em maneira exatamente semelhante, a *Bryonia* deve, por todas estas razões, ser preferida, neste caso, a todos os outros medicamentos como o remédio homeopático.

A mulher era muito robusta e as suas forças vitais não estavam comprometidas e por isso êle deu-lhe uma gota inteira de suco de raiz de *Bryonia* não diluído, para ser tomado imediatamente, e mandou-a voltar dentro de 48 horas. (Êle explica numa nota ao texto que, de acordo com a sua experiência posterior, um glóbulo diminuto umedecido com a decilionésima (a 30.) potência teria bastado para efetuar rápida e completa cura e que esta

(*) Muitos remédios têm ações alternadas, como *Ant. tart.* com sede e adipsia; *Lachese*, incoerência e fala rápida, e fala lenta etc.; talvez porque "para cada ação há uma reação igual e contrária."

Ações e reações e o efeito contrário de grandes e pequenas doses tudo tem de ser considerado na homeopatia.

"gota de suco dada a uma pessoa robusta" não deve ser imitada).

Ele disse a um amigo presente que, dentro daquele espaço de tempo, a mulher estaria completamente curada; o amigo, porém, duvidou e dois dias depois veio para saber o resultado, mas a mulher não voltara. Hahnemann disse-lhe onde a podia encontrar, numa povoação a cerca de dois quilômetros de distância, e lá o amigo a encontrou-a. A sua resposta foi: "Para que é que havia de voltar? Logo no dia seguinte senti-me tão bem que pude continuar a lavar. Estou muito grata ao doutor, mas as pessoas como nós não têm vagar para abandonar o trabalho, pois durante três semanas a minha doença impediu-me de ganhar qualquer coisa."

Hahnemann conclui e resume. A investigação de um caso tão ligeiro de doença e a escolha do remédio homeopático para ele, é muito rapidamente efetuada pelo clinico que tenha apenas um pouco de prática, e que tenha os sintomas do medicamento na memória ou que saiba onde os achar prontamente. Mas dar tôdas as razões *pro* e *contra* (que seriam percebidas no espírito em alguns segundos) ocasiona, como vemos, prolixidade enfadonha.

Para conveniência no tratamento, nós precisamos apenas anotar depois de cada sintoma todos os medicamentos que podem produzir tal sintoma com regular exatidão, exprimindo-os por algumas letras (como Ferr., Chin., Puls.), e também termos presentes no nosso espírito as circunstâncias em que eles ocorrem que tenham influência determinante na nossa escolha; e procedermos do mesmo modo com todos os outros sintomas, anotando por que cada medicamento é provocado. Pela lista assim preparada saberemos qual dentre os medicamentos homeopáticos abrange a maioria dos sintomas presentes, especialmente os mais peculiares e característicos — e esse é o remédio procurado.

Mostramos anteriormente que (pelo Repertório) *Graphites* é a única droga que possui o complexo de sintomas *Dor no estômago aliviada pela comida; aliviada por comida ou bebida quente; aliviada deitando-se.* Eis aqui dois casos — de muitos — que mostram como ele age (*).

I

Mrs. M., 41 anos, dois filhos, um abortu.

14 set. 1933. Dores no estômago há anos. — Os médicos chamam-lhe "gastrite". Pior durante os últimos doze meses.

Não vomita nem tem náuseas. A dor estende-se para trás e para cima.

Exame do abdome — negativo. Mole, sem resistência.

(*) Muitos dos casos que se seguem foram extraídos da revista "Homeopathy".

Não pode comer alimentos sólidos sem dor. Tem vivido ultimamente com alimentos marca "Benger" ou bicarbonato de sódio e leite. A dor começa de duas a quatro horas depois de comer.

Melhor com bebidas quentes.

Melhor deitada.

Melhor com "Benger", durante algum tempo. *Graph 200*, uma dose.

Doze dias depois (28 de setembro) — "Muito mais aliviada. Removida a dor pesada sobre o coração. Habitando-se gradualmente aos alimentos. Nem podia comer um ovo: pode-o agora".

2 de nov. — Não se sentiu tão bem, depois de comer enguias! Teve diarreia, o que é bom sintoma. *Graph 200*, uma dose.

30 de nov. — Muito bem. Engordando. Come carne, peixe etc.

20 de dez. — "Ótima! Há anos que não se sente tão bem".

II

H. T., solteira, 74 anos.

19 jan. 1933. "Indigestão em toda a sua vida, com intermitências. Muita dor no epigástrico, dor violenta. Pior antes de comer e quando tem fome.

Melhora comendo.

Melhora com leite quente e água quente.

Melhora deitada.

Exame: A parede abdominal sem adiposidade. Resistência no epigástrico (Massa pilórica). Se não melhorar logo, deverá internar-se no Hospital para radiografia do estômago e duodeno.

Graph. 30, uma dose.

16 de fev. Muito melhor. Da dor, muito melhor (*Bry 1 m* para o resfriado e tosse).

16 de março. Muitíssimo melhor. A dor, agora, só quando precisa comer. Removida a dor violenta. *Graph. 200*, uma dose.

4 de maio. Digestão muito melhor. (Mas quatorze dias atrás teve muitas náuseas).

25 de maio. Melhor até resfriar-se fortemente. Muito melhor do "precisa comer". Engordou 1/2 quilo. *Graph. 1 m*, uma dose.

29 de junho. Muitíssimo melhor. Mais força. Engordou 1 quilo e meio. "Extraordinariamente melhor!" Ela diz que experimentou muitos médicos e muitos remédios, mas há muitos anos que não se sente tão bem como agora". *Placebo*.

3 de agosto. Ainda melhorando. Mais força. *Placebo*.

26 de out. Voltou um pouco a indigestão. Mudou de casa e trabalhou um pouco de mais. *Graph 1 m*, uma dose.

28 de dez. Bem. Sem dores. Sente fraqueza apenas quando tem fome, sem dor.

III

17 de outubro 1932.

Mocinha, com dor epigástrica durante os últimos dias.

Pior depois de comer.

Diarréia depois de comer ou beber.

"A comida não a perturba". (O mesmo com as bebidas).

A dor é como navalhas.

Mesmo sem comer tem a dor.

O exame do abdômen nada sugere; mas ela sente-se mal e tem má aparência e sua mãe, judia, está chorando pela sua única filha.

"A diarréia depois de comer", tem uns 26 remédios, em negrito ou itálico, que a causam e a podem curar (*).

Dêstes:

| | |
|-------------------------------|---|
| Sempre pior com bebidas frias | Ars., C.s., Ferr., Nat. c., Nux., Phos. A., Rhus. |
| Melhor com bebidas quentes | Ars., Nux., Ehus. |
| Sente náuseas na garganta .. | Ars., Ferr., Phos. A., Ehus. |
| Dor cortante no estômago .. | Ars., Nat. c. |
| Dor hipogástrica | Ars., Phos. A. |

Ela tomou Ars. 30,200 e 1 m, em três doses, de seis em seis horas. Comunicaram que a dor desaparecera e a diarréia cessara, depois de duas ou três doses em pós.

IV

Pequenos casos típicos para mostrar como podem ser manejados e com que resultados.

14 nov. 1934.

O. M., 14 anos, doente de ambulatório.

Há um ano, vomitou sangue (como "fígado"). Fácil hemorragia nasal com sangue rútilo.

Dores de cabeça às 9 da manhã, depois de se levantar. Pícdas na testa: melhor quando passeia; pior às 3 da tarde; melhor deitada; melhor no escuro.

A primeira menstruação na semana passada: uma simples mancha. Dores como navalhas três dias antes do fluxo. Bom apetite, "come demasiado". Sede de água fria.

Deseja sal, gorduras, doces, açúcar, azedos.

Pior com o tempo quente; nunca tem frio.

(*) Os diferentes tipos referem-se às listas (rubricas) no *Repertório*; as drogas dadas em negrito são as que mais frequentemente causaram e curaram um sintoma. Mas isto trataremos adiante.

"Histérica"; excita-se quando brinca.

Irritável: gosta de simpatia. Medo de estar só, no escuro.

Aqui o complexo sintomático:

Desejo de sal

Desejo de doces

Não tolera o calor.

E toda a histeria que se queira, pede Arg. nit. (Os rivais desta droga, em desejo de sal, desejo de doces — Calc., Carbo. veg., Plumb, são frios). Ela tomou Arg. nit. 30.

13 de dezembro — Melhor aparência. Regras: muito melhor. Placebo.

28 de fev. — "Não tem epistaxe nem vomita. Há um mês que está empregada. Mais equilibrada: já não está histérica". Sente-se muitíssimo melhor.

Repertorização mais pormenorizada:

| | |
|--|---|
| Desejo de apúcar | (Am. c.), Arg. nit., Calc., Kali c., Sec. |
| De sal | Arg. nit., Calc. |
| De bebidas frias | Arg. nit., Calc. |
| Vômitos (uma grande rubrica, mas contém) | Arg. nit., Calc. |
| Pior com o calor | Arg. nit. |
| Médo de estar só | Arg. nit., (Calc.) |
| Excitável | Arg. nit., Calc. |
| Histeria | Arg. nit. |
| Menstruação escassa | Arg. nit., (Calc.) |

(N. B. — Arg. nit. não aparece em tipo grande para epistaxe; mas éie não somente a restabeleceu mentalmente mas também curou isso.)

V

Mrs. E. L., 45 anos, veio ao ambulatório em 12 de março de 1931.

"Indigestão há 9 ou 10 anos".

Dor "através da cintura"; dor surda. Dura algumas horas. Começa logo depois de evacuar.

Melhor com "gingibre" quente, desaparece em duas horas.

Tem isto três ou quatro vezes por semana. Nunca vomita.

Prisão de ventre.

Pior com guisados, toucinhos, alimentos fritos.

Não tem apetite, sequiosa de bebidas quentes, pior com bebidas frias.

Muito nervosa: "antecipação".

Detesta a simpatia: chora facilmente. Minuciosa, "fastidiosa".

Tem médo de trovoadas. Receia pelos outros.

Pior com queijo.

Deseja laranjas, limonada.

Ao exame — negativo.

Repertorizando depressa, sobre os sintomas mais característicos, como segue:

| | |
|--------------------------------|--|
| Fastidiosa | Ars., Nux. |
| Receia pelos outros | Ars., Phos., Plat. Sul. |
| Dor de estômago: | |
| Pior com bebidas frias .. | Acon., Ars., Calc. arz., Calc. p., Cassi., Ferr. arz., Graph., Iris, Manc., Rhus, Sul. a. (e algumas outras mais, tipo menor). |
| Desejo de limões | (Ars.), Bell., Jatrof., Nit. a., Sabina (e algumas mais no tipo de menor graduação). |
| Desejo de "bebidas quentes" .. | Ars., Bry., Calif., Chel., Hyper., Lac. c., Lye., Scoli., Sulph. |
| Pior com queijo | Ars., Bry., Ptel., Rhus (umas duas mais em tipo de menor graduação). |
| Ansiosa | Ars. (as características mais típicas do Ars. são inquietação e ansiedade). |

E assim deram-lhe Ars. 10 m.

9 de abril. Muito melhor. Não lhe deram remédio.

Maió. "Muito melhor, digestão melhorando. Apetite melhor. Sem medicamento."

30 de julho. Tem passado muito bem: este tratamento fez-lhe melhor do que qualquer outro".

Mas a dor voltou um pouco: Ars. 10 m.

Em outubro, teve de se repetir a dose "por ter passado menos bem da digestão umas 4 ou 5 semanas".

E tornou a repetir-se em maio de 1933, novembro de 1934, fevereiro de 1935 e fevereiro de 1936 por "mau sono e nervosismo".

Para passar bem, ela parece ter precisado do seu Ars., repetido seis vezes em seis anos.

N. B. — Arsenicum não entra na rubrica "pior com tempestades" (trovoadas). Se o médico tivesse principiado com isso e considerado só essas drogas, não teria dado com o remédio apropriado para a doente.

VI

Uma menina de três anos e oito meses, de olhar patético, foi trazida para o Hospital em 19 de abril de 1934. Olhos grandes e escuros "só olhos".

Sarampo no mês passado.

Senta-se e chora por nada. Gosta de ser mimada.

Ciumenta das outras crianças, não quer brincar com elas, não fala com elas na escola.

Ciumenta do pai, porque ele fala com a mãe.

Gosta que se inquietem por ela. Gosta que sua mãe se preocupe com ela.

Não pode subir escadas.

Não tem fome, nem sede; não quer beber.

Pode estar todo o dia sem urinar.

"Pode dormir praticamente todo o dia e toda a noite, durante dois dias; então, fica bem durante quinze dias".

"Senta-se e chora por nada; gosta de ser mimada; ciumenta; tímida; não tem fome nem sede" isso quer dizer Pulsatilla e nada mais. Puls. 12 durante alguns dias.

17 de maio de 1934. "Magnífica! Vai à escola. Todos ficam admirados! Caminha melhor, come melhor, brinca mais. Uma criança inteiramente diferente. Toda a gente diz: "Que diferença!" Placebo.

Ainda tem ciúmes do pai e do irmãozinho mais novo, mas brinca com as outras crianças numa praça. Anteriormente, não queria sair de casa; agora sai e brinca".

Isabelita já não é "toda olhos". É uma menina risonha, brincalhona.

Manejaremos este caso, com o Ciúme e o desejo de simpatia como as características mentais importantes que devem estar presentes:

| | |
|------------------------------|--|
| Desejo de carinho | Puls. |
| Ciúme | Apis., (Calc. p.), Calc. sulph., (Coff.), Hyos., (Ign.), Lach., Nux. (Op.), (Phos. ac.), Puls., Stram. |
| Choro sem causa | Apis., Puls. |
| Tímida, acanhada | (Nux.), Puls., Stram. |
| Micção pouco frequente | Nux., Puls., Stram. |
| Falta de Apetite | Nux., Puls. |
| Sem sede | Puls. |

VII

CRISES BILIOSAS — Arsenicum, uma dose

Ernest H., 9 anos, 14 de set. de 1926

Há 5 ou 6 anos que tem crises biliosas de seis em seis semanas regularmente.

Também sofre dos "nervos".

Tem medo de ir à escola, de ir brincar, da escuridão.

Têm de lhe acender uma luz toda a noite.

Violentas dores de cabeça; tem de estar deitado.

Inquieto. Sempre a mover-se.

Os ataques começam com náuseas; depois vomita de repente um liquido esverdeado. Com duas ou três crises assim, fica com a cabeça vazia e febril. Transpira bastante durante os ataques.

Quando mal, está sempre a beber água; bebe alguns goles com frequência.

Evacua quando está vomitando.

Repertorizando com os sintomas característicos:

| | |
|--|---|
| Erações involuntárias durante os vômitos | (Arg. nit.), (Ars.) |
| Sêde por pequenas quantidades | Ars., Chin., Hell., Lach., Lyc., Rhus. Sul. ... |
| Periodicidade | Ars., Chin., Lyc., Rhus. Sul. |
| Inquieto | Arg. Nit., Ars., Chin., Lyc., Rhus. Sul. |
| Vômitos verdes | Arg. nit., Ars., Lyc. |
| Mêdo do escuro | Lyc. |
| Vômitos com dor de cabeça. | (Arg. nit.), Ars. |
| Receios e ansiedade | Ars. (a mais medrosa e ansiosa de todas as drogas). |

R. Ars. 200, uma dose.

1.^o de novembro. "Muito melhor. Inconformado apenas uma vez, há dois dias, sem dor de cabeça! Sem efeitos posteriores. Sem febre e sem suores. "E esta crise sobreveio na sétima em vez de na sexta semana, e ele só vomitou uma vez". Placebo.

30 de novembro. "Muito melhor. Sem crises. Menos nervoso; menos mêdo da escola e indo bem na escola. Sem dor de cabeça, sem náuseas, com menos sêde. A noite passada, pediu que lhe apagassem a luz, porque assim não podia dormir! "Bastante melhor". Placebo.

Janeiro de 1927. Sem crises, a não ser uma crise ligeira. Sem dores de cabeça! "Costumavam ser tão terríveis". Placebo.

Não tornou a vir. Curado de anos dessas crises por uma dose de Ars. 200.

Nota: — Ars. no Repertório não é uma das drogas que causa sustos no escuro; mas ajustando-se ao paciente, também curou isso.

VIII

Môça de 23 anos. Doente há cinco dias. Garganta inflamada (vermelha); língua suja; com dores por todo o corpo; alternadamente quente e fria; pesada e cansada; mal.

Temperatura (às 11,30 da manhã) 37,8.

Dores de cabeça, "marteladas". Sedenta. Desejo de leite quente.

Aversão a coisas doces ("usualmente gosta muito de açúcar"). As coisas doces causam-lhe náuseas.

Pior com o movimento.

O caso foi rapidamente repertorizado, da forma seguinte: Com as suas características peculiares, desprezando aquelas que pertenciam à influenza e febre em geral e considerando apenas aquelas que eram peculiares a este indivíduo, nauseado e febril; e novas e não usuais nela.

Tudo tão definido e tão nôvo que apenas se consideraram os sintomas em negrito e em itálico.

Aversão a doces Ars., Caust., Graph., Merc., Phos. Sul., Zinc.
Náuseas com doces Arg. n., Graph., Ip.
Desejo de leite quente (Calc.), (Chel.), (Graph.), (Hyper.).

E assim foi-lhe dada uma receita que nunca teria ocorrido a ninguém, a saber *Graphites* 10 m, ministrada imediatamente, ali mesmo. Dentro de meia hora, quando ainda se achava em observação, sentiu a pele mais fria, já não tinha a sensação de febre; o pulso estava melhor e a temperatura baixara para 37,4. No dia seguinte, tomou duas doses de *Graph.* 50 m. E na noite seguinte assistia a uma grande reunião, perfeitamente bem.

O nome da doença é realmente de pouca valia, ao receitar — a não ser um rotineiro — e há grande lentidão em cair na rotina. Pode levar-nos, ou não, a um grupo de remédios. Nem mesmo isso, neste caso. Raramente a um único.

Fazei justiça a vós próprios e à Homeopatia e, nas doenças agudas, não vos contenteis com a palição. Agarrai-vos ao caso e curai.

E a fim de curar (não apenas de paliar) devemos tratar, não um nome de doença, mas o doente.

Trabalho demais? Numa pequena doença como esta? Mas não exige a humanidade de nós que nos esforcemos? E não é essa a nossa missão na vida? E não foi isso a que nos comprometemos quando nos concederam o direito de tratar das moléstias?

Trabalho inferior e descuidado não faz crédito a ninguém. "A capacidade envolve responsabilidade. O poder, até nas coisas mínimas, significa Dever".

IX

Um môço mentalmente deficiente, de 21 anos, apresentou nova fase de sintomas muito alarmantes. Tornou-se muito asseado, não só com respeito às suas próprias roupas, mas com as dos outros: percorria os aposentos da família, limpando e arrumando coisas em gavetas (os pais não gostavam nada disso!). E também, depois de ter anteriormente mêdo de estar sozinho, veio-lhe o desejo de passear. Fugia de casa para longe, e a pobre mãe, que

receava que elle fizesse diabruras ou que lhe acontecesse algo de mal, nem sempre o podia vigiar. Assim, elle andava perdido durante horas. Ella chegava a prendê-lo a uma perna da mesa, a ver se lhe soffreava os impetos. Outro sintoma irritante era um riso imoderado e quase incessante. Também se tornou daninho e destrutivo, entregando-se a acessos violentos de gênio.

O caso foi repertorizado assim:

| | |
|-------------------------------|--|
| Atestado ("meticuloso") | Ars., Nux. |
| Daninho | Agar., Anac., Ars., Calc., Cann. Ind., Cup., Hyos., Lach., Merc., Nux., Stram., Tarent., Verat. (com três outras drogas em tipo de menor graduação). |
| Ri imoderadamente | Cann. Ind., Nat. m., Nux. m., Nux., Strych. |
| Côlera violenta | Ars., Anac., Calc., Nux., Tarent. |

E assim elle tomou uma dose de Nux na potência de 10 m.

Um mês depois, communicavam que estava "muitissimo melhor. Voltou à sua intelligência usual e diz coisas sensatas a maior parte do tempo. Tinha estado quase a tornar-se idiota. Renunciou aos seus passeios constantes: trazemo-lo debaixo de ôlho, mas já não tem o desejo de sair, como tinha há poucas semanas. Ainda ri alguns dias, especialmente à noitinha. Com grande alivio nosso, já não tem aquêles violentos ataques de gênio há 3 semanas e meia, estando mais brando e comedido", e "mais intelligente".

Precisou de Nux outra vez pela volta do mau gênio e fêz-lhe bem. Sua mãe escreveu acerca dos "pós de passear e dos pós de humor (*).

O caso acima mostra como se pode auxiliar, mesmo quando a doença é incurável; e como a droga se pode encontrar tomando em conta os sintomas característicos peculiares, especialmente se se apresentam sob nôvo aspecto.

(*) Em esta família de tradição homeopática, as enfermeiras denominavam Nux vomica "o remédio do humor".

LIÇÃO SÉTIMA

O REPERTÓRIO

Mas esta vasta Matéria Médica precisa dum Index; e já na própria época de Hahnemann, como vemos pelos seus escritos (*), e daí por diante, se compilavam Repertórios da *Matéria Médica Homeopática*.

Entre os mais bem conhecidos, estão o *Manual Terapêutico de Boenninghausen*, ainda usado por muitos médicos americanos, e revisto e ampliado, há poucos anos, pelo Dr. Boger; o *Repertório de Lippe*; o *Repertório de Kner* para os *Síntomas Guias de Hering*; o *Repertório de Cifras*, livro muito difficil de dominar; o grande *Index da Enciclopédia de Allen* e muitos outros, além de repertórios parciais, como o *Repertório de Berridge para Olhos* etc. etc. Mas, muito e em muito, o mais completo e o mais fácil de consultar, logo que se comprehenda o seu arranjo, é de Kent — sempre esgotado e reimpresso.

Mas o Repertório de Kent precisa de auxilio para o seu estudo; é em absoluto um livro fechado para os não iniciados. É verdade que (assim como com todos os nossos repertórios), há nelle, de capa a capa, um esquema — o esquema original de Hahnemann na sua *Matéria Médica Pura* e o de todas as matérias médicas desde o seu tempo. Para quem se inteire perfeitamente desse esquema, elle desenvolve-se (apesar de muito elaborado) com perfeita seqüência de principio a fim; e, para o iniciada, é o livro mais fácil do mundo para obter a informação desejada. Não carece de

(*) O primeiro dever do médico homeopata é intenciar-se da condição total do paciente, da causa da doença tanto quanto elle se lembra, do seu modo de vida, da natureza da sua mente, do tom e do caráter dos seus sentimentos, da sua constituição física e especialmente dos sintomas da doença. Esta inquirita é feita de accordo com as regras enunçadas no "Organon".

Isto feito, o médico trata então de descobrir o verdadeiro remédio homeopático. Pode utilizar-se dos Repertórios existentes com o fim de se tomar aproximadamente conhecimento do verdadeiro remédio. Mas como estes repertórios só contém indicações gerais, é necessário que os remédios que o médico encontra indicados nessas obras devam ser depois cuidadosamente estudados na *Matéria Médica*.

Um médico que não queria dar-se a esse trabalho... e que por meio dessas indicações gerais despatcha um doente após outro, não merece o nome de verdadeiro homeopata. É mais charlatão que moço de remédios a todo o momento, até que o pobre doente perde a paciência e se vê forçado a abandonar esse introneteo homicida. É "por tais lentidões que a Homeopatia é prejudicada" (Doenças Crônicas).

index; basta apenas procurar o que se precisa, contanto que esteja registrado no livro. Mas necessária de explicação inicial. Por isso, compilamos o presente capítulo para tornar claro o seu uso.

Uma vez compreendido o repertório, uma pessoa dirige-se sem um momento de hesitação para a rubrica que precisa e encontra a lista das drogas que têm provocado, por exemplo, "ciúme", "desconfiança", "desejo de sal", "de doces", "aversão às gorduras", "ao leite"; "ausência de dor em afecções geralmente dolorosas", "pior com o tempo úmido, com o tempo seco", "medo da trovoadas, da escuridão, da morte" — e todas as condições de todos os males a que a carne é sujeita. De tempos a tempos, vemos provas accidentais de drogas e compreendemos como essas coisas são verdadeiras. Mas aqui pode uma pessoa sugerir que, especialmente quanto aos sintomas mentais — e à doença — nenhuma droga pode produzir o que não está nela já latente. E é essa a razão por que são precisos diferentes indivíduos para provar as drogas.

Eis aqui alguns pequenos casos fáceis manejados com o auxílio do Repertório, com resultados.

Mas lembrai-vos de que o Repertório é apenas um index para os sintomas mais importantes dos mais importantes remédios e que ele apenas vos guia para as drogas prováveis da Matéria Médica, entre as quais deveis achar o "simillimum".

Utilização do repertório

Dos "Escritos Menores" de Kent:

"Como a Homeopatia compreende tanto a ciência como a arte, o Estudo do Repertório deve consistir em ciência e arte.

O método científico é o método mecânico: tomando todos os sintomas e escrevendo todos os remédios associados com graduações (*), fazendo um sumário com graus marcados, no fim.

(*) Por graduação, Kent quer aqui significar os três tipos em que as drogas aparecem nas diferentes rubricas do Repertório. Na rubrica "Ciúme", por exemplo, dois remédios se mostram em negrito, como tendo repetidamente causado e curado (ou grandemente ajudado) o ciúme em pessoas, especialmente quando o ciúme parece ser um novo sistema e estar associado com a doença neste paciente. Seis outras drogas aparecem em itálico, como tendo causado ciúme e como tendo sido "clínicamente verificadas" ter curado. Ao passo que outras nove drogas aparecem em tipo comum, como tendo causado ou curado, mas não sendo notoriamente clínicas.

Tomemos os sintomas característicos dum paciente desconfiado, ciumento, apressado, com medo do escuro.

| | |
|------------------|------------------------------------|
| Desconfiado (**) | HYOS., LACH., NUX., PULS., STRAM. |
| Ciumento | HYOS., LACH., NUX., PULS. (STRAM.) |
| Apressado | HYOS., LACH., NUX., PULS., STRAM. |
| Medo do escuro | PULS., STRAM. |

(**) Aqui só se tomam em consideração as drogas em negrito, porque a desconfiança é muito acentuada, e nas rubricas seguintes, só os remédios que produzem esse sistema (desconfiança) se tomam.

Aqui, contamos Hyos como 21, Lach. como 18, Puls. como 45 e Stram. como 418, contando 3 pontos para o tipo versal, 2 para o negrito e 1 para o tipo romano, aqui assinalado entre parênteses. Mas o remédio (se os sintomas correspondentes) seriam provavelmente Pulsatilla, visto que Stramonium tem o importante sistema "ciúme", apenas pobremente marcado.

Há um método artístico que omite o mecânico e que é melhor, mas nem todos estão preparados para usá-lo. O método artístico exige que seja feito julgamento sobre todos os sintomas, depois de o caso ter sido cuidadosamente retratado. Os sintomas devem ser julgados quanto ao seu valor como característicos, em relação com o paciente; devem ser passados em revista pelo espírito racional para determinar aqueles que são estranhos, raros e peculiares.

Os sintomas mais peculiares ao paciente devem ser apanhados primeiro, depois os menos, e menos peculiares até que os sintomas que são comuns e não peculiares sejam agrupados em ordem, do primeiro até ao último.

"Esses devem ser avaliados na medida em que se refiram mais ao paciente do que aos seus órgãos e usados em vez de resultados finais (*) e sintomas patognômicos.

Eis alguns casos que mostram como, pela graduação dos sintomas e com a ajuda do Repertório, a droga curativa pode ser descoberta.

I

Um caso mental — Paranoia

Senhora de 60 anos. Ela e o marido, que forneceram grande parte da informação, estavam muito aflitos com o seu estado.

Foi vista pela primeira vez em outubro de 1932.

"Fortes dores de cabeça há muitos anos". "Alta pressão sanguínea".

Mania de perseguição. "Gente que anda a dizer mal dela". "Efeitos das injeções dum médico" ou "uma amiga que a prejudicou com o espiritismo". Muito mal, chora e zanga-se por tudo.

Desconfiada: "que lhe andam a pregar peças"; "muito ofendida por pessoas amigas terem feito isso".

Suspeitava que seu marido estava metido na conspiração, "que lhe estava a dar qualquer coisa que lhe fazia mal".

(*) Uma palavra favorita de Hahnemann e de Kent para as consequências finais da doença, isto é, quando a doença interna se "ultimou" por alguma manifestação externa, tangível; tal como uma goma, um tumor de qualquer espécie, uma doença de pele. Sintomas devidos aos resultados finais ou dependentes deles não seriam importantes para o caso, quando se trate da procura do remédio. "Migração freqüente" não seria um sistema estranho e raro, peculiar ao paciente e distinto, quando medicado, provocado por um tumor localizado na pele; nem a disposição e a apatia seriam importantes e não usuais na doença do coração com ascite. Esses todos pertencem aos resultados finais e não são peculiares ao paciente. Ao passo que sintomas tais como "adiposidade durante febre alta", náuseas ou vômitos ou plenitude gástrica "aliviados por comer", dor de garganta "aliviada por engulir coisas doces", são sintomas peculiares a alguns pacientes e a algumas drogas e sugerem-nos a sua emprego. Eles são de difícil explicação.

"Quer vingar-se dessas pessoas".

Havia sintomas muito menos importantes, que foram desprezados pela preferência dada aos mentais; estes fiavam de figurar no quadro.

| | | | | | |
|--------------------------|-------|---------|-------|-------|---------|
| Desconfiada (*) | Anac. | (Dros.) | Lach. | Merc. | Bell. |
| Mania de perseguição | Anac. | Dros. | Lach. | Merc. | Bell. |
| Vingativa | Anac. | — | Lach. | — | Bell. |
| Pior com o tempo ventoso | — | — | Lach. | — | (Bell.) |
| Dores de cabeça | Anac. | Dros. | Lach. | Merc. | (Bell.) |
| estendendo-se ao nariz | — | — | Lach. | Merc. | — |
| Mêdo de que a envenenem | — | — | Lach. | — | — |

Re Lach 12, 30, 1 m, em três dias successivos com Placebo.

Novembro. "Mais animada. Resigna-se mais com os seus incomodos". Placebo.

Dezembro. "Sentindo-se melhor. Não quer pensar nos seus males. Para quê?" Não tem dor agora na base do nariz. Placebo.

Janeiro de 1933. "Melhor, até resfriar-se. Menos deprimida."

Desconfiada? "Larguei isso"! "Era tudo verdade, mas eu já não me importo". Tomou Pulsatilla para um terço etc.

Março. Outra vez dores de cabeça. Fogachos. Mas, melhor e os nervos mais fortes. "Voltam de vez em quando, mas ela suporta-as melhor". Lach. 12, 30, 1 m. outra vez. Placebo.

Julho. Não tão bem desde o calor. A pressão sangüinea subiu de novo. Uma pressão, nos lados do pescoço. Irritação e tosse se qualquer coisa lhe toca na garganta (um peculiar sintoma de Lach.). Os fogachos começaram outra vez. Repetido Lach. Placebo.

Agosto. Melhor, mas o tempo quente provoca vertigens e dores de cabeça! "A cabeça parece ter o dobro do tamanho". Lach. 6, 12, 30. Placebo.

Julho de 1934 (11 meses depois). Escreve: "Bastante melhor e muito grata."

Janeiro de 1935 (vista pela última vez). "Vem por causa dos olhos".

"Há ano e meio que não vem, por se sentir muito melhor".

Parece inteiramente normal; nunca se refere ás suas afecções mentais.

O pescoço parece cheio e a pressão sangüinea está alta. Repetido Lach e Placebo.

N. B. — Lachesis não apresentava todos os sintomas da doente; provavelmente, os mal-accentuados e os colhidos em resposta a perguntas; mas tinha os mentais importantes. E fez-lhe a vida digna de a viver para ela e para o seu marido.

(*) Para iniciar a repertarização, só se levaram em conta os medicamentos com "desconfiança" e "mania de perseguição".

Quem quererá levar a Homeopatia para um hospício de alienados para curar os curáveis e auxiliar muitos outros?

II

Asma

Miss X, 50 anos. 19 de novembro de 1928.

A asma começou no inverno passado.

Há dois anos, um médico aconselhou-lhe injeções para resfriados frequentes: três injeções, uma de dez em dez dias. Após a segunda, ficou muito mal com uma temperatura elevada.

"Nunca havia tido asma". (A doente ocupava cargo importante e a asma prejudicava-lhe o trabalho. Foi mandada pela enfermeira dum grande hospital, que fora curada da mesma enfermidade).

Tinha grande número de sintomas muito definidos, principalmente particulares qualificados, e eis aqui como se chegou ao remédio.

| | |
|---|--|
| Melhor da asma sentando-se ereta | Kali c., Lach., Laur., Lyc., Seneg. (Sulph.), Ter. |
| Melhor com a cabeça para diante e os cotovelos sobre os joelhos | Kali c., (Coc. c.) |
| Pior deitada | Kali c., Lach., Lyc., Seneg., Sulph. |
| Suor nas axilas | Kali c., Lach., Laur., Sulph. |
| Suor nos pés | Kali c., Lyc., Sulph. |
| Suor entre os dedos dos pés | Kali c., Lyc. |
| Dor no calcanhar | (Kali c.), (Lyc.), (Sulphur). |
| Opressão no tórax | Kali c., Lyc., Seneg., Sulph. |
| Sorbas com defuntos | Kali c., Lyc., Sulph. |
| A paciente sentia-se geralmente | |
| Pior com o frio | Kali c., Lyc., Sulph. |
| Pior com correntes de ar | Kali c., Lach., Lyc., Sulph. |
| Pior com o vento este | Kali c., (Sulph.) |
| Pior com os pés úmidos | (Dulc.) |
| Pior com o banho | Kali c., Lyc., Sulph. |

Kali carb. 6, 12, 30, uma dose todas as manhãs durante 3 dias. Placebo.

Dezembro 19. "Maravilhosamente melhor; nem o nevoeiro cerrado lhe fez mal". Apenas duas ligeiras crises. (ela tinha-as muito frequentemente e com muito mais intensidade). "Tratou-se durante dois anos, mas nunca colheu benefícios como agora". Desaparecida a opressão do tórax. Pode estar deitada de qual-

quer lado, não inteiramente estendida. Desaparecida a dor no calcanhar (tinha que ficar em casa por causa dela). Sua muito menos. *Placebo*.

Só deu notícias suas em 3 de dezembro de 1932 (quatro anos depois). Mandou outro doente de asma e a notícia de "que não mais tivera crises".

(O médico sente-se muito feliz e confiante quando um remédio serve para o caso todo, como aqui).

III

Um menino de 7 anos e meio, com tosse há sete anos.

Donald B. S. — 7 anos e meio.

Maió 31. Tosse quase desde que nasceu. Aos cinco meses teve bronco-pneumonia e tosse desde então. Romperam os dentes com bronquite.

"Qualquer resfriamento lhe causa bronquite".

Tosse quase sempre. Pode passar uma semana ou quinze dias sem tossir, mas se pega um resfriamento ligeiro, volta a tossir.

Tem acessos de tosse a dormir. A mãe diz que fica acordada, apouquentando-se: "Quando dormirá esta criança". De repente, encontra-o a dormir profundamente, tossindo. Tem tosse ao deitar e geralmente tôda a noite.

Exame do tórax, negativo.

Gosta de calor: piora com o frio.

Pior com o tempo nublado. "Costumava chorar pelo sol" (sintoma estranho, raro e peculiar para um rapazinho!) Vivía praticamente no jardim até ir à escola; aí então, desanimava.

Come e dorme bem. Gosta de fazer barulho. Inquieto: chora, mas para logo.

Tem ciúmes do gato e do cão.

Os sintomas peculiares foram apanhados:

| | |
|-----------------------------|---|
| Tosse durante o sono (*) .. | <i>Acon., Agr., Apis., Arn., Bell.</i> |
| | <i>Cham., Lach., Petr., Rhus., Sulph.</i> |
| Pior com tempo nublado .. | <i>Chem., Rhus., (Sulph.)</i> |
| Intranquilo de noite | <i>(Apis.), Rhus., Sulph.</i> |
| Comento | <i>Lach., (Apis.)</i> |

"Gosta do calor e piora com o frio" é contra *Apis., Lach. e Sulph., e Rhus.* tem "resfria-se facilmente".

Tomou uma dose de *RHUS, c. m.* e a tosse desapareceu.

(*) Apenas as drogas em negrito e itálico foram aqui usadas.

Em 26 de setembro voltou com uma carta dum médico, "dor no abdome, será talvez o apêndice?"

A dor era no umbigo; fazia-o dobrar-se. *Coloc. 200 três doses* acabou com isso.

A mãe disse que, desde que tomou o *Rhus.*, há quatro meses, nunca mais tinha tossido. Que os vizinhos perguntavam: que foi feito da tosse desse menino? Notaram que tinha desaparecido. "É maravilhoso".

É maravilhoso como alguns sintomas peculiares, peculiares ao paciente e não comuns à sua doença, fornecem muitas vezes a chave do remédio mágico.

IV

G. G., dois anos e nove meses.

Prisão de ventre desde o princípio. "Invaginação intestinal há nove meses, estêve quase a ser operada".

De seis em seis ou de sete em sete semanas tem crises de náuseas e fica prostrada; repele a comida e só quer beber água.

Fraca. Quer que a carreguem. Sujeta a entorses dos tornozelos. Começou a andar muito tarde, aos dois anos.

Não sente o frio.

Não gosta de brincadeiras nem de carinhos.

Melhor e mais contente fora de casa; mais chorosa dentro de casa. Tem medo do escuro.

Fezes lientéricas.

Tem medo do escuro *Acon., Calc., Camph., Cann. Ind., Carb. an., Carbo veg., Cup., Lyc., Med., Phos., Puls., Stram., Stront.*

Melhor ao ar livre *Acon., Camph., Cann. Ind., Lyc., Phos., Puls.*

Fezes lientéricas *Calc., Lyc., Phos.*

Não sente o frio É contra *Calc. e Phos.*

Não gosta de brincadeiras * (*Lyc.*)

Ficamos com *Lycop. Junho, 21...* *Lyc. 1 m.*, uma dose. *Plac.*

Julho 5. Está muito bem. Os intestinos funcionam uma vez por dia. *Placebo.*

Setembro 13. Continua bem. *Placebo.*

Outubro 4. "Melhora cada vez mais. Os intestinos têm funcionado todos os dias, exceto ontem; hoje, voltaram a funcionar.

Apetite melhor. As fezes não lientéricas.

E a menina já não tem náuseas.

(*) O Repertório tem isso como "agravação pelo consêio".

Malária — Arsenicum

12 de outubro de 1918.

Homem atacado de malária na Palestina e que continuou a sofrer crises ocasionais; toma às vezes, quinino. Antes de ali contrair a malária, tomou muito quinino.

Se está cansado, sobrevêm-lhe crises. Prolongam-se, sem intermitências, durante alguns dias. Voltam, sempre que se cansa.

Fica muito quente e depois sua (não há calafrio).

Dorme mal, agita-se muito; não pode estar sossegado.

Tem muita sede durante os suores e depois.

Teve também disenteria amebiana, com sangue e tenesmos. Às vezes, também isto lhe sobrevem. Foi licenciado com um joelho mal-ferido.

Dor de cabeça frontal; pior depois da malária.

Está melhor deitado, mas não pode descansar. Anda dum lado para o outro, muito inquieto: "se está fora, quer ir para dentro; se está dentro, quer ir para fora".

"Deseja sempre fazer o que não está a fazer".

A cabeça parece que se lhe racha quando canta; sente um peso grande em cima.

Gosta de companhia. Muito deprimido. Às vezes fica nervoso, quando só. Tem aversão às gorduras. Deseja doces.

Ultimamente, é sensível ao frio.

Para os efeitos prolongados da malária e do quinino, um número limitado de drogas têm provado, especialmente, serem de grande utilidade. Tomaremos essas:

| | |
|--------------------------------------|---|
| Malária | (Apis), Ars., Calc., Carbo veg., Ferr., (Ferr. ars.), (Lach.), Nat. m., (Nux.), Phos., Sep., Sul. |
| Quinino | Apis, Ars., Calc., Carbo Veg., Ferr., (Ferr. ars.), Lach., Nat. m., Nux., Phos., Sep., Sul. |
| Recio de estar só | (Apis), Ars., Calc., Nux., Phos., Sep. |
| Deprimido ("tristeza") | Apis, Ars., (Calc.), (Nux.), Phos., Sep. |
| Sede durante os suores | Ars., (Calc.), Sep. |
| Sede depois dos suores | Nux. |
| Feces disentéricas | Ars., Nux., Phos. |
| Aversão às gorduras | Ars., (Calc.), (Phos.), Sep. |
| Desejo de doces | (Ars.), Calc., Sep. |
| Detesta brincadeiras (safagos) | Ars., (Calc.), Sep. |

Mas sem repertorizar o caso, os sintomas mentais: grande inquietação; não pode estar sossegado; se está fora, quer estar dentro, se está dentro, quer estar fora, sugerem o Ars. e nada mais. Tomou Ars. 1 m, uma dose.

Na noite seguinte, "dormiu profundamente e levantou-se depois de seis horas de sono, pela primeira vez, há meses. Desaparecida a dor de cabeça".

Até 1936, nunca mais teve malária; mas em 1929, cansado e deprimido, com um surto de inquietação, foi-lhe repetido o Arsenicum que voltou a restabelecê-lo e duma vez para sempre.

Que grandes resultados se podem seguir a um pequeno estímulo: mas tem de ser o estímulo certo. Nada mais!

Asma

10 de set. de 1929. Mrs. C., 44 anos, veio ao Ambulatório com Asma, contraída há 8 anos. Sempre a piorar.

Crises muito frequentes. Diz que tem uma crise todos os 15 dias, que a obriga a recolher-se ao leito; então, aliviada alguns dias; depois outra crise.

As amígdalas foram extraídas há 2 ou 3 meses. "Desde aí nunca se sentiu muito bem" e não houve melhora na asma.

A tosse é pior às 3, 4 da manhã.

Expectoração espumosa, pedaços gelatinosos, muco viscoso.

Ela apresentava um belo quadro de Puls...

Irritável, PULS. Inconstante, PULS. Chora facilmente e ri-se facilmente, PULS.

Melhor com companhia, Puls.

Recia o escuro, Puls, a morte, Puls.

Desconfiada, PULS. "Andam a pensar mal dela".

Repugnava-lhe as gorduras, PULS.

Sonha com gatos, Puls. (porque Puls. é uma das 10 drogas que têm provocado "sonhos com gatos").

E por isso — em 10 de set. de 1929, tomou Puls. 10 m e Placebo.

Dai a um mês (10 de outubro). "Muito melhor. Só uma crise e pôde passear". Placebo.

Outro mês (7 de novembro). Nenhuma crise! Já não sonha com gatos. Placebo.

Outro mês (12 de dezembro). Uma crise este mês depois de se molhar. Não seria melhor repetir?... mas Placebo. Janeiro de 1930. Menos bem. Ameaça de asma. Mais expectoração. Por isso, Puls. 10 m. A sua segunda dose.

Vista em fevereiro, março, abril, maio e junho de 1936, sem recaída de Asma! Ela diz que está "esplêndida — que era um perfeito farrapo quando veio aqui!" Notai que ela precisou apenas de duas doses de PULS. 10 m em dois anos.

(Como se viu atrás, este pequeno caso de um doente de ambulatório era tipicamente Pulsatilla para todo aquêl que comprehendesse êsse remédio; apenas se necessitava considerar alguns pontos — mas vamos repertorizá-los).

| | |
|---------------------------|--|
| Desconfiada (*) | ACON., Calc. p., (Calc. s.), CANN. IND., LYC., Phos., PULS., RHUS., Stram. |
| Mêdo do escuro | Acon. (Calc. p.), (Calc. s.), CANN. IND., Lye., Phos., Puls., (Rhus), STRAM. |
| Inconstante | Acon., (Calc. s.), Lye., Phos., Puls., (Stram.) |
| Chôro sem causa | Lye., Puls. |
| Desejo de companhia | (Calc. p.), Lye., Phos., Puls., Stram. |
| Mêdo da morte | Acon., (Calc. s.), Cann. ind., Lye., Phos., Puls., Rhus., (Stram.) |
| Aversão às gorduras | (Phos.), Puls., (Rhus). |
| Sonhos com gatos | (Puls). |
| Asma | Acon., Lye., Phos., Puls., Stram. |
| Expectoração: | |
| espumosa | Acon., Phos., Puls., (Stram.) |
| viscosa | (Acon.), (Calc. s.), (Lye.), Phos., Puls., (Rhus). |

Os casos descritos mostram o modo pelo qual o remédio pode ser determinado com o auxílio do Repertório, mas tendem também a confirmar as Doutrinas de Hahnemann, a saber:

Cobrindo a totalidade dos sintomas característicos.

O remédio único.

O remédio dinamizado.

A dose única.

A longa duração da reação, para o correto estímulo vital.

A não interferência com a reação.

A repetição só quando os sintomas tendem a voltar, isto é, requerem outra vez o remédio.

* * *

Mais uma vez a gradação dos sintomas, que podemos chamar de perspectiva da prescrição.

No seu maravilhoso livro "Casos", O Dr. Erastus Case, dos Estados Unidos da América, diz:

"Os sintomas colidem freqüentemente, e são muito numerosos.

Peculiares à constituição do paciente.

Resultantes de doenças anteriores.

Patológicos.

Reflexos, resultado de condições mórbidas.

Devidos à ação de drogas.

Paramente imaginários".

(*) Rubricas combinadas.

"Devemos dar o remédio que produziu todos os sintomas do paciente.

Muitas vezes não podemos encontrar um cuja patogenesia os contenha a todos.

Podemos manejar o caso com o Repertório para encontrar não um, mas diversos remédios.

Daremos aquêl que cobre apenas o maior número de sintomas — o método numérico?

Ou escolheremos alguns sintomas especiais que tenham mais peso que outros?"

(O Dr. Case cita Hahnemann, como nós o fizemos, quanto a serem os sintomas marcantes e característicos usados especialmente e quase exclusivamente, no confronto das peculiaridades do quadro de doença do paciente com as peculiaridades da droga).

O nosso guia, pois, para achar o remédio é: "Os sintomas marcantes, notáveis e peculiares", se a droga deverá curar.

"Agora percebemos" (diz Case) "porque as nossas primeiras tentativas com o repertório não deram os melhores resultados. Colocávamos os sintomas absolutos e gerais ao longo dos característicos, como de igual valor, em vez de lhes darmos um lugar secundário e usá-los para confirmar a escolha do remédio, feita pelos sintomas característicos.

Nosso êxito dependerá em grande parte, conforme a agudeza da nossa observação, de reconhecermos as peculiaridades do paciente e da nossa habilidade em adaptarmos a elas o medicamento apropriado".

* * *

O Dr. Gibson Miller, aquêl discípulo fiel de Hahnemann e de Kent, disse quase a mesma coisa.

"Encontramos registrados certos casos com a apresentação de grandes e complexas massas de sintomas, aos quais, em conjunto, não corresponde nenhum remédio da Matéria Médica, e sem explicação de como o remédio que provou ser curativo foi escolhido dentre os muitos que competiam com êles.

Ao estudarmos casos modelos registrados por Mestres na Homeopatia, ficamos embaraçados para perceber por que razão foi escolhido o remédio curativo, a não ser que compreendamos as regras que os levaram a dar preferência a certos sintomas, e a relegar outros para um lugar muito secundário.

Hahnemann ensinou que a Escolha do Remédio deve depender quase inteiramente dos sintomas, com a exclusão prática da patologia.

Os mestres antigos lidavam com um número muito limitado de remédios, contudo, na maioria dos casos, suficientes para toda a sua clínica.

Compreendiam não só o espírito de cada remédio, mas também os sintomas que caracterizavam o paciente.

Nós, também, devemos aprender a graduar os sintomas, de acordo com o seu respectivo valor".

Miller dá-nos "três classes de sintomas:

- 1 — Pertencentes à doença;
- 2 — pertencentes ao paciente;
- 3 — e, em casos adiantados, pertencentes aos resultados da doença".

"Escolher o remédio de acordo com a primeira e a terceira classe é caminhar para um fracasso.

Os que pertencem à doença só nos guiam para um grupo de remédios. A não ser que possuamos algum método de individualização, não poderemos, a não ser por sorte, escolher o remédio.

Os que dependem de condições patológicas não são base segura, visto que poucas drogas têm as suas provas bastante adiantadas para deduzir tais efeitos. Temos de depender de envenenamentos ocasionais.

Nossa principal confiança deve sempre residir nos sintomas que identificam o paciente.

E Hahnemann aconselha-nos a atender especialmente e quase exclusivamente aos sintomas que são peculiares e característicos do paciente e não aqueles que são comuns à doença.

Kent, depois de muitos anos de experiência, afirma que considera esse conselho de Hahnemann como a coisa mais importante que o mestre escreveu".

LIÇÃO OITAVA

ADMINISTRAÇÃO DO REMÉDIO

Farmácias Homeopáticas

Os medicamentos homeopáticos podem ser obtidos em qualquer farmácia homeopática. Aquelas cujos anúncios aparecem em nosso jornal, *Homeopatia*, são firmas há muitos anos estabelecidas e os seus medicamentos são dignos de confiança.

Não obtenhais os medicamentos homeopáticos das farmácias alopáticas, que podem ter pequena caixa de preparações homeopáticas numa vitrina, expostas aos fortes raios solares, ou em qualquer canto do estabelecimento onde são influenciadas por grande variedade de odores fortes, principalmente da cânfora, que lhes são fatais. E evitai também medicamentos homeopáticos baratos, feitos muitas vezes de plantas secas (talvez deterioradas), em vez de ervas frescas e ativas com todo o seu vigor.

A saúde, a própria vida do nosso doente pode, algumas vezes, depender das doses pequenas, imponderáveis que lhe estais propinando. Certificai-vos de que lhe estais a dar aquilo que julgais puro.

Como se ministram os medicamentos homeopáticos

Os medicamentos homeopáticos podem-se obter e ser aviados como tinturas ou em forma de pós, glóbulos ou nas pequenas pilulas de Hahnemann (ou grânulos), todos de sacarose ou lactose. Estas últimas são as mais convenientes para transportar e guardar. Elas contêm toda a medicação necessária ao tratamento das doenças, agudas e crônicas; e constante que sejam protegidas da luz forte, do calor e dos odores, especialmente cânfora, elas conservam-se indefinidamente — durante anos — absolutamente dignos de confiança. As tinturas apelam mais para a imaginação, mas precisamente quando necessitamos mais delas, as rólhas muitas vezes encarquilharam-se e o líquido evapora-se. Podemos, assim, encontrar-nos em dificuldade, precisamente no momento próprio.

Administração e repetição nas doenças agudas

Dai sempre doses únicas de uma única droga. Mas aqui, na doença aguda, tereis provavelmente de repetir o vosso remédio em intervalos mais ou menos curtos, quando a melhora inicial é sucedida por recaída visível — permanecendo os mesmos sintomas (isto é, requerendo o mesmo remédio). Isso verifica-se especialmente na pneumonia, onde a temperatura, depois de baixar, pode subir outra vez no dia seguinte. O tratamento aqui não pode ser abandonado, enquanto a febre não cessa. O mesmo se aplica, mais ou menos, às febres reumáticas e a outros estados agudos (*).

Hahnemann diz: "Nas doenças agudas, o tempo para a repetição do remédio próprio é regulado pela marcha da doença; aqui pode ser, muitas vezes, necessário repetir o medicamento dentro de vinte e quatro, dezesseis, doze, oito, quatro horas, e menos, enquanto o remédio, sem originar novas afecções, continua a produzir melhoras ininterruptas; mas quando essas melhoras não são suficientemente acentuadas, tendo em consideração a rapidez perigosa da doença aguda, o intervalo deve ser ainda menor. Assim, em casos de cólera, a doença mais rapidamente fatal conhecida, é necessário no princípio uma ou duas gotas ou tabletes de fraca solução de cânfora de cinco em cinco minutos, para conseguir alívio pronto e seguro: ao passo que nos estados mais adiantados, poderemos ter que empregar doses de *Cup.*, *Verat.*, *Phos.* etc. de duas em duas ou de três em três horas; ou dar *Ars.*, *Carbo veg.* etc. com intervalos similares". (*Organon*).

Repetição na doença aguda

E mais: "Nas doenças agudas, os remédios podem ser repetidos em intervalos ainda mais curtos: por exemplo, vinte e quatro, doze, oito ou quatro horas, e nas doenças muito agudas em intervalos que variam de uma hora a cinco minutos". (*Organon*).

(*) Mas em casos muito agudos, em pessoas sensíveis, uma única dose do remédio absolutamente indicado curará imediatamente, até em poucos minutos, e o paciente sente-se, quase imediatamente, curado. Como se deu há tempos com um homem com influenza (tinha tomado *Colobium* na noite anterior, sem resultado). Tinha violentos accessos de tosse, quase sufocante; queixava-se de calafrios nos braços e na barriga das pernas (*Gela*, tem onda de calafrios nas costas) não podia suportar um golpe de ar ou corrente; não se podia mover e estava bastante irritado. Tomou uma dose de *Nux 200*, e mal ela lhe tinha chegado à boca, sentiu logo alívio; e duas horas depois estava de pé à porta da rua (fazia frio e chovia) contente, acompanhando a visita até a porta". A doença foi simples e rapidamente detida e não seguiu o seu curso usual, com t. e. e que ficou da tosse cedeu, em dois dias, a uma dose de *Bryonia*.

Quando mudar de remédio

Não somente podemos ter de repetir, mas também podemos ter de mudar de remédio, quando a nossa escolha não foi correta e não afetou favoravelmente o paciente, ou quando, tendo-o socorrido até um ponto, o paciente está ainda sofrendo, mas com outros sintomas. O primeiro remédio não abrangeu completamente o caso. Devemos achar um que faça isso.

Elemento crônico latente na doença aguda

Ou também, pode ser que haja qualquer elemento crônico latente que impeça os nossos remédios simples de agir.

Recentemente, no nosso hospital de Londres, tivemos um paciente com febre elevada e dores agudas reumáticas e tumefações, erráticas, não só de articulação para articulação, mas de um lado para outro e regressando ao ponto de partida (como, punho direito, depois punho esquerdo, depois punho direito de novo) sendo igualmente afetadas outras articulações — ombros, pés (isso durava há quatro meses — voltava ao trabalho nos meses rigorosos de inverno e depois tornava para o hospital — antes que o admitissemos). Conosco, remédios que pareciam indicados, tais como *Lac. caninum*, cujos sintomas vagueiam não somente de articulação para articulação como de um lado para outro, não deram resultado. Então inquiridos cuidadosos descobriram a tuberculose na história da sua família e uma dose de *Tuberculinum bov.*, em uma das potências de extrema subdivisão, mudou depressa o quadro, descendo a temperatura e voltando logo as articulações à normalidade (*).

Uma causa de fracasso

Quando os remédios homeopáticos, que são eficientes nos casos normais, parecem falhar, considerai qual das doenças crônicas, herdadas ou adquiridas, pode ser a causa da enfermidade e prescrevei, geralmente, o remédio homeopático com material delas preparado.

DOENÇAS SUBAGUDAS

Nas doenças subagudas, é frequentemente necessário dar várias doses, com intervalo de quatro a oito horas; algumas vezes, se não estais vendo o paciente amudadamente e se não puderdes

(*) Dois meses mais tarde, depois de o homem ter regressado ao trabalho, sentiu outra vez dores nos pés, ficando com muito má aparência. Mas uma dose de "*Bacillinum 200*" (uma das preparações homeopáticas da tuberculina) depressa o restabeleceu outra vez.

observar os resultados, prescrevei para alguns dias, com instruções para fazer parar com o remédio, no caso de melhoras.

DOENÇAS CRÔNICAS

Nas doenças crônicas a dose única

Nas doenças crônicas, obtêm-se os melhores resultados com a dose única, que pode não precisar de ser repetida durante muitas semanas, e no caso de alguns remédios e algumas doenças, mesmo durante meses. Aqui, pode ocorrer agravação inicial de sintomas (melhorando, entretanto, o paciente de saúde e bem-estar). Trataremos disso mais adiante, no capítulo "Efeitos do Remédio".

Ou, se tiver de haver repetição, variar a potência

Mas na sexta, a última edição do *Organon* (perdido durante anos, mas finalmente desenterrado e traduzido), Hahnemann sugere um método pelo qual, nas doenças crônicas, os resultados podem ser acelerados, quando se administre uma dose diária durante vários dias. Isso pode fazer-se, diz ele, *contanto que a potência se suba a cada dose*. Podem obter-se resultados excelentes desse modo, que não é o caso em que se deve persistir na repetição da mesma potência.

Uma advertência

Têm-se visto casos em que um remédio fora dado várias vezes durante um mês. O paciente voltava depois com uma quantidade de sintomas novos para os quais se tinha de receitar (sintomas de drogas, ou experimento de drogas, patentes, quando se examinavam). Mas à pergunta: "O medicamento não lhe fez bem?" a resposta costumava ser: "Oh, sim! Durante os primeiros dois ou três dias, julguei que estava curado!" Se se tivesse parado, então! Lembrai-vos, sempre, que *estais dando, a fim de curar, aquilo que pode causar*. Por consequência, não deis remédios de tal modo que o paciente fique experimentando droga após droga, sem conclusão nenhuma. Na homeopatia, não se trabalha para produzir efeitos fisiológicos, mas a reação vital curativa, com a qual, uma vez em movimento, não se deve interferir.

Antecedentes pessoais

Ou o médico tem de considerar a história médica anterior do paciente — antigas septicemias — vacinações, acidentes e choques, doenças agudas de que aparentemente se restabeleceram, como febre escarlatina, difteria, sarampo, influenza.

Exemplo: Recentemente, uma mulher, depois duma influenza gástrica padecia de indigestão, não podia comer nada, não tinha apetite, havia emagrecido até ser apenas quase pele e osso. Tinham-lhe receitado cuidadosamente, mas sem nenhum alívio, até que por fim mandaram-na para o nosso hospital, para reinvestigação da vesícula biliar, apêndice, úlcera gástrica. Deram-lhe, por causa da sua história, *Influenzinum 200*, e depressa melhorou, saindo sem sintomas.

Os fracassos ensinam

Nunca digais: "A Homeopatia falhou", ou mesmo com uma mais justa verificação dos fatos: "Eu fracassei em aplicá-la". Reconsiderai o caso e aprendei alguma coisa — a causa do vosso fracasso. A sorte no receitar não conduz a nada; com o fracasso, porém, aprende-se muito. A Homeopatia é maior do que qualquer de nós pensa, e são espantosos os resultados que os seus genuínos seguidores obtêm. Todos os clínicos dizem que é no necrotério que se aprende qualquer coisa de medicina. E é o necrotério do homeopata, isto é, o estudo dos seus fracassos que o ensina a receitar. É só, algumas vezes, anos depois, que um médico descobre repentinamente a razão por que deixou de solucionar um caso antigo e difícil.

A questão da potência

Clinicos homeopatas muito hábeis, quando um remédio é absolutamente indicado numa doença aguda, curam-na com uma única dose de extrema atenuação ou potência. Mas, nos primeiros dias, é melhor principiar com potências moderadas, repetindo conforme o exigirem os sintomas e assim ganhar experiência e confiança. Hahnemann realizou a maioria das suas curas prodigiosas com as suas próprias e cuidadas preparações, em torno das potências sexta, décima segunda, vigésima quarta e trigésima, como podemos julgar pelos pequenos livros de notas que costumava apresentar aos seus discípulos para que eles pudessem repetir os seus êxitos; e alguns dos quais foram conservados.

Febres intermitentes

Nas febres intermitentes, Hahnemann aconselha que o remédio seja administrado, "não no auge de paroxismo, mas no seu término, quando o paciente se restabeleceu em parte dele. Se o intervalo sem febre é muito curto ou se é perturbado pelos efeitos posteriores do paroxismo precedente, o medicamento deve ser dado (na malária, por exemplo) quando a perspiração diminui ou as subseqüentes fases do paroxismo declinam.

"Mas, uma dose do medicamento apropriado pode impedir várias crises e pode até restabelecer a saúde. Não obstante, se percebermos indicações ameaçadoras de nova crise, deve ser repetido o mesmo remédio, contanto que o complexo de sintomas continue a ser o mesmo".

Da mesma forma, quando o remédio para as dores de cabeça é *Natrum muriaticum*, é melhor, algumas vezes, para evitar o risco de uma terrível agravação durante uma crise muito aguda, dar o seu remédio complementar, *Bryonia*; e quando o ataque está passado, dar a droga mais profundamente curativa — *Natrum mur.*

Para experiências iniciais na Homeopatia nas doenças agudas

Os remédios são melhor administrados em glóbulos ou tabletes; é a sua forma mais conveniente para se transportarem e conservarem em boa condição.

Uma dose consiste numa meia dúzia de glóbulos, mais ou menos.

Pode ser dada seca na boca, para ser dissolvida antes de engulir.

Ou, quando se requer efeito rápido nos estados agudos, dissolvam-se meia dúzia de globulos em meio copo de água, mexa-se e ministrem-se em doses de uma colher de sobremesa de seis em seis horas; ou, em casos de muita urgência, de hora em hora, ou de meia em meia hora, para algumas doses, até vir a reação, e parar então, se se mantêm as melhoras.

A *Cânfora* é um antidoto da maior parte dos medicamentos. Por isso o frasco da *Cânfora* deve ser afastado da caixa dos medicamentos.

Potências. As melhores potências para as experiências iniciais na Homeopatia são a décima segunda e a trigésima.

* * *

Hahnemann, Organon etc. simplificado e resumido:

A melhor ocasião de tomar um antipsórico (isto é, um remédio de doença crônica) é de manhã, antes do café da manhã.

A dose e quando

O medicamento em pó pode tomar-se seco sobre a língua (nesse caso atua com menos força) e conservado ali até se dissolver; ou então pode ser administrado numa colher de chá com dois ou três pingos de água e tomado dessa forma. O paciente deve esperar uma hora ou pelo menos meia hora, depois de tomar o remédio, antes de comer ou beber alguma coisa.

Para aumentar o efeito da dose

O efeito duma dose homeopática aumenta-se, aumentando a quantidade de líquido em que o medicamento é dissolvido antes da sua administração, ficando a quantidade de substância medicinal a mesma.

... Usando uma solução dessa espécie, uma superfície maior provida de nervos sensitivos, susceptíveis de influência medicinal, se põe em contacto com o remédio. Apesar do que possam pensar os teoristas de que a diluição duma dose com uma maior quantidade de líquido diminui o efeito... a experiência prova exatamente o contrário.

Tôdas as partes do corpo são impressionáveis ás drogas

Tôdas as partes do corpo, dotadas de nervos sensitivos, são capazes de receber influência dos medicamentos e de transmitir o seu poder a tôdas as outras partes.

As partes doentes são sensíveis ao remédio

Além do estômago, a língua e a boca são as partes mais susceptíveis às impressões medicinais; mas a membrana que reveste o nariz possui essa susceptibilidade em alto grau. Também o reto, as partes genitais e todos os órgãos sensitivos do nosso corpo são quase igualmente susceptíveis de efeitos medicinais. Por essa razão, partes nuas da mucosa, feridas, e superficies ulceradas, deixam penetrar o efeito dos medicamentos tão depressa como se fossem administrados pela boca... (Portanto, tenham cautela com as pastas dentífricas, lavagens etc.).

Menstruação

O medicamento antipsórico não deve ser tomado imediatamente, antes ou durante o periodo das regras: pode ser tomado ao quarto dia...

Gravidez

A gravidez, em tôdas as fases, longe de ser um obstáculo ao tratamento antipsórico, torna-o, pelo contrário, essencialmente necessário, e oferece brilhante esfera de ação para os remédios antipsóricos.

Durante a gravidez, o tratamento antipsórico é mais necessário do que em qualquer outro periodo, porque então os padecimentos crônicos desenvolvem-se mais, visto que o organismo e a mente da mulher grávida ficam muito mais susceptíveis de rece-

berem impressões. Durante o período de gravidez uma condição completamente essencial e natural, a ação dos remédios antipsóricos é mais acentuada e precisa. Isso deve ser um aviso para que o médico reduza as suas doses tanto quanto possível e para que empregue somente as mais altas potências. (N. B. — Aquilo a que nós chamamos as mais altas potências era desconhecido por Hahnemann: trigésimas e duocentésimas eram as suas mais altas potências).

Lactentes

Aos lactentes nunca se dão medicamentos. A mãe ou a ama tomam o remédio que é destinado ao bebê; o efeito medicinal é veiculado pelo leite em grau suficiente.

E, falando de *Doenças Crônicas*, diz Hahnemann:

Não interferência com a reação

"Toda a cura falha, se não se deixa que os remédios antipsóricos prescritos atuem ininterruptamente até ao fim. Mesmo que o segundo antipsórico tenha sido escolhido com o maior cuidado, não pode sanar a perda que a pressa impetuosa do médico infligiu ao paciente. A ação benigna do primeiro remédio, que estava para manifestar os seus mais belos e surpreendentes resultados, fica, talvez para sempre, perdida para o doente" (*Doenças Crônicas*).

"A regra fundamental é isto: deixar o remédio homeopático escolhido cuidadosamente atuar tanto tempo quanto ele é capaz de exercer influência curativa e enquanto se verificarem no organismo melhoras visíveis..." *Ibid.*

Reação com dose única

"Por meio duma única dose dum remédio cuidadosamente escolhido, o clínico homeopata produz muitas vezes uma melhoria no estado do paciente, que continua até ao restabelecimento da saúde. Esse resultado não podia ser obtido se a dose tivesse sido repetida, ou se se tivesse dado outro remédio". *Ibid.*

A droga única

Virá um dia em que os médicos empregarão para a extinção e cura da doença, cujos sintomas tenham sido investigados, uma única substância medicinal, cujos efeitos positivos tenham verificado, e a qual possa mostrar além desses efeitos um grupo de sintomas muito semelhantes aos apresentados pelo caso de doença". (*Materia Médica Pura*).

Placebo

"Se o paciente desejar tomar medicamento todos os dias, o médico homeopata pode dar-lhe uma dose de açúcar de leite de cerca de três grãos, sendo cada glóbulo numerado sucessivamente. O açúcar de leite adapta-se admiravelmente a essa espécie de líquido inocente.

Pelas experiências que tenho feito" (ele narra-as) "fui obrigado a inferir que o açúcar preparado com leite — isto é, triturado — não é mais medicinal que o açúcar em estado bruto; a sua única qualidade é ser nutritivo".

Curando sintomas individuais

O paciente, às vezes, deseja que o seu médico lhe cure, primeiro que tudo, certos sintomas incômodos: isso não se pode fazer, mas devemos desculpar o paciente ignorante por nos ter feito um pedido tão tolo" (*Doenças Crônicas*).

"A respeito da duração curta do tratamento de inveteradas doenças crônicas, isso torna-se impossível pela natureza das doenças".

Duração do tratamento nas doenças crônicas

"Uma grande doença crônica pode ser curada no espaço de um ou dois anos, contanto que não tenha sido tão castigada pelo tratamento alopático a ponto de torná-la incurável. *Ibid.*

Um único remédio

"Em nenhum caso sob tratamento é necessário, e por consequência não permissível, administrar a um paciente mais do que uma única e simples substância medicinal de cada vez.

É inconcebível possa existir a menor dúvida quanto ao que é mais de acordo com a natureza e mais racional — prescrever um único, simples medicamento de cada vez em uma doença, ou o acréscimo de diversas drogas de ação diferente.

Não é, em absoluto, permitido em Homeopatia (a única arte de curar verdadeiramente simples e natural) dar ao paciente duma vez duas substâncias medicinais diferentes.

Visto que o verdadeiro médico encontra em remédios simples, administrados simplesmente e não combinados, tudo o que ele pode desejar (isto é, forças artificiais de doença que são capazes, por poder homeopático, de dominar, extinguir e curar permanentemente uma doença natural) ele nunca pensará em dar como remédio senão uma única e simples substância medicinal; e por essas razões também, e até porque os medicamentos simples fo-

ram inteiramente experimentados a respeito dos seus puros efeitos peculiares sobre o estado saudável do homem, é impossível prever como duas ou mais substâncias medicinais poderiam, quando compostas, alterar as funções do corpo humano; e porque uma única substância medicinal, quando usada numa doença cuja totalidade de sintomas é conhecida, presta auxílio eficiente só por si própria, se escolhida homeopaticamente...".

A pequena dose

"A adaptabilidade dum remédio, num dado caso de doença, depende não só da sua rigorosa seleção, mas também do próprio tamanho, ou antes da exiguidade da dose.

Um medicamento, mesmo homeopaticamente apropriado ao caso, faz mal em toda a dose que seja demasiado grande; e tanto mais mal quanto maior a homeopaticidade e mais alta a potência. Faz muito mais dano que uma dose igualmente grande de um remédio não homeopático e não apropriado (alopático) à condição mórbida.

Considerando a exiguidade das doses necessárias e próprias no tratamento homeopático, podemos compreender que, durante o tratamento, deve ser removido da dieta e do regime tudo que possa ter qualquer ação medicinal, a fim de que a pequena dose não possa ser sobrepujada ou perturbada por qualquer influência estranha e irritante".

Não interferência com remédios

"Os doentes crônicos... devem evitar remédios caseiros... medicamentos intermédios de qualquer espécie; devem abster-se cuidadosamente de perfumes, águas de cheiro, pós de dentes etc." (*Doenças Crônicas*).

Regime nas doenças crônicas

"O regime mais apropriado durante o emprego de medicamentos nas doenças crônicas consiste na remoção de obstáculos ao restabelecimento e em ministrar inocentes divertimentos morais e intelectuais, exercícios ativos ao ar livre em quase todas as espécies de tempo (passeios diários, ligeiro trabalho manual) e comida e bebida apropriada, nutritiva e não medicinal etc."

Nas doenças agudas

"Nas doenças agudas (exceto na loucura) o fino e infalível sentido do instinto da própria conservação é que decide... de modo que o médico só precisará de aconselhar as pessoas da com-

panhia do doente a obedecer a essa voz da natureza, satisfazendo os desejos do doente, e a abster-se de lhe darem coisas que lhe façam mal.

Os alimentos e bebidas desejados pelos pacientes que sofrem de doença aguda são geralmente paliativos e mitigantes, não necessariamente medicinais, mas adaptados à satisfação de um certo desejo. Quaisquer pequenos obstáculos no caminho da cura são mais que compensados pela força vital libertada pelo medicamento homeopático e pelo efeito animador de um desejo satisfeito. Mas doenças agudas, a temperatura do aposento e o volume dos agasalhos devem ser regulados pela vontade do paciente; ao passo que se devem evitar cuidadosamente o esforço mental e as perturbações emotivas".

Dose

"A questão que surge é esta: Que exiguidade deve ter a dose de cada remédio para se efetuar a melhor cura?"

"Determinar, em cada medicamento, a dose que baste para fins terapêuticos homeopáticos e que, contudo, seja tão mínima que com ela se possa obter a cura mais suave e mais rápida, não é trabalho de especulação teórica.

"Só a experiência pura, a cuidadosa observação da sensibilidade de cada enfermo e a experimentação exata é que podem determinar isso em cada caso individual".

O efeito das doses dinamizadas

"As doses muito pequenas" (de homeopatia) "produzem os efeitos invulgares que produzem, precisamente porque não são tão grande que tornem necessário que o organismo se livre delas pelo processo revolucionário das evacuações". (*Matéria Médica Pura*).

Febres intermitentes

"Nas febres intermitentes esporádicas ou epidêmicas (não as endêmicas de regiões pantanosas) verificamos muitas vezes que cada paroxismo é composto de dois estados alternados opostos, frio, depois calor, ou calor e depois frio, ou mais frequentemente ainda de três fases: calafrio, calor e depois suor. Por consequência, o remédio escolhido de medicamentos experimentados deve, a fim de atuar com mais certeza, possuir o poder de produzir, no corpo saudável, os dois ou três estados semelhantes e alternados. Ou então os sintomas do remédio devem corresponder ao mais forte, mais saliente e mais peculiar dos estados alternados, ou à fase fria, ou à quente, ou à de suor com os seus sintomas acessó-

rios, conforme um ou outro desses estados seja o mais forte e o mais peculiar. Mas os sintomas do paciente durante os seus intervalos livres devem ser o guia principal do remédio homeopático mais apropriado.

A melhor ocasião de administrar o medicamento nesses casos é imediatamente, ou a seguir ao término do paroxismo, logo que o paciente se tenha, até certo ponto, restabelecido dos seus efeitos. Durante a intermissão, o medicamento terá tempo de desenvolver o seu efeito curativo, sem ação violenta ou perturbação, ao passo que um medicamento, por mais especificamente apropriado que seja, se é dado imediatamente antes do paroxismo, coincidindo com a ocorrência natural da doença, causará tal reação — uma reação tão violenta que ocasione grande perda de força, se não puser em perigo a vida. Mas se o medicamento for dado imediatamente depois da terminação do ataque, isto é, quando começa o intervalo apirético e muito antes de haver quaisquer disposições para o próximo paroxismo, então o princípio vital está no melhor estado possível de se deixar ele próprio alterar lentamente pelo medicamento e assim restabelecer a saúde.

Mas se a fase de apirexia for muito curta (como acontece em algumas febres muito más) ou se for perturbada por sofrimentos posteriores do paroxismo anterior, a dose do medicamento homeopático deve ser administrada quando a perspiração começa a diminuir ou outros fenômenos subseqüentes do paroxismo cessante começam a declinar.

Uma dose do medicamento apropriado pode impedir as crises e assim restabelecer a saúde. Mas se percebermos ameaças duma nova crise, e nesse caso somente, deve repetir-se o mesmo remédio, contanto que os sintomas continuem a ser os mesmos.

Depois dum intervalo de saúde, é possível a volta da febre intermitente, mas somente quando a influência nociva que primeiro provocou a febre continua a atuar sobre o convalescente, como acontece nas regiões pantanosas. E aqui uma cura permanente só é possível pela remoção da causa provocadora, isto é, transferindo o paciente para um lugar montanhoso, se a febre ocorrer em região pantanosa.

Medicamentos de confiança

"O verdadeiro médico deve ser provido de medicamentos genuínos de força inalterável, para que possa confiar nos seus poderes terapêuticos; deve ele próprio, estar habilitado a fazer um juízo da sua genuinidade.

Para ele, torna-se questão de consciência o estar absolutamente convencido de que o doente toma sempre o remédio puro;

e por conseqüência ele deve dar ao paciente o remédio corretamente escolhido, preparado por ele mesmo.

As substâncias pertencentes aos reinos vegetal e animal possuem as suas qualidades medicinais, mais perfeitamente no seu estado bruto.

Os poderes (os princípios ativos) das plantas indígenas e daquelas que se podem conseguir ainda frescas, obtêm-se mais perfeitamente misturando imediatamente o seu suco recentemente espremido com partes iguais de álcool com força suficiente para arder uma lâmpada. Depois de assentar durante um dia e uma noite em frascos herméticamente fechados, para deixar que as matérias fibrosas e albuminosas se depositem, a solução clara é filtrada para usos medicinais. Toda a fermentação do suco vegetal será imediatamente impedida e impossibilitada pelo álcool nele misturado, sendo assim todo o poder medicinal do suco vegetal conservado para sempre, perfeito e indene, guardando o preparado em frascos bem arrolhados (protegidos além disso com cera para impedir a evaporação) e ao abrigo da luz do sol.

O clínico proficiente nunca confiará em plantas exóticas pulverizadas, cascas de árvores, sementes ou raízes. Ele só se deve convencer da sua pureza no seu estado fresco e completo, antes de as empregar para quaisquer fins medicinais.

LIÇÃO NONA

EFEITOS DOS MEDICAMENTOS — AGRAVAÇÃO HOMEOPÁTICA

Em todas as experimentações cuidadosamente feitas, a Experiência (o único oráculo infalível da arte de curar) ensina-nos que o medicamento que, quando provado em pessoas saudáveis, produz o maior número de sintomas semelhantes aos do caso de doença a ser tratado, removerá (sendo administrado em conveniente potência e atenuação), radical e permanentemente, a totalidade dos sintomas morbidos, isto é, toda a doença presente, transformando-a em saúde. Hahnemann, Organon.

Na doença aguda não complicada

Na doença simples, aguda, não complicada, o efeito do remédio homeopático correto é quase instantâneo. Já mostramos vários casos.

Se em casos agudos, não complicados, não houver melhoras dentro de algumas horas, deve-se reconsiderar o caso e prescrever adequadamente para o mesmo.

Doenças agudas com modificações de tecidos

Nas doenças agudas com *modificações de tecidos* (pneumonias etc.) o alívio deve ser rápido, com diminuição de dor e de angústia, com o sono restituído, e bem-estar geral em vez de sofrimento, enquanto a enfermidade evolui para a cura.

Assim, observa-se numa papeleta de pneumonia que a temperatura e o pulso cederam rapidamente, ao passo que a respiração permanece relativamente alta durante alguns dias, até que o pulmão fica desembaraçado e volta a respiração normal.

LIÇÃO NONA

EFEITOS DOS MEDICAMENTOS — AGRAVAÇÃO HOMEOPÁTICA

Em todas as experimentações cuidadosamente feitas, a Experiência (o único oráculo infalível da arte de curar) ensina-nos que o medicamento que, quando provado em pessoas saudáveis, produzia o maior número de sintomas semelhantes aos do caso de doença a ser tratado, removerá (sendo administrado em conveniente potência e atenuação), radical e permanentemente, a totalidade dos sintomas morbidos, isto é, toda a doença presente, transformando-a em saúde. Hahnemann, Organon.

Na doença aguda não complicada

Na doença simples, aguda, não complicada, o efeito do remédio homeopático correto é quase instantâneo. Já mostramos vários casos.

Se em casos agudos, não complicados, não houver melhoras dentro de algumas horas, deve-se reconsiderar o caso e prescrever adequadamente para o mesmo.

Doenças agudas com modificações de tecidos

Nas doenças agudas com modificações de tecidos (pneumonias etc.) o alívio deve ser rápido, com diminuição de dor e de angústia, com o sono restituído, e bem-estar geral em vez de sofrimento, enquanto a enfermidade evolui para a cura.

Assim, observa-se numa papeleta de pneumonia que a temperatura e o pulso cederam rapidamente, ao passo que a respiração permanece relativamente alta durante alguns dias, até que o pulmão fica desembaraçado e volta a respiração normal.

Nas doenças crônicas pode ter-se que esperar

Nas doenças crônicas, podemos ter que esperar muitos dias, mesmo algumas semanas, por uma melhora definida e completa. Pode até aparecer temporária agravação de sintomas; entretanto, com o remédio correto, o paciente deve experimentar crescente bem-estar. "Os sintomas agravados, mas o doente melhor" não é, nos primeiros dias, de mau prognóstico. É o doente que tem de curar-se a si mesmo e a sua saúde deve melhorar antes de ele poder enfrentar as suas partes doentes.

Volta de sintomas antigos

Outra então, quando o paciente melhora genuína e acentuadamente de saúde, pode ficar alarmado pela volta dos antigos e já quase esquecidos sintomas. Isso é certamente prova de que os seus passos estão retrocedendo de maneira ordenada. A volta desses sintomas antigos (evidentemente nunca curados, mas apenas suprimidos) na ordem reversa do seu aparecimento original, é do mais excelente prognóstico. Passou-os no seu caminho descendente da doença; deve tornar a passá-los e deixá-los atrás, ao avançar para a saúde.

Casos menos simples com estados latentes

Mas, às vezes, o caso é menos simples do que parece à primeira vista.

Conforme já dissemos, uma pneumonia às vezes não cede sem que um passado de tuberculose, ou uma anterior afecção de glândulas ou de perturbações ósseas se tome em consideração, circunstância em que, geralmente, uma dose de *Tub. bov.* abaixará a temperatura (depois, talvez, de uma reação curta e forte de temperatura ainda alta) e limpará o pulmão.

O mesmo acontece com crianças de peito de pais sífilíticos, em que a bronco-pneumonia exige uma dose de *Syphiliticum*, para desaparecer.

Às vezes são vacinações danosas, muitas ou ineficientes, que podem estar na base de enfermidades agudas ou crônicas, com perturbações cutâneas, dores de cabeça, asma, epilepsia: nada se pode fazer sem que *Thuja* (esse maravilhoso antídoto não só da vacinação, mas dos seus efeitos latentes) seja ministrada. Ao passo que a enfermidade, algumas vezes prolongada, proveniente da febre escarlatina, influenza etc. só cede, às vezes, apenas com um preparado dessas doenças.

É bom, pois, que nos lembremos de que, quando uma doença não cede, de maneira normal, ao remédio simples dos seus sin-

tomas característicos, de modo nenhum se esgotaram os recursos da Homeopatia: a história pretérita, ou a hereditariedade, podemos ter de a considerar e de receitar para ela, nunca nos esquecendo, sem dúvida, de que pode haver hábitos e extravagâncias que estejam a fomentar a enfermidade. Sobre isso, devemos inquirir, tentando corrigi-los.

Falando de bronco-pneumonia: a Irmã encarregada das enfermarias das crianças no Hospital Homeopático de Londres ficou recentemente muito surpreendida, por ouvir dizer que a bronco-pneumonia era uma doença gravíssima para as crianças e meninos. "Sabia que elas podiam ficar muito mal; tinha visto muitos casos, mas nenhuma morte." (Podemos acrescentar que ela tinha sido treinada no dito hospital).

A respeito dos efeitos do remédio, Hahnemann diz-nos que: "O estado da mente e a conduta geral do paciente são os sinais mais certos das melhoras iniciais ou da agravação, em tôdas as doenças, especialmente nas agudas.

"As melhoras iniciais, mesmo ligeiras, são indicadas por uma crescente sensação de conforto, maior tranquilidade e despreendimento da mente, acréscimo de coragem e de naturalidade nos sentimentos do doente.

Os sinais de agravação, por mais leves que sejam, são o contrário dos precedentes, e consistem num estado embaraçoso e desanimado da mente, ao passo que o comportamento, a atitude e as ações do doente concitam a nossa simpatia". (Organon).

Duração do tratamento nas doenças crônicas

Nas doenças crônicas, pela própria natureza das coisas, nada se pode esperar de espetacular no caminho da cura. Há tanto que desfazer, tanto que reconstruir, quando isso é possível. Hahnemann diz: "Ninguém, a não ser um charlatão ignorante, pode prometer a cura duma inveterada doença crônica em quatro ou seis semanas..."

E também: "O tratamento curto das doenças crônicas inveteradas tornar-se impossível pela natureza das doenças.

"Uma grande enfermidade crônica pode curar-se no espaço de um ou dois anos, contanto que não tenha sido prejudicada por tratamento alopatético, ao ponto de se ter tornado incurável. Um ou dois anos deve ser considerado tratamento curto" (Doenças Crônicas). Para êle, tais doenças são crônicas porque parasitárias, nas quais "os mínimos restos dum germe podem eventualmente fazer recrudescer toda a doença". Fala num "longo período de tempo para dominar esse inimigo parasitário que assaltou as mais delicadas raízes da árvore da vida".

Primeiros sinais de melhoras

Mas, "se o tratamento fôr convenientemente conduzido, a força do paciente deve aumentar logo desde o principio do tratamento. O aumento de força continuará durante todo o tratamento, até que o organismo se liberte do inimigo e desenvolva de novo a sua vida regenerada". (*Doenças Crônicas*).

Para apressar a cura

"O meio mais certo e seguro de apressar a cura é deixar o medicamento atuar enquanto continuam as melhoras do paciente, mesmo que isso vá muito além do período estabelecido como o período provável da duração dessa ação. Aquêlle que observar essa regra com o maior cuidado será o clinico homeopata de maiores exitos". (*Doenças Crônicas*).

Duração da ação duma dose

Nas doenças crônicas, "uma dose muito pequena dum remédio homeopático bem escolhido, se não fôr interrompida na sua ação, realizará gradualmente todos os efeitos curativos que é capaz de produzir, num período que varia de quarenta a cem dias". (*Organon*).

O que citaremos a seguir exprime o que será observado como o efeito do remédio.

Depois de administrardes o estímulo vital, obtereis a reação.

Pode tomar a forma de agravação inicial, de excelente prognóstico, contanto que isto seja seguido por melhora.

Ou, quando o remédio e a potência tenham sido exatamente apropriados e quando a doença não estava profundamente enraizada, pode haver apenas um rápido salto para a saúde.

Os sintomas do paciente eram seu clamor por determinado medicamento.

A sua reação a êsse remédio, a sua resposta, tem muito que nos dizer, e os seguintes diagramas podem ajudar-nos a compreender a resposta do paciente ao medicamento.

Deduções dos efeitos do remédio

- 1) Nenhuma alteração. — Pode significar:
 - a) — Remédio errado?
 - b) — Potência errada?
 - c) — Paciente lento em reagir?
 - d) — Ação lenta do remédio?

2) Melhoras prontas sem qualquer agravação. — Isto significa:

- a) — Remédio e potência exatamente apropriados.
- b) — Ou a doença não profundamente enraizada.



3) Agravação curta e intensa, depois rápidas melhoras, duradouras. — Isto significa:

- a) — Remédio correto.
- b) — Reação vigorosa.
- c) — Nenhuma tendência para alterações estruturais.
- d) — Bom prognóstico.



Passam geralmente melhor os doentes que têm essa inicial agravação homeopática.

4) Agravação longa com melhoras lentas. — Significa caso quase incurável, sendo a vitalidade baixa.



Não repita tão logo; espere até que o paciente tenha força suficiente para reagir a outra dose.

5) Agravação longa e com lenta piora do doente. — Significa:

- a) — Caso incurável.
- b) — Ou potência demasiado alta para a débil reação do doente.



(Mas até em casos incuráveis, a Homeopatia pode aliviar muitíssimo).

- 6) Agravação, depois melhoria, seguida da volta dos antigos sintomas, em ordem reversa da sua aparição.

Esse é o melhor resultado que posamos esperar, não se devendo interferir nêle.

Esses antigos sintomas desaparecem geralmente em pouco tempo. Se alguns persistem, sua hierarquia é importante para a prescrição seguinte.

- 7) *Melhoria acentuada mas em direção errada.*

e. g., a úlcera da perna sara, mas o paciente têm, digamos, hemorragia pulmonar; ou as manifestações tuberculosas melhoram, ao passo que sobrevém perturbação mental. *Aqui, é necessário antidotar imediatamente.*

Com alguns remédios, nalguns doentes de doenças crônicas, a reação a uma dose do estímulo vital pode ir de quarenta a cem dias, até mesmo mais. Deixai-a!

Nunca interferir com a reação vital. Enquanto o paciente está ocupado em se curar a si, deixai-o sozinho. ESPERAL.

Hahnemann diz: "Aquêle que observe essa regra com o maior cuidado será o mais feliz clinico homeopata".

O paciente pode caminhar diretamente para a cura. Mas se, mais tarde, reaparecem os sintomas, em forma modificada, a exigir outra dose, repeti.

Algumas vezes, reaparecem sintomas antigos, há muito esquecidos, a alarmar o paciente. "Cá tenho outra vez essa antiga erupção. Foi curada há vinte anos. Não quero ter isso de novo".

Vós explicais. Ele passou muitos marcos na sua longa estrada, ondulante, contudo descendente. Esse é um dêles. Ele precisa de os tornar a passar em ordem reversa, ao subir outra vez a estrada ondulada até à saúde. A erupção era um dos marcos e está a ser repassada. O remédio que trouxe o paciente até ai fá-lo-á quase certamente passar para além dêle.

A agravação inicial, nas doenças agudas, é curta e incisiva; termina depressa; difficilmente observada.

A agravação inicial nas doenças crônicas toma geralmente a forma "sintomas agravados, mas paciente melhor". Se o paciente está melhor, é tudo o que importa. Não interferir. O resto seguir-se-á.

Sabemos que a reação vital está ainda em progresso, enquanto:

- 1) Os sintomas desaparecem na ordem reversa por que vieram.
- 2) Sintomas antigos, talvez há muito esquecidos, voltam, para desaparecer na ordem reversa da sua aparição.

- 3) Os sintomas passam de órgãos internos ou tecidos para partes mais à superfície do corpo (como quando a asma desaparece, ao passo que a antiga erupção reaparece na pele).

A ordem de cura é:

De dentro para fora.

De cima para baixo.

Na ordem inversa da aparição.

E assim, vemos que a prescrição homeopática não é apenas uma questão do remédio ou da dose inicial.

Muitos vão só até ai e fracassam por falta de conhecimentos.

Repetem sem justificação. Trocam de remédio levanamente não compreendendo que, uma vez que seja dado o estímulo vital, é perigoso intrometer-se na reação.

Enquanto o paciente está ainda reagindo, êles repetem, ou interpõem, para sintomas triviaes, outra droga, e a reação pára.

Não aprenderam que a primeira condição da cura é: "enquanto as melhoras se mantêm e o paciente diz: "EU ESTOU MELHOR", nada se deve fazer".

Podemos apenas receitar com êxito em resposta a sintomas. Isto é válido na prescrição, na repetição, na mudança de remédio (quando tem de ser mudado) e ao empregarmos um antidoto (*).

Agravação homeopática

"Durante as primeiras horas, é absolutamente normal ligeira agravação homeopática, e em casos de doença aguda ela serve geralmente de excelente indicação de que a enfermidade cederá à primeira dose". (Organon).

"A experiência prova que a dose dum remédio homeopaticamente escolhido não pode ser reduzida até ser inferior em força à doença natural, e perder o seu poder de extinguir e de curar pelo menos uma parte dela, pois que essa dose, imediatamente depois de ter sido tomada, deve ser capaz de causar ligeira intensificação dos sintomas da doença natural semelhante (ligeira agravação homeopática)". (Organon).

"... Isso fornece-nos um padrão, de acôrdo com o qual, as doses do medicamento homeopático devem invariavelmente ser tão reduzidas, que mesmo depois de terem sido tomadas, produzam apenas uma agravação homeopática quase imperceptível". (Organon).

"Esta chamada agravação homeopática é uma demonstração de que a cura não só é provável, como pode até ser prevista com certeza". (Doenças Crônicas, Vol. I, pág. 151).

(*) Ciência e Arte da Homeopatia — Dr. (Sir John) Weir.

Nas doenças crônicas

"Apesar de o efeito dos medicamentos, cuja duração é naturalmente longa, chegar rapidamente a um fim nas doenças agudas e ainda mais rapidamente nas doenças muito agudas, esse efeito é, não obstante, muito duradouro nas doenças crônicas; por isso, os medicamentos antipsóricos (*) não manifestam, frequentemente, agravação homeopática nas primeiras horas, mas produzem-na mais tarde, em vários períodos, durante os primeiros oito ou dez dias.

Ordem da cura

Do prefácio de Hering às *Doenças Crônicas*, quanto à ordem da cura:

"A cura completa duma doença crônica, largamente disseminada, é indicada pelo fato de os órgãos mais importantes ficarem primeiro aliviados, a afecção cede na ordem pela qual os órgãos foram atacados, sendo os mais importantes os primeiros a serem aliviados, os menos importantes em seguida, e a pele por fim...

Nunca se pode confiar numa melhora que ocorre numa ordem diferente".

As doenças crônicas terminam na pele

"Como as doenças agudas terminam com uma erupção na pele, que se espalha, que seca e depois desaparece, o mesmo sucede com muitas doenças crônicas... A doença interna aproxima-se cada vez mais dos tecidos externos, até que, finalmente, chega à pele.

Todo o médico homeopata deve ter observado que o alívio na dor processa-se de cima para baixo, e nas doenças, de dentro para fora. Essa é a razão por que as doenças crônicas, se estão completamente curadas, terminam sempre nalguma erupção cutânea..."

(Ai! Quando, no decorrer da cura, conseguimos de fato uma manifestação cutânea, não seremos levados a considerá-la como algo a ser "curado" em si mesmo?).

Do *Organon de Hahnemann*, simplificado e resumido:

Agravação homeopática

Mas quase não existe um único medicamento homeopático, por mais cuidadosamente escolhido (e especialmente quando administrado em dose insuficientemente mínima) que não

(*) Os medicamentos não venenos de doenças crônicas.

produza em pessoas muito sensitivas alguma leve perturbação. Porque é, por assim dizer, impossível que o remédio e a doença se cubram sintomaticamente um ao outro, tão exatamente como dois triângulos com lados e ângulos iguais.

Praticamente, porém, essa diferença de pouca importância é facilmente sobrepujada pela energia potencial do organismo vivo. Nem é percebida senão pelos doentes excessivamente sensitivos. As melhoras prosseguem até ao perfeito restabelecimento, contanto que elas não sejam interrompidas por influências medicinais heterogêneas, por erros de dieta ou por excitação de paixões.

Mas, apesar de o remédio homeopaticamente escolhido, em razão da sua inerência e da exigüidade da sua dose, extinguir suavemente a doença aguda "semelhante", sem que os seus outros sintomas não homeopáticos provoquem qualquer perceptível perturbação, ele, contudo, geralmente, causa, imediatamente depois de ser tomado (e durante uma ou duas horas), quando a dose não é suficientemente pequena, uma espécie de ligeira agravação, ou mesmo, quando a dose tem sido muito grande, uma agravação que dura muitas horas. Essa ligeira agravação assemelha-se tão estreitamente com a doença original que o paciente considera-a como tal, ao passo que ela é realmente uma doença medicamentosa extremamente semelhante, que excede um tanto em força a afecção original.

Nas doenças agudas

Essa ligeira agravação homeopática durante as primeiras horas (prognóstico muito bom de que a doença aguda cederá muito provavelmente à primeira dose) é bem normal, porque a doença medicamentosa deve ser um tanto mais forte que a enfermidade, para a assoberbar e extinguir. Precisamente da mesma forma, uma doença natural só pode aniquilar outra de natureza semelhante pela sua maior intensidade.

Quanto menor for a dose do remédio homeopático nas doenças agudas, tanto mais ligeira e mais curta é essa aparente agravação dos sintomas durante as primeiras horas.

Mas porque a dose do remédio homeopático dificilmente se pode fazer tão pequena que seja impotente para aliviar, julgar ou na verdade curar completamente uma "semelhante" e não complicada doença natural recente, podemos compreender porque uma dose homeopática, que não é a menor possível tem de sempre, durante as primeiras horas, produzir perceptível agravação homeopática.

No que respeita às doenças agudas de origem recente, a chamada agravação homeopática (a ação primária do remé-

ção homeopática que parece aumentar um tanto os sintomas da doença) limita-se, verdadeiramente, às primeiras horas.

Mas quando medicamentos de ação prolongada têm de combater uma enfermidade de maior duração, ou que dura há muito, não deve aparecer, durante o tratamento, esse aumento aparente de doença; e tal aumento não aparece, contanto que o remédio corretamente escolhido seja dado em doses apropriadas, pequenas e gradualmente mais altas, cada uma um tanto modificada por maior dinamização. Só no fim do tratamento é que pode aparecer aumento dos sintomas originais, quando a cura está quase ou inteiramente realizada.

Este parágrafo representa o muito emendado "parágrafo 161" da sexta edição do *Organon*, cujas correções só foram completadas pouco antes da morte de Hahnemann e que andou perdido durante meio século, até que o Dr. Richard Haehl, de Stuttgart, o desenterrou.

Nas primeiras edições, Hahnemann diz que, "quando remédios de longa duração têm de combater uma enfermidade de há muito existente, e quando as doses têm de atuar por muitos dias, podemos ocasionalmente ver, durante os primeiros cinco, oito ou dez dias, algum aumento aparente dos sintomas da doença (que duram de uma a algumas horas), ao passo que, nos intervalos, se percebem melhoras de toda a doença, depois do que as melhoras prosseguem quase ininterruptamente por mais alguns dias".

Podemos verificar a confirmação disso na prática diária. O que diz a sexta edição é porém mais interessante, isto é, que, numa doença crônica, *sómente quando a cura está quase realizada que os sintomas originais reaparecem antes de, finalmente, desaparecerem.*

Isto é produto da experiência de proficientes clínicos homeopatas que vieram depois de Hahnemann, como com *Thuja*, em que uma erupção pustulenta reapareceu no fim da cura, apenas para desaparecer (*), ou quando, na cura da asma, um antigo eczema volta à superfície, para finalmente se extinguir. Essa circunstância têm-se visto repetidamente.

E lembrai-vos de que a direção da cura é: "De cima para baixo, de dentro para fora e na ordem inversa da aparição".

(*) Doer de cabeça crônica de nove anos. Crises uma ou duas vezes por semana. Muita fúria, constricção e como se lhe arrebentaria. Burnett deu primeiro *Gesphites*; a seguir, apareceu ligeira vermelhidão sobre o sítio direito, com duas ou três pápulas de cor branca na sua parte superior. Descobriu então que a doente tinha sido vacinada aos três meses, revacinada aos sete e quatorze anos, e havia tido varíola dez anos antes. Ela deu-lhe *Thuja*. Ela principiou a melhorar; depois, ficou bastante mal com febre, náuseas e transpiração. Então reaberturam-lhe borbulhas no rosto e em diferentes partes do corpo, que se encheram de pus e desapareceram. Dizeram que os sintomas se assemelhavam aos de seu ataque de varíola. Ao dia de cabeça tinham-se ido embora antes de isso sobrevir, e dois anos depois o Dr. Burnett soube que a cura se consolidara. "Vacinae e Homoeoprophylaxia" pelo Dr. J. Crompton Burnett.

Um culto dermatologista costumava dizer-nos, quando eramos estudante, que as erupções ocorriam também nas membranas mucosas, onde não eram reconhecidas, por não serem visíveis. E é mais do que provável que as erupções, suprimidas na pele, apareçam como grandes irritantes nas membranas mucosas, ocasionando afeções perturbantes e intratáveis de brônquios, pulmões, estômago etc.

Ainda do *Organon* de Hahnemann, simplificado e resumido:

Ações alternadas

Há alguns medicamentos (por exemplo: *Ignatia*, também *Bryonia* e *Rhus*, e algumas vezes *Belladonna*) cujo poder de alterar a saúde do homem consiste principalmente em ações alternadas — uma espécie de sintomas de ação primária que são, em parte, opostos uns aos outros. Se o médico verificar, ao receitar qualquer desses, escolhidos sob rigorosos princípios homeopáticos, que nenhuma melhora se segue, conseguirá geralmente o seu objetivo dando (nas doenças agudas, mesmo dentro de algumas horas) nova dose e igualmente pequena do mesmo medicamento.

Quando persiste a causa da doença

Mas se verificarmos, ao empregar outros medicamentos nas doenças crônicas (psóricas), que o remédio mais bem escolhido (antipsórico), na dose apropriada (a mínima) não efetua melhora, isso é sinal certo de que a causa que mantém a doença ainda persiste; que há qualquer coisa no modo de vida do doente, ou na situação em que está colocado, que precisa de ser removida, a fim de se realizar uma cura permanente.

Melhora ou agravação evidenciadas pelos sintomas mentais

Em todas as doenças, especialmente agudas, entre os sinais, não perceptíveis por toda a gente, de melhora ou agravação, o estado de espírito do paciente e a sua conduta são os mais certos e instrutivos. Quando há melhora, mesmo ligeira, vemos o doente mais confortado, com mais calma e liberdade de espírito, e melhor disposição: um regresso à normalidade. Nos casos de começo de agravação, mesmo pequeno, verificamos precisamente o contrário: um estado de alma constrangido, desanimado, lamentável, no porte, nos gestos,

nas ações, facilmente percebido a uma observação atenta, mas que se não descreve facilmente por palavras (*).

Quaisquer sintomas novos ou aumentados, ou a diminuição dos sintomas originais sem qualquer adição de novos, em breve dissiparão tôdas as dúvidas do espírito do médico cuidadoso, a respeito de agravação ou melhora, apesar de haver pacientes incapazes de darem notícia desta melhora ou agravação e outros que não querem confessá-la.

* * *

Em todo este Curso, temos apresentado casos que mostram como se pode chegar até ao remédio homeopático e incidentalmente os resultados da prescrição, isto é, como o paciente deve reagir à droga corretamente escolhida. A correção da escolha será provada pela reação, muitas vezes longa reação, do paciente.

Pode ser interessante e encorajador apresentar alguns exemplos de reação rápida em doenças agudas não complicadas, e também alguns dos resultados bastante categóricos. Muitos destes já foram inseridos na nossa revista, *Homeopatia*, ou referidos nas *Demonstrações Clínicas*, mas merecem ser repetidos. Muitos procedem do Ambulatório e, de tempos a tempos, têm sido considerados úteis para fins de ensino. Mas eles são apenas espécimes do que se observa na clínica de todo homeopata consciencioso.

Exemplos de curas rápidas em doenças agudas de pessoas sãs.

N.º 1

Influenza, em dezembro de 1936. *Gels.* em toda a noite não deu resultado. Agora, às 2 da manhã, uma tosse muito violenta, sufocante, que parecia ataque de asfixia: um verdadeiro espasmo. Não pode suportar uma ponta de ar (as janelas, usualmente abertas, estão fechadas). Calafrios nos braços e nas coxas. *Nux 200*, uma dose.

(*) Mas os sinais de melhora na disposição e no espírito, logo depois de ser tomado o medicamento, só se podem esperar quando a dose foi suficientemente mínima (isto é, a mais diminuta possível). Uma dose desnecessariamente grande, ainda que seja do medicamento mais apropriado, atua com demasiada violência e a princípio evoca uma perturbação de espírito demasiado grande e duradoura, para que possamos perceber rapidamente qualquer melhora. Devo observar aqui que essa regra muito essencial é geralmente transgredida pelos presumidos novatos em homeopatia, vindos das fileiras da velha escola. Seus antigos preconceitos fazem com que detestem as doses mais pequenas das mais baixas diluições de medicamento, e por isso deixam de usufruir as grandes vantagens desse modo de recetar, que milhares de experiências provaram ser o melhor. Assim não podem efetuar tudo o que está nas possibilidades da homeopatia, não devendo, pois, ser considerados seus seguidores.

Apenas o doente a tomou, experimentou alívio e percebeu que se estava curando. Duas horas depois, viram-no de pé à porta da casa, despedindo-se duma visita que saía debaixo de frio e chuva. Dai por diante, "sentiu-se bem, a não ser um pouco de tosse", que uma dose de *Bryonia* terminou.

(N. B. *Gelsem.* tem calafrios para cima e para baixo das costas, mas, em lugar do espasmo de *Nux.*, tem peso e parestia nos músculos. Os quadros clínicos diferem, mas são ambos prontos em curar os seus próprios casos, no primeiro estágio de doenças agudas. Mas UMA DROGA NÃO FAZ O SERVIÇO DE OUTRA).

N.º 2

Depois de passar horas ao vento agreste e à chuva, no dia seguinte foi acometido de resfriamento com arrepios, pior com o movimento, pior longe do fogo.

Terceiro dia: sensação de ferimento atrás do esterno. Acessos de tosse violenta, torturante: tem de segurar tanto a cabeça como o tórax enquanto tosse, por causa da dor, como se fôra arrebentar. Calafrios freqüentes e elevação de temperatura.

Os remédios a considerar eram *Bry.*, *Phos* e *Sulph.* Mas, de repente, começaram a doer-lhe os ossos e as articulações e os calafrios intensificaram-se desagradavelmente.

Febre com calafrios e os ossos e as articulações a doerem é porém uma grande indicação para *Eupatorium perf.*, droga que também na sua patogenesia tem "Tosse cavernosa, roufenha e estertorosa... tórax dolorido: tem de o amparar com as mãos... Tosse violenta com inflamação no tórax... Dor e inflamação abaixo do esterno... Ampara o tórax com as mãos durante a tosse...". Tem também dores fortes na cabeça com febre, pior com o mínimo movimento (como já se viu num caso prontamente curado de "influenza").

Eupatorium perf. 200, uma dose, e o doente sentiu-se melhor dentro de dez minutos. Passou a noite bem. De manhã já tinha perdido os calafrios, as dores nos ossos, a inflamação e a dor no tórax e a dor na cabeça pelo tossir.

N.º 3

Menino de sete meses, bem nutrido e de aspecto saudável, há algumas noites causava inquietação. Fôra admitido ao meio-dia, a vomitar incessantemente. Tudo o que comia era logo expellido. Também havia diarreia. Não estava sossegado um instante; não gritava, mas agitava-se violentamente na cama, tomando constantemente "a posição do cotovelo sobre o joelho", com os quadris erguidos e a cabeça baixa.

Os poucos sintomas foram procurados no Repertório. *Arsenicum* parecia tentador, por causa da intranquilidade, mas essa intranquilidade não era ansiosa. Mas o *Phosphorus* parecia melhor o caso, incluindo a tendência para uma posição abdominal. E por isso *Phos 12* foi receitado. Após a primeira dose, já não vomitava; e no dia seguinte o bebê estava magnífico!

N.º 4

Há dois anos, foi levado à clínica externa um menino de cinco meses. Tinha adoecido poucas horas antes.

Estava pálido, sonolento, em colapso, com a cabeça fria ao toque. De vez em quando, punha-se a gritar e a bater violentamente ora com uma, ora com a outra perna. Encontrara-se uma massa dura na parte esquerda do abdômen, abaixo das costelas. Ao passar-se-lhe um dedo no reto, saía uma pequena quantidade de muco.

Pensou-se logo nos medicamentos para invaginação e porque a pressão sobre o abdômen, de cada vez que se fazia, evidentemente que aliviava o espasmo e deixava a criança recair no seu estado comatoso, receitou-se-lhe *Coloc. 200*, sendo o bebê admitido para observação.

Isso foi para o fim da tarde. As 7,30 o menino estava na cama, quente, com boa cor, a dormir profundamente, "magnífico!" como a Irmã, encarregada dele, afirmou. Estava curado.

N.º 5

Dezembro 21, 1933. Escolar de 11 anos. Não pode reter as fezes e não sente a saída. Começou-lhe isso antes da Páscoa. As fezes formam-se e escapam-se uma ou duas vezes por dia. *ALOE 30, 200 1M*, uma dose de cada nas manhãs seguintes.

Janeiro 16, 1934. A diretora escreve: "Pensei que o doutor gostaria de saber que ela está completamente curada. Tomou os pós e três dias antes do Ano Novo estava normal... Muito obrigada".

Aloe tem esse sintoma curioso: *fezes sólidas passam involuntariamente e despercebidas*; é unicamente *Aloe*, tanto quanto sabemos. Provavelmente, em qualquer potência, *Aloe* curaria.

N.º 6

"Tuto, cito et jucunde"

Eis aqui um exemplo da admirável rapidez da ação do remédio homeopático exato, num estado agudo, e num doente que reage prontamente, só ao remédio exato.

Ele vinha-se sentindo cansado, muito indisposto, sem forças, havia algumas semanas, para o seu afadigado trabalho. Na tarde anterior, tratava dum dente que lhe doera intensamente todo o dia, quando, debaixo do periosteio do dente morto, se descobriu e rompeu um abscesso fétido, com alívio da dor.

Mas, na mesma noite, ocorreu novo contratempo. Inchou-lhe a perna direita e o pé, com metatarsalgia, atribuída ao pé plano. O paciente continuou a inchar e dentro de vinte e quatro horas inchava rapidamente, não só no pé, perna e coxa direitos, mas no esquerdo também, e nos braços, no rosto, e nos olhos, que apresentavam bôjo. Não havia edema, mas tumefação disseminada e uma sensação de tensão e rigidez por toda a parte, como se estivesse enfaixado, como se fosse arrebeitar. Estava pior perto do fogo (vermelhidão etc.). Tinha-se tornado ansioso, naturalmente; achase deprimido e cansado. Muito rígido em todo o corpo, inquieto e desalentado. Tinha trabalho para fazer, mas sentia-se incapaz de se votar a ele.

Custou-nos a achar o remédio — *APIS*, o qual (veneno animal) deveria ser de efeito, se o estado fosse devido a qualquer absorção tóxica do pequeno mas fétido abscesso. *Apis* também causa, em algumas pessoas picadas por abelhas, precisamente tal tumefação, acompanhada ou não de sinais de urticária ou erupção. Chegando-se a uma conclusão sobre a droga, tomou alguns glóbulos de *Apis 30*. Sabendo o doente que ia responder prontamente ao estímulo do remédio, tirou do bolso o relógio... Dentro de cinco minutos desaparecera praticamente a tensão e a maior parte da rigidez, e o paciente podia, de novo, mover os dedos e dedicar-se ao trabalho.

Quatro horas depois, estava "perfeitamente bem", melhor do que há muito tempo. A rigidez desaparecida absolutamente com a tensão e o edema, havia trabalhado intensa e satisfatoriamente durante a tarde.

Há gente que diz: "A Homeopatia é boa, mas é tão lenta!" Seria? As melhoras podem ser quase instantâneas nas doenças agudas. Apenas, e sempre, o que é preciso é identificar o remédio.

Os remédios têm o seu ritmo, assim como as doenças e os doentes. Não se pode curar uma doença velha de muitos anos em cinco minutos, como há gente que pensa. E não se pode curar uma doença, por mais aguda que seja, nem em cinco minutos, nem em cinco horas, nem em cinco semanas, com um remédio que seja incapaz de produzir sintomas semelhantes, numa pessoa saudável. E tal fracasso não é a despeito da lei dos semelhantes, mas DEVIDO À LEI DOS SEMELHANTES.

N.º 7

F. G., idade 6 anos, chegou ao Posto de Socorros do Hospital, um dia, no fim da guerra. Havia uma placa suspeita na amígdala esquerda e "uma criança de casa tinha tido difteria".

Era na amígdala esquerda e a língua não estava suja; foi feito um esfregaço e deram-lhe *Lach. c. m.*, duas doses.

Voltou no dia seguinte, com a garganta praticamente limpa. Não foi preciso repetir.

Dois dias depois veio o exame: *Presente Klebs-Loeffler*, com *pneumococo e angina de Vincent*. Mas o menino estava bem.

N.º 8

Outro caso. Junho 19, 1919. Um pequenino de cinco meses, na nossa Enfermaria de Crianças no Hospital de Londres, tinha difteria, temperatura 39º.6. Deram-lhe *Lach 200*, seis doses, repetidas no dia seguinte. Encontrou-se o bacilo na lâmina e na cultura, mas a placa desapareceu, e uma segunda cultura, vinte e quatro horas depois, mostrou-se estéril. Teve alta, bem, daí a 6 dias.

Essa rapidez de cura não é invulgar com a difteria, mas a droga nem sem é *Lach*. Repetidas vezes o remédio homeopático tem curado prontamente, mostrando-se a cultura estéril dentro de 24 a 48 horas. (Vid. *Homeopatia*, nov. 1936, fev. 1932 e abril 1935).

N.º 9

Caso recente. Uma enfermeira com uma placa numa amígdala, provada, pelo exame direto e pela cultura, ser difteria. Deram-lhe seis doses de *Merc. cy 10 m* e mandaram-na a um hospital de isolamento onde, trinta e seis horas depois, lhe acharam a garganta estéril. Dali telefonaram surpresos, pondo em dúvida o diagnóstico, ao que lhes responderam que viessem ver as lâminas abundantes de bacilos diftéricos que, felizmente, se tinham guardado. É interessante saber que, sendo enfermeira nova, a garganta dela havia sido recentemente examinada e encontrada estéril.

N.º 10

Durante a guerra passada, o primeiro reide aéreo sobre Londres deixou cair grande bomba em Queen Square, que despedaçou todas as janelas do lado do nosso hospital; noutra reide, oito bombas caíram uma noite em Ormond Yard, mesmo atrás duma das nossas enfermarias, do outro lado da rua. Recordemos que depois dum desses reides tão frequentes uma nossa doente foi encontrada na manhã seguinte positivamente alucinada. "Para onde

poderei ir? Podem vir outra vez... Se fujo para o campo, podem ir lá!"... Para tão grande ansiedade, medo e desassossego, ela tomou *Arsenicum*: e depressa voltou à normalidade. Não deu mais que fazer a ninguém.

N.º 11

Caso extraído da obra "*Doenças do Fígado*", do Dr. Compton Burnett.

"*Podophyllum peltatum* é um grande remédio do fígado, mas tem-se abusado muito dele. Seu emprêgo no "fígado torpido" não é de boa prática e tem feito muito mal. Seu verdadeiro emprêgo científico é na diarreia com bilis extravasante, com muita irritação e até inflamação do intestino. Serviu-me uma vez admiravelmente num caso de diarreia que ameaçava terminar fatalmente. O médico alopata da família tinha dito ao marido da senhora que considerava o caso perdido, porque nada detinha a diarreia e a doente estava enfraquecendo cada vez mais. Telegrafaram-me, tendo de viajar quase duzentas milhas. Ao chegar, o médico da família, apesar de ter dado como perdida a doente, recusou-se a encontrar-se comigo por ser eu homeopata, e isto, não obstante dar-se como amigo da família e morar quase junto.

"As fezes cheiravam muito mal, eram quentes, biliosas, ex-coriantes e fluíam sem cessar. A doente estava demasiado fraca para ser erguida ou mesmo adequadamente ajudada, não se podendo nem fazer a higiene local. Estudei o caso um momento e finalmente decidi-me por *Podophyllum 6*. Na tarde seguinte, a senhora estava convalescente e eu voltei para a cidade. A cura foi completa e permanente. Quando o médico da casa soube da minha partida, voltou e muito "amavelmente" ficou de observação, ainda a dar o meu remédio. "Ora" — disse ele, "*Podophyllum* é um dos medicamentos alopáticos, não é de modo nenhum um remédio homeopático: eles no-lo roubaram".

"O pobre ignorante ainda não sabia que o emprêgo do remédio, isto é, o princípio sobre o qual ele se emprega é tudo".

Reação prolongada

Poderíamos apresentar numerosos exemplos de reação prolongada do remédio homeopático correto: eis aqui apenas alguns.

Na doença crônica

É assunto de experiência vulgar que a ação do remédio, ou antes a reação curativa a diferentes remédios, nas doenças crônicas, varia conforme o remédio indicado. Septa raras vezes pede

repetição antes de 3, 4 meses; casos de *Natrum mur.* pedem repetição quase no mesmo prazo. Verifica-se que *Phos.* e *Sulph.* precisam, muitas vezes, de uma repetição dentro dumas seis semanas, apesar de que, algumas vezes, um doente de *Sulphur* parece passar bem com uma dose de *Sulphur*, repetida apenas uma vez em seis meses ou num ano. "O seu remédio sempre me restabelece, e agora estou outra vez precisando dele".

A regra

Mas a regra é perfeitamente simples, tanto nas doenças agudas como nas crônicas: Não intervir quando o paciente tenha melhorado muito ou esteja melhorando. Uma dose não requerida pelos sintomas não atua como estímulo vital e pode fatalmente perturbar o ritmo.

Para apressar a cura

Nunca esqueçais como Hahnemann diz isso nas Doenças Crônicas:

"O meio mais seguro e mais certo de apressar a cura é deixar que o medicamento atue tanto quanto prosseguem as melhoras do paciente, mesmo que isso vá muito além do período que está estabelecido como o período provável da duração dessa ação. Aquêlle que observar essa regra com o maior cuidado será o mais feliz clinico homeopata" (*Doenças Crônicas*).

No opúsculo "*Concepção de Hahnemann sobre as Doenças crônicas causadas por micro-organismos parasitários*", muitos casos se apresentam de magníficos resultados obtidos com a dose única, nunca repetida, ou apenas repetida (quando preciso) depois de longos intervalos.

A página 9, encontra-se pormenorizado um caso interessante de colite mucosa com dez anos de duração, numa mulher de 48 anos. Apesar de a reação de Wassermann ser negativa, ela foi curada com uma dose de *Syphilinum*, seguida mais tarde por uma dose de *Merc. cy.* Cinco meses depois: "Nunca se sentiu tão bem". Por ligeiras ameaças, ela tomou, com três meses de intervalo, mas duas doses de *Merc. cy.* E um ano depois, por um ligeiro ataque de cólica com um pouco de muco, tomou mais uma dose e, passados dois anos, ainda se achava perfeitamente bem.

Na página 23 narra-se um caso de *Epilepsia*, numa mulher de 39 anos, com acessos frequentes, curados com uma única dose de *Thuja 10 m.* Nunca mais teve outro acesso.

Não está ali registrado o histórico da doença: apenas que "passara pior nos dois últimos anos". Têm sido vista ultimamente

e, depois de 12 anos, a cura ainda se mantém. Como ela uma vez disse: "Já não tenho acessos".

Encontram-se mais alguns outros casos de *Epilepsia*: um à página 18, de *epilepsia pós-gripal*, curada com três doses de *Influenzinum 200*, de seis em seis horas; outro a páginas 22, de *epilepsia alternada com erupção pustular* — os acessos e a erupção foram ambos curados com algumas doses de *Thuja*.

Eis aqui um caso notável de *Epilepsia e Deficiência Mental*, com 20 anos de duração, melhorado extraordinariamente com doses muito pouco frequentes de *Cicuta vir.* Foi uma experiência do poder dos métodos homeopáticos e de suas preparações. Vale a pena tornar a repeti-lo.

Charlotte S., de 23 anos. Vista primeiro em 1909.

Histórico: Aos 3 1/2 anos, caiu, ferindo a cabeça. Quatro meses de cama, "inconsciente e cega". Quando se levantou, teve uma grande erupção pustulenta em toda a cabeça, curada com pomadas.

Desde então, sempre acessos epilépticos, com emarese. Todo o corpo violentamente convulso. Dorme depois dos acessos, às vezes o dia inteiro.

Pode ter 20 a 30 acessos numa noite. Pode passar 15 dias sem acessos, depois acessos todas as noites, durante uma semana.

Muito inteligente antes da queda. (Evidentemente que essa deficiência mental não era do tipo de desenvolvimento).

Exatamente como uma criancinha, agora aos 23 anos.

Não se pode lavar nem vestir por si mesma, mas alimenta-se a si própria agora. Se lhe perguntam se quer comer, responde "Não", mas depois come, se lhe põem a comida na frente.

Nunca se pode deixá-la sozinha. Temos pois:

a) *Violência das convulsões*

b) *erupção pustulenta.*

c) *Efeitos de pancada na cabeça.*

Ela tomou *Cicuta 200*, uma dose e *Placebo*.

O efeito foi maravilhoso, foi uma revelação!

Três semanas depois, os informes eram:

Muito melhor. Menos acessos e menos violentos. Não luta. Muito mais inteligente.

Lembra-se agora de muitas coisas!

Lavou-se e vestiu-se hoje pela primeira vez em sua vida. Nenhum remédio.

Em 5 semanas:

Melhor. Sob as escadas a buscar coisas para a mãe.

Acessos? "Muito menos". Apenas seis acessos até agora... (costumava ter 20 — 30 por noite!)

Fala mais. Fala agora sobre coisas.

Vestiu-se para vir ao hospital.

Compreende e lembra-se.

A mãe diz: "Parece impossível como ela agora fala e diz coisas sensatas".

Apareceram-lhe no rosto algumas pústulas.

A mãe fala comigo. Diz-me que "quer ir ver as moças a fazer trabalho de agulha". Mostra-me as moedas que lhe têm dado. A mãe diz: "Não a podia deixar fazer nada por si própria; agora, pode!" Nenhum remédio.

Em dois meses:

Muitíssimo melhor. Apenas dois acessos leves.

A memória melhorando.

Gosta de vir aqui. Disse à mãe que não esquecesse de levar consigo o cartão de matrícula do hospital!

Já se serve sózinha à mesa. Corta o pão.

Tem outra vez manchas no rosto. Nenhum remédio.

Em três meses:

Prosseguem rapidamente as melhoras da inteligência.

Diz que se esqueceu de me trazer flores.

Dois ligeiros acessos. Nenhum remédio.

Em cinco meses:

Absolutamente nenhum acesso.

Pode fazer as camas e a limpeza. Prega botões. Nenhum remédio.

Em seis meses:

Estêve doente com um resfriado forte; o médico chamou-lhe pleurisia; teve um acesso violento. Cicuta 200, uma dose (pela segunda vez em seis meses).

Em sete meses:

Disseram-me que esse remédio (como o primeiro) produziu uma agravação. Ficou muito mal durante dois dias, sem dar acôrdo de ninguém.

Muito melhor depois. Faz serviço caseiro. Gosta do trabalho da agulha. Nenhum remédio.

Em oito meses:

Nenhum acesso, até que queimou uma mão. Estava tirando uma panela do fogo segurando a asa com um papel. Este incendiou-se e queimou-lhe a mão. Ela gritou com a dor. Três acessos, não violentos, no dia seguinte.

Ela é muito útil na casa.

Falou muito comigo, hoje. Nenhum remédio.

Em onze meses:

Melhorando extraordinariamente. Faz trabalho de agulha.

Sai a comprar legumes.

Um ligeiro acesso. Cicuta 200, uma dose, pela terceira vez.

Em doze meses:

Um ligeiro acesso. Nenhum remédio.

Em catorze meses:

Melhor do que nunca. Absolutamente nenhum acesso.

Conta-me uma grande história acerca da irmã.

Provoca conversas.

Depois de torcer as roupas e pô-las a secar, disse: "Agora, estou muito cansada. Vou para a cama. A mãe não quer que eu vá, mas os meus nervos estão esgotados, e estou muito cansada!" Nenhum remédio.

Em dezessete meses:

Compreende que a sua mestra morreu. Disse: "Ela foi-se e nunca mais a veremos". Nunca mais tornou a falar nela. Nenhum remédio.

Em dezoito meses:

A mãe escreven: "Mal, com acessos". Mandei Cicuta 200, uma dose.

Três anos depois:

Estêve mal com "influenza", dez acessos violentos numa noite. No resto, bem. Lava. Limpa o limiar da porta. Vai às compras. Cicuta 200, uma dose.

Depois, durante uns seis meses, não teve acessos.

Depois de quatro anos:

"Fala por provérbios agora"! Nenhum remédio.

Em cinco anos:

Conserta as suas roupas. Faz toda a passagem a ferro e arruma as roupas. Lembra-se onde põe os objetos.

Temo-la visto desde então, a intervalo muito longos. É um caso muito satisfatório e ilustrativo. A excitação ou a doença podem provocar-lhe um acesso. Mas uma mãe de 23 anos, com menos que a mentalidade dum bebé, incapaz de dizer quando queria comer, que se não vestia nem lavava por si, foi depressa transformada num útil e razoavelmente inteligente membro da socie-

dade, com algumas simples doses de *Cicuta*, à duocentésima potência.

Mas um dos casos mais dramáticos jamais visto — um caso aparentemente inverossímil — é descrito a páginas 29. Um menino de 2 anos e 11 meses, com olhar vago, a respeito do qual um especialista de crianças havia dito algumas semanas antes: "Não se podem substituir os miolos; ele nunca será normal", desenvolveu, não obstante, os miolos, depois de três doses de *Thuja* 1 m, 10 m, 5 m, em três manhãs sucessivas! Um idiota de quem nada havia a esperar, com olhar vago, que só começara a andar aos dois anos e que "conhecia o pai e a mãe mas que nunca soubera juntar duas palavras", foi misteriosamente transformado num mês, falando, compreendendo, apontando e descrevendo; e em dois meses brincava e tagarelava, praticamente normal e cheio de encanto e animação. Sem dúvida que isso não era verdadeira deficiência mental, mas desenvolvimento detido, devido ao estado da mãe antes do seu nascimento, e curado com receituário adaptado. Não o viram durante dois anos, após o que apareceu para uma Demonstração Clínica. Tinha crescido e estava cheio de vida e muito traquina. Mas o temperamento acirrara-se e então repetiu-se *Thuja*, pela primeira vez!

Na lição seguinte trataremos de mais casos dos Efeitos do Remédio.

LIÇÃO DÉCIMA

A REPETIÇÃO

QUANDO NÃO REPETIR. QUANDO REPETIR

"Quando tratamos com uma ciência que se ocupa da salvação da vida, é um crime negligenciar o seu estado."

Hahnemann

O segundo remédio mais importante

Na América dizem: "O segundo remédio mais importante é *Ser. loc.*". Tão importante é: (a) não receitar sem os sintomas de fato exigirem um remédio; (b) nunca repetir enquanto o paciente vai obtendo boas melhoras.

NAS DOENÇAS CRÔNICAS

Como estragar o trabalho feito

É tão fácil inutilizar um caso. Ao ambulatório chega um paciente que tem passado esplendidamente com *Sepia*, e a reação normal a *Sepia* (nas doenças crônicas) é de três a quatro meses, depois do que, pode haver necessidade de repetição, quando o doente diz "Tenho estado esplêndido! mas a semana última não passei tão bem" ou "Esse velho incômodo ameaça voltar". Então, o médico repete a dose sem hesitação e o paciente continua a melhorar. Mas, talvez, no fim apenas de um mês, quando o paciente vem dizer "Esplêndido!" — em lugar de lhe darem a melhor receita a seguir, *Placebo*, acontece que o doente é visto por outro médico que tem menos experiência ou menos conhecimento, para quem o "passar esplendidamente" é uma indicação para repetir o medicamento que foi tão bem escolhido... pondo tudo a perder. Não sabemos porquê, mas quando o paciente está reagindo e ocupado afanosamente na sua própria cura, é tolice interferir — nem que seja com uma nova dose daquilo que iniciou a reação.

O processo vital é muito delicado e facilmente desarticulado. Seja por que fór, quando, após decorrido outro mês, virdes o vosso infeliz doente, podeis ficar contrariado! — Tão bem no outro mês! e agora, a notícia triste é "Não encontrei o senhor no mês passado e o remédio que me deu o Dr. X. prejudicou-me..." Que deveis fazer? O paciente necessitava de *Sepia*, provado pelo fato de que respondeu a ela, e agora o ritmo está quebrado e vós não sabeis positivamente o que fazer. Hahnemann experimentou isso, porque escreveu acerca do "prejuízo que a pressa impetuosa do médico infligiu ao paciente, pela qual a ação benigna do remédio que estava prestes a manifestar os seus mais belos e surpreendentes resultados, se perdeu, provavelmente, para sempre".

Não se deve repetir o que não deve ser repetido. Podeis tentar um antidoto? mas provavelmente o melhor é esperar e receitar *Placebo*. Deixai que o caso se esclareça e depois reconsidereis-o. Mas — e sempre — e especialmente em casos crônicos, enquanto o paciente está reagindo e dando passos para o restabelecimento, com aquela satisfação do renovado bem-estar e de se terem aliviado os sintomas torturantes, deixai-o assim. É uma grande virtude saber quando não se deve receitar! "*O segundo medicamento mais importante é Sac. lac.*".

Nunca interferir enquanto há melhoras

E também nunca penseis: Já há muito tempo que este medicamento foi ministrado, certamente é tempo de dar outra dose. O tempo aqui não vale nada, apenas o efeito. Nunca é tempo de outra dose, enquanto o paciente está melhorando, a não ser que os sintomas voltem a exigí-la. Só os sintomas é que podem requerer um remédio homeopático. Nós não temos nada que receitar, a não ser em resposta a um apêlo definido de sintomas. Hahnemann diz:

Reação à dose única

"Por meio duma única dose de remédio cuidadosamente escolhido, o clínico homeopata produz muitas vezes melhoria no estado do seu doente, que continua até ao restabelecimento da saúde. Esse resultado não podia ser sido obtido se a dose tivesse sido repetida ou se outro remédio tivesse sido ministrado". (Doenças Crônicas).

Deixai atuar o remédio

"A regra é que deve deixar-se o remédio cuidadosamente escolhido atuar até que se complete o seu efeito".

E também diz: "Uma repetição prematura do remédio, ou toda a dose nova doutro remédio produz aumento de sintomas morbidos e interrompe o processo da cura. Muitas vezes, requer-se muito tempo antes de se poder remediar tanto dano".

Não interferência

O médico deve estar prevenido contra a interrupção da ação dum remédio antipsórico que tenha dado ao paciente. Que não receite um remédio intermerdiário, por causa duma pequena dor de cabeça que possa ter sobrevindo no dia seguinte após o remédio ter sido ministrado; outro remédio para uma dor de garganta ou diarreia ou uma pequena dor etc.

Para apressar a cura

"O meio mais certo e mais seguro de apressar a cura é deixar o medicamento atuar enquanto continuam as melhoras do paciente, mesmo que isso vá muito além do período estabelecido como o período provável da duração dessa ação. Aquêlle que observar esta regra com o maior cuidado, será o clínico homeopata de maiores êxitos". (Doenças Crônicas).

Ele diz-nos numa nota que deu uma vez *Sepia* para uma dor de cabeça crônica, que sobrevinha a intervalos. Os acessos tornaram-se menos freqüentes e menos violentos. Outra dose fez parar a dor de cabeça durante cem dias..., no fim dos quais o doente sofreu outro ligeiro acesso. Uma terceira dose de *Sepia* foi-lhe dada e há sete anos que a dor de cabeça desapareceu completamente".

HAHNEMANN, SOBRE A REPETIÇÃO NAS DOENÇAS AGUDAS:

"Nas doenças agudas, o tempo para a repetição do remédio próprio é regulado pela marcha da doença; aqui pode ser, muitas vezes, necessário repetir o medicamento dentro de vinte e quatro, dezesseis, doze, oito, quatro horas, e menos, enquanto o remédio, sem originar novas afecções, continua a produzir melhoras ininterruptas; mas quando essas melhoras não são suficientemente acentuadas, tendo em consideração a rapidez perigosa da doença aguda, o intervalo deve ser ainda mais estreito. Assim, em casos de Cólera, a doença mais rapidamente fatal conhecida, é necessário, no princípio, dar uma ou duas gotas ou tabletes de fraca solução de *Camphora*, de cinco em cinco minutos, para conseguir alívio pronto e seguro. Ao passo que nos estados mais desenvolvidos, poderemos ter que empregar doses de *Cup. Verat.*, *Phos.* etc. de duas ou de três em três horas; ou dar *Ars. Carb. veg.* etc., a intervalos semelhantes". (Organon).

A repetição é mais frequentemente necessária nas doenças agudas

"A segunda dose do mesmo remédio pode ser dada imediatamente depois da primeira, quando o remédio bem escolhido tenha produzido bom efeito mas não tenha atuado tempo bastante para curar a doença. Isso raras vezes acontece nas doenças crônicas, mas acontece frequentemente nas doenças agudas e nas crônicas que quase são agudas".

"A duração da ação dos remédios antipsóricos é geralmente proporcionado ao caráter crônico da doença... Mesmo remédios tais como *Belladonna*, *Sulphur*, *Arsenic*, etc.... que atuam por tempo considerável no organismo saudável, têm a duração da sua ação diminuída, na medida em que a doença é aguda e marcha rapidamente para o seu término". (*Doenças Crônicas*).

AINDA MAIS SOBRE A REPETIÇÃO NAS DOENÇAS CRÔNICAS

"O terceiro grande erro que o médico homeopata deve, com todo o cuidado, fazer o possível por evitar no tratamento das doenças crônicas, é a repetição demasiado pressurosa da dose. Essa pressa é altamente inconveniente. Observadores superficiais inclinam-se muito a supor que um remédio, depois de ter atuado favoravelmente durante oito ou dez dias, não pode mais atuar: esse engano é fortalecido pela suposição de que os sintomas mórbidos aparecerão outra vez em tal e tal dia, se a dose não tivesse sido repetida.

Se o medicamento que mandaram tomar ao doente produz bom efeito nos primeiros oito ou dez dias" (Hahnemann fala aqui de doenças crônicas) "isto é sinal certo de que o medicamento é estritamente homeopático. Se, nessas circunstâncias, sobrevém agravação, o paciente não se deve inquietar com isso: o resultado desejado será, por último, obtido, mesmo que tenha de levar vinte ou trinta dias. São precisos quarenta ou cinqüenta dias para que o medicamento complete a sua ação. Dar outro remédio antes do fim desse período, seria o cúmulo da insensatez".

Nota dos revisores: Hahnemann, na 6.^a edição do "Organon", admitiu a repetição com maior frequência, desde que a diluição e a dinamização do medicamento fossem modificadas.

"Que nenhum médico suponha que, logo que tenha decorrido o tempo fixado para a duração da ação do remédio, se pode imediatamente administrar outro remédio com o fim de apressar a cura. Isso é contrário à experiência".

Duração da ação duma dose

"A dose muito exigua dum remédio homeopático cuidadosamente escolhido, se não fôr interrompida na sua ação, realizará gradualmente todo o efeito curativo que é capaz de produzir, num período que varia de quarenta a cem dias". (*Organon*).

As melhoras não reclamam repetição, quer nas doenças agudas quer nas crônicas

O progresso perceptível e continuado da melhoras numa doença aguda ou crônica é condição que, enquanto dura, invariavelmente contra-indica a repetição de qualquer medicamento, porquanto o efeito benéfico que o medicamento continua a exercer está-se aproximando da sua perfeição. Nessas circunstâncias, toda a dose nova de qualquer medicamento, mesmo do último que provou ser benéfico, perturbaria o processo do restabelecimento". (*Organon*).

Quando se deve repetir

"O mesmo remédio pode ser ministrado uma segunda vez quando as melhoras que a primeira dose produziu... deixarem de continuar... quando se torne evidente que o medicamento cessou de atuar, sendo o estado de espírito o mesmo que antes e sem que sintomas novos ou perturbadores tenham surgido. Tudo isso mostra que é de novo indicado o mesmo remédio". (*Doenças Crônicas*).

Só deve ser ministrado novo remédio quando os antigos sintomas que haviam, por algum tempo, desaparecido, começam, de novo, a aparecer, e mostram tendência para permanecer ou para aumentar de intensidade. A experiência é o único árbitro nesses assuntos e na minha prática longa e extensa ela já se decidiu sem qualquer sombra de dúvida".

"Com respeito a todas as drogas, uma segunda dose, dada apressada e imediatamente depois da primeira dose, destrói parcialmente a ação desta".

Não interferência com a reação

Ele diz: Toda a cura falha, se não se permite que os remédios antipsóricos (*) receitados atuem ininterruptamente até ao fim. Mesmo que o segundo antipsórico tenha sido escolhido com o maior cuidado, não pode substituir a perda que a pressa intempestiva do médico infligiu ao doente. A ação benigna do pri-

(*) Remédios de doenças crônicas são venéreas.

meio remédio, que estava quase a manifestar os seus mais belos e mais surpreendentes resultados, fica provavelmente perdida, para sempre, para o doente". (*Doenças Crônicas*).

"A regra fundamental (nas doenças crônicas) é esta... deixar que o antipsórico homeopático cuidadosamente escolhido atue tanto tempo quanto é capaz de exercer influência curativa e enquanto se verificarem no organismo melhoras visíveis..."

Kent deixava atuar o remédio

Sobre a questão de deixar atuar o remédio, Kent diz: "Quanto mais ignorante for o médico, tanto mais agirá". "É melhor não fazer absolutamente nada do que fazer qualquer coisa inútil". "Se vos puserdes a agir como curandeiro, podereis curar doenças agudas, mas, por amor de Deus, não vos intrometais nas crônicas!" "Isso de vos mexerdes de um lado para outro, sem esperardes que o remédio atue, é abominável! Há períodos de melhoria e períodos de pausa. Deixai que o princípio vital prosiga, enquanto puder, e repeti somente quando os sintomas originaes voltam para querer ficar".

* * *

Nas *Doenças Crônicas*, lemos: "Para a cura duma doença crônica são geralmente necessários vários antipsóricos".

"Depois de um antipsórico ter realizado o seu objetivo, a série modificada de sintomas requer, geralmente, um remédio diferente".

"À exceção de Sulphur, Hepar s. e Sepia, os outros antipsóricos raras vezes admitem a repetição favorável da mesma droga. Tal repetição é, além disso, desnecessária, por causa do grande número de antipsóricos que possuímos".

(Mas aqui devemos observar que Hahnemann não dispunha da nossa série de potências; com estas é muitas vezes possível levar um doente à cura apenas com um remédio, requerendo-o os sintomas, e elevando a potência, a medida que cada uma, por sua vez, perca o seu efeito).

Não repetição empírica

Muitos médicos homeopatas costumam fornecer ao paciente diversas doses do mesmo remédio, aconselhando-o a tomá-las com certos intervalos, à sua discrição. Isto é empirismo. O médico homeopata deve examinar os sintomas toda a vez que receita; "do outro modo, não pode saber se o mesmo remédio é indicado uma segunda vez ou se um medicamento é absolutamente apropriado". (*Doenças Crônicas*).

O charlatão, o intrometido homicida

"Um médico que não se queira dar a esse incômodo... e que, por meio dessas indicações gerais, despacha um doente após outro, não merece o nome de verdadeiro homeopata. É um mero charlatão, mudando de remédios a todo o momento até que o pobre enfermo perde a paciência e é obrigado a deixar esse intrometido homicida. É por tais leviandades que a verdadeira homeopatia é prejudicada". (*Doenças Crônicas*).

Reconsiderar o caso

"Quando a dose do primeiro medicamento deixa de atuar benéficamente, o caso deve ser estudado de novo, anotando-se os sintomas agora presentes, devendo ser dado um segundo remédio que será mais apropriado que o primeiro, visto que o grupo dos sintomas é agora maior e mais completo, e isso sempre que os sintomas recentemente desenvolvidos não exijam, pela sua severidade, auxílio mais pronto. Mas tal, devido à exiguidade da dose homeopática, é, em doenças crônicas, muitíssimo raro.

Do mesmo modo, depois que cada nova dose de medicamento tenha esgotado a sua ação e quando ela já não é indicada ou útil, o caso deve ser cuidadosamente reconsiderado, devendo achar-se outro remédio homeopático, próprio para os sintomas presentes. E assim por diante, até o restabelecimento ser completo".

Doente, mas com sintomas vagos

"Não é vulgar nas doenças crônicas, mas é freqüente nas agudas que o paciente se sinta muito mal, apesar de os seus sintomas serem vagos e indefinidos. Isto pode ser atribuído a um estado de insensibilidade dos nervos, que não permite que as dores e sofrimentos do paciente sejam distintamente percebidos. Tal torpor da sensibilidade interna é removido com opium, por meio de cuja ação secundária os sintomas da doença aparecem distintamente". (*Organon*).

A medicina dos semelhantes afetará as partes sensibilizadas pela doença

"A menor dose de medicamento homeopático, capaz de produzir apenas a mais ligeira agravação homeopática, afetará principalmente — quase unicamente — por causa do seu poder de provocar sintomas mais semelhantes aos da doença, as partes do organismo que estão já afetadas, altamente irritadas e extrema-

mente suscetíveis a tal estímulo semelhantes. E afetará a força vital que a predomina com uma doença artificial muito semelhante, de um grau um pouco maior. Esta doença artificial tomará o lugar da natural, de modo que o organismo fica a sofrer então apenas da doença artificial e medicinal. Isto, pela sua natureza e pela exatidão da dose, será depressa extinto pelo princípio vital, em luta por um regresso à normalidade. E quando a doença é apenas aguda, o corpo ficará absolutamente livre da doença, isto é, inteiramente bem". (*Organon*).

A opinião de Boenninghausen (*) sobre a repetição

"O tempo de esperar, depois de percebermos a primeira atuação dum medicamento, é extremamente variável, conforme a duração e a natureza da doença. Nas doenças mais agudas, como a cólera, o tempo é medido por minutos. Nos sofrimentos mais dolorosos dessa espécie, é possível o alívio pronto e a cura rápida, ao passo que nas doenças crônicas têm de se passar semanas inteiras antes de a ação curativa se principiar a mostrar, especialmente nesses aborrecidos e velhos sofrimentos crônicos em que a repetição demasiado rápida da dose ou a mudança demasiado prematura de receituário é muito prejudicial, de modo que o dano só com grande dificuldade e com grande perda de tempo pode ser sobrepujado. É nesse rochedo que os principiantes da homeopatia mais facilmente naufragam".

Prescrição em casos de emergência

"Em casos de emergência, a ação do *simillimum* é tão acelerada que raras vezes há necessidade duma repetição da dose, mesmo a uma alta potência. Se a seguir à administração não há mudança, isso mostra que se deu o remédio errado e que tem de se escolher outro remédio. O espaço de tempo para se esperar pela ação do remédio deve ser determinado pelo critério do médico e pelos imperativos da emergência. Nos acidentes vulgares do trabalho deve esperar-se meia hora, ao passo que nas hemorragias alarmantes, apenas alguns momentos. Se não se segue nenhum resultado, deve escolher-se novo remédio. Se há mudança para melhor, o único processo racional é esperar até que haja necessidade de nova repetição do mesmo remédio ou até que os sintomas designem outro. Não se pode estabelecer nenhuma regra para orientar a decisão do clínico. Tudo depende da seleção do remédio e do caso em tratamento. Contudo, pode dizer-se que, depois da cuidadosa seleção dum remédio, é melhor es-

(*) O amigo e o discípulo mais brilhante de Hahnemann. O seu Repertório ainda se acha em uso.

perar a sua ação durante um tempo razoável — a emergência deve decidir isso — e não repetir a dose ou trocar de remédio, sem uma razão simples e suficiente. Se há melhoras, seria tolice repetir ou mudar enquanto essas melhoras são decididas e continuas. Se não há mudança para melhor dentro dum tempo razoável, seria tolice esperar mais prolongadamente". (W. A. Yingling, Doutor em Medicina, Estados Unidos da América).

MAIS OBSERVAÇÕES SOBRE O RECEITUÁRIO E O EFEITO DOS REMÉDIOS

A dose única nas doenças crônicas

"Quando, para iniciar a reação nas doenças crônicas, se der o medicamento correto, uma dose basta. Quando se der o medicamento errado, uma dose é mais do que bastante. Muitas doses dum remédio errado não fazem com que ele seja bom".

PARA REITERAR: AS TRÊS DIREÇÕES DA CURA

"Como podemos demonstrar que curamos e como podemos saber que o nosso remédio atuou curativamente? Isso leva-nos a considerar as três direções da cura. Verificamos que, a fim de produzir uma cura permanente, os sintomas devem desaparecer de cima para baixo, de dentro para fora e na ordem inversa do seu aparecimento. Todos os homeopatas que compreendem a arte sabem que, para que a cura seja permanente, os sintomas devem ir-se embora nessas direções. São essas direções que devemos ter em vista quando tratamos duma erupção na pele e cuidarmos que os sintomas não deixem a pele para ir ao cérebro, porque se tal caminho é seguido, sabemos que se cometeu um erro, e se não se faz qualquer coisa para que os sintomas tomem um curso conveniente, e vão do cérebro (centro) para a pele (periferia), teremos que preencher uma certidão de óbito. Quando, porém, tratarmos dum caso de endocardite e depois da administração do remédio observamos uma tumefação reumática do joelho ou do tornozelo e o paciente nos disser: "Esta é a mesma perturbação que eu tive quando o Dr. Fulano me tratou do reumatismo, antes de me chegar este incômodo do coração", podemos ficar certos, quando isto acontecer, de que realizaremos a cura, porque a direção dos sintomas operou-se de acordo com a lei: os sintomas deixaram as partes internas e foram para as externas, e, se deixamos atuar somente o remédio prescrito, seguir-se-há uma cura".

"Sempre que, sob o tratamento homeopático, o físico melhora e o mental piora, o doente nunca se curará. Há casos assim. Eu não gosto nunca de ver o físico melhorar e o mental piorar em qualquer grau. Isso não quer dizer que o remédio causou agravação. Se o mental não melhora, isso significa que o doen-

te está piorando. Não há melhor prova da boa ação dum remédio do que as melhoras mentais". — Kent.

Remédios adequados para novas prescrições.

"Ao tratarmos duma doença crônica, é bom conhecer o remédio que se ajusta a um caso agudo da doença, porque, muitas vezes, o seu remédio crônico é que pode ser precisamente aquele que se adapte aos seus sintomas.

"*Calcarea* é o crônico natural de *Belladonna* e *Rhus*.

"*Natrum mur.* tem a mesma relação com *Apis* e *Ignatia*.

"*Silicea* com *Pulsatilla*.

"Quando *Pulsatilla*, depois de ter prestado grandes serviços num certo caso, finalmente não cura mais, enquanto que os sintomas agora designam *Silicea*, esta deve ser ministrada com confiança, porque a sua relação complementar de há muito que foi estabelecida.

Por outro lado, *Cauticium* e *Phosphorus* não gostam de atuar um depois do outro, nem *Apis* depois de *Rhus*.

Que haja médicos que possam fazer a segunda receita, sem se importarem com a experiência de quase um século, é mais do que inverossímil". — Kent.

Duração da ação

"Se os medicamentos foram dados em doses grandes ou em casos inadequados, a sua duração de ação será muito encurtada, porque o medicamento sai, por assim dizer, nas descargas que provoca (tais como epistaxes, hemorragias, catarro, diureses, diarréia ou perspiração) e assim logo exaure a sua energia. Por assim dizer, o corpo vivo elimina-o depressa..." — Hahnemann.

Casos que exemplificam

Nos registros de clinica de ambulatório do nosso Hospital, encontramos freqüentemente casos que mostram ação longa dos remédios: pacientes que vêm a intervalos longos por uma dose de *Sulphur*, ou *Sepia*, ou *Natrum mur.*, ou *Drosera* ou por um dos medicamentos constitucionais de ação profunda. "O seu remédio sempre me restabelece", dizem eles. Nesses casos, receitar é fácil; vós conheceis o remédio e podeis receitá-lo com confiança. Mas é diferente quando as indicações não são claras, ou quando o caso se tornou complicado por drogas impróprias ou por modos

perniciosos de vida e hábitos, ou, também, quando condições inevitáveis minam a vida e a alegria dos doentes infelizes. Vamos apresentar alguns exemplos, que mostram a eficácia da Dose Única, em Potência, e as longas reações a ela.

Tais casos precisam de muito *Placebo* para serem manejados.

I

Mrs. E. J. (42). Um filho.

Janeiro 20, 1927. "Cansada; ruídos nos ouvidos".

Dor ao fundo das costas (sacro).

"Incômodos uterinos". Sensações de "bearing down" (peso para baixo). Tem de se sentar no meio do trabalho de lavanderia.

Não gosta que a lamentem ("consolação").

Esforça-se demasiado para fazer o seu trabalho caseiro.

Regras escassas.

Pior com a trovoadas, com mudanças de tempo.

Ninguém que conheça os usuais remédios homeopáticos, com suas indicações, hesitaria um momento, nem daria para esse caso outro remédio senão *Sepia*; mas vamos repertoriá-lo.

"Bearing down" (uterino)

pior de pé (*) *Con.*, *Murex.*, (*Nat. m.*), *Pall.*, *Rheum.*, *Elyt.*, *Sep.*

Dor no sacro (dos medicamentos acima) (*Con.*), (*Murex.*), *Nat. m.*, *Elyt.*, *Sep.*

Indiferença *Con.*, *Nat. m.*, (*Rhus*), *Sep.*

Pior com consolação *Nat. m.*, *Sep.*

Regras escassas *Nat. m.*, *Sep.*

Pior com trovoadas (*Nat. m.*), *Sep.*

Pior com mudança de tempo (*Sep.*)

Nat. mur. e *Sepia* têm muitos dos sintomas em comum; mas é *Sepia* que acentuadamente tem os seus sintomas uterinos — o seu incômodo principal.

Sep. 30^a (uma dose).

Vista, dois anos depois, março, 23, 1929.

Queixou-se de uma hemorragia uterina, que durou cinco semanas, com dores nas costas. Estava melhor um dia e no outro voltava a hemorragia. Disseram-lhe que viesse fazer um exame ginecológico na quarta-feira e deram-se *Sep.* 30 uma dose.

Vista a seguir em out. 9, 1930. Ela disse: "Parou, e por isso não voltou para o exame". Agora, há um ano que não é regada. Tem quarenta e cinco anos.

(*) Pode pensar-se que o "bearing down" uterino deve sempre piorar de pé. Isto não é verdade. A *Bell.* é melhor em pé, *Puls.* e *Sulph.* pioram deitados. Vimos uma bela cura de *Puls.* (dois depois dum aborto) numa mulher jovem, com dores de "bearing down", só toleráveis quando de pé.

Diz que se acha "deprimida, ansiosa, irritável".

"Não pode andar; quer estar deitada".

"Caráter intratável; quer gritar". *Sepia* tem tudo isto, e mesmo "tem de se agarrar a alguma coisa para evitar de gritar". *Sep. 30*°, uma dose.

Vista a seguir em junho 30, 1931. "Ficou tão melhor que não teve necessidade de voltar". Agora, menos bem há algumas semanas, o pé esquerdo começa a inchar. Diz que está "lânguida". "Não tem energia". *Sep. 30*°, uma dose.

Vista a seguir e por último em dezembro, 1, 1936. Nevralgia e dores como se fossem picadas de agulha. Nervosa, "com a cabeça vazia", fraca. *Precisa de sair*. E outra vez tomou uma dose de *Sepia*, à mesma potência.

Essa mulher apenas precisou de cinco doses de *Sepia* em 10 anos.

II

Caso de remédio correto, potencializado e de ação prolongada

E. R., menino de 15 anos, veio à clínica externa em 1.º out. 1914.

Durante os últimos três ou quatro meses tinha medo de sair sozinho, tanto se desorientava nas ruas. Não sabia onde estava, mesmo na sua própria rua ou mesmo em sua casa. As coisas pareciam-lhe muito distantes. Nem reconhece o irmão, nem os parentes. Tem medo de perder a memória.

Teve coréia em pequeno — não saía sozinho.

Desmaia num quarto quente; prefere o inverno.

Dor de cabeça na região temporal; pressão forte, diariamente, às 3-4 horas da tarde. Melhor deitado de olhos fechados. As pupilas estavam muito dilatadas.

Tomou *Opium 30*°, uma dose.

Por quê? Porque os seus sintomas contavam-se entre os de *Opium*, a saber: "Confusão de espírito — pensa que não está em sua própria casa, não reconhece imediatamente os amigos. Quando lhe disseram que os cavalos eram mansos, respondeu que receava ser esmagado pelas carroças que vinham atrás. Não tolera o calor". E *Opium* tem pupilas dilatadas ou contraídas.

Out. 29. — Muito melhor, de novo no trabalho. Saiu sozinho e nada aconteceu. Já sabe onde está. *Nenhum remédio*.

Nov. 5. — Menos bem uma semana, dor de cabeça diária. *Opium 30*°, uma dose.

Dez. 3. — Melhor aparência. Tem estado a trabalhar. A mãe diz que "está uma maravilha" desde que veio aqui. "Nunca mais se perdeu". Não tem dores de cabeça. *Nenhum medicamento*.

Jan. 1915. — Precisou doutra dose. *Opium 30*°, uma dose. Abril, 1915. — Muito melhor. "Inteiramente outro". *Nenhum medicamento*.

Maio, 1915. — Bem até que teve influenza; outra vez nervosa. *Scutellaria 30* (*) , três doses.

Visto em junho, julho, outubro e dezembro, quando lhe deram *Sulph. 30*°, uma dose nas duas primeiras ocasiões e *Sulph. 200*°, uma dose, nas duas últimas.

Veio a seguir em jan. 1916. Nunca se perde fora de casa, mas agora, há 2-3 semanas, "o quarto não parece exatamente o mesmo". *Opium 200*°, uma dose.

Visto a seguir em março, 1916. "Continua bem. Não se perde e acha-se bem no quarto". Está a aprender a fabricar munições. *Nenhum medicamento*.

Agosto, 3. — "Ótimo. Os incômodos não voltaram; normal". *Nenhum medicamento*.

Visto a seguir em março, 1917. Trabalhando ainda. Nunca mais se perdeu. Mas, às vezes, as coisas parecem-lhes distantes. *Opium 200*°, uma dose.

Visto a seguir em março de 1921. Voltaram alguns dos sintomas antigos. Muito sonolento. *Opium 200*°, uma dose.

Jan. 1922. — Palpitações; sensação de que uma cortina lhe pesa na cabeça. Estêve nos serviços auxiliares da Marinha dois anos. *Opium 200*°, uma dose.

Nov. 1922. — Tem estado muito melhor; mas agora quer correr e o trabalho aborrece-o. *Opium 200*°, três doses.

Dez. — muitíssimo melhor. *Nenhum medicamento*.

Jan. 1932. — "Não está lá muito bem. Falta de confiança própria. Preocupa-se com pequenas coisas. Teve grande preocupação há uns 8-9 meses". *Opium 200*, uma dose.

Jan. 26, 1937. — Vem mais uma vez por "indigestão que lhe transtorna os nervos. Dor de cabeça sobre o olho direito, atravessando para o esquerdo. Pode durar três dias. Estêve muito bem até há quinze dias". *Opium 200*, uma dose.

N. B. — Como vêm, doses muito pouco frequentes de *Opium* (apenas dez) equilibraram esse homem durante vinte e dois anos, com ligeiras ameaças, mas nunca com um regresso ao seu estado anterior. O remédio teve de ser repetido depois de um mês, dois meses, doze meses, catorze meses, quatro anos, dez meses, dez anos e cinco anos depois. Agora é um homem normal, saudável, que nos procura a qualquer leve recorrência de sintomas, para prontamente os tornar a perder.

A reação aos remédios de alta potência parece ser muito duradoura, de modo que a necessidade de repetição (isto é, em

(*) Grande remédio do nervosismo que se segue à influenza.

doenças crônicas) é geralmente muito demorada. Só se receita quando o exigem os sintomas.

III

Dose única — ação longa

Jan. 14, 1920. — A. D. (63 anos), outro caso de ambulatório.

Desde o Natal, as unhas do polegar estão-se separando do leito; e outras unhas em menor grau.

As unhas doem-lhe; estão verdes e amarelas e "se separam do leito", de modo que se pode enxergar entre a unha e o dedo.

Há três anos que a doente não passa bem.

Sensível ao calor e ao frio. Gosta mais do frio.

Quer as janelas abertas.

Quer estar só e chorar.

Muito deprimida.

Sua muito, especialmente na axila.

Sensações de vazio.

Amiga de gorduras e vinagre; bebe-o muitas vezes.

Tomou uma dose de *Sepia* 200°.

N. B. — *Sepia* não tem desejo de gorduras; mas tem grande desejo de vinagre; tem o suor axilar; a grande depressão; as sensações de vazio; chorosa e melhor sózinha.

Fevereiro. — Sente-se muito melhor: "andava tão cansada". As unhas não lhe doem agora e ela acha-se muito melhor. Nenhum medicamento.

Abril. — Animada e com boas cores agora. As unhas crescendo bem na raiz. Nenhum medicamento.

Maió. — Ótimas as unhas — e também ela! Nenhum medicamento.

Junho. — As unhas delgadas; doem se lhe tocam ou depois de esforço, há apenas três semanas. *Sepia* 200°, uma dose: a segunda em cinco meses.

Julho. — "Admiráveis as mãos". Nenhum medicamento.

Vista de novo, passados seis anos. Set. 1926.

As unhas estiveram bem ultimamente; mas agora a unha do polegar esquerdo está-se separando do leito, de ambos os lados: levanta-se como as asas duma borboleta. Apenas fixa no centro. As outras unhas estão principiando a crescer.

Mas ela "tem tido muitos incômodos ultimamente (como anteriormente, quando as unhas começaram a doer) e está deprimida". *Sepia* 200°, uma dose.

N. B. — Aqui, receitou-se ao doente sem o médico se preocupar com as unhas e elas melhoraram. Mas Kent (Repertório), para "unhas deformadas" tem *Sepia* em itálico, (valor 2), como um dos remédios que podem ser precisos.

ASMA

Supõe-se que a asma é praticamente incurável e a Medicina ocupa-se mais da sua palição que da sua cura. Mas o que para mim é incurável pode não ser incurável para outro homem, contanto que ele saiba como agir.

Não obstante, já se têm curado um grande número de casos de asma. Já apresentamos alguns e considerando quão resistente essa doença se mostra ao tratamento vulgar, não é demais confirmar que o poder da Homeopatia também chega aí.

Uma coisa é certa, isto é, que nenhum remédio cura a asma — é o remédio do doente com asma que se deve procurar entre as drogas que podem provocar o estado, e a seleção nem sempre é fácil.

IV

Asma — um caso de dose única

Mrs. K. S., 57 anos.

Junho, 16, 1931. — Queixa-se de asma bronquial. O primeiro acesso há quatro anos. Agora "mal há três ou quatro semanas".

Respira com muita dificuldade de noite.

Respiração muito curta.

Acorda sufocada às 3 da manhã.

Muita secreção bronquial.

Melhor ao ar livre, pior com o calor.

Kali. ars. tem especialmente a asma das 3 da manhã. O seu tempo vem entre *Ars.* e *Kali carb.* Estes últimos remédios são muito friorentos: o elemento *Kali* torna *Kali ars.* sensível ao calor, não ao frio. *Kali ars.* 1 m., uma dose.

Julho, 14. — Muito melhor da tosse. Apenas um acesso hoje, mas uma hora e meia mais tarde. Quase nenhuma expectoração. Nenhum medicamento.

Agosto, 11. — Nenhuma asma: respiração muito melhor, exceto quando sobe ladeiras. Aumentando de peso. Nenhum medicamento.

Setembro. — Nenhuma asma, nem tosse. Multíssimo melhor de tudo. Nenhum medicamento.

Vista em outubro e novembro — bem. Nenhum medicamento.

Em janeiro de 1932, vem por reumatismo, da perna e da mão. Diz que está há muito livre da asma. Nenhum medicamento.

Fevereiro. — Bem. Nenhum medicamento.

Março. — Ótima, a despeito dum resfriado. Tem tosse seca desde o resfriado. Nenhuma asma. *Kali ars.* 12°, três doses de seis em seis horas.

Abril. — Continua sem asma. Mas para o reumatismo tomou *Bry.* 10 m, uma dose.

Nota-se que uma dose de *Kali ars.* curou-lhe a asma, isto é, não teve recaída durante os dez meses que esteve em observação.

V

Th. K., 13 anos e meio. Doente interno, Hospital Homeopático de Londres, dezembro 17, 1913.

"Bronquite desde que nasceu" e asma.

Pior com o tempo úmido, com o calor excessivo, com a casa fechada, de manhã.

O tórax muito ressonante, sem apresentar condensações aos Raios-X.

Tinha tomado *Sulph.* 30, *Kali iod.*, e *Ars. iod.* sem qualquer benefício; então sobreveio-lhe curioso sintoma, caracterizado por acessos asmáticos, a dormir, que não o despertavam. Para isso, existem dois remédios: *Sulphur* e *Lochesis*. E deram-lhe *Loch.* 30, uma dose.

Em março de 1914, voltou novamente. Menos bem: mal de noite. Sente algo na garganta. *Loch.* 30 uma dose. Isso aliviou-o outra vez.

Visto a seguir em 16 de janeiro, 1917. O registro dizia: "há três anos que não tem doença. Bem, sem interrupção". "Não teve asma nenhuma até esse nevoeiro cerrado e então começou a respirar mal. Outra vez, tórax estertoroso ao dormir". *Loch.* 30, uma dose.

Nunca mais se soube dele.

VI

Dezembro, 1932. Escreve um médico:

"Ninguém associa a *Chamomilla* à asma, mas o que se segue é interessante..."

E. S., mestre escola, idade 32 anos. Tratou-se anteriormente de asma e ficou livre desse incômodo desde dezembro de 1931 a setembro de 1932, depois de ter tomado *Nuf. ars.* 30.

Quando o vi desta última vez, estava sentado à lareira, com a cafeteira a ferver para aspirar o vapor, pela boca e pelo nariz. Muito mal. No chão, havia um cinzeiro com trinta ou quarenta "cigarros para asma" fumados de todas as maneiras; alguns pareciam que acabavam de ser acesos e jogados fora. A sua saudação foi uma inclinação de cabeça mal-humorada. Apon-

lou a cama, dizendo: "Não preguei olho em toda a noite". A dificuldade de respiração era evidente, mas o seu principal incômodo estava no abdômen. "Parece um tambor!" "Não pode evacuar". Sobre a cama, havia alguns livros espalhados. Tinha pedido um. Abriu-o, fechou-o com força, arremessou-o sobre a cama, para daí a pouco pedir outro. Não queria que lhe falassem.

Um sintoma importante era secura e irritação nas margens das pálpebras. Ele disse: "O senhor pode pensar que estão um pouco vermelhas por eu não ter dormido e por ter estado a fumar aquela porcaria, mas não é isso. Há anos que estão coçando; há anos, não; talvez há dias".

Chamomilla restituiu-lhe a paz e a saúde".

N. B. — Os sintomas mentais, se anotados e associados ao presente estado agudo, são os mais importantes para o receituário; de todos os remédios, a *Chamomilla* é talvez o mais irritável e impaciente. E *Chamomilla* tem provocado nos experimentadores "paroxismos de tosse, como se a pessoa fosse sufocar; dificuldade de respiração, sibilos no tórax e estertores na traquéia ao respirar; constrição e contração no tórax. Além disso, pálpebras doloridas e inflamadas. Quer isso e quer aquilo e quando lhe é dado já não o quer e deita-o fora".

VII

Outro caso de dose única

Novembro, 29, 1932. — J. H., um bebê de quatro meses e meio, sofrendo de "dactilite tuberculosa no dedo anelar da mão direita". Foi mandado ao ambulatório por um médico que escreve que "a doença principiou num dedo infectado em agosto passado e tornou-se gradualmente pior. Os Raios-X no Hospital Infantil confirmaram o diagnóstico de Dactilite Tuberculosa". A ponta do dedo mínimo estava muito tenra e parecia vermelha, inflamada. A mãe disse que isso começou quando o menino tinha quatorze dias e que já eliminava pas, quando ele tinha um mês. Tirando isto, era um bebê de aspecto muito saudável. *Dros.* 1 m, uma dose.

Quatorze dias depois (dezembro 13). "O dedo muitíssimo melhor". *Nenhuma* medicamento.

Visto a seguir em janeiro 24, 1933. Estava o dedo completamente curado e a unha a crescer.

(*Drosera* é um medicamento maravilhoso para doenças de ossos tuberculosos, como se tem verificado muitas vezes. Mas Hahnemann avisa-nos de que *Drosera* precisa de ser tomada com extrema cautela, quanto à sua repetição. *Drosera* tem quebra do a resistência à tuberculose em gatos, que se supõe serem imunes a essa doença, e deve, portanto, ser útil para aumentar a re-

sistência, quando esta é deficiente, o que parece ser o caso. Seja como for, os sintomas em negrito de Hahnemann mostram a grande importância de *Drosera* para afecções de ossos grandes e articulações. É necessário acentuar esta circunstância, visto que tratadistas que vieram depois de Hahnemann têm quase inteiramente ignorado isto, até há bem pouco tempo).

VIII

Caso agudo — Dose única

Um caso muito agudo: Irrompeu rapidamente com febre alta, dores fortes nos joelhos que faziam com que o doente se voltasse e se torcesse, apesar de cada movimento o molestar horrivelmente e lhe provocar gritos e de ambos os cotovelos se acharem depressa cansados com os esforços que fazia para se voltar. Suava durante o sono, com a boca e a língua secas e ásperas. *Rhus* não lhe fez nada, mas *Ars. 200* deu-lhe pronto alívio e o doente acordou na manhã seguinte, depois de 14 horas de sono profundo, com a pele seca e a boca úmida e as dores praticamente desaparecidas. O acesso estava terminado.

IX

Herpes, no tórax e no seio, com dores excessivas e inflamação, numa senhora de 80 anos de idade. Escreveu da Escócia, em grande amargura, que o tratamento local só tinha feito piorar a inflamação. *Ars. 12*, 3 vezes por dia (com uma compressa de *Calendula 200*) acabou com isso prontamente.

"Curou imediatamente", escreveu ela. Além disso não lhe deixou nenhuma dor.

N. B. — Têm-se visto muitos casos de herpes curados, praticamente em dois dias, por qualquer remédio homeopático, seja *Ars.*, *Ranunc. bulb.*, *Variolinum* ou *Mezereum*. A velha escola alopática acha, muitas vezes, tão difícil tratar herpes zoster como o achamos, geralmente, tão fácil.

X

Um caso de melhoras lentas no início... seguidas de melhoras muito rápidas

Uma idiota mongólica de um ano e nove meses. Vista primeiro no Hospital, em novembro, 1927.

Cabeça redonda, microcéfala. Nariz curto, "sugestivo"; olhos pequenos, ovais. Palato muito alto. Estrábica.

Com vinte e um meses, sabe apenas dizer "Dá-dá", "Tá-tá" mas "compreende muito". Inquieta, dá pontapés nas roupas da

cama. Dorme inclinada, com a cabeça entre as pernas. Mas "gosta de chocolates" — e coisa curiosa! — "tira um e come-o por si própria!".

"O pai tem ataques epiléticos desde a Guerra". Ela tomou *Sulph. cm.*

Em dois meses, "anda pelo chão" (de rastos). "Compreende mais. Agora, dorme sossegadamente". Nenhum medicamento.

Vários remédios e melhoras muito lentas: — *Sulph.*, *Medorrh.*, *Calc. sul.* etc.

Um ano depois, em dezembro, 1928, ela "andava em roda das cadeiras e mesas, mas não podia andar sozinha".

Em maio, 1929, depois de tomar *Tub. bov.*, "dava alguns passos sozinha". Nenhum medicamento.

Em julho, 1929, tomou *Dros. I m* (a seguir ao *Tub. bov.*) e isso ocasionou uma mudança extraordinária!

Agosto. — Já há "grande mudança. Anda pelo quarto; vai buscar tudo no quarto. Fala muito. Bastante inteligente. Nota tudo e lembra-se. Sempre apressada". Nenhum medicamento.

Outubro (outros dois meses). Muito viva: fala muito. Quer arranjar as coisas. Muito assada e cheia de energia. Melhor nos últimos quatro meses (desde *Drosera*). "Ajuda a mãe na limpeza" (há cinco meses apenas dava alguns passos sozinha!) "Atira com coisas fora. Gosta de correrias. Tão viva como um passarinho. Anda por toda a parte". *Dros. cm.*

Janeiro, 1930 (outros três meses). "Quer imitar a mãe em tudo. Tira o pó dos móveis. Nunca está quieta. Corre por toda a casa". Nenhum medicamento.

Maio. — Faz pequenos recados quando lhe pedem. Nenhum medicamento.

Novembro 1932. — "Faz limpeza. Veste-se, mas não aperta os cordões da roupa". Nenhum medicamento.

Abril, 1933. — Já se parece mais com uma criança normal. Nenhum medicamento.

Dezembro, 1933. — O assistente ajudou-me uma tarde a tratar das crianças, porque eu estava adoentado. Ela despreendeu-se da mãe e precipitou-se para mim, dizendo, "adeus" e quando, depois, tornou a voltar, perguntou-me: "Está melhor?" Criança adorável! Nenhum medicamento.

Maio, 1934. — Da fala e dos nervos muito melhor. As mãos estão mais sólidas e normais — mãos e língua não são agora do tipo mongólico". E ainda dizem: "Nada se pode fazer pelos mongólicos!"

Numa recente demonstração clínica, a criança estava admirável. Foi ter com uma senhora médica na fileira das cadeiras

da frente, sentou-se a seu lado e fez aceno à mãe para que viesse. A pequena estava-se comportando esplendidamente; perfeitamente à vontade entre os médicos.

Pensai! Uma típica mongólica, melhora lentamente, um pouco e até aos três anos e meio já pode dar alguns passos sózinha; então, quando o remédio é achado, em dois meses anda dum lado para o outro, querendo pôr tudo em ordem, espanejando; cheia de animação e de alegria de viver.

A Homeopatia é maior do que qualquer um de nós imaginamos. Não nos devemos contentar com pouco, quando tanto podemos fazer. Quando os nossos resultados não são grandiosos, não será por não termos escolhido o remédio apropriado? Em alguns casos, sabemos-lo mesmo nós? É difícil mas, precisamente por isso, é interessante!

E não nos esqueçamos de invocar a paciência, a esperança e a inspiração — três fatores cardiais na Arte de Curar.

. . .

Dois casos antigos, dos mais simples. Um mostra a ação dum remédio muito comum para terrores noturnos; o outro, um remédio muito pouco comum para coreia. Ambos mostram a eficácia de doses únicas e de drogas altamente potencializadas.

XI

L. R., 11 anos. Veio ao ambulatório em 10 de outubro de 1921. Terrores noturnos (*). Acorda gritando, todas as noites. Sem energia. Não quer brincar. Gosta de estar sentado. Sente muito frio. Tosse. Quase um bebê. Sua-lhe a cabeça, quando dorme. Não gosta de carinhos. Come muito. Lança as roupas debaixo da cama. (Sulph. — sacode-as com os pés). Medo de ser reprovado nos exames. Medo de estar só — Calc. cm. uma dose. Por quê? A cabeça sua de noite: Calc., Sarc., Sil. Friocento: Calc., Sil. Calc., conforme a nossa experiência, é o grande remédio para terrores noturnos.

(*) Lembramo-nos dum caso dramático de terrores noturnos, há muitos anos, num menino de oito anos, que acordava aterrorizado, gritando e sem conhecer ninguém, e isto várias vezes todas as noites, desde criança de peito. Tinha também os sintomas de Calcarea, e Calc. c. m. uma dose fez parar isso durante muitos meses; sendo só repetido quando, depois de uma doença aguda ele acordou uma noite gritando. Tornamo-lo a ver, a longos intervalos, durante os dez anos seguintes e a cura se manteve.

Outubro, 21. — "Nunca mais teve maus sonhos; nem gritou nem uma só vez!" Nenhum medicamento.

Novembro, 21. — "Bem, a não ser pela tosse. Nunca mais passou uma noite má, desde que aqui veio". Nenhum medicamento.

Nunca mais o vimos.

XII

C. B., moça de 16 anos, veio ao ambulatório em 26 de setembro de 1921.

Coreia, no braço direito e na perna, há uma semana.

Muito resfriada. Coração normal. Hyox. 12, 3 vezes por dia, três dias.

Outubro, 10. — "Melhorou os primeiros três dias, agora, não melhor. Repetição".

Outubro, 17. — Ainda "se contorce". Aparecendo grandes manchas no rosto e nas costas.

Não gosto de barulho nem de carinhos.

Detesta as gorduras.

Tem desejos de bife; carne.

Não pára estando só.

Lilium tigr., de entre os poucos medicamentos que desejam carne, tem "pior com os carinhos". Nat. mur. tem o desejo, em tipo menor, e ambos têm curado a coreia. Tomou Lil. tigr 1, m. uma dose.

Outubro, 24. — Um pouco melhor. Muito mais sossegada. Nenhum medicamento.

Novembro, 7. — Muito melhor. Menos agitada. Já se serviu da faca esta semana: tinham de lhe cortar a comida. Quase tranqüila.

Dezembro, 12. — "Não pula. Excita-se". Nenhum medicamento.

Vista a seguir quinze meses depois, em março de 1923. "Tem passado muito bem, mas está-se inclinando a pular outra vez". Lil. tigr 1 m. uma dose.

Março, 26. — Muíto melhor outra vez. Nenhum medicamento.

Abril, 30. — A sua última visita. "Ótima".

LIÇÃO DÉCIMA PRIMEIRA

A PREPARAÇÃO DOS REMÉDIOS HOMEOPÁTICOS

A "homeopaticidade" não está na natureza do medicamento mas no seu uso.

Apesar de não haver medicamentos especialmente homeopáticos, pela simples razão de que todos os medicamentos, animais, vegetais, minerais, conjuntamente com os produtos de doenças — são homeopáticos quando usados para curar os estados que podem provocar nas pessoas sãs, há contudo PREPARAÇÕES HOMEOPÁTICAS de todos esses medicamentos e elas diferem inteiramente das preparações de medicamentos da Velha Escola.

Em suma, pois, no que respeita às nossas preparações...

"Tinturas mães"

Primeiro, tratemos de substâncias medicinais no estado líquido, tais como sucos de plantas. A nossa tintura forte ou "tintura mãe", marcada "M", é sempre a mais forte que se obtém; isto é, numa certa proporção definida de suco ou substâncias secas para o álcool, não padronizada (como muitas das preparações da Velha Escola) com tal ou qual porcentagem do seu princípio ativo.

Diluição: porque e como

Hahnemann principiou a sua carreira com tinturas fortes. Mas em breve verificou que a reação que muitas delas produziam era alarmante, mesmo quando o resultado, no fim, era bom. E por isso começou a reduzir a quantidade dada, "diluído". E isso ele pôs-se a executar de maneira ordenada, de modo a poder saber o que estava fazendo e exatamente o que estava receitando.

Seu método era esse; e ele ainda vigora, visto que nada melhor podia ser engendrado. É simples e eficiente.

Ele tomava uma gota da tintura forte e agitava-a num frasco com 99 gotas de álcool. Uma gota disso deveria conter a cen-

maima parte de uma gôta da preparação forte original. Mas contanto que a droga fosse solúvel no meio atenuante, o resultado seria, não um número menor de partículas idênticas, mas uma igual distribuição de partículas mais finas, num estado mais ativo, visto que, em química, a diminuição de massa significa atividade aumentada; e quanto mais uma substância é subdividida, e quanto menores as partículas, mais atividade exercem. Vede que superfície infinitamente maior elas apresentam e lembrai-vos de que grande parte da ação físico-química tem lugar apenas sobre superfícies. Lançai um pedaço de antimônio dentro de um gás cloro e nada de espetacular acontece. Mas reduzi a pó o vosso antimônio e lançai-o assim, e ele quase explode. Há uma superfície enormemente aumentada sobre a qual a afinidade química se pode manifestar. As duas substâncias precipitam-se uma sobre a outra. (Isso é uma analogia, antes que uma explicação).

Não diluições maiores, mas sim potências

Hahnemann começou por fazer diluições para diminuir a ação excessiva do medicamento. Pôs-se a dividir, sempre mais, da mesma maneira, de cada vez uma em 99, até que principiou a compreender esta cousa admirável: que, empregando as suas drogas em subdivisões infinitamente pequenas, ele conseguia efeitos mais rápidos, profundos e duradouros; depois do que "diluições" se tornaram para ele "potências". A POTENCIALIZAÇÃO é uma das grandes descobertas de Hahnemann.

A sua potencialização foi sempre executada da mesma maneira. Uma gôta da primeira centésimal em 99 gôtas do meio atenuante, adequadamente agitada, deu-lhe a sua segunda centésimal. Aqui uma gôta contém uma décima milionésima parte de uma gôta da ζ . E assim sucessivamente... até que com 30 frascos, tirando sempre uma gôta do último e poderosamente agitada com 99 gôtas de álcool, ele obteve a sua favorita "decilionésima" (ou 30.^{ta}) potência — o remédio diminuído até um para um decilhão.

A Velha Escola, quando deseja diminuir a violência dos seus remédios grosseiramente homeopáticos (as suas vacinas) pensa que é necessário fazê-los passar através duma porção de animais com tantas contaminações que só Deus sabe. Hahnemann resolveu esse assunto, limpa e precisamente, com certo número de pequenos frascos esterilizados e poucas onças de álcool. Enquanto a matéria é divisível, a substância medicinal está sempre ali, igualmente distribuída, em partículas cada vez menores, em todas as cem gôtas de cada frasco. Porque, segundo o mais materialista ponto de vista, é apenas uma questão de divisibilidade da matéria. Tanto quanto a matéria é ainda divisível, obtém-se

de cada vez uma distribuição igual de partículas menores e mais ativas — à falta de palavra melhor!

E a experiência prova abundantemente que com a 200.^a potência, preparada assim com 200 frascos, (a gente não sente propensão para contar o número de zeros que isso significa) podem obter-se reações um tanto alarmantes. De fato, um médico alemão, numa visita que fez aqui, declarou que a 200.^a potência era uma "schlechte potenz" — uma potência má — e que ele tinha medo de usá-la. Mas o grande Boenninghausen, amigo e contemporâneo de Hahnemann, trabalhou nos seus últimos dias principalmente com a 200.^a potência. Ensinou o seu uso a outro grande homeopata, Carrol Dunham, o qual, por sua vez, ensinou o uso de tais potências a Nash, cujo encantador livro "Leaders" toda a gente deveria ler. Hahnemann, o prático, é que põe a questão bem, a respeito de potências. Enquanto obtiverdes resultados tais como uma ligeira agravação, de um remédio potencializado, tendes prova do seu poder. E, sem dúvida, as idéias quanto à divisibilidade da matéria têm sofrido extraordinárias mudanças nos nossos dias. O rádio, entre outros, tem demonstrado a extraordinária atividade dos infinitamente pequenos (*).

Mas muitos dos nossos mais potentes e valiosos medicamentos foram, durante séculos, considerados inertes e não medicinais — Silica, Ouro, Carvão e outros — por serem insolúveis, ou insolúveis em meios não medicinais. Que acontece então? Como podemos tornar tais substâncias solúveis e contudo obtê-las puras como tinturas?

Insolúveis tornados solúveis

Hahnemann resolveu isso também e muito simplesmente. O processo é precisamente o mesmo, após o início, que é diferente. Aqui, mói-se um grão de Carvão, — Silica — Ouro — com 99 grãos (**) de açúcar de leite, durante uma hora, num almofariz de porcelana. Isso dá a primeira centésimal, um para 100. Um grão disto, outra vez moído durante uma hora com 99 grãos de açúcar de leite, dá a segunda centésimal, um para 10.000. Um grão disto moído outra vez com 99 grãos de açúcar de leite, durante outra hora, dá a terceira centésimal, ou um para um mi-

(*) Aqui, pode ser conveniente repetir o aviso: há grande quantidade de más preparações homeopáticas no mercado, feitas de plantas secas, baratas e inertes, e elaboradas com conhecimentos insuficientes dos métodos homeopáticos de preparação. Obtende os vossos medicamentos dum farmacêutico homeopata de primeira classe, e certifica-vos de que eles estão bem protegidos e preparados segundo os métodos de Hahnemann. Os farmacêuticos estão agora habilitados a fornecer frascos selados de "L. H. L." (Laboratório Homeopático de Londres), sob a superintendência da Sociedade Homeopática Britânica.

(**) grama (grão) peso inglês = 0,0648 gramas. Nos países que adotam o sistema métrico, a proporção é 0,05 para 4,50 gramas.

lho: e assim a substância — ouro — carvão, cristal de rocha — ou o que for, se tem tornado solúvel no álcool ou em água; e as potências podem ser elevadas, depois dessas triturações, da maneira usual como se faz com os medicamentos líquidos. Hahnemann diz:

A Química não conhece o fato de que todas as substâncias, depois de terem sido trituradas até ao milionésimo grau" (a terceira potência centesimal) "podem ser dissolvidas, quer em álcool quer em água".

Outro fato, que nos pode auxiliar na preparação de drogas mortíferas é que elas são inócuas e já não tóxicas, depois da terceira potência centesimal. São inteiramente inofensivas, apesar de serem deveras potentes, quando administradas a pessoas que se tornaram sensíveis pelo doença.

Desde a época de Hahnemann, que se têm preparado potências cada vez mais altas — mecânicamente, porque, de outro modo, seria impossível o seu preparo. Temos obtido essas, geralmente, da América, mas já são agora preparadas na Inglaterra. Necessitam de cuidado e conhecimento ao receitarem-se, porque a sua potencialidade é grande. Começamos finalmente a compreender que a potencialização não é apenas uma redução de partículas (vai além, muito além, da ionização) mas é antes uma *liberação da energia imaterial pura do corpo material a que ela estava ligada ou dentro do qual estava aprisionada.*

E Hahnemann compreendeu isso, e nestes dias ninguém se revolta mais, quando ele fala da mudança pela qual a droga, que no seu estado bruto atua só como matéria e às vezes como matéria medicinal, se transforma e subtiliza, por fim, em força medicinal imaterial.

Não tardará que a ciência se habitue a trabalhar baseada nas potências de Hahnemann, e encontrará muito que a interesse e a surpreenda. Mas o que nos importa a nós, clínicos, é que elas atuem. Quando achardes o remédio requerido pelos sintomas do doente, estes cederão às mais altas potências que têm, até hoje, sido preparadas.

Do Organon de Hahnemann, simplificado e resumido:

Poder medicinal latente em substâncias inertes

"A Homeopatia desenvolve, para seu uso especial e até um grau nunca antes visto, os poderes internos medicinais das substâncias brutas; isto por um processo peculiar à Homeopatia e nunca antes experimentado, pelo qual todas as substâncias e até aquelas que no estado bruto não dão mostra do mais leve poder medicinal sobre o corpo hu-

mano, se tornam incomensuravelmente e penetrantemente eficazes e curativas.

Essa notável alteração nas qualidades dos corpos naturais é um desenvolvimento dos seus dinâmicos poderes latentes, até aqui inapercebidos (como que adormecidos e ocultos), que afetam vitalmente e influenciam o bem-estar da vida animal".

Liberado pelas potencializações

"Essa alteração é efetuada por ação mecânica sobre as suas mínimas partículas. Estas, por meio de atrito e de agitação, com a adição duma substância indiferente, seca ou líquida, separam-se umas das outras. A esse processo chama-se "dinamização", "potencialização" (desenvolvimento do poder medicinal) e os seus produtos são dinamizações (*), ou potências de grau diferente.

Assim, duas gotas de suco vegetal fresco misturadas com partes iguais de álcool são diluídas em 98 gotas de álcool e potencializadas por meio de duas succussões, pelas quais o primeiro desenvolvimento de poder é formado; e esse processo é repetido através de 30 frascos mais, cada um dos quais se enche até três quartas partes com 99 gotas de álcool, ao passo que cada frasco seguinte é provido com uma gota do frasco precedente (que já foi agitado duas vezes) e é, por seu turno, duas vezes agitado (**); e assim, da mesma forma, até que por fim o trigésimo desenvolvimento de poder (decilionésima diluição potencializada) é alcançado. Esse processo é um dos mais geralmente usados.

"Por meio dessa manipulação de drogas em bruto, produzem-se preparações que só desta maneira alcançam a sua inteira capacidade de influenciar as partes sofredoras do organismo doente. Dêsse modo, por meio de afecção morbida, artificial e semelhante, se neutraliza o efeito de uma doença natural sobre a vida. Por meio dêsse processo mecânico, desde que executado regularmente, como se ensi-

(*) Ovírios diuturnamente chamam às potências medicinais homeopáticas meras "diluições", quando são precisamente o contrário, isto é, verdadeira revelação das substâncias naturais, trazendo à luz e mostrando os poderes medicinais específicos contidos dentro delas e só produzidos pela fricção e agitação. O auxílio de um escaldido meio de stenuação não medicinal é apenas uma condição secundária. Por outro lado, por simples diluição (por exemplo) um grão de sal desaparecerá quando diluído em muita água e nunca se converterá em sal medicinal, mas por meio de conveniente dinamização, esse grão é levado a um poder dos mais marcevilhosos.

(**) Deve ser lembrado que o poder do medicamento homeopático é aumentado (potencializado) por fricção e succussão em cada divisão sucessiva e pulverização. Esse desenvolvimento de poderes, desconhecido antes do meu tempo, é tão grande que nos últimos anos... (dit. ele) Ele só usava "duas succussões depois de cada diluição, em vez de dez..." (Organon).

nou, efetua-se uma alteração na droga, que no seu estado bruto atua só como *matéria* e às vezes como *matéria não medicinal*, mas que, por meio de tais dinamizações cada vez mais altas, *se transforma e subtiliza por fim em força medicinal imaterial*. E apesar de ser em si próprio intangível e inapercebível pelos nossos sentidos, o glóbulo medicinalmente preparado, seco, ou ainda melhor, dissolvido em água, torna-se o *transportador do invisível poder curativo ao corpo doente* (*).

Desenvolvimento do poder dinâmico dos medicamentos

"Para servir aos fins da Homeopatia, os poderes medicinais imateriais das substâncias brutas são desenvolvidos num grau sem paralelo por meio de um processo que nunca anteriormente foi tentado e o qual faz com que os medicamentos penetrem no organismo e assim se tornem mais eficazes e curativos. É aplicável mesmo àsquelas substâncias que, no seu estado bruto, não mostram o menor efeito medicinal sobre o corpo humano (*Organon*).

Acontece também que, pela *sucussão* ou *trituração* empregada, efetua-se uma mudança na mistura, que é tão inacreditavelmente grande e tão inconcebivelmente curativa, que esse desenvolvimento do poder imaterial dos medicamentos a tal altura, por meio das múltiplas e contínuas *sucussões e triturações* de pequena porção de substância medicinal com cada vez mais substâncias líquidas ou secas não medicinais, merece incontestavelmente ser considerado como uma das maiores descobertas desta época.

Eu fui, parece, o primeiro que fez esta grande, esta extraordinária descoberta, que as propriedades das substâncias medicinais brutas ganham, quando elas são líquidas, por *repetidas sucussões* com líquidos não medicinais, e quando são secas, por freqüentes e contínuas *triturações* com pós não medicinais, tal aumento de poder medicinal que, quando esses processos são levados muito longe, até substâncias nas quais, há séculos, nenhum poder medicinal se observou no seu estado bruto, mostram, sob esta manipulação, um poder de atuar na saúde humana, que é deveras surpreendente".

(*) Tal asserção não parecerá improvável, se se considerar que, por meio deste método de dinamização, a parte material do medicamento é diminuída com cada grau de dinamização, sendo, contudo, incrivelmente aumentada em força. Esta, depois de muitas experiências laboriosas e contra-experiências, eu verifiquei ser a mais perfeita... Tornou-se evidente que, por meio de tal dinamização, a parte material se dissolve finalmente na sua essência individual e espiritual (conceptual). No seu estado cru pode considerar-se que realmente consiste apenas nesta essência conceptual não desenvolvida.

Sua verdadeira natureza essencial é força pura

E também: "As substâncias medicinais não são massas mortas no sentido usual do termo; pelo contrário, a sua verdadeira natureza essencial é... força pura, que pode ser aumentada em potência, quase a um grau infinito, por esse processo muito natural de trituração (e sucussão), de acordo com o método homeopático".

Ponderáveis e imponderáveis

"Se só os ponderáveis fossem reais e os imponderáveis irreais, então uma dessas doses aparentemente insignificantes não teria, de certo, efeito nenhum". (*Organon*).

As grandes forças inteiramente imponderáveis

"As ciências físicas ensinam-nos que existem grandes forças (potências) inteiramente imponderáveis, como o calor, a luz, etc.... Que alguém determine, se pode, o peso das palavras de cólera que causam uma febre biliosa ou o peso de notícias más que podem matar uma mãe afetiva, quando ela sabe da morte do seu único filho..." (*Organon*).

Raios X — Rádio

(Se Hahnemann fosse ainda vivo, veria a confirmação disso nos efeitos patológicos e terapêuticos da luz, dos Raios-X, do rádio etc., "imponderáveis").

Experimentos devem ser feitos com drogas potencializadas

"... Os experimentos mais recentes ensinaram que as substâncias medicinais brutas, se tomadas por um experimentador, "para verificar os seus efeitos peculiares, não revelam a mesma riqueza de poderes latentes como quando são tomadas num estado altamente atenuado, potencializado por meio de trituração e sucussão. Por esse processo simples, os poderes ocultos e adormecidos, por assim dizer, no estado bruto, são desenvolvidos e chamados à atividade num grau inacreditável. Dessa maneira, os poderes medicinais de substâncias até agora consideradas inertes são muito eficientemente desenvolvidos..." (*Organon*).

As doses dinamizadas agem

"As doses muito pequenas" (de homeopatia) "produzem os efeitos invulgares que produzem, precisamente porque não são tão grandes que se torne necessário para o organismo libertar-se delas pelo processo revolucionário das evacuações" (*Matéria Médica Pura*).

As doses muito pequenas de medicamento são as que menos podem deixar de exercer a sua ação peculiar, visto que a sua exiguidade não pode excitar o organismo a evacuações revolucionárias, ao passo que uma dose grande, pelo antagonismo que provoca no sistema, será, muitas vezes, rapidamente expulsa do corpo e eliminada por vômitos, diarréias, diureses, perspirações, etc. (*Matéria Médica Pura*, vol. I).

A menor quantidade de medicamento em desenvolvimento potencializado é suficiente". (*Matéria Médica Pura*).

As potências já não se encontram sujeitas às leis da química

"As substâncias químicas medicinais que tenham assim (homeopaticamente) sido preparadas, com as suas virtudes medicinais inteiramente, até infinitamente, desenvolvidas, já não se encontram sujeitas às leis da química". (*Doenças Crônicas*).

Insolúveis tornados solúveis

"Além dessa alteração das suas propriedades medicinais, o modo homeopático de preparar medicamentos produz alteração nas suas propriedades químicas. Ao passo que na sua forma bruta essas substâncias são insolúveis, quer na água, quer no álcool, tornam-se inteiramente solúveis, tanto na água como no álcool, por meio dessa transformação homeopática. Tal descoberta é valiosíssima para a arte de curar". (*Doenças Crônicas*).

Não sujeitas às leis da neutralização química

"Um remédio que tenha sido elevado à potência mais alta e que por esse meio se tenha tornado quase espiritualizado, já não está sujeito às leis da neutralização. Os altamente dinamizados, sódio, amônio, bário, cálcio, magnésio, quando introduzidos no sistema, não podem, como as suas bases, ser transformados em sais neutros pelo áci-

do acético; as suas propriedades medicinais não são alteradas nem destruídas". (*Doenças Crônicas*).

Os glóbulos conservam o seu poder medicinal durante anos

"Os glóbulos umedecidos com a 30ª diluição potencializada e depois secos conservam a sua plena força não diminuída, pelo menos por dezoito ou vinte anos (tanto quanto a minha experiência me ensina), mesmo que o continente seja aberto mil vezes, desde que tenha sido protegido do calor e da luz solar". (*Organon*).

Substâncias insolúveis tornam-se solúveis depois de três triturações

"A Química não conhece o fato de que todas as substâncias, depois de terem sido trituradas até ao milionésimo grau (até à 3ª potência centesimal) podem ser dissolvidas, quer em álcool, quer em água". (*Doenças Crônicas*).

Efeito maravilhoso da potencialização

"O modo peculiar adotado para a preparação dos remédios homeopáticos habilita-nos a desenvolver as virtudes medicinais duma droga numa série de graus de potência e por esse meio, a adaptar a influência curativa da droga, com grande precisão, à natureza da doença.

Algumas dessas drogas parecem não possuir muitas propriedades medicinais na sua forma não preparada (tais como o sal comum, licopódio); outras (tais como ouro, sílica, argila), parecem não possuir nenhuma. Mas as suas propriedades medicinais existem em estado latente e podem ser desenvolvidas a um alto grau pelo modo peculiar de preparação ensinado pela Homeopatia.

Outras substâncias, pelo contrário, atuam tão poderosamente na sua forma natural que a menor porção delas, após chegar a contacto com a fibra animal, exerce ação corrosiva e destrutora sobre ela; tais substâncias são arsênico, sublimado corrosivo etc. Pelo modo homeopático de preparar essas substâncias, seu poder original de ação é convenientemente modificado, desenvolvendo-o numa série de graus de potência, muitos dos quais nunca haviam sido conhecidos".

Os insolúveis tornam-se solúveis etc.

"A alteração que se efetua nas propriedades das substâncias naturais, especialmente substâncias medicinais, quer triturando-as quer agitando-as em conjunção com um pó não medicinal ou com um líquido, é quase maravilhosa. Essa descoberta deve-se à homeopatia.

"Além dessa alteração das suas propriedades medicinais, o modo homeopático de preparar medicamentos produz uma alteração nas suas propriedades químicas. Enquanto que na sua forma bruta essas substâncias são insolúveis, quer na água, quer no álcool, elas tornam-se inteiramente solúveis, tanto na água como no álcool, por meio dessa transformação homeopática. Essa descoberta é valiosíssima para a arte de curar.

O suco castanho escuro do molusco marinho *Sepia*, que era antigamente usado só na pintura e no desenho, é apenas solúvel na água, na sua forma não preparada. Quando preparado homeopaticamente pela trituração, torna-se também solúvel no álcool.

Nada se pode extrair do *Petróleo* por meio do álcool, a não ser quando essa droga é adulterada com óleo vegetal etéreo; na sua forma não adulterada, o petróleo não é solúvel na água nem no álcool (nem éter). Por meio da trituração torna-se solúvel em ambas essas substâncias.

O pólen do *Licopódio* flutua no álcool e na superfície da água, sem qualquer dessas substâncias ter o mínimo efeito sobre a droga; o licopódio no seu estado bruto, ao ser introduzido no estômago, é insípido e inativo. A trituração torna-o solúvel, tanto no álcool, como na água, e desenvolve tal poder medicinal na droga que o seu emprego exige grande cuidado.

Quem é capaz de tornar o mármore ou a concha duma ostra solúvel na água ou no álcool? Esse calcáreo, assim como a barita carbônica e a magnésia, tornam-se perfeitamente solúveis por meio do processo homeopático da trituração, o qual, além disso, desenvolve o seu poder medicinal num grau extraordinário.

Ninguém será capaz de imaginar que o quartzo, o cristal de rocha — alguns desses cristais que contêm gotas de água que nêles estão encerradas, inalteráveis durante milhares de anos — ou a areia branca, sejam solúveis na água ou no álcool ou sejam dotados de propriedades medicinais. Contudo, a sílica pode tornar-se solúvel, tanto na água como no álcool, triturando-a depois de primeiro ter sido derretida por meio dum álcali e então precipitada

outra vez daquele composto. Por esse processo, as propriedades medicinais da sílica são desenvolvidas até uma extensão quase infinita.

Todos os metais e sulfuretos se tornam solúveis no álcool e na água, depois de terem sofrido o modo homeopático de preparação, por meio do qual as suas virtudes medicinais são também inteiramente, até infinitamente, desenvolvidas.

As substâncias químicas medicinais assim preparadas já não estão sujeitas às leis químicas.

Uma dose de fósforo da mais alta potência pode permanecer, durante anos, fechada num papel, numa gaveta, sem perder as suas propriedades medicinais, ou sem mesmo as mudar para as de ácido fosfórico.

Hahnemann (*Matéria Médica Pura*) sobre o poder das pequenas doses (*).

"Como é possível que pequenas doses de um medicamento tão atenuado como o que a Homeopatia emprega, possuam contudo tão grande poder?"

Esta pergunta é feita não somente pelo médico allopatha, mas também pelo principiante de Homeopatia.

Duvidar da possibilidade de elas possuírem o poder necessário parece ser coisa por si própria tola, visto que elas vêem-se diariamente atuar da sua maneira poderosa e manifestamente realizar o objetivo curativo desejado.

E, o que diariamente se realiza deve, pelo menos, ser possível!

Mas, mesmo quando os escarnecedores hostis já não podem negar o efeito que se patenteia perante os seus olhos, eles procuram, por meio de falsas analogias, representar o que diariamente sucede, se não como impossível, pelo menos como ridículo.

"Se uma gota de um medicamento tão altamente atenuado" — é assim que eles dizem — "pode ainda atuar, então as águas do lago de Genebra, dentro das quais tenha caído uma gota de qualquer medicamento, devem possuir o mesmo poder curativo em cada uma das suas gotas em separado, e até muito mais, visto que nas atenuações homeopáticas se emprega uma maior proporção de líquido atenuante".

A resposta é que, na preparação das atenuações medicinais homeopáticas, não se adiciona apenas uma pequena porção de medicamento a uma enorme quantidade de líquido não medicinal, nem apenas ligeiramente se mistura com ele, como na comparação acima, que foi meramente engendrada para meter o ridículo no assunto, mas

(*) Já citamos alguns desses parágrafos, mas é melhor transcrevê-los "in toto".

pela succussão ou trituração prolongada, produz-se não somente a mais íntima mistura, mas ao mesmo tempo — e isto é a circunstância mais importante, produz-se também tão grande e até então desconhecida e nem sonhada alteração, pelo desenvolvimento e pela liberação dos poderes dinâmicos da substância medicinal assim tratada, que causa admiração.

Na comparação acima tão aereamente concebida, da queda duma gota de medicamento num lago tão grande, não se pode admitir nem a sua mistura superficial com todas as partes da água de uma tal extensão, de modo que cada parte contenha igual porção da gota do medicamento. Não há aí a mais leve probabilidade de uma mistura íntima em tal caso.

Se tentássemos impregnar apenas uma quantidade moderada de água (isto é, um barril) com uma gota de medicamento, nenhuma agitação concebível, por mais prolongada que fosse, conseguiria distribuir essa gota uniformemente por toda a massa líquida — sem mencionar que a constante alteração interna e a decomposição química das partes componentes da água, destruiria e aniquilaria o poder medicinal duma gota da tintura vegetal no decurso de algumas horas.

Da mesma maneira, um quintal de farinha, tomado como massa íntegra, não pode, por processo mecânico, ser misturado igualmente com um grão de medicamento em pó, de modo que cada grão de farinha obtenha a mesma quantidade de pó medicinal.

Nas operações farmacêuticas homeopáticas, pelo contrário (admitindo que elas fossem apenas uma mistura comum, o que não são) como apenas uma pequena quantidade do líquido atenuante é tomado duma vez (uma gota da tintura medicinal agitada com apenas 99 gotas de álcool) produz-se uma união e uma distribuição igual em poucos segundos.

Mas o modo de atenuar medicamentos para uso homeopático não efetua só uma distribuição igual da gota medicinal na grande quantidade proporcional do líquido não medicinal (o que está fora de questão na mencionada e absurda comparação) mas também sucede — e isso é de muitíssimo maior importância — que, pela succussão ou trituração empregadas, opera-se uma mudança na mistura, que é tão inacreditavelmente grande e tão inconcebilmente curativa, que o desenvolvimento do poder espiritual do medicamento a tal altura, por meio de múltiplas e contínuas triturações e succussões de pequena porção de subs-

tância medicinal com sempre mais e mais substâncias secas ou líquidas não medicinais, merece incontestavelmente ser considerado como uma das maiores descobertas desta época.

A transformação física e o desenvolvimento do poder que se podem efetuar por trituração em substâncias naturais, a que chamamos matéria, têm até hoje apenas sido conjecturadas por algumas observações, mas os efeitos extraordinários que podem produzir no sentido de desenvolver e intensificar as forças dinâmicas dos medicamentos é assunto que nunca se sonhou.

O desenvolvimento, porém, das forças físicas em substâncias materiais por trituração é um assunto maravilhoso.

Apenas o ignorante vulgar é que ainda considera a matéria como massa morta; do seu interior, podem desprender-se forças incríveis e até agora não suspeitadas.

A grande maioria do gênero humano vê, por exemplo, que quando um bocado de aço é forte e rapidamente atritado contra uma pedra dura (ágata, pederneira), numa operação que se chama riscar fogo, saem faíscas incandescentes (que incendiam a isca ou mecha sobre que incidem), mas quão poucos observam cuidadosamente e refletem sobre essa ocorrência. Toda a gente, pelo menos quase toda, continua impensadamente a acender a sua isca, e quase ninguém percebe que milagre, que grande fenômeno natural, aqui se revela.

Quando as faíscas são assim produzidas com suficiente força e apanhadas sobre uma folha de papel branco, então podemos ver, ou a olho nu, ou por meio duma lente, geralmente pequenas partículas de aço que ali estão, as quais foram desprendidas em estado de fusão da superfície do aço pela pancada forte de atrito com a pederneira, e que caíram no estado incandescente, como pequenas bolas de fogo, em forma de faíscas, sobre o papel, onde se resfriaram.

Como! Poderá a fricção violenta da pederneira com o aço (na operação de riscar fogo) causar tal grau de calor que funda o aço em pequenas bolas? Não é preciso um calor de, pelo menos, 3000° Fahrenheit para fundir o aço? Donde vem, pois esse tremendo calor? Não vem do ar, porque esse fenômeno realiza-se precisamente da mesma forma no vácuo da máquina pneumática, e por consequência deve provir das substâncias que são friccionadas — o que realmente acontece.

Mas acreditará realmente o homem comum que o aço frio, que descuidosamente tira do bolso para acender a

uma isca, contém dentro de si (num estado latente, confinado, não desenvolvido) uma provisão inexaurível de calor que a fricção apenas desenvolve e, por assim dizer, chama à atividade? Não, ele não crê isso e no entanto, assim é.

Mas essa inexaurível provisão de calor só pode ser desprendida pela fricção. O Conde Rumford ensina-nos a aquecer os nossos quartos somente com o movimento rápido de duas placas de metal, friccionando uma contra a outra, sem o emprego de nenhum outro material combustível ordinário.

O efeito da fricção é tão grande que não só as propriedades físicas internas, tais como calor, odor (*) etc. são despertadas e desenvolvidas por ela, mas também os poderes medicinais dinâmicos das substâncias naturais são por esse meio acordados até um grau incrível, *fato que até agora escapou à observação.*

Eu fui, indiscutivelmente, o primeiro que fez esta grande, esta extraordinária descoberta, que as propriedades das substâncias medicinais brutas ganham, quando são líquidas por repetida succussão com líquidos não medicinais, e quando são sécas, por frequente e continua trituração com pós não medicinais, tal aumento de poder medicinal que, quando esses processos são levados muito longe, até substâncias, nas quais, há séculos, nenhum poder medicinal se observou no seu estado bruto, mostram, sob essa manipulação, um poder de atuar na saúde humana, que é deveras surpreendente.

Assim o ouro puro, a prata e a platina não têm ação sobre a saúde humana no seu estado sólido — e o mesmo sucede com o carvão vegetal no seu estado bruto. Podem ser tomados, pelas pessoas mais sensíveis, alguns grãos de fôlha de ouro, de fôlha de prata ou de carvão vegetal, sem que elas percebam qualquer ação medicinal. Todas essas substâncias se nos apresentam num estado de atividade em suspenso, quanto à sua ação medicinal. Mas triturando fortemente durante uma hora, conforme o método dos farmacêuticos homeopatas, um grão, por exemplo, de fôlha de ouro com 100 grãos de um pó não medicinal (açúcar de leite) produz-se um preparado que já tem grande poder medicinal. Mas um grão desse preparado triturado por uma hora com 99 grãos de açúcar de leite e esse processo repetido da mesma maneira com sempre outros 99 grãos de açúcar de

(*) O chifre, o marfim, o osso, a pedra calcária impregnada de petróleo etc. não têm em si próprias nenhum cheiro, mas quando limadas ou friccionadas, não só emitem odor, mas odor extremamente fétido, e por isso essa última pedra obteve o nome de *Petra foetida*. (Stinksteine), apesar de, quando não friccionada, não ter cheiro.

leite, até que a última preparação contenha em cada grão o quadrilionésimo de um grão de ouro, produz isso um medicamento no qual os poderes medicinais — completamente latentes e encerrados no ouro no seu estado maciço — são tão acentuadamente chamados à vida, despertados e desenvolvidos em atividade, que, quando uma vítima de melancolia, que aborrece a existência e está prestes ao suicídio por ansiedade intolerável, cheira, por alguns segundos, um único grão dele contido num frasco, numa hora o humor negro é afastado dessa infeliz criatura, sendo-lhe despertados mais uma vez o completo amor da vida e a alegria.

Por isso, compreendemos que nas preparações de substâncias medicinais por trituração, quanto mais o desenvolvimento dos seus poderes for assim obtido e quanto mais elas sejam mais perfeitamente capazes de, por esse meio, mostrarem o seu poder, mais se tornam capazes de corresponder aos fins homeopáticos em quantidades e doses proporcionalmente menores.

As substâncias medicinais não são massas mortas no sentido usual do termo; pelo contrário, sua verdadeira natureza essencial é apenas dinâmica — é pura força, que pode ser aumentada em potência a um grau infinito, por esse processo muito notável da trituração (e succussão), conforme o método homeopático.

Isto é tão verdadeiro que temos que atuar com moderação, a fim de evitar que os poderes de medicamento pela trituração aumentem até uma extensão inconveniente. Uma gota de drósera na 30ª diluição, agitada com vinte movimentos do braço em cada diluição, dada como dose a uma criança que sofre de tosse convulsa, põe em perigo a sua vida, ao passo que se os frascos da diluição forem agitados apenas duas vezes, um glóbulo do tamanho duma semente de papoula unedecido com a última diluição cura-a prontamente".

ARTRITE REUMATÓIDE

Não é fácil de tratar, mas isso, sem dúvida, depende do adiantamento da doença. Em alguns casos, se uma pessoa pode deter-lhe a marcha e fazer parar as dores, fez tudo o que é meritório e tudo o que parece possível. E contudo, eis aqui um caso extremo, com respeito à reação curativa, que é digno de que se cite. Uma senhora foi apresentada na Demonstração Clínica no Hospital Homeopático de Londres, há alguns anos, deixando grande impressão, quanto às possibilidades de cura. Na verdade

quando o caso foi lembrado há poucos dias, a propósito de se se deveria mencionar aqui, um médico que tinha assistido a essa demonstração disse "que tinha experimentado a maior surpresa da sua vida", quando viu essas mãos e esses dedos torcidos e deformados "abrirem-se com flexibilidade", ao serem erguidos suavemente.

I

Mrs. W. Vista primeiro em 1920, no ambulatório, quando tinha 68 anos. Tinha artrite reumatóide havia seis anos. Não podia estender nem fechar as mãos, os pulsos e os nós dos dedos estavam especialmente afetados e também os tornozelos e os pés, com a tumefação e deformidade do tipo usual.

Tuberculose na família: Onze pessoas da parte do pai tinham morrido tuberculosos; o próprio filho assim morrera e uma filha, de meningite tuberculosa.

Durante 1920-21, ela melhorou muito com doses pouco frequentes de *Tub. bov.* 200 e 1 m, ministradas pela boca em potências homeopáticas.

Durante 1922, ela melhorou mais com *Caus.* 10 m, propinado em razão de seus sintomas gerais. Veio tomar uma dose, apenas 3 vezes em todo o ano, justamente "quando se sentia menos bem".

Três anos depois, veio três vezes e tomou *Caus.* 10 m, uma dose, duas vezes, e *Arnica* uma.

Outra vez três anos depois, em maio de 1928, com 76 anos, tornou a aparecer, "porque tinha ficado tão melhor com o tratamento aqui". Tomou *Caus.* em., uma dose.

Dai a dois meses: "Nunca se sentiu tão bem na sua vida". Mas as articulações continuaram rígidas e deformadas em todo esse tempo. Nenhum medicamento.

Um mês depois (agosto de 1928): "Bem no estado geral, mas os pés e as pernas insuportáveis". Dor forte na tibia direita... deram-lhe *Drosera* 200, uma dose.

N. B. *Drosera* figura em negrito na *Matéria Médica Pura* de Hahnemann como tendo causado "uma dor de roedura e pontadas na parte média dos ossos dos braços, nas costas e nas pernas, especialmente forte nas articulações, com grandes pontadas nas articulações, menos sentidas quando em movimento do que quando em descanso". E *Dros.* verificou-se que quebrava a resistência à tuberculose (em gatos, geralmente imunes a essa doença), devendo, portanto, reforçar essa resistência; e sendo, por conseguinte, um dos remédios especialmente úteis nas doenças de pes-



CASO N.º 1 (pág. 208) — Sra. W. — Mão direita. Radiografia de janeiro de 1928, tirada depois de as juntas ficarem flexíveis. Mostra a extensão da doença, especialmente em relação ao punho e às articulações interfalangeanas.



CASO N.º 4 (pág. 212) — Sra. M. B. — Mostra a destruição da articulação do polegar direito. Radiografia de junho de 1933, tirada perto de oito anos depois da data em que apareceu pela primeira vez, inválida pela doença.

soas de hereditariedade tuberculosa. Ela aqui rivaliza com, e suplementa, a ação das tuberculinas (*).

Dai a um mês, setembro. Multíssimo melhor, surpreendente! Não só a dor desapareceu da tibia etc., mas a doente mostra que a mão esquerda agora "estende-se bem". *Nenhum medicamento.*

Novembro. Estende uma mão perfeitamente. Diz que "já pode virar o pulso esquerdo, o que há anos não sucedia", isto é, já não está rígido.

Diz que "também pode voltar as articulações dos pés. Pode curvar os pés e também os dedos agora; por isso sabe que está melhorando... Sente-se tão bem agora! Arruma o quarto e lava". Bom aspecto; diz que tem 76 anos. *Nenhum medicamento.*

Dezembro. "Apenas vem para mostrar as mãos! Sente-se tão bem! Vê-se a si própria melhorar". Tem algum movimento em ambos os pulsos, agora. Nenhuma dor, exceto no dedo médio da mão direita. *Nenhum medicamento.*

Janeiro de 1929. Por causa dum resfriado, tomou a sua segunda dose de *Dros. 200*, cinco meses após a primeira.

Agosto. Diz que antes apenas podia levantar uma chavena entre as duas mãos fechadas. "Agora sustenta-se nas pontas dos pés!" Sente-se bem e feliz.

Setembro. "Esplêndida". Não parece ter a sua idade. Sustenta-se nos dedos dos pés, dorme oito horas. Outrora não podia suportar o peso das roupas da cama.

Foi, por último vista em novembro de 1929.

N. B. — *Dois doses de Drosera com intervalo de cinco meses!, com tal efeito e em tal dosagem.*

Na maioria das Matérias Médicas, *Drosera* parece só ser apreciada pela sua ação na tosse convulsa e na laringite... *Vale a pena, às vezes, regressar a Hahnemann!*

II

Sendo a artrite reumatóide o que é, de modo algum coisa agradável sob o ponto de vista curativo, apresentaremos mais casos antigos, — alguns deles mostrados nesta mesma Demonstração Clínica, a fim de inspirar alguma esperança em quem, lendo isto, tenha tais casos a tratar.

Mrs. Wh. Vista primeiro no ambulatório em setembro de 1915, idade 42 anos. Mandada pelo Dr... que disse que "ela nunca mais andaria".

Não se pode sentar, estar de pé ou andar sem dor.

(* *Drosera*. Pichet relata experiência interessante com *drosera*, que persuadiu a emprender um seu amigo do Instituto Pasteur. Foi cultivar o bacilo da tuberculose num meio de glicerina no qual alguma da glicerina fora substituída por glicerina medicada com *drosera*. Uma quantidade infinitesimal de *drosera* foi suficiente para impedir a proliferação do bacilo. — "Rev. franç. d'Hom." maio 1904, pág. 272. Citado do "Brit. Hom. Journal" out. 1904.

Vem numa cadeira de lona. Não pode atravessar o quarto sem auxílio.

Não pode fazer nada. Nem mesmo pode se alimentar por si.

Têm de a ajudar a vestir e a despir-se.

Se está sentada, têm de a levantar da cadeira.

Pior à noite; nem mesmo pode puxar os lençóis.

Os joelhos e os nós dos dedos especialmente afetados.

"Nunca teve artrite senão depois da operação dum fibroma".

Entre os seus sintomas: Perdeu o interesse pela vida. Chora facilmente. Chora com a dor. Assusta-se. Pior com o banho e por lavar-se.

As drogas sugeridas pelos sintomas eram *Lyc. Nil. a.*, *Sep.* Deram-lhe *Lyc.* — sem muita mudança; depois *Nil. a.* e sem muita mudança.

Dezembro. *Sep.* 30, uma dose.

Janeiro 1916. Melhor. Nenhum medicamento.

Fevereiro. MUITÍSSIMO melhor; exceto nos joelhos e nos tornozelos. Ela diz: "Uma transformação notável! não podia andar quando veio aqui!" Nenhum medicamento.

Março. Menos bem. *Sep.* 200, uma dose. (A reação à *Sepia* nas doenças crônicas dura geralmente 3-4 meses).

Maió. Muito melhor. Nenhum medicamento.

Junho. Seis meses depois da primeira dose de *Sepia* (apenas tomara duas!) "As mãos parecem normais. Coxeia ligeiramente". Nenhum medicamento.

Dezessete meses sem ser vista.

Novembro 1917. Vem por sintomas do estomago. (Ligeira inflamação num nó dum dedo da mão esquerda, somente). *Sep.* 1 m, uma dose.

Seis meses, sem ser vista.

Maió 1918. "Bem, até há dois meses; agora uma inflamação grande num nó dum dedo da mão esquerda". *Sep.* 1 m, uma dose. (Foi vista três vezes nesse ano, precisando de *Sepia* duas vezes).

Vista uma vez em 1919, sendo-lhe ministrada uma dose de *Tub. bov.* 30.

Vista a seguir em novembro 1922. "Resfriado e tosse". Deram-lhe primeiro *Gels.* 200; depois, *Dros.* 200, uma dose.

Veio uma vez em 1924, por causa dum cisto sinovial no tendão dum dedo e "por reumatismo outra vez". *Sep.* 200, uma dose.

Próxima visita, janeiro 1927, por tosse etc. *Dros.* 200, uma dose.

A seguir em janeiro 1928. "Tem passado admiravelmente bem; agora os joelhos estalam e rangem", com sintomas mentais de *Sepia* também. — *Sepia* 200 uma dose.

Em janeiro 1929. "Teve outra vez um pouco de reumatismo um mês". *Sepia* 200, uma dose.

Em 1931, veio três vezes, precisando de uma dose de *Sepia* para uma coisa ou outra, e duas vezes em 1932. E por último em março 1936, por uma "úlcerca na perna".

Eis aqui a história de vinte e um anos de um caso de artrite reumatóide, dado como incurável, praticamente curado, com a doente conservada bem e feliz apenas com algumas doses, a longos intervalos, do seu medicamento, *Sepia*. O seu estado era grave, mas, é claro, as alterações ósseas não estavam muito adiantadas.

III

Mrs. T., de 42 anos. Caso de ambulatório.

Fevereiro 1922. Artrite reumatóide, "veio depois de duas operações de extração de cálculos na vesícula biliar".

Mal pode tocar na cabeça.

Joelhos muito afetados.

Nem pode puxar as roupas da cama, de noite.

Muito desanimada: apenas pode lavar o rosto. "O filho tem de lhe lavar o pescoço".

Seus sintomas:

Pior com o frio.

Deprimida.

Detesta simpatia e mimos.

Desejo de vinagre, limões, ácidos.

Alívio com o movimento, etc. etc.

Tudo isto sugeriu dois remédios — *Sepia* e *Kali carb.*

Ambos, em vezes diferentes, a aliviaram — especialmente *Sepia*. Foram ministrados em doses únicas, a longos intervalos, e apenas quando requeridas.

Melhorou muitíssimo; depois, passou menos bem, até certo ponto.

Um ano mais tarde, por dor no tórax, que lhe afetava a respiração (não pleurisia), tomou *Bry.* 1 m, uma dose.

Isso aliviou também as articulações. As anotações na história clínica dizem: "Muito melhor em tudo; mãos muito melhor". E depois de três doses de *Bry.* 1 m a intervalos longos, a nota diz: "Os braços vão melhorando. As mãos, perfeitas".

Depois disso, não "precisou" de vir durante três anos, teve uma ligeira recaída... mas em breve melhorou.

Tem depois sido vista a intervalos e nunca mais voltou ao seu estado anterior de invalidez.

IV

Mrs. M. B. Família tuberculosa. Vista primeiro no ambulatório em outubro 1925, quando tinha 41 anos.

Artrite reumatóide desde que lhe nasceu o último filho, há uns cinco anos. Afetada primeiramente a articulação do quadril direito, depois a do esquerdo; a seguir os ombros. E agora as mãos e os pés. As articulações dos dedos das mãos e dos pés cheias e tensas com líquido. A articulação dum polegar está muito inchada, sente-se como um saco pouco cheio.

Pior com a umidade, com o frio.

Melhor com o calor.

Desejo de sal.

Mêdo do escuro, de estar só.

Terror da trovoadã.

Deprimida, chora.

Melhor com o consolo.

Esses sintomas requeriam *Phosphorus*. *Phos.* 1 m, três doses de seis em seis horas.

Em março 1926, deram-lhe *Puls. cm.*, duas doses. Estava tendo terçóis e muitos dos seus sintomas sugeriam esse remédio.

Em outubro, as articulações já não estavam tensas. Mas persistia o estado do polegar. Tomou *Phos.* 1 m, uma dose e em novembro, a nota diz: "As articulações tôdas flácidas. Pode fechar as mãos".

Mais tarde, necessitou de vários remédios em ocasiões diferentes para afecções diferentes. Adquirira aspeto saudável. Tôdas as articulações dos dedos se desembaraçaram completamente, exceto o polegar, com a aparição de uma grande coleção líquida, coisa demonstrada por uma radiografia. Nesse caso, a doença tinha avançado suficientemente para destruir a articulação do polegar. Mostra o que podia ter acontecido com as outras articulações (não faltam exemplos) se a doença não tivesse sido detida. Os pés etc, tinham igualmente melhorado.

Ela ainda vem ao ambulatório, muito bem e viçosa; algumas vezes quando sofre de depressão e começa a chorar, *Puls.* põe-na boa; outras vezes, quando a articulação dum pequeno dedo incha e lhe dói, o tratamento restabelece-a. No momento (abril de 1937), a não ser por esse polegar deformado, e pela articulação dum dedo agora aumentada e um tanto dolorida, ela tem mãos pequenas e, aparentemente, perfeitas.

Entre outros remédios que a aliviaram, contam-se *Tub. boe.* e *Drosera*.

. . .

Esses casos provam, mais uma vez, como nas doenças crônicas se podem obter resultados obedecendo à *Lei* e às *Doutrinas* de Hahnemann:

a) — Na escolha do remédio, de acôrdo com a lei dos Similares.

b) — Receitando a Dose Única;

c) — Não interferindo com a Reação Vital.

A maior parte dessas doenças mostram extraordinária duração da reação à dose única dum remédio bem escolhido.

Hahnemann disse e vale a pena repeti-lo: "As minhas doutrinas acerca da magnitude e da repetição das doses serão postas em dúvida durante muitos anos, mesmo pelo maior número dos Médicos Homeopatas. A sua desculpa está em que é muitíssimo difícil acreditar que as diminutas doses homeopáticas tenham qualquer poder de atuar sobre a doença; que é inacreditável que doses tão exiguas possam influenciar uma inveterada doença crônica durante dois ou três dias, quanto mais durante 40 ou 50 dias; e também que, depois dum espaço tão longo de tempo, sejam obtidos resultados tão importantes com essas imperceptíveis doses".

"Arriscará o médico alguma coisa em imitar um método que eu tenho adotado após longa experiência e observação?"

LIÇÃO DÉCIMA SEGUNDA

Há cerca de 120 anos, Hahnemann escreveu:

"Regozijo-me com os benefícios que a Homeopatia já prestou à humanidade, e com intenso prazer antecipo o tempo não distante em que, apesar de já não pertencer a este mundo, uma geração futura fará justiça a esta dódiva dum Deus misericordioso, aproveitando-se gratamente dos abençoados meios que Ele prodigalizou para o alívio dos sofrimentos mentais e corporais do género humano".

AS DOCTRINAS DE HAHNEMANN, em breve resumo

- O REMÉDIO SEMELHANTE — ou
- O ESTIMULO VITAL CONTRA A DOENÇA pela reacção curativa a uma droga que pode produzir nos individuos sãos uma doença semelhante (artificial).
- O EXPERIMENTO OU A EXPERIMENTAÇÃO DOS MEDICAMENTOS para determinar os seus exatos poderes subversivos e, por consequência, curativos no que respeita à saúde humana.
- O EXPERIMENTO DE MEDICAMENTOS SOMENTE EM INDIVIDUOS SAOS — Mas com consideração dos seus efeitos tóxicos sobre pessoas e animais.
- O REGISTRO EXATO DAS DOENÇAS ARTIFICIAIS (ou medicamentosas), para comparação com casos de doenças naturais.
- RETRATAÇÃO DO CASO, não só para o fim de diagnóstico, mas para conhecer os sintomas individuais do paciente e as suas reacções anormais, mentais e físicas, como diferem do normal da raça e mais especialmente do normal do individuo.
- A SELEÇÃO DO REMÉDIO por cuidadosa comparação do complexo sintomático característico do paciente com o das drogas, até que se descubra a droga de sintomas mais semelhantes.

UMA DROGA DE CADA VEZ: homeopática, não necessariamente para esta doença, mas para *este* paciente com *esta* doença. (N. B. — A droga única, sempre, em experimentos e no tratamento, a fim de que o reconhecimento da ação da droga, subversiva e curativa, possa ser igualmente definido).

A DOSE ÚNICA: repetida só em caso de necessidade, isto é, na recorrência dos mesmos sintomas, modificados, depois dum intervalo que varia segundo o caso seja agudo ou crônico, tendo o paciente mostrado, no intervalo, melhoras acentuadas.

Portanto: **A DOSE NÃO FREQUENTE NA DOENÇA CRÔNICA.**

A HIPERSENSIBILIDADE DOS LOCAIS AFETADOS, especialmente ante um estímulo "semelhante", que necessita de:

A PEQUENA DOSE. Mas isto é necessário também pelo caráter do estímulo que, em dose grande e com algumas drogas, seria mortal, em doses mais pequenas inibitivo, e em doses muito pequenas estimulativo do doente sofredor e das suas partes.

O RETORNO DE SENTOMAS ANTIGOS e sua significação.

A NÃO INTERFERÊNCIA NA REAÇÃO VITAL: a) com a inicial agravação homeopática, a não ser que esta seja tão intensa a ponto de exigí-la; b) com a reação melhorativa, enquanto ela durar.

POTENCIAÇÃO: a redução sistemática de massa, com liberação de energia.

A CONDIÇÃO DIFERENTE DAS DROGAS DINAMIZADAS, já não sujeitas às leis químicas da neutralização etc.

Que, tanto **AS DOENÇAS INFECCIOSAS AGUDAS, COMO AS CRÔNICAS** são causadas por "contágios semi-vitais, miasmas". Estes "espalham-se em todo o sistema como uma proliferação parasitária" — "sendo o contágio instantâneo". Então, depois dum período de incubação, manifestam-se com febre acompanhada de erupção — cancro — condiloma.

No primeiro caso, ele dizia que a infecção se extinguiu. No segundo, a não ser curada homeopaticamente, inevitavelmente implicava sentença de morte.

AS DOUTRINAS DE HAHNEMANN MAIS AMPLIFICADAS Com anos de experiência

É melhor, talvez, enunciar, embora com brevidade, as *Doutrinas de Hahnemann*. Os mais hábeis e experimentados clínicos homeopatas nunca conseguiram, em 100 anos, acrescentá-las ou

diminuí-las. Dão certo na prática. De fato, todos os grandes clínicos e professores de homeopatia existentes desde os dias de Hahnemann, têm sido homens que seguiram à risca os seus ensinamentos quanto ao modo como a Lei da Cura se pode com mais êxito aplicar para alívio dos doentes. Hahnemann, observador arguto e cuidadoso registrador de fatos, não só descobriu a *Lei da Cura pela aplicação do remédio "semelhante"*, mas deixou-nos leis subsidiárias definidas ou corolários pelos quais a reação curativa pode ser assegurada, sem interferência. E é de interesse notar que as suas observações, nos nossos dias, cada vez recebem maior confirmação científica e um reconhecimento cada vez maior, se bem que tardio.

Reação do princípio vital contra a doença

Ele ensinou, como vimos, que a cura só pode sobrevir em consequência da reação do princípio vital contra a doença, e que tal reação pode ser estimulada por doses pequenas de uma droga capaz de provocar ou evocar uma reação semelhante nas pessoas sãs.

Sintomas

Que as doenças exprimem-se por sintomas e pelos sintomas requerem o seu remédio semelhante. Ele diz-nos que "Numa doença, da qual não se removeu a causa provocadora ou mantenedora, nada se deve observar senão os sintomas. Estes só, com a devida atenção a qualquer miasma (*) (contágio parasitário) e a circunstâncias acessórias, devem constituir o meio pelo qual a doença requer o seu agente curativo... É inconcebível que, depois da remoção de todos os sintomas da doença, possa ficar alguma coisa a não ser a saúde".

Necessidade de experimento de numerosos remédios em pessoas sãs

"Por causa da grande diversidade dos sintomas das doenças, grande número de substâncias subversivas para a saúde tiveram de ser "experimentadas" em pessoas sãs — sãs, a fim de que os sintomas ocasionados sejam genuínos sintomas medicamentosos e não complicados com os da doença. E sem dúvida, não em animais, que reagem tão diferentemente às drogas, diferentemente de outros animais assim como das pessoas, e os quais, além disso, são incapazes de descrever, na linguagem exa-

(*) Temo-nos muitas vezes referido às suas "descobertas" e ensinamentos a respeito das Doenças Crônicas, de que elas são causadas por "Miasmas Parasitários Crônicos", e de que "as menores resacas dum germe" podem fazer reviver toda a doença. Estas são reproduzidas em parte, resumido, este seu pouco elaborado trabalho mas, como ele o considerava, muito importante, in *Homeopatia* (o Jornal de B. H. A.), desde maio de 1907.

ta necessária para os fins da prescrição homeopática, suas sensações e sofrimentos, físicos e mentais.

Sempre o complexo sintomático único

Por isso, a verdadeira Matéria Médica da Homeopatia consiste no registro cuidadoso dos sintomas medicamentosos de fato. E é o complexo de sintomas característicos de qualquer droga, diferente do de todos os outros, que nos guia ao seu emprego.

Exemplo: um complexo sintomático característico

(Por exemplo, você está levando um recado para alguém que está a chegar num certo trem. Como irá identificar o desconhecido? Eu não digo que é uma pessoa com dois olhos, dois ouvidos, um nariz, sobrancelhas. Eu nada esclareço sobre os dedos das mãos e dos pés. Isto tudo é comum ao gênero humano, não característico, de modo nenhum servindo à identificação. Mas, é um homem e isto faz pôr de parte todas as mulheres e crianças: Homem bem barbeado de cabelos grisalhos, de ombros caídos, mancando da perna esquerda e um nariz grande, rubicundo. Não gosta de dar gorjetas, afasta os carregadores e adianta-se manquejando com a sua pesada maleta. Dado que ele chegue e contanto que os seus poderes de observação sejam normais, dificilmente deixaremos de dar com ele. É muito difícil que duas pessoas com precisamente aquele complexo de sintomas característicos saiam daquele trem).

Exemplo: N. B. — são as diferenças que sempre nos interessam e não as correspondências

(Ou então, está em sua frente uma criança com febre. A temperatura, a sede, a anorexia sugerem um grande número de drogas, que são comuns ao estado — febre. Mas esta criança ficou repentinamente doente depois de estar exposta a um frio intenso seco: adoeceu ou fica pior de noite, revolve-se na cama com ansiedade, inquietação e medo. Esse quadro de doença pertence só ao *Acônito*. Muitas drogas têm febre de aparecimento mais ou menos gradual (você já pode excluí-las), têm horas de agravação que diferem, como de noite das 12 às 2 da manhã (*Arsen.* — a que falta a etiologia acima), às 9 da manhã (*Cham.*), ao meio-dia (*Stram.*), às 10 da manhã (*Rhus*), às 2 da tarde (*Psal.*), às 4-8 da noite (*Lyc.*) e assim por diante. E sem dúvida um certo número de outras drogas têm febre pior de noite (*Bell.*, *Bry.*, *Merc.*, *Phos*) — umas quarenta e oito, certamente, têm esta febre noturna acentuadamente. Mas entre

elas, o que decide é o complexo característico, e das citadas, *Bry.* quer estar deitado e ser deixado a sós; *Rhus* tem toda a agitação e inquietação, mas lhe falta a angústia e medo do *Acon.*; e *Bell.* não é tão freneticamente inquieta, mas sobressalta-se, agita-se e contorce-se e tende mais para o delírio — e assim por diante).

Idiosincrasia

Hahnemann ensinou que a Homeopatia se baseia na idiosincrasia: o elemento pessoal que determina as respostas, mentais e físicas à doença e à droga; que a Homeopatia trata indivíduos, não doenças. (Vide contradição aparente, adiante).

Sensibilidade aumentada

E também a aumentada sensibilidade das partes doentes ao remédio de sintomas semelhantes.

A droga única

Tendo-se descoberto o remédio indicado, o Estimulo Vital no medicamento "mais semelhante", para o fim de se empregar com êxito, deve-se ter em vista o seguinte:

A Droga Única, assim experimentada, assim preparada e assim administrada. Sem isso, nenhum trabalho acurado se pode fazer, nem obter conhecimento real, quer nos experimentos quer na administração.

(Hahnemann insiste muito sobre isso. Viveu nos dias de polifarmácia *in excelsis*, quando o "medicamento famoso mí-tridato" de cinquenta ingredientes ainda existia na farmacopéia. "Fora com esse receituário idiota!" trovejava Hahnemann. "Abaixo com os privilégios dos boticários!... Não podemos seguir o caminho correto com uma tradição anacrônica... Com esse método de xaropadas não se pode obter experiências absolutamente nenhuma das qualidades benignas ou malignas de qualquer ingrediente medicinal, nem nenhum conhecimento das propriedades curativas de qualquer droga individual".)

(E a respeito da polifarmácia que ainda vigora, também éle diz: "Quem poderá dizer se é o *adjuvans* ou o *corrigenz* que forma a base da receita em quadruplicado ou se o *constituenz* não poderá imprimir uma ação inteiramente diferente a toda a composição? Precisarà o principal remédio, se fôr o

verdadeiro, de um remédio auxiliar? Não parece que se duvida da sua eficácia, procurando-lhe um agente que o melhore? Ou deverá talvez ainda adicionar-se um *dirigens*?").

A dose única — Repetição

A Dose Única, nunca repetida enquanto há melhoras manifestas, estando essas consolidadas, a droga não mais se deve administrar. O sinal para a repetição pode vir dentro de algumas horas nos estados agudos (até nalguns minutos em moléstias tão rápidas e urgentes como a cólera), em dias, nos estados subagudos; e só em semanas e meses nas doenças crônicas. Têm-se registrado tempos aproximados de reação para os diferentes remédios, mas lembrai-vos de que isso são apenas médias e o médico prescreve em resposta a sintomas. Enquanto a reação está em pleno desenvolvimento, a receita correta (para satisfazer a impaciência do doente ou dos amigos do doente) é *Placebo*. "Enquanto o doente está reagindo, deixemo-lo assim".

A pequena dose

Já mostramos a razão disso. Não faz parte do sistema homeopático aumentar o sofrimento do doente com uma dose grande do remédio que pode provocar precisamente tal sofrimento. Empregamos, muitas vezes, os venenos mais mortíferos, mas nunca para envenenar, nem sequer para perturbar: a homeopatia visa a dose mínima de estímulo vital.

Agravação homeopática inicial

Uma agravação temporária dos sintomas, depois da dose, é mais favorável que prejudicial. Quer dizer que o remédio atingiu o alvo. Mas quando o remédio, a dose e a potência se adaptam *exatamente* ao estado mórbido, não se perceberá a agravação inicial. Mas tal agravação homeopática é uma fase para ser apenas compreendida, nunca se devendo interferir nela, a não ser que seja muito intensa. Nas doenças agudas, esta inicial agravação de sintomas, mal se observa, tão breve ela é. Mas nas crônicas, é freqüentemente uma característica da resposta, que deve ser compreendida. Se é apenas "alguns sintomas pior, mas o doente melhor", não faça caso. Nas doenças crônicas, se embaraçado com uma tal agravação, der um antídoto ou, sem pensar bem, recorrer a outro medicamento, corre-se o risco de complicar o caso, viciando os seus resultados.

Potencialização

Hahnemann descobriu que, reduzindo a massa do remédio (a fim de se precaver contra a sua ação fisiológica), ele apenas conseguia aumentar a sua atividade curativa. Por longa e paciente experimentação, ele demonstrou que os remédios, quando subdivididos repetidas vezes, em distribuição igual por meios mecânicos (de cada vez uma parte para mediar cem partes de um meio inerte) se tornavam, por fim, em *podêres imateriais*; que o infinitamente mínimo se tornava o infinitamente potente, após o que as "diluições" se converteram para ele em "potências". Daqui, as "potências" altas e baixas, e as "doses infinitesimais" da Homeopatia. Esta descoberta, nos nossos dias de rádio, fermentos, vitaminas já não perturba a inteligência, obtendo, porém, confirmação análoga.

Do princípio curativo, inerente em cada droga, quando liberta da substância, nada fica, aparentemente, senão *força pura*.

Volta dos antigos sintomas

De excelente prognóstico, como quando a asma desaparece e um antigo eczema volta a alarmar o doente: ele "não quer que isso volte". Devemos explicar-lhe que isso pode ser uma das fases da cura, e sendo assim, não devemos receitar para ele ou "suavizá-lo com unguentos" de outro modo a asma pode reaparecer. Provavelmente o medicamento que trouxe de volta a afecção da pele ou qualquer outro sintoma que seja, sendo o remédio que cura o doente, também irá curar isso. Espere e observe: não estrague o caso que andava tratando com tanto êxito.

"Sintomas novos"

Quando um doente volta, melhor, mas com "sintomas novos" certifique-se se eles são realmente novos (o resultado de um experimento parcial passageiro do remédio por um "sentivo"), ou se são apenas um regresso de sintomas antigos, circunstância altamente favorável, como Hahnemann afirma, a mostrar que o seu doente está retrazendo os seus passos num caminho ordenado para a saúde, por muito tempo alterada. No caso de sintomas novos, realmente novos para o doente, é interessante e instrutivo procurar na Matéria Médica a droga que ele tomou, onde geralmente eles se acham, por mais estranhos que sejam. São apenas consequência duma prova. Deixemo-los assim: eles passarão.

Altas potências

A POTENCIALIZAÇÃO, especialmente na América do Norte e entre alguns dos seus melhores clínicos, tem sido levada muito mais além do que Hahnemann imaginou ou realizou, se bem que as potências feitas à mão de Hahnemann fossem absolutamente exatas. Essas potências muito altas feitas à máquina, apesar de o não serem estritamente na escala centesimal (vide lição anterior), dão maravilhosos resultados nas mãos de bons homeopatas. Mas elas devem ser usadas com conhecimento e cuidado, especialmente em doenças adiantadas com alterações estruturais, como a tuberculose, o câncer. É muitíssimo melhor cada um fazer as suas experimentações iniciais com as potências de Hahnemann — 6 c, 12 c, 24 c, 30 c, 200 c. Com essas e algumas mais altas, Hahnemann, nos seus últimos dias, realizou suas maravilhosas curas.

* * *

Tentamos mostrar as Doutrinas de Hahnemann, como elas durante um século se impuseram aos seus discípulos, guiando-os para resultados até então desconhecidos da Medicina. E qualquer médico que tenha cuidadosamente percorrido as lições desse Curso ficará habilitado a investigar mais, fazendo suas próprias experimentações e encontrando, por si próprio, abundante confirmação.

Extensão da doutrina até às doenças crônicas

Mas Hahnemann foi mais longe (como temos muitas vezes lembrado) nas suas *Doenças Crônicas*, que servem de suplemento, sem os ofuscarem, aos seus anteriores trabalhos. Nisso até a maioria dos discípulos de outrora deixou de segui-lo. Mas nós não temos a mesma desculpa, visto que a ciência de hoje faz com que mais facilmente apreciemos as descobertas do seu gênio intuitivo e indutivo. Acrescentaremos aqui uma descrição sucinta desses últimos ensinamentos, extraída do nosso *Editorial* (*Homeopatia*, agosto, 1937) que condensa o argumento, rematando com citações atuais confirmatórias. Aventuramo-nos também a prolongar a matéria ainda mais, duma maneira prática, como Hahnemann teria certamente feito, se vivo fosse.

DOENÇAS CRÔNICAS — SUA NATUREZA E TRATAMENTO

A Lição Décima Segunda, a última parte deste Curso, foi proferida repetidas vezes, e isso porque o seu resumo das Dou-

trinas de Hahnemann teria ficado lamentavelmente incompleto sem aquilo que ele considerava a sua mais importante digressão no difícil, se não impossível, reino das *Doenças Crônicas*.

Infalível porém...

A sua "Lei da Cura" era, como bem sabia Hahnemann, "tão infalível quanto isso se pode dizer de coisas humanas", exceto quando aplicada superficialmente, ou antes parcialmente, a certos casos de doenças crônicas, que depois de melhorarem, mesmo de se curarem aparentemente com o remédio cuidadosamente escolhido, voltam — voltam uma e mais vezes; tornam-se mais difíceis e ameaçadoras, sempre a curar-se e contudo sem se curarem enquanto a vida dura. POR QUÊ?...

... Foi esse problema que ele se preocupou em resolver.

Nas suas *Doenças Crônicas*, dá-nos o resultado de onze anos de trabalho e estudo e as suas (então) espantosas conclusões, praticamente as da avançada ciência de hoje, isto é, tanto quanto a ciência de hoje têm inconscientemente trilhado o seu caminho.

Ele reconhece que na base de todas as doenças crônicas há contágios parasitários crônicos e ensina o seu tratamento eficiente.

Ele reconhece o micro-organismo, o parasito infinitesimal, apesar de não ter microscópio para o revelar.

E foi tão ultramoderno que não mostrou desejo de envenenar o "bicho"; seu único objetivo foi estimular contra este a reação normal do organismo.

Ele reconheceu que pode coexistir no corpo mais do que um contágio parasitário e mostrou como eles devem ser tratados, um por um, com o remédio apropriado, dando a cada um dos remédios tempo para completar a sua ação.

As doenças contagiosas são doenças parasitárias

Ele afirmou que as *doenças infecciosas*, quer agudas, quer crônicas, têm quase tudo em comum; tudo, exceto o seu desenlace final.

E que, quer agudas, quer crônicas, são "contágios parasitários, que se espalham em todo o organismo e proliferam sem fim".

A infecção é instantânea

Em ambas, a "infecção é instantânea, sendo o momento propício". E, uma vez que a infecção ocorre, nenhuma providência de aplicação externa, nem mesmo a amputação instantânea

da parte diretamente afetada, servirão para deter o curso da doença (*).

Período de incubação

Na sua primeira fase, que dura um número definido de dias para as diferentes doenças, nada se nota, ao passo que toda a economia interna está sendo penetrada pela proliferação. (O nosso "período de incubação.. (**). Depois, na segunda fase, a doença é arremessada, por assim dizer, para a superfície, com febre, erupção, cancro, excrescências, coleções purulentas.

Infecções agudas

E, de acôrdo com Hahnemann (e mais ou menos com os ensinamentos modernos), no que respeita a doenças agudas, elas ou matam ou saram. Hahnemann acreditava nisto inteiramente: depois de terem preparado a infecção por "contactos", para usar a fraseologia dos nossos dias.

Infecções crônicas

Ao passo que, no caso das doenças crônicas, "o contágio parasitário semivital" persiste, mais ou menos latente, "espalhando as suas ramificações parasíticas em todo o organismo, sem ser afetada pelas condições as mais dietéticas e higiênicas e pela constituição a mais robusta", prejudicando as atividades da vida e as reações, arruinando a saúde, mais ou menos atenuada ou mudando de forma com os tratamentos, apenas para reaparecer, sempre, em formas novas e mais ameaçadoras, até ao fim da vida. Às vezes, basta um "resfriado, o ter-se comido algum alimento não tolerado pelo organismo enfraquecido e corrompido" para que se produzam, repetidas vezes, novos sintomas ou recidivas. Tratar *desses*, diz ele, não é tratar do doente, o que só se pode fazer tomando em conta todo o quadro da doença. Porque, acentua ele, tais doenças só podem ser "aniquiladas" por drogas homeopáticas, não necessariamente às sobrepostas condições da má saúde, mas à enfermidade básica primária, e mesmo assim, afirma ele, "os menores resíduos dum germe pode eventualmente reproduzir a doença toda".

(*) Tudo isso, diz ele, aplica-se também à vacinação, às inoculações e às mordidas de animais ruidosos.

(**) Ele pergunta: "Haverá provavelmente alguns miasmas no mundo que, quando tenha infectado de fora, não saça primeiro todo o organismo doente, antes de os seus sinais externos se manifestarem? Só podemos responder: Não, não há nenhum."

Ele enuncia os diferentes períodos de incubação das moléstias eruptivas e pergunta: "Que fit a natureza com o miasma recebido durante os dias do intervalo? O que ela fit foi apenas incorporar toda a doença... em todo o organismo vivo para, depois, de completar a sua obra, poder produzir..." (sarampo, febre escarlatina etc., com as suas erupções).

A sua "psora"

Para Hahnemann havia três contágios parasitários, crônicos ("miasmas"), as duas doenças venéreas (como os conhecemos agora) e a doença mais terrível, inveterada, velha de séculos, que ele designou por *Psora* e que ele associava às moléstias da pele, desde a lepra até a sarna, mas especialmente à sarna. Mas se a sarna era *causativa*, ou, como se pode ler nos seus escritos, *transmissora* da sua *Psora*, é impossível dizer. (*)

Os seus discípulos geralmente não confiaram na sua *Psora*, nem tampouco nos seus ensinamentos sobre *Doenças Crônicas*. Mas resta ainda provar quanto ele acertou, e quanto ele errou; quanto ele foi inteiramente correto e quanto ele foi, em parte, correto nas suas deduções.

O papel dos insetos nas doenças infecciosas

"Se alguém, bem versado nos conhecimentos atuais, e por consequência muito competente para apreciar os seus dados cuidadosamente enunciados, se quisesse dar ao trabalho de retraduzir as suas *Doenças Crônicas*! Estamos agora familiarizados com a idéia de "hospedeiros", nas doenças parasíticas, se bem que foi apenas em nossos dias que se reconheceu o papel importante desempenhado pelos insetos na disseminação das moléstias: os mosquitos e a malária, as pulgas de rato e a peste bubônica, a febre de pólhos e das trincheiras, para dar exemplos comuns. Hahnemann aqui foi muito além dos homens de ciência com o seu "inseto da sarna" como o disseminador de algumas doenças crônicas de natureza parasitária, básicas, infecciosas. Para ele tal infecção determinava uma condição subjacente de má saúde, e tornava o doente mais vulnerável e as enfermidades comuns mais formidáveis, pela adulteração da vida e quebrantamento das energias. Ele diz que a "*Psora*" forma a base da sarna, significando talvez que sem a *discrasia psórica*, a sarna não "pegaria".

Também sarna?

Mas a infecção que a sarna pode evidentemente comunicar e a qual, como a tuberculose, sífilis e gonorréia, produz até uma *discrasia hereditária*, está ainda para se determinar. Hahnemann e os seus contemporâneos, citados por ele, descrevem vasta linha de doenças que se seguem à sarna ou à "supressão da sarna", asma, especialmente, várias erupções e úlceras, hidropi-

(*) "Este inimigo interno eu designá-lo-ei pelo termo genérico de *Psora*. É uma doença interna e pode existir com ou sem erupção na pele."

sia, perturbações oculares etc.... Ele cita certo número de casos notáveis de estados crônicos intratáveis (*).

Os cientistas atuais consideram suas descobertas e seus dados, no que se refere às suas duas primeiras doenças crônicas, como completamente exatos, adiantando-se assim à sua época (**). E quanto à terceira, a *Psora*?... provavelmente, se ele tivesse vivido, ter-se-ia desdobrado de uma num grande número de *doenças crônicas parasitárias*, muitas das quais já estão reconhecidas.

Estados crônicos depois de doenças agudas

Visto que, como já muitas vezes demonstramos com casos convincentes, muitas "infecções agudas ou doenças parasitárias (infeciosas)" (variola, influenza, vacina, febre escarlatina, pneumonia etc.) podem também deixar atrás de si um estado crônico, possivelmente parasítico, e visto que, em casos inveterados de asma, epilepsia, "afecções de pele", dores de cabeça, o médico não consegue "fazer nada" com os remédios adaptados aos sintomas de superfície, podemos, como se sabe, revolucionar todo o futuro do doente, "empregando o processo de Hahnemann": isto é, *tratando* (talvez nesses nossos dias com o seu próprio "Nosódio" homeopaticamente preparado e administrado) a doença, supostamente aguda e supostamente eliminada, que marcou a primeira quebra da saúde normal... (vide adiante em "Mais observações sobre as Doenças Crônicas, sugeridas pelos próprios ensinamentos de Hahnemann).

Tratamento ou supressão

E eis aqui um ponto importante. Todas "as doenças agudas parasitárias", ensinou ele, são "mais segura e felizmente" tratadas, se as suas manifestações externas não se suprimem. Não sucede o mesmo com "os contágios parasitários agudos", — sarampo, cachumba...?

(*) Não me convence de que Hahnemann tivesse em mente a sarna, pura e simples. Para era nome, nessa época, de qualquer erupção pruriginosa" (Dr. C. E. Wheeler.)

(**) A respeito de duas das "doenças parasitárias crônicas" de Hahnemann, sífilis e gonorréia, seus ensinamentos quanto à sua natureza parasitária, foram ainda há bem pouco tempo provados pelo microscópio e outras demonstrações. Conforme estamos informados, a sífilis, na Europa, dizem que data do fim do século 15, sendo trazida para a Espanha pelos marinheiros de Colombo, ao voltarem do Novo Mundo. Em 1903, Metchnikoff e Roux transmitiram a doença a macacos, produzindo as lesões primária e secundária. Schaudin e Hoffmann (1905) descobriram o agente causal. Nos cancras e nas glândulas inguinais dos doentes sífilíticos encontraram um espiroqueta, agora conhecida por "Treponema pallidum".

N. B. — O prefácio de Hahnemann às Doenças Crônicas é datado de 1828. "A gonorréia é uma doença que remonta à antiguidade; ignoramos a ocasião e o lugar em que pela primeira vez apareceu".

O agente causal, o gonococo, foi descoberto por Neisser, em 1879.

Psorinum

Mas Hahnemann foi mais longe na sua viagem de descobrimento, vivendo apenas, si de nós, o tempo bastante para nos indicar a rota. Quando obteve o material da vesícula da sarna, preparou-o, potencializou-o, experimentou-o, prescreveu-o e publicou-o. Deu-lhe o nome de *Psorinum*: um remédio valiosíssimo e potente. Isso marcou novo rumo — o primeiro dos produtos mórbidos empregados para a cura de doença semelhante. A julgar por uma observação sua, ele estava a trabalhar com outros remédios tais, mas, como disse, "não tinham sido suficientemente experimentados para serem dados à profissão médica". Mais tarde, no fim da vida, mas ainda demasiado cedo para a sua obra, ecoou o "Murmúrio saído da escuridão: *O final é interdito. Tua missão está cumprida. E o teu palácio ficará como aquele outro, espólio de um rei que edificou*".

"Nosódios"

E assim está hoje, o seu palácio ideal, ainda "esperando sob a aluvião". Mas, na América especialmente, *Hering, Swan* e outros acrescentaram à sua estrutura *Nosódio* após *Nosódio*, desde então até hoje. E podemos agora realizar bom trabalho não somente com *Syphilinum, Gonorrhœinum, Psorinum*, mas também com *Variolinum, Morbillinum, Scarlatinum, Diphtherinum, Influenzinum* e toda a série deles, preparados como os de *Swan*, onde não existia abscesso ou descarga de onde obter o material infeccioso, da saliva de um caso muito mau.

Discrasia

Quanto ao elemento subjacente — a discrasia — e à sua significação no tratamento e no prognóstico das mais simples das doenças, considerai! Mesmo uma pequena crosta micótica na cabeça duma criança, curada, muitas vezes, por esse remédio caseiro, algumas gotas de tinta de escrever naquele local, pode contudo mostrar-se tão obstinadamente rebelde que exija, por exemplo, numa criança de hereditariedade tuberculosa, tratamentos drásticos e até perigosamente experimentais, que lhe destruam permanentemente o cabelo e, ou pior, a própria saúde. E da mesma sorte com outros estados ainda mais graves, onde nada, a não ser uma prescrição que atinja o centro do alvo, terá êxito: e só Hahnemann, e isso há uns 120 anos atrás, mostrou como tal se podia fazer.

EXTRATOS CONFIRMATÓRIOS E ENSINAMENTOS, DAS "DOENÇAS CRÔNICAS" DE HAHNEMANN, ETC. CLASSI- FICADOS, RESUMIDOS E SIMPLIFICADOS

Quando os remédios homeopáticos falham e porquê

Hahnemann diz-nos que "se havia empregado, durante uns onze anos, dia e noite, a descobrir a razão por que os remédios homeopáticos então conhecidos deixavam de curar, completamente e para sempre, certas doenças crônicas (pág. 18) (*)".

As doenças agudas, febres epidêmicas e esporádicas, eram curadas de maneira muito impressionante e decisiva: As próprias moléstias venéreas haviam sido muito seguras e convenientemente curadas, sem manifestações secundárias, pela Homeopatia, que extirpava a doença interna e a curava de dentro, contando que a afecção externa não tivesse sido destruída por aplicações locais (pág. 13).

Mas havia certas doenças crônicas não venéreas, que cediam ao tratamento, apenas para voltarem de novo; em que o tratamento era a princípio satisfatório, depois menos, e finalmente inútil (pág. 17).

Contudo, a doutrina é verdadeira

E contudo, como a sua experiência provou, "a própria doutrina tinha sido, e só-lo-á sempre, baseada sobre as colunas inabaláveis da verdade. Os fatos têm confirmado a sua excelência e até, se isso se pode dizer de coisas humanas, a sua infalibilidade. Então, por que é que o Homeopata havia de fracassar na cura completa e permanente de tais enfermidades crônicas?... " (pág. 17-18).

Ele rejeita, "como mero subterfúgio, a desculpa de que isso era talvez devido ao pequeno número de medicamentos homeopáticos, cuja ação pura tivesse sido verificada". E ao tentar responder a essa pergunta, "procurou obter uma idéia inteiramente correta da verdadeira natureza dessas milhares de enfermidades crônicas, que permaneciam incuráveis, a despeito da verdade incontroversa da doutrina homeopática. "Quando" (admirai!) "o Supremo Doador de todo o bem me permitiu resolver o sublime problema para benefício da humanidade, após incessante meditação, cuidadosas observações e os mais rigorosos experimentos" (pág. 17, 18). Ele diz que conservou suas grandes descobertas secretas tanto para o público como para os seus dis-

(*) Estas páginas referem-se às "Doenças Crônicas", vol. I.

cipulos, "por ser inconveniente, até perigoso, falar de coisas apenas meio realizadas". (Nota à pág. 18).

Observando que "as doenças crônicas não venéreas, mesmo depois de terem sido repetidamente removidas com êxito pelos remédios homeopáticos então conhecidos, reapareciam continuamente em forma mais ou menos modificada, com um aumento anual de sintomas desagradáveis".

Quando a doença ostensiva é mero fragmento da doença básica

"Isso provava-me que os fenômenos que pareciam constituir a doença ostensiva não deviam ser considerados como as fronteiras definitivas da doença: Se eles o fossem, a doença teria sido permanentemente curada com as drogas homeopáticas — o que não se verificava. Mas que essa doença ostensiva era mero fragmento de uma mal primitivo, de raiz muito mais profunda, cuja grande extensão se podia inferir dos novos sintomas que continuavam a aparecer de tempos em tempos".

"Isso mostrava-me que o clínico homeopata não deve tratar doenças dessa espécie como enfermidades separadas, completamente desenvolvidas; que ele não deve esperar uma cura tão perfeita de tais doenças que impeça a sua reaparição, quer na sua forma original, quer modificada:

Que a primeira condição para se acharem os medicamentos homeopáticos que cubram todos os sintomas que caracterizam toda a enfermidade, era descobrir todas as afecções e sintomas inerentes à primeira moléstia desconhecida. Sendo os remédios assim achados, o médico ficaria então habilitado a vencer e extinguir completamente toda a doença, conjuntamente com os seus sucessivos grupos de sintomas" (pág. 19).

Todas as doenças parasitárias crônicas são inveteradas

"Essa doença primitiva devia, evidentemente, sua existência a algum miasma crônico" (contágio parasitário). "Porque, logo que chegava a certa altura, nunca cedia à simples ação duma constituição robusta ou à mais bem regulada dieta ou modo de vida; pelo contrário, agravava-se de ano para ano, até ao fim da vida, assumindo gradualmente sintomas diferentes e mais perigosos. Isso verifica-se com todas as doenças crônicas miasmáticas, por exemplo, o bubão venéreo, quando se converte em doença sífilítica, por não ter sido tratado de dentro pelo mercúrio, seu específico. A sífilis nunca se extingue por si própria; a despeito do modo mais higiênico de vida e da constituição mais ro-

busta, ela aumenta de ano para ano e assume sintomas novos e mais perigosos até ao fim da vida". (pág. 19 e 20). (*)

Psora

"Tinha eu chegado a esse ponto, quando várias investigações e observações em doentes não venéreos me levaram a compreender que uma sarna previamente existente era a causa por que muitas doenças que pareciam ser enfermidades separadas e coerentes não eram curadas pelo tratamento homeopático. Todos os sofrimentos subsequentes eram datados do tempo em que a erupção psórica se manifestara... Isso não me deixou em dúvida quanto ao inimigo interno, que eu tinha de combater, no meu tratamento médico.

Esse inimigo interno, designá-lo-ei pelo termo genérico de *psora*. É uma doença interna — uma espécie de sarna interna — e pode existir com ou sem erupção na pele". (pág. 20, 21).

Ele procede à descrição de "milhares de moléstias incomodas, enumeradas nas nossas obras de patologia sob nomes distintos, que se originam da *psora* largamente ramificada". (pág. 21, 22).

As enfermidades crônicas se originam e baseiam em infecções ou miasmas parasitários crônicos, fixos.

E ele reafirma que "todas as doenças crônicas do gênero humano — mesmo aquelas que foram deixadas por si sós, sem se terem agravado com tratamentos errados — ficam tão inalteradas, imediatamente depois de se terem desenvolvido no sistema, que, a não ser que sejam completamente curadas pela arte médica, continuam a aumentar de intensidade até o momento da morte. Nunca desaparecem por si próprias, nem as diminui, e muito menos vence ou extingue, a constituição mais robusta, o modo mais regular de vida e a dieta mais rigorosa. Todas as doenças crônicas, portanto, se originam e baseiam em miasmas crônicos fixos (infecções) que estendem as suas ramificações parasitárias pelo organismo humano, a proliferar sem fim". (pág. 23).

MIASMAS

Definição

Façamos uma interrupção aqui para ponderarmos — Que é que Hahnemann entendia por "miasma"?

(*) Nota dos revisores: Somente muitos anos depois foi estabelecida a distinção entre cancro duro (sifilis) e o cancro mole (Ducrey). É perfeitamente desculpável o engano de Hahnemann, engano esse que em nada desmerece o genial observador que ele foi.

Ele nos diz exatamente o que entendia: "Uma infecção específica — organismos de ordem mais baixa, inapercebidos, pela sua exigüidade, aos nossos sentidos ordinários"; organismos parasitários semioitais de natureza peculiar".

Por exemplo, da *Cólera*, ele diz: "desencadeavam-se as mais terríveis infecções, fazendo os mais espantosos progressos... sempre que no espaço abafado dos navios cheios de mofentos vapores aquosos, o miasma da cólera encontrou elemento favorável para a sua multiplicação, proliferando num enxame enormemente aumentado desses organismos infinitamente pequenos, que são tão fatalmente hostis à vida humana e que muito provavelmente formam o material infeccioso da cólera..." E ele fala da "invisível nuvem de talvez milhões de tais organismos miasmáticos vivos..." e também do miasma da cólera como "um organismo de uma ordem mais baixa, inapercebido, pela sua exigüidade, aos nossos sentidos ordinários". — Hahnemann, *Escritos Menores — Cólera*.

No seu "Amigo da Saúde", Hahnemann escreve dos "escuros, estagnados e sujos antros de miséria, onde famílias vivem como rebanhos, e onde as epidemias contagiosas se espalham facilmente e quase incessantemente, se o mais débil germe acontece penetrar ali... e donde se estendem até a famílias mais afortunadas". Ele chama-lhes "ninhos de epidemias".

E como se disse atrás: "Todas as doenças crônicas se originam e se baseiam em miasmas crônicos fixos, que estendem suas ramificações parasitárias pelo organismo humano, a proliferar sem fim" (pág. 23).

"... esse inimigo parasitário, que tem assaltado as mais delicadas raízes da árvore da vida". (pág. 174).

"Até os mínimos resíduos de um miasma psórico se desenvolvem, com angústia e mal-estar permanente, em todas as espécies de manifestações psóricas..." (pág. 144).

"... os mínimos resíduos dum germe podem, eventualmente, reproduzir a doença toda". (pág. 172).

Algumas doenças parasitárias

E, como veremos, ele fala-nos das doenças como "causadas por contágio peculiar (um miasma peculiar de caráter mais ou menos fixo) como varíola, sarampo, escarlatina, moléstias venéreas, a sarna dos trabalhadores de lã, raiva canina, coqueluche, plica polônica. Essas parecem tão fixas no seu curso que são sempre reconhecidas como velhos amigos. Podemos chamá-las pelos seus próprios nomes e podemos tentar qualquer método fixo de tratamento apropriado, em regra, a cada uma delas.

Outras prováveis doenças parasitárias

E ele fala-nos de outras doenças, "que não podemos ainda provar serem devidas a um miasma... febre intermitente, febre amarela, escorbuto etc. Essas também merecem os seus nomes especiais, porque o grupo de sintomas permanece em conjunto, mais ou menos, em cada uma e portanto são suscetíveis de modo peculiar e fixo de tratamento".

Definição

As doenças "miasmáticas" de Hahnemann, tanto agudas como crônicas, eram pois (na linguagem de hoje) *contágios parasitários específicos de micro-organismos*.

Propomo-nos, por isso, naquilo que se segue, substituir a palavra "miasma" por "infecção", "contágio parasitário", visto que isso ajuda mais à clareza.

Como foi expresso também no "Organon"

Escrevendo mais tarde, *Organon*, 3.^a Ed., a respeito das doenças agudas e crônicas, ele diz dessas últimas que "elas podem parecer insignificantes e imperceptíveis no princípio; mas, duma maneira peculiar a elas próprias, atuam deletériamente sobre o organismo vivo, desarranjando-o no seu dinamismo e insidiosamente minando a saúde em tal grau, que a energia automática da força vital, destinada à conservação da vida, apenas pode opor uma resistência imperfeita e ineficiente a essas doenças, tanto no seu começo, como durante o seu progresso. Incapaz de as extinguir sem auxílio, o princípio vital é impotente para impedir o seu desenvolvimento ou a sua diminuição gradual, terminando elas, afinal, por destruir o organismo. Essas são chamadas doenças crônicas e originam-se da *infecção de um miasma crônico*."

As doenças crônicas naturais são aquelas que devem a sua origem a um contágio parasitário crônico; esse estende-se constantemente e, não obstante os mais cuidadosos e regulados hábitos mentais e físicos, nunca deixa de atormentar sua vítima com sofrimentos constantemente renovados até ao fim da sua vida, se deixada por si mesma, sem o auxílio de remédios específicos para seu alívio. Essas doenças são as mais numerosas e também a origem de grandes sofrimentos para a raça humana; a constituição mais robusta, o melhor dos hábitos e a maior energia da força vital desajudada são impotentes para lhe resistir.

Até aqui, apenas se tem conhecido a sífilis, até certo ponto, como uma dessas doenças infecciosas crônicas que, deixadas

sem cura, só se extinguem com a própria vida do enfermo. A síscose (excrecências em forma de couve-flor) se deixada por si própria, da mesma forma o princípio vital não consegue extingui-la, não sendo até hoje reconhecida como uma doença interna, crônica e parasitária de natureza peculiar, como indubitavelmente é. Sem atentarem nos danos perpétuos vinculados a ela, considerou-se apenas a destruição das excrecências cutâneas como a cura de toda a doença". (*Organon*).

ENSINAMENTOS DE HAHNEMANN A RESPEITO DA SÍFILIS

Inutilidade do tratamento externo

Da sífilis, Hahnemann tem muitas coisas interessantes e revolucionárias a dizer. Cita o grande *John Hunter*: "Não há um doente em quinze que escape à sífilis, quando o cancro é apenas removido com tratamento local..." e a "remoção local do cancro, por mais rápida que tenha sido feita, é sempre seguida por um despertar da doença sífilítica interna". (pág. 116).

Hahnemann acrescenta: "Na minha prática de cinquenta anos, nunca vi a sífilis repontar no sistema sempre que o cancro tivesse sido curado por remédios internos, isto porém sem a doença ter sido prejudicada por tratamento externo; não importava que o cancro durasse anos e que até tivesse aumentado..."

Infecção instantânea

Ele diz: "O médico alopata não sabe que todo o organismo se infeccionou logo que se deu a infecção; que todas as limpezas e todas as lavagens, por mais imediatas que sejam, e seja qual for o líquido empregado, e até mesmo a excisão da parte afetada, vêm demasiado tarde. Na verdade, nada se vê naquele lugar durante os primeiros dias, mas a transformação específica venérea realiza-se internamente, irresistivelmente desde o primeiro momento do contágio, até que a sífilis se desenvolva em todo o corpo, e só então é que a natureza exterioriza os sintomas locais peculiares a essa doença, o cancro, geralmente no lugar primeiramente infectado..." (Sem dúvida que isto é em absoluto, o que se ensina hoje em dia).

Tratamento da época

E a respeito do tratamento da sua época: "As doses grandes e frequentemente repetidas das violentas preparações de mercúrio têm adicionado a sífilis a própria doença inerente a esse remédio o que, conjuntamente com o esgotamento conse-

quente de tal tratamento reduz o enfermo a um estado verdadeiramente lastimável". (Aqui é indicada *Hepar sulph.*).

"... Nada se faz, a não ser modificar as formas da mesma moléstia e a aumentá-la com os conseqüentes sofrimentos adicionais que sobrevêm após o uso de medicamentos impróprios e nocivos, até que as lamentações do pobre enfermo cessam com o seu último alento e os parentes são consolados com a desculpa enganadora de que todos os remédios conhecidos foram empregados para aliviar o falecido".

Fácilmente curável por...

Mas da *sífilis* (primária), não complicada por *Psora*, é diz: "Não há na terra nenhum miasma crônico, nenhuma doença crônica originada de um miasma, que seja mais curável e mais facilmente curável que esta".

"A *sífilis* pode curar-se facilmente com a dose mais exigua da melhor preparação mercurial e a *sicose* com algumas doses de *Thuja* empregadas com alternância de *Nitric acidum*..." (pág. 29).

Mercúrio

Para a *sífilis* não complicada, a sua droga curativa é Mercúrio — "a melhor preparação de mercúrio" — "em dose única, mínima". (*). O cancro, sem qualquer aplicação externa, transforma-se numa perfeita úlcera com uma pequena quantidade de pus laudável, sarando sem deixar a mínima cicatriz, depois de algum tempo, sem alteração de cor... prova de que a doença interna foi completamente aniquilada".

Sem dúvida, que o *Mercúrio* é absolutamente homeopático à *sífilis*: e o óxido negro, o *Mercurius solubilis* de Hahnemann, uma das suas descobertas químicas, é uma dádiva que a velha Escola aceitou das suas mãos (**).

"SICOSE"

Gonorréia

A segunda doença crônica venérea de Hahnemann, a que é chamada "sicose", "a doença da verruga da figueira", a qual "era acompanhada de uma espécie de gonorréia", supunha-se

(*) A decilionésima (30⁴) potência. É actu-a vantajosa, de efeito rápido, penetrante, mas suave em atuar; mas se for necessária segunda ou terceira dose (tratou vários casos), pode empregar-se uma potência mais baixa (pág. 126).

(**) Devemos observar que, depois do seu tempo, se acharam outros remédios úteis, além dos seus sais de mercúrio, para o tratamento da *sífilis*: *Ácido Nítrico*, *Arsen.*, *Kali iod.* e *Sulph.*, etc. etc. e também *Lusticum* (*Syphilinum*) todos preparados e prescritos segundo o método homeopático.

então que fosse "similar à *sífilis*", sendo inutilmente tratada com mercúrio. Ele diz: "tanto a gonorréia como as excrescências da *sicose* são curadas, do modo mais durável, pela administração interna de alguns glóbulos de *Thuja*, que se devem deixar atuar durante 15, 20, 30 ou 40 dias. Depois disso, pode-se dar uma dose igualmente pequena de *Ácido nítrico*, deixando atuar por período semelhante. Esses dois remédios são suficientes para curar tanto a *sicose* como as excrescências.

Tratamento

Nos casos inveterados, as excrescências maiores podem ser tocadas uma vez por dia, com o suco fresco de *Thuja*, diluído em partes iguais de álcool. *Thuja* é homeopático à "sicose" (pág. 113).

N. B. — Desde então, temos adicionado remédios a este grupo: *Medorrhinum* (*Gonorrhinum*), os sais de prata etc., etc., e Hahnemann também menciona numa nota *Sassa*, *Cannabis*, *Cantharis* e *Copaiba*. (pág. 112).

A respeito da patologia da *sífilis* e da gonorréia, Hahnemann estava absolutamente certo, tendo trabalhos e investigações posteriores, com o auxílio do microscópio, justificado plenamente suas brilhantes observações e intuições.

O QUE HAHNEMANN ENSINOU ACERCA DA PSORA

"Na Europa, assim como em outros continentes, apenas temos podido descobrir três miasmas crônicos que causam doenças que se manifestam por sintomas locais e das quais se originam a maioria dos padecimentos crônicos. Esses miasmas são a *sífilis* (a que eu tenho chamado o cancro venéreo), a *sicose* e depois a *psora*, que forma a base da sarna. A última é a mais importante. (Os gritos são meus — Ed.).

Esta *psora* é a mais antiga, a mais universal e a mais perniciosa doença miasmática crônica, e contudo tem sido mais negligenciada do que qualquer outra. Durante milhares de anos, tem desfigurado e atormentado o gênero humano... A *Psora* é a mais antiga doença crônica miasmática conhecida. A história mais antiga das mais antigas nações não alcança a sua origem (pág. 24).

A *Psora* é precisamente tão rebelde como a *sífilis* e a *sicose* e, além disso, tem cabeça de hidra. A não ser que seja inteiramente curada, dura até ao último alento da mais longa vida; nem mesmo a constituição mais robusta, pelos seus próprios esforços não ajudados, pode aniquilar e extinguir a *psora*... Seus sintomas secundários tornaram-se inumeráveis. Todos os padecimentos crônicos naturais que agora existem (não produzidos

por mau tratamento médico, ou por emanções de mercúrio, chumbo, arsênico, etc. nas oficinas), têm por origem a psora. As doenças que se originam da sífilis e aquelas raras que provêm da sicose, não estão incluídas nesta designação". (pág. 23 e 24).

Ele compreendeu, por observações sobre doentes crônicos não venéreos, que "uma erupção anteriormente existente impedia a cura pelo tratamento homeopático, e que os seus sofrimentos subsequentes datavam do tempo em que a erupção psórica se manifestara. Que vestígios da sarna se haviam mostrado, de tempos a tempos, no seu corpo, em forma de pequenas pustulas ou herpes, etc. como sintomas infalíveis do contágio crônico". Aqui, ele obteve confirmação nas observações de outros médicos e essas, conjuntamente com as suas próprias, não o deixaram em dúvida sobre o inimigo inferno que ele tinha de combater no seu tratamento médico. (pág. 20).

"Esse inimigo inferno, designá-lo-ei pelo termo genérico de psora. É uma doença interna e pode existir com ou sem erupção sobre a pele". (pág. 21).

Ele diz: "A psora ficou sendo, portanto, a mãe comum da maior parte das doenças crônicas" (pág. 29). E mais: "As erupções da psora coçam e queimam" (contraste com as erupções que nem coçam nem queimam).

Ele fala assim da Psora: "Esse antigo contágio latente, a causa fundamental e a fonte de todas as inúmeras formas de doença..." que passando gradualmente através de centenas de gerações e de muitos milhões de organismos, chegou assim a um grau de desenvolvimento inacreditável (*).

E ainda: "Mais ou menos no período em que a cura está meio completa, o miasma psórico começa a tornar-se, de novo, latente; os sintomas diminuem cada vez mais, até que, por fim, apenas meros vestígios de miasma psórico são perceptíveis ao arguto observador. Mas esses também devem ser eliminados, porque os menores resíduos dum germe podem, eventualmente, reproduzir a doença toda" (pág. 172) (**).

Pouco a pouco, ele descobriu remédios mais adequados contra essa doença interna, da qual provinham tantos sofrimentos, e pelo alívio que eles davam, mesmo quando não havia antecedentes de sarna, inferiu que a moléstia podia ter sido comunicada ao doente no berço, ou de qualquer forma de que ele não tivesse a mínima lembrança... "Investigando com o maior cuidado o poder curativo dos remédios antipsóricos já descobertos, fiquei cada vez mais convencido de que as doenças crônicas mais

(*) É interessante notar que os nossos patologistas procuram hoje modificar a virulência dos micro-organismos, passando-os através duma série de animais.
(**) "Os sintomas secundários da Psora... nunca transmitem a sarna a outras pessoas, assim como os sintomas secundários de sífilis nunca transmitem a outras essa doença" — Hahnemann.

suaves, assim como as mais extensas e até as mais inveteradas devem a sua existência ao miasma psórico...".

Devemos observar que, ao contrário do que se dá com os seus simples e poucos remédios para a sífilis e gonorréia, seus remédios antipsóricos são muitíssimos, sugerindo isso que essa doença crônica parasítica não era uma, mas muitas doenças como hoje em dia nós reconhecemos.

Os últimos quatro volumes das *Doenças Crônicas* tratam principalmente dos "remédios antipsóricos" e são realmente uma continuação da *Matéria Médica Pura*, apesar de grande número de remédios aparecerem em ambas as obras, com mais provas nesse último trabalho. Entre os seus "antipsóricos", encontram-se *Anacardium, Arsenicum, Aurum, Baryta carb., Calcarea, Carbo veg. e animalis, Causticum, Cuprum, Digitalis, Graphites, Kali carb., Lycopodium, Natrum mar., Ácido nítrico, Petroleum, Phosphorus, Sepia, Silica, Stannum, Sulphur, Zincum* e muitos outros: os nossos remédios mais úteis para os estados crônicos.

Tratamento de casos complicados

Nos casos raros, complicados pelas três doenças crônicas, ele diz, "primeiro, aniquilemos o miasma psórico com os antipsóricos subsequentemente indicados; depois, empreguem os remédios indicados para a sicose e, por último, a melhor preparação mercurial contra a sífilis. Essas diferentes ordens de remédios empregar-se-ão alternadamente, se for necessário, até que a cura fique completa. *Deixai a cada medicamento o tempo de completar a sua ação*". (pág. 113).

É impossível efetuar a cura da moléstia sífilítica, complicada com psora, apenas com um só remédio" (pág. 121).

ALGUMAS DOENÇAS PECULIARES COM UM MODO FIXO DE TRATAMENTO

E aqui chegamos a um ponto importante, mais ou menos negligenciado, mas que será mais prontamente considerado, quando possamos perceber todos os ensinamentos do Mestre a respeito da natureza parasitária de todas as infecções.

Outras doenças específicas

Apesar de ele insistir em que, ao tratar da doença, devemos receitar para o doente individual que sofre, contudo reconheceu que havia certas enfermidades "causadas por contágio (uma infecção peculiar de caráter mais ou menos fixo) como varíola, sarampo, escarlatina, doenças venéreas... que parecem

ção fixas no seu caráter e decurso que, sempre que as encontramos, podemos sempre reconhecê-las pelos seus traços persistentes". Conseqüentemente, diz elle: "Podemos dar a cada uma delas um nome peculiar e tentar estabelecer algum método fixo de tratamento apropriado, em regra, a cada uma delas". (*)

"Apropriado, em regra, a cada uma delas... Vimos os específicos do Mestre para essas duas "doenças parasiticas de caráter e curso fixos: sífilis e gonorrhéa.

Remédios específicos

Depois, há o seu grande específico para "a variedade lisa de escarlatina", *Belladonna*. Este remédio, diz elle, é não só curativo, mas profilático, na grande maioria dos casos. Mas casos individuais de febre escarlatina com algumas características peculiares, requerem um remédio diferente. Por exemplo, os tipos malignos que necessitam de *Ailanthus* ou outro qualquer remédio mais virulento que a *Belladonna*.

(*) "Como toda a epidemia de doenças no mundo (à excepção daquelas poucas que têm um miasma fixo, inalterável) difere de todas as outras, e mesmo como cada caso individual de doença esporádica e epidémica e, em especial, cada caso de doença, que não pertence a tais moléstias colectivas, difere de todas as outras, o médico sensato tratará cada enfermidade, que se confie aos seus cuidados, precisamente de accordo com as suas differenças individuais.

Depois de ter se investigado as peculiaridades e todos os fundamentos e sintomas de cada doença (pois que para isso é que elles estão aí, para que atendam a elles), tratá-la-á de accordo com a sua individualidade, isto é, de accordo com o grupo de sintomas que exhibe, com um remédio individualmente adaptado a elles...

Algumas doenças, que são causadas por contágio peculiar (um miasma peculiar de caráter bastante fixo), como a peste bubônica do Levante, varíola, sarampo, escarlatina, doenças venereas, a dermatite dos trabalhadores de algodão, e também a cegueira, coqueluche, pílea polêmica, etc. parecem tão fixas no seu caráter e no seu decurso que, sempre que as encontramos, podemos reconhecê-las pelos seus traços persistentes. Conseqüentemente, podemos dar a cada uma delas um nome peculiar e tentar estabelecer algum método fixo de tratamento conveniente, em regra, para cada uma delas.

Pode ser que haja algumas outras doenças que não possamos ainda provar que sejam devidas a um miasma, como certas doenças ligadas a certas regiões e que ocorrem sob certas condições climáticas, e também moléstias que são epidémicas aqui e ali, tais como a febre enteral dos pantanos, a febre amarela, o escorbuto marítimo, pílea framboesa ou bocha e a pelagra etc., assim como algumas doenças produzidas ou por uma única causa uniforme ou pela concorrência de diversas causas determinadas, que se podem classificar conjuntamente até um certo grau (e. g. a gísta, talvez também o crupte e a tosse de Millar). Tais affecções igualmente merecem ter os seus nomes especiais, porque o grupo de sintomas permanece, no conjunto, mais ou menos o mesmo em cada um, e por isso ellas são suscetíveis de modo peculiar e fixo de tratamento.

Mas é diferente com certo número de outras doenças, que provavelmente procedem da concorrência de várias causas patogénicas que se não combinam do mesmo modo na produção da doença, e por isso differem muitas vezes umas das outras em diversos sintomas importantes, não podendo, portanto, ser tratadas com os mesmos remédios. A essas pertencem as espécies muito diferentes de epilepsia, catalepsia, tétano, coreia, pleurisia, tuberculose, diabetes, inflamações de garganta, prosopealgia, disenteria e outros nomes dados pelas escolas a estados mórbidos muitas vezes essencialmente diversos e que apenas se assemelham uns aos outros por alguns sintomas que têm em comum, a fim de que, considerando-as idénticas, se possa estabelecer para ellas idéntico modo de tratamento. Mas os resultados muito dissemelhantes que a experiência nos mostrou, ao seguir esse plano, é uma refutação sufficiente dessa suposta identidade. Podem servir como nomes colectivos, mas não como nomes especiais de estados mórbidos supostamente idénticos, porque, se fossem assim considerados, conduzem a um tratamento médico empírico e uniforme, em detrimento dos doentes..." — Hahnemann: *Organon*. Apêndice.

Grupos de específicos

Assim, até para as doenças específicas temos, não necessariamente um, mas algumas vezes, um grupo de específicos, e de entre esses a nossa escolha é mais facilmente feita. Porque ainda aqui se trata, não apenas da doença, mas de como o individuo reage a ella.

Da difteria, por exemplo, o seu quase específico é *Merrurius cyanatus*. Ao passo que os envenenamentos de *Belladonna* têm simulado com perfeição as manifestações usuais da escarlatina, os envenenamentos pelo cianeto de mercúrio produzem um estado indistinguível do da difteria. Mas também há casos de difteria que cedem quase instantaneamente a *Lachesis*, ou *Lac. caninum*, apesar de, tanto quanto sabemos, o germe ser o mesmo. E temos também *Diphtherinum*, o produto potencializado da doença, que tem provado ser eficiente, não só profilaticamente, mas também para o tratamento.

Entre "as doenças parasitárias específicas" de Hahnemann, elle cita não somente a escarlatina, mas a coqueluche, crupte, sícose, disenteria. Diz que mesmo a pleurisia e o tifo epidémico se curam prontamente com algumas pequenas doses de remédios homeopáticos cuidadosamente escolhidos. Desta última moléstia diz elle: "Na febre tifóide de 1813, *Bryonia* e *Rhus tox.* foram os remédios específicos para todos os doentes". (*)

Alternação

(N. B. — Para Hahnemann alternação apenas significa uma mudança de remédio com uma mudança de sintomas: "dando a cada droga tempo para realizar o seu trabalho".) (pág. 113).

Por conseqüência, lembremo-nos de que Hahnemann reconhecia a existência de doenças específicas com os seus remédios específicos (muitas vezes mais do que um) para serem usados com discriminação.

No *Organon*, elle também fala de "doenças epidémicas", que differem muito de todas as epidemias anteriores, excetuando, com tudo, as epidemias originadas por um contágio inalterável, tais como varíola, sarampo etc.

Até a "Vaccinosis" de Burnett com o seu grande análogo *Thuja*, tão extraordinária e profundamente curativa em grande variedade de estados crônicos, que sobrevêm depois da vacinação, falha em alguns; e esses só cedem talvez à *Silica*, talvez ao *Sulphur*, conforme os sintomas, ou ao *Malandrinum*, ou até ao *Variolinum*.

(*) Conta-se que, no terrível "tifo de guerra" que seguiu os exercitos de Napoleão, ao passo que milhares de pessoas morriam com o tratamento comum, Hahnemann, em Leipzig, tratou 100 doentes, sem um único óbito.

MAIS ENSINAMENTOS SOBRE OS CONTÁGIOS PARASITÁRIOS, AGUDOS E CRÓNICOS — SUAS CARACTERÍSTICAS IDÊNTICAS E CURSO — SEU DESENLACE

Infecção, incubação, erupção

"Ao considerarmos a formação dessas três doenças crônicas assim como a das doenças agudas parasíticas, devem ter-se em vista três pontos cardinaes, mais cuidadosamente do que o foram até hoje. Esses são, primeiro, o período em que ocorreu a infecção; segundo, quando todo o organismo começou a ser contaminado pelo veneno parasítico até que ele se converteu numa completa doença interna; e terceiro, a manifestação dos sintomas externos, por meio dos quais a natureza indica o desenvolvimento completo da doença parasítica no organismo interno.

Infecção sempre instantânea

"A minha opinião é que a infecção miasmática nas doenças agudas, assim como as crônicas, ocorre num momento (*), contanto que esse momento seja favorável para a influência contagiosa... Todo o sistema fica imediatamente infectado. Após a infecção, de nada valem para aniquilar a doença, abluções, cauterizações, nem mesmo para deter o seu progresso no organismo interno. A própria amputação da parte infectada de nada vale (**). ... a variola, a vacina, o sarampo seguirão o seu curso e a febre que é peculiar a cada uma dessas diferentes formas de infecção, conjuntamente com a erupção cutânea, surgirá alguns dias depois de a doença interna ter completado o seu desenvolvimento". (pág. 51).

Antraz

"Entre muitos outros miasmas, posso mencionar a infecção da pele humana pelo miasma do carbunculo epizoário (Antraz). Logo que ocorre a infecção, de nada servem as abluções. A pústula negra, que é quase sempre fatal e que geralmente surge sobre o lugar em que se deu a infecção, aparece dentro de uns quatro ou cinco dias depois de essa terrível doença ter invadido todo o organismo". Ele fala também dos miasmas semi-agudos sem erupções, como "a infecção pela mordedura dum cão rai-

(*) "Como soube Hahnemann que a infecção era instantânea? — Levou-nos três meses a demonstrar isso durante a Guerra. Ela devia ter sido inspirado" (Dr. Bach, *Ilustre patologista Inglês*.)

(**) Contaram-nos dum cirurgião que picou o dedo durante uma operação feita a um doente sífilítico e que o fitz supurar imediatamente, na tentativa vã de escapar à infecção.

voso", que seguem precisamente o mesmo curso, desde o momento da infecção instantânea (pág. 52).

Pela marcha dessas moléstias parasitárias, vemos claramente que, depois da infecção, a doença interna, quer seja sarampo, escarlatina ou variola, tem de primeiro se desenvolver inteiramente no organismo antes de aparecerem as erupções na pele". (pág. 53).

A infecção produzida por um dos três conhecidos miasmas crônicos é geralmente obra dum momento, mas o desenvolvimento completo da doença consequente a tal infecção, em todo o organismo, requer mais tempo. Só após vários dias, durante os quais a doença parasítica completou o seu desenvolvimento interno, é que a natureza bondosa faz com que a doença se ultime em qualquer sintoma local, que recebe a doença interna, por assim dizer, dentro de si própria, e a silênciosa ou a acalma. (pág. 126).

Diferentes terminações das infecções agudas e crônicas

Ele fala das "doenças agudas infecciosas" — sarampo, escarlatina, variola, etc. como "causadas, por miasmas agudos, semivitais (Ensino notável há 150 anos atrás!). Estas, depois de se terem espalhado em todo o sistema como uma proliferação parasitária, produzindo cada uma a sua febre especial e deixando na pele uma erupção capaz de comunicar a doença, têm a natureza peculiar de se tornarem extintas no organismo".

Ao passo que "os miasmas crônicos, pelo contrário, não se extinguem por si próprios". Ele diz que "os miasmas crônicos são miasmas mórbidos semivitais de natureza parasítica, que só podem ser neutralizados e aniquilados por um remédio mais poderoso que produza efeitos análogos. É só por esses que o doente pode ser libertado dos efeitos de tais miasmas".

De outro modo, seu curso é idêntico

Ele insiste em que o modo do contágio e a formação da doença interna antes da aparição dos sintomas externos sobre a pele (que indicam a finalização da moléstia interna) é o mesmo como nas formas agudas da doença, com esta diferença notável, que o miasma crônico continua no organismo, desenvolvendo-se de ano para ano, a não ser que seja extinto e completamente curado pela arte médica (pág. 54).

Ele pergunta: "Haverá alguma doença parasítica no mundo que, depois de ter infectado por fora, não incida primeiro sobre todo o organismo, antes de os seus sinais externos se manifestarem? Só podemos responder: Não; não há nenhuma".

Ele enuncia os diferentes tempos de incubação das moléstias eruptivas e pergunta: "Que fez a natureza com o miasma recebendo durante os dias de intervalo? O que ela fez foi apenas incorporar toda a doença... em todo o organismo para, depois de completar a sua obra, poder produzir..." (sarampo, escarlatina, etc., com as suas erupções). (Nota à pág. 51, etc.).

Mas nas "doenças miasmáticas" crônicas assim como nas agudas, ele declara e prova que a infecção é instantânea; depois da qual vem aquilo a que devíamos chamar o período de incubação, antes de a moléstia se manifestar externamente, com febre, com erupção, com cancro.

"Ignorarão os meus contraditores o fato de que todas as doenças infecciosas, acompanhadas de erupções cutâneas, seguem o mesmo curso desde a sua própria origem? E que todas as infecções atacam primeiro, internamente, todo o organismo antes de a afecção se manifestar sobre a pele?

Examinando esse curso um pouco mais estritamente, teremos de ver que todas as doenças infecciosas que formam afecções localizadas sobre a pele, são doenças internas, cujo último resultado é a afecção cutânea local.

Nas doenças agudas, os sintomas locais deixam o sistema, conjuntamente com a doença, logo que completaram o seu curso regular. Nas doenças crônicas, porém, a afecção local pode ser removida ou desaparecer por si própria, sem que a doença interna deixe o organismo, quer em parte, quer inteiramente; pelo contrário, a doença interna pode aumentar, no decurso do tempo, a não ser que seja convenientemente curada pela arte médica". (pág. 50).

Como as doenças parasitárias agudas diferem das doenças parasitárias crônicas

"Contra todas essas doenças agudas miasmáticas, a natureza adota um modo de cura que é inexplicável para nós. Seguem o seu curso durante umas duas ou três semanas, quando sobrevém uma crise por meio da qual a febre, conjuntamente com a erupção, são aniquiladas no sistema. Depois desse período, o homem ou morre dessas doenças ou recupera-se". (pág. 53).

"O modo de contágio que a natureza segue nas doenças miasmáticas crônicas e o da formação da doença interna anteriormente à aparição dos sintomas externos sobre a pele a indicarem que a doença interna se completou é o mesmo que nas formas agudas da doença; mas depois de a doença interna estar completada, há esta notável diferença entre ela e a doença aguda, que o miasma crônico continua no organismo, desen-

volvendo-se de ano para ano, a não ser que seja extinguido e completamente curado pela arte médica". (pág. 53).

"Terão esses organismos agudos, semivitalis a natureza peculiar de terem afetado as forças vitais, no momento da infecção, cada uma da sua maneira especial, e de se terem espalhado em todo o sistema como uma proliferação parasitária, produzindo cada uma a sua febre peculiar e deixando sobre a pele uma erupção que é, por seu turno, capaz de comunicar a doença?

Não serão os miasmas crônicos, pelo contrário, continuados pela peculiar erupção contagiosa que eles produzem, vesícula de sarna, cancro, exerescências de couve-flor, ao passo que os miasmas agudos se extinguem por si próprios? Os miasmas crônicos são miasmas mórbidos semivitalis de natureza parasitária, que só podem ser neutralizados e aniquilados por um remédio mais poderoso que produza efeitos análogos, sendo só por meio desses que o doente se pode libertar do efeito desses miasmas". (pág. 53).

Todas as doenças parasitárias, acompanhadas de erupção cutânea, observam o mesmo curso desde a sua própria origem e todos os miasmas atacam primeiro, internamente, todo o organismo, antes de a afecção se manifestar sobre a pele.

"... todas as doenças parasitárias que formam afecções locais sobre a pele são doenças internas, sendo o seu último resultado a afecção cutânea local". (pág. 50).

"... (os médicos) nem suspeitaram nem observaram que a afecção local era um sintoma secundário, representativo de uma doença interna".

Nada de aplicações externas

"Todo o médico consciencioso deve saber que nenhuma erupção deve ser removida da pele por aplicações externas. A pele humana nunca produz, por si própria, uma erupção; nunca assume um estado mórbido, sem ter sido levada a isso, ou antes obrigada, pela atividade anormal de todo o organismo" (pág. 131).

"As doenças venéreas têm sido curadas mais segura, mais conveniente e mais completamente, e sem quaisquer perturbações secundárias, pela prática homeopática; porque ela desenraiza a doença interna e cura-a de dentro, pelo remédio mais específico sem perturbar ou destruir a afecção local" (pág. 13).

Metástases

"Quando o sistema é afetado por alguma doença crônica que ameaça destruir órgãos vitais e a própria vida e que não cede aos esforços espontâneos do princípio vital, esta empenha-

-se por abrandar a doença interna e impedir o perigo, mantendo uma doença local em qualquer parte externa do corpo, para onde a doença interna é transferida por derivação. A presença da doença local detém, por algum tempo, a moléstia interna, sem, no entanto, ser capaz de curá-la, ou de, essencialmente, diminuí-la..." (Organon).

. . .

"A dieta rigorosa não é agente curativo no tratamento das doenças crônicas, como afirmam os adversários da Homeopatia... Muitos doentes crônicos têm seguido, durante anos, a mais rigorosa dieta sem terem obtido alívio; a doença continua a aumentar, com sucede com tôdas as infecções crônicas". (pág. 137).

"A duração curta do tratamento das doenças crônicas reiteradas torna-se impossível pela natureza da enfermidade". (pág. 173).

"São precisos, geralmente, vários antipsóricos para a cura duma doença crônica". (pág. 163).

TRÊS ERROS

"Há três erros" (no tratamento das doenças crônicas) "que o médico não deve deixar de, cuidadosamente, evitar".

Dose muito pequena

"O primeiro é supor que as doses que indiquei como as doses convenientes no tratamento das doenças crônicas, e que a longa experiência e a observação atenta me induziram a adotar, são demasiado pequenas... Nada se perde por administrar doses menores ainda do que aquelas que tenho indicado. A dose pode ser muitíssimo reduzida, contanto que os efeitos do remédio não sejam perturbados por alimentação imprópria".

Remédio errado

"O segundo grande erro é o emprego impróprio dum remédio... Negligência, preguiça, leviandade... Muitos médicos homeopatas são culpados dessas irregularidades até ao fim da sua vida: nada compreendem da doutrina homeopática.

Interferência com a reação vital do remédio

"O terceiro grande erro é não deixar o remédio atuar suficiente espaço de tempo... A repetição apressada da dose. Essa pressa é altamente inconveniente. Há observadores superficiais que pensam que um remédio, depois de ter atuado favoravelmente durante oito dias, não pode atuar mais... O modo mais certo e seguro de apressar a cura é deixar o remédio atuar fan-

to quando continuem as melhoras do doente... Aquêle que observar essa regra com o maior cuidado será o clínico homeopata mais bem sucedido... A experiência é o único árbitro nesses assuntos, e na minha longa e extensa prática ela já decidiu sem a menor sombra de dúvida" (pág. 154).

REMÉDIOS ISOPÁTICOS TORNADOS HOMEOPÁTICOS PELA PREPARAÇÃO

Isopatia

Isto é, "a tentativa de aplicar medicamentos para a doença, por meio da isopatia, como se diz: curar, por exemplo, uma doença igual com um miasma igual (contágio parasitário). Mas supondo que isso seja possível — e se o fôr, merece o nome duma descoberta valiosa — a cura nesse caso só poderia ser realizada opondo um *simillimum* a um *simillimum*, visto que a isopatia administra só um miasma altamente pontencializado e, por assim dizer, alterado, a um doente" (Organon).

"Na lista subsequente de remédios antipsóricos não se mencionam remédios isopáticos, pela razão de que os seus efeitos sobre o corpo humano não foram suficientemente verificados. Até o próprio miasma da sarna (*Psorinum*), nos seus vários graus de potência, sofre essa objeção. Chamo *Psorinum* a um antipsórico homeopático, porque se a preparação de *Psorinum* não altera a sua natureza para a dum remédio homeopático, ela nunca poderá ter qualquer efeito sobre um organismo contaminado por esse mesmo vírus idêntico. O vírus psórico, ao sofrer os processos da trituração e da succussão torna-se precisamente tão alterado na sua natureza como sucede ao próprio ouro, cujas preparações homeopáticas não são substâncias inertes na economia animal, mas agentes de atuação poderosa..." (pág. 196).

Progresso da homeopatia como foi anteriormente ensinado

"... Uma posteridade mais conscienciosa e mais inteligente terá a vantagem de, aplicando fiel e corretamente os princípios desenvolvidos nestas páginas, libertar a humanidade dos inumeráveis sofrimentos que as variadíssimas doenças crônicas têm amontoado sobre os pobres doentes desde tempo imemoriais, prestando-lhes benefícios que as doutrinas anteriormente ensinadas da Homeopatia não conseguiram prodigalizar-lhes". (pág. 12).

. . .

Foi a fim de fornecer ao investigador sério uma iniciação fácil no estudo da homeopatia, incitando-o a praticá-la em toda a sua extensão — tarefa de maior vulto do que geralmente se

pensa — e também para prover o professor de Homeopatia de conhecimentos atuais, em vez de aprendizado de segunda ou terceira mão, em que se mutilam textos preenchendo-os com novos ensinamentos de novos professores, eles próprios apenas meio ensinados, que se fez essa tentativa para apresentar os ensinamentos de Hahnemann; não somente a grande Lei de Cura, com as leis subsidiárias que dela derivam, mas também a sua extensão até aos reinos difíceis das Doenças Crônicas. O trabalho foi muito árduo e longo, porque quanto mais uma pessoa lê e torna a ler, mais compreende e se maravilha dessa admirável Presciência que agora, depois de cem anos de esquecimento e irrisão, se impõe, finalmente, por si própria. Mas, "se os médicos não praticam cuidadosamente o que eu ensino, que se não orgulhem de serem meus discípulos e, acima de tudo, que não esperem ser bem sucedidos nos seus tratamentos".

De modo que agora para o Médico que queira prosseguir, o resto é

Inteligência... Diligência... Coragem.

MAIS OBSERVAÇÕES SOBRE AS DOENÇAS CRÔNICAS, SUGERIDAS PELOS PRÓPRIOS ENSINAMENTOS DE HAHNEMANN

Para reiterar: até onde tinha ido, Hahnemann cria que os seus contágios parasitários agudos, tendo percorrido o seu curso, primeiro latente, depois em pleno desenvolvimento, morriam. Que ou matavam ou o doente se restabelecia delas. Ao passo que os seus contágios parasitários crônicos, tendo percorrido curso precisamente semelhante, diferiam das outras apenas nisto, que nunca o doente melhorava delas. Que, não curadas pelo seu remédio "análogo", elas permaneciam mais ou menos latentes no organismo: ora, vindo à superfície de uma forma ou de outra; ora retirando-se outra vez, mudando as suas manifestações externas de tempos a tempos ou de acordo com os tratamentos supressivos, mas sendo uma sentença de morte, e apenas para serem curadas por remédios homeopáticos às suas manifestações originais ou a toda a extensão dessas manifestações. Os sintomas da "doença ostensiva" eram mero fragmento do primitivo mal profundamente assentado.

Como se disse, ele ensinou que três das tais doenças crônicas deviam ser consideradas como pertencendo aos estados rebeldes: as duas doenças venéreas e a Psora. Esta última, ele cria que fosse a base de todas as doenças crônicas não venéreas.

E aqui devemos insistir nisto: se Hahnemann tivesse vivido, não somente a sua Psora se teria desdobrado em várias, talvez em grande número de doenças crônicas parasíticas, mas ele

teria quase certamente compreendido que alguns, provavelmente a maior parte, possivelmente todos os seus miasmas parasíticos agudos, escarlatina, sarampo, febre tifóide e toda a série deles, são capazes, depois de o organismo lhes ter mais ou menos reagido, de permanecer em estado latente, minando assim a vida, de modo a tornar incuráveis os padecimentos menores ou apenas curáveis quanto às suas imediatas manifestações externas ou super-estruturas, quando, como ele diz, "um resfriado, um abuso inadvertido de algum alimento não tolerado pelo organismo enfraquecido e adulterado, ocasiona sempre novos sintomas ou recidivas".

... Não estamos todos nós capacitados pelo que vemos em todos os "velhos crônicos", que estão sempre a ficar curados disto ou daquilo, porém, nunca curados? E também não verificamos que, em certas pessoas, acidentes de pouca importância — um entorse, um choque numa articulação, um traumatismo, por exemplo, no tórax, em lugar de ficarem devidamente sanados e esquecidos, como nas pessoas de saúde normal, produzem endurecimentos, proliferações, tornando-se até malignos? Sob esses princípios, podemos facilmente perceber a razão. Mas, por isso mesmo, compreendemos que, com uma vida mais prolongada e maior estudo, e mais centelhas de intuição e percepção, a Psora de Hahnemann devia-se ter desdobrado em muitas que tais discrasias crônicas, associadas ao mesmo número de doenças parasíticas crônicas, cada uma delas proveniente de uma infecção aguda.

Sabemos no presente que os germes de muitas doenças agudas, uma vez introduzidos no corpo, podem continuar a viver como parasitas, latentes, não reconhecidos, não cuidados, porque, quantas vezes não temos ouvido dizer: "Ela nunca passou bem desde aquele caso grave de sarampo, de escarlatina, de difteria." Ao passo que, por outro lado, ouvimos às vezes: "Ela tem passado admiravelmente bem desde a escarlatina"; "bem, gorda e forte desde que teve a tifóide!" E lembramo-nos de como Hahnemann tratou, espaçadamente, no *Organon*, do efeito de doenças semelhantes e dessemelhantes quando elas se encontram no corpo; como essas podem até suspender, sem curar, a doença não semelhante, que volta quando o doente melhora da outra, ao passo que as primeiras, as doenças semelhantes, podem até ser curativas. Apenas, como ele disse, a ação das doenças é demasiado incerta para o seu emprego com esse fim.

Quanto à possibilidade de as infecções agudas persistirem como estados crônicos parasíticos, tomemos por exemplo a tifóide, em cujos doentes o germe tífico tem sido muitas e muitas vezes descobertos em escoriações não saradas, em feridas não curadas, em abscessos, dez, vinte, e até sessenta anos depois do ataque inicial. (Vide "*British Medical Journal*", 30 janeiro 1937).

Quem dirá que o mesmo não acontece com outras doenças, supostamente agudas e de que supostamente o enfermo melhorou?... E a respeito dos "portadores de germes" na difteria...? E da tuberculose como uma doença parasítica crônica de manifestações variadas, nos ossos, no pulmão, nas meninges, na pele...? E também acerca da Vacinose de Burnett, um estado latente revelado na sua brilhante monografia "Vacinose e Thuja"? Como Burnett afirma, a "Linha" não é linfa mas pus, por cujo meio os organismos vivos são introduzidos no corpo; e "Vacinose" é o nome que ele dá a uma discrasia que se segue à vacinação, especialmente vacinações repelidas e "más", ou vacinações em que não houve reação, que não "pegaram". Se isso não fosse uma doença crônica, diz ele, como poderia a vacinação modificar, ou mesmo evitar, durante anos, a invasão dessa outra doença pustulenta, a varíola? Ele mostrou que a infecção da vacina determina diversos estados mórbidos subseqüentes ou atua como base deles, estados curáveis apenas pelo seu grande análogo *Thuja*.

Seja como for, alguns de nós estamos executando o nosso trabalho mais brilhante seguindo o caminho que Hahnemann nos traçou para os domínios crônicos daquilo que se chamam "doenças agudas". E onde a cura não se verifica, ou onde uma afecção se sucede à outra com sempre sintomas novos ou recorrentes, remontemos à moléstia infecciosa aguda de anos atrás, que marcou a primeira quebra de normalidade saudável, e tratemos essa pelo seu remédio análogo, que não é necessariamente o remédio do estado mórbido imediato, isto é, tratemos a enfermidade básica, possivelmente transmitida, como ele sugere, *in utero*... afinal de contas, isto é apenas uma questão de bom senso! De que vale podar os ramos, quando novos rebentos, de vigor talvez ainda maior, tomam o seu lugar? Cortai na raiz e os ramos morrem. Devemos lembrar-nos dos ensinamentos de Hahnemann, de que o tratamento das doenças infecciosas crônicas, quer na sua fase aguda, quer na latente, se faz com doses únicas dos seus remédios "análogos" ou homeopáticos, dando a cada dose tempo de completar a sua ação.

Por que não se acha a Homeopatia plenamente vencedora? Não será porque os médicos homeopatas, mesmo desde a época de Hahnemann, não praticam e não ensinam senão meia homeopatia, negligenciando, evitando ou excluindo seus mais importantes desenvolvimentos como Hahnemann assinálou? Eis a maior das reclamações do Mestre e também o seu desafio.

"A não ser que o médico imite o seu método, ele não pode esperar resolver o mais alto problema da ciência médica, o de curar essas importantes doenças crônicas, que têm permanecido incuráveis até ao tempo em que eu descobri o seu verdadeiro caráter e tratamento próprio".

E cremos verdadeiramente que se a maioria dos médicos homeopatas seguisse Hahnemann, "adotando os seus processos" a respeito dessas doenças que ele considerava, muito justamente, como parasíticas, mas que tratava como agudas e por consequência curáveis, a Homeopatia em breve se imporá soberanamente. Pode ser de interesse recapitular, muito resumidamente, vários casos ilustrativos, alguns deles já publicados ou mostrados nas Demonstrações Clínicas, que servem de apoio a esta opinião.

. . .

Vários anos de epilepsia numa mulher de 39 anos. Crises pelo menos uma vez por semana. Teve duas vacinações, a última das quais "quase não pegou". Tinha também alguns sintomas típicos de *Thuja* e deram-lhe uma dose única de *Thuja* 10 m. Nunca mais teve outra crise. Vista outra vez, treze anos depois e a cura mantém-se. "Nunca tornou a sofrer outra crise".

Casos de Dor de Cabeça, Asma, Furúnculos, etc. subseqüentes a várias ou más vacinações, foram facilmente curados com *Thuja*; alguns deles publicamos no opúsculo, "Concepção das Doenças Crônicas de Hahnemann". Há aí um caso muito extraordinário de aparente Deficiência Mental.

Nessa conjuntura, disseram à mãe num Hospital Infantil: "Não podemos substituir os miolos; o menino nunca será normal". E a criança parecia, na verdade, um idiota consumado. Na idade de três anos, não sabia juntar duas palavras; comia fezes de cão. Um menino bastante lindo, com olhos vagos, patéticos.

Porque a mãe tinha estado perigosamente enferma com (evidentemente) uma afecção gonorréica com descargas purulentas antes do nascimento do filho, e por causa de duas vacinações em três meses, sem a primeira ter pegado, ministraram ao menino *Thuja* (o grande remédio de Hahnemann para a gonorréia e o grande remédio de Burnett para as vacinações) em três potências, 30, 200, 1 m, em três dias sucessivos. Após o que se deu um milagre, que mal se podia imaginar. Dentro dum mês, quando o tornaram a ver, ele tinha-se transformado numa criança viva, tagarela, observadora e praticamente normal. "O médico do Hospital dissera (apenas dois meses antes): "Não podemos substituir os miolos!" — mas a mãe agora retorquiava-nos: "Mas os senhores podem!"

Depois, os casos de *Tuberculinum bov.* innumeráveis; em que há a história da tuberculose numa família, ou uma história pessoal anterior de quaisquer das manifestações tuberculosas. Como num pequeno caso de Asma, que durava há um ano, numa mulher de 38 anos. Porque a sua mãe morrera de tuberculose, foi o tratamento principiado com uma dose de *Tub bov.* 200. Um mês

depois, dizia ela: "Oh! muitíssimo melhor! Apenas duas vezes acordada pela asma e isso na primeira semana. Sente-se muito melhor e menos resfriada". Passou outro mês e, com um resfriado, ela teve mais um — o seu último — acesso. Mas, entretanto, "voltaram-lhe os antigos sintomas" de oito anos atrás. Vista cinco meses depois, "sem ter tido nenhum outro acesso".

G. C. (43) condutor de bonde, estava doente há três meses com "Reumatismo Subagudo". Durante esse tempo, tivera melhoras parciais e voltara a trabalhar apenas para ter de largar o serviço após uma semana. Em 17 de fevereiro de 1936, entrou no Hospital Homeopático de Londres, com grandes dores, tumefação e sensibilidade ora numa articulação, ora na outra, e uma alteração diária de temperatura que subia a 38,9 e até 39,2. Remédios que deviam ter aliviado o doente nada fizeram. Por fim, em 6 de março, tomando em consideração a história da tuberculose na sua família, foi-lhe dada uma única dose de *Tub. bov. 200*. Após isso, a temperatura baixou em poucos dias, e ao fim de sete dias o doente estava normal, com as articulações saradas. Ficou no hospital mais algumas semanas, para observação. Desde que teve alta, há uns dezoito meses, foi visto, a intervalos, no seu serviço, e em duas ou três ocasiões mais, apenas por uma dor ligeira no pé, deram-lhe outra dose de *Tub bov. 200*, que prontamente o restabeleceu. Tem continuado "muito bem".

CORÉIA, numa menina de 9 anos. Fazendo esgares e contorcendo-se. Temperatura 37,6; coração irregular, abafamento da 1.ª bulha *Hjos.*, dado pensando-se na doença, nada fez. *Notrum mur.*, parecia cobrir os seus sintomas, mas não fez efeito; a temperatura ainda estava a 37,2, e o coração irregular. Mas ela tivera pneumonia duas vezes e uma vez broncopneumonia e assim foi-lhe ministrada uma dose de *Pneumococcin 200*, e em breve melhorou. "Melhor que há muitos anos", disse sua mãe, um mês depois. Quatro meses mais tarde, continuava bem e nunca necessitou de segunda dose.

EPILEPSIA PÓS-GRIPAL. "Desde que teve influenza há um ano, sempre acessos". Acessos fortes várias vezes por semana, com enurese. Também, desde então, tem crises de muito mau humor. Fora tratada sem resultado, durante seis meses, num Hospital Infantil. Deram à menina *Influenzinum 200*, três doses, de seis em seis horas. Não precisou de outro remédio. Os informes que tivemos foram: "Já não tem acessos, e agora não nos incomoda mais que as outras crianças".

Há casos com antecedentes de VARIOLA, de quarenta a cinquenta anos de antiguidade, tratados com *Variolinum*. Um dos nossos médicos disse-nos, há dias, que se tinha convertido à Homeopatia, ao ver que uma pessoa, que sofrera de varíola quaren-

ta anos antes, não só melhorara de saúde e de bem-estar após uma dose ou duas de *Variol. 200*, mas que até do rosto quase lhe tinham desaparecido as marcas profundas da doença. Têm-se visto vários casos desses, em que os amigos perguntam: "Que é que fizeste ao teu rosto?"

POSSÍVEL CRONICIDADE DAS DOENÇAS PARASITÁRIAS AGUDAS

(De "Homeopatia", outubro de 1937)

Vamos descrever dois casos recentes, incompletos, mas muito interessantes e sugestivos, baseados nos processos de Hahnemann sobre "doenças parasitárias crônicas", mas que se estendem às suas "doenças parasitárias agudas", que nunca se supõe serem crônicas, mas das quais contudo nunca se restabelece o doente.

Tais casos abrem um horizonte maravilhoso às possibilidades do tratamento. Além disso, podemos compreender a maneira pela qual algumas das tais doenças parasitárias de persistência não imaginada podem de tal modo corromper a saúde que o princípio vital se torne incapaz de reagir contra pancadas — circunstâncias penosas — outras doenças, que numa pessoa de saúde normal seriam facilmente vencidas ou curadas. No caso de tumores e de enfermidades malignas, seria conveniente inquirir acerca dessa doença muito antiga, "desde a qual o paciente nunca foi o mesmo". Hahnemann diz-nos que essa enfermidade é uma parte do presente quadro mórbido e tem de se tomar em consideração no receituário.

Temos muito que aprender ainda com Hahnemann!

Um caso de "sarampo crônico". (?) beneficiado com o seu "Nosódio"

Julho 23, 1937. Menino de 12 anos, trazido por causa do "coração".

Nunca teve reumatismo, mas teve sarampo aos 7 anos, "hemorrágico, tossindo sangue dos pulmões, muito vermelho e espumoso".

A temperatura era então de 40,5. O pequeno estava muito mal.

"Tem sido examinado todos os três meses pelo médico, mas sem resultado".

Coqueluche aos oito anos. Estêve muito mal.

Não tem sinais de tuberculose.

Não pode comer muito.

Ofegante ao subir escadas e quando se apressa.
Palidez em volta da boca; fica muito pálido se se cansa.
Coração muito irregular.

Não tem realmente sintomas muito característicos, a não ser um grande medo do mar; gosta das trovoadas.

Deram-lhe *Morbillinum* 12, 30 e 200, em três doses, para três dias seguidos.

Setembro 7, 1937. Sua mãe escreve que "parece muito melhor; menos nervoso e esta foi a primeira vez que foi à praia e se pôs a patinhar todo contente. Isso era um verdadeiro desgosto para ele, porque, durante anos, via os outros brincar com a água, sem ter a coragem de fazer o mesmo. Tem bom aspecto e parece que se não cansa tanto. Espero que esteja ótimo quando voltar para a escola".

E outra vez, em novembro, ela informa: "O médico escolar examinou-o e diz que o coração melhorou muito, e que não devo estar apreensiva pelo menino". Ela também diz: "É um rapaz diferente, come e dorme bem, não se cansa tão facilmente e está crescendo e engordando". (O medicamento não tem, pois, sido repetido, visto que prosseguem as melhoras).

"Difteria crônica" (?)

Joan F. 19 anos. Agosto 26, 1937, vem por um "tumor no lado direito do cérebro".

Na aparência, uma monstruosidade.

O olho direito deslocado para baixo, ptose palpebral; o esquerdo, sem visão.

Ambos os lados da cabeça com tumefação.

Totalmente cega e surda.

Só a mãe é que pode comunicar-se com ela, escrevendo com um dedo na palma da mão.

Tratada durante anos num Hospital de Doenças Nervosas de Londres. Levada para outro hospital e logo recambiada.

Cicatriz de operação no lado direito da testa e uma grande cicatriz na nuca.

Há dois anos operada "para a extirpação do tumor", mas foi impossível. Operação na nuca, "extraíram-lhe o osso para aliviar a pressão".

Começou aquilo com uma pequena inflamação que foi crescendo, não mole, mas com grande dor. (Neurofibroma, disseram-lhe).

Passou bem até aos sete anos; então, de repente, uma noite, teve convulsões.

Depois desenvolveu-se uma catarata no olho direito.

Depois surda, do ouvido esquerdo. Depois, do ouvido direito. Depois, o olho esquerdo afetado.

"Desde então, sempre cada vez pior, de todas as maneiras".

A língua tem-se estado atrofiando, no lado esquerdo, há três anos. Está atrofiada e sem cor.

Depois, inchação no lado direito da testa.

Um lado da garganta está paralisado. Os líquidos regurgitam pelo nariz. Por duas vezes, esteve quase para morrer sufocada; ficou inconsciente.

Muitas doses e lacrimejamento nos olhos.

É inteligente, muito paciente, não gosta de apouquentar os outros.

Gosta de estar só, quando sofre.

Pior com o sol e com a luz. *Merc. cy.* 30, três doses.

Setembro 9. "Um pouco mais aliviada. Sente-se abatida. Sempre com frio".

Mas esteve muito mal de *Difteria* aos sete anos; "nunca passou bem desde essa doença". *Diph.* 200, três doses, cada seis horas.

Setembro 23. Muito melhor da dor! A mãe diz que nunca passou noites tão boas com ela. Levanta-se para ver se ela está "bem" e encontra-a sossegada. "A própria Joan não pode compreender isso. Não tem dor!" "O remédio parece endireitá-la! Maravilhoso!"

"Ela tomava morfina, algumas vezes, que a aquietava por algum tempo; mas depois, a dor era maior do que nunca. Mas com este tratamento "não há dor!"

Mas ocorre perguntar: "Que significa isto? A dor era causada pela pressão dos tumores, sempre a aumentarem, sobre os nervos. Significa a sua cessação que o seu crescimento foi detido? Estarão os tumores a decrescer? Sabemos, talvez, isso mais tarde!

No Hospital de Doenças Nervosas, onde a paciente estivera, durante tanto tempo, em tratamento, e onde haviam sido efetuadas as operações, disseram-nos que o diagnóstico era "*Neurofibromatose múltipla e Endotelioma no frontal direito*".

Devemos acrescentar mais que a mãe voltou em 4 de novembro, para dizer: "Maravilhoso! Nem uma pontada de dor! Maravilhoso, depois de doze anos de dores. Nem parece verdade. Dorme bem. Costumava desmaiar (por duas vezes perdeu a consciência) ao levantar-se, mas agora não. Mais forte. A dor e a palpitação atrás do olho desaparecidas completamente. Pensa que vê melhor dum olho. Nem um pouquinho de dor! Maravilhoso!" (E o é realmente! Sem dúvida que o remédio não foi repetido e ainda não precisou de repetição em janeiro de 1938).

Os especialistas, versados nas últimas aquisições da investigação científica, é que podem apreciar melhor o gênio de Hahnemann, a força da sua inteligência, a sua intuição, as suas conclusões. "Deve ter sido inspirado! Como podia saber tanto sem meios de experimentação rigorosa?" Contudo, as suas conclusões são ultramodernas. Não admira que os seus contemporâneos não lhe prestassem atenção e o apelidassem de charlatão ignorante. Para a ignorância satisfeita e presunçosa, a verdade e o conhecimento são apenas coisas grotescas. Até muitos homeopatas, apesar de aceitarem com entusiasmo as suas proposições evidentes por si, mas além disso provadas e confirmadas como o têm sido, pela experiência de cem anos, têm-se sempre retraído em segui-lo até às suas legítimas conclusões; inteligentes e prazenteiros quando lidam com estados agudos, não complicados; obstinados ou hesitantes, quando se trata de "velhos casos crônicos". E isso porque não querem segui-lo, onde ele sabia que eles deviam segui-lo ou fracassar parcialmente; para o domínio das doenças parasitárias crônicas, e seus únicos meios de CURA — por drogas que podem, na sua patogenesia, produzir uma doença homeopática à enfermidade latente, oculta, básica.

Mas a última palavra fica para o antigo précientista. Ele deixou a sua justificação, com calma confiança, à posteridade, ao escrever: "Regozijo-me com os benefícios que a Homeopatia já prestou à humanidade e, com intenso prazer, antecipo o tempo não distante em que, apesar de já não pertencer a este mundo, uma geração futura fará justiça a esta dádiva dum Deus misericordioso, aproveitando-se gratamente dos abençoados meios que Ele prodigalizou para o alívio dos sofrimentos mentais e físicos da humanidade".

E das "Doenças Crônicas", ele escreveu (compreendendo plenamente os anos de dúvida e de trabalho deficiente que precederiam seu triunfo):

"As minhas doutrinas a respeito da exiguidade e da repetição das doses serão postas em dúvida durante muitos anos, mesmo pela maior parte dos médicos homeopatas. A sua desculpa será que "se é bastante difícil acreditar que doses homeopáticas mínimas tenham em absoluto o poder de atuar sobre a doença é quase incrível que doses tão pequenas possam ter influência sobre uma inveterada enfermidade crônica durante dois ou três dias e muito menos durante quarenta ou cinquenta; e também que, durante um espaço de tempo tão longo, se obtenham resultados importantes com essas imperceptíveis doses. A minha proposição, contudo, não é uma daquelas que devam ser compreendidas, nem uma daquelas em que se deva acreditar cegamente... Nem eu a com-

preendo, são apenas os fatos que falam por si próprios. A verdade da minha proposição quem a demonstra é a experiência, na qual eu tenho mais fé que na minha inteligência. Quem se atreverá a pesar as forças que a Natureza oculta nas suas profundezas? Quem duvidará da sua existência?... Quem pensaria que as virtudes medicinais das drogas podiam ser desenvolvidas numa série infinita de graus, pela trituração e agitação da matéria bruta? Arriscará o médico alguma coisa imitando um método que eu adotei, depois de longa experiência e observação?"

A não ser que o médico imite os meus métodos (dose (*), repetição, potencialização) ele não pode esperar resolver o mais alto problema da ciência médica, o de curar essas importantes doenças crônicas que, na verdade, permaneceram incuráveis até à época em que lhes descobri o seu verdadeiro caráter e tratamento próprio. Cumpri o meu dever comunicando ao mundo as grandes verdades que tenho descoberto. O mundo estava tristemente necessitado dela... Se os médicos não praticarem cuidadosamente o que eu ensino, que não se gabem de serem meus discípulos e, acima de tudo, que não esperem ser bem sucedidos nos seus tratamentos".

(*) A exiguidade da dose é questão geralmente pouco conhecida pelos clínicos principiantes. Não só a potência deve ser infinitesimal, mas as doses têm também de ser muito pequenas, e quanto mais alta a potência, menor a dose, com o risco dum agravamento que pode fazer duvidar o médico da indicação do remédio. Hahnemann diz: "Uma dose demasiado grande dum medicamento, apesar de homeopático ao caso, será prejudicial, não só na proporção direta à magnitude da dose mas também ao seu grau de similitude homeopática e ao grau de potencialização do remédio. Será muito mais prejudicial que uma dose igualmente grande dum medicamento não homeopático, improprio sob todos os aspectos para a doença. A doença medicamentosa artificial, semelhante, provocada nas partes afetadas do corpo pela dose excessiva, e o princípio vital reagente, elevar-se-ão a uma altura prejudicial, ao passo que a mesma doença medicamentosa semelhante, contida dentro dos limites próprios, teria suavemente efetuado a cura... O poder curativo será maravilhosamente aumentado proporcionalmente à redução da dose a esse grau de exiguidade em que ela exercerá suave influência curativa... A menor dose de medicamento homeopático operará principalmente nas partes molestadas do corpo, que se tornaram extremamente susceptíveis a um estímulo, semelhante à sua própria doença".

Os médicos práticos dão meio drácula de glóbulos minúsculos numa dose. A inexperiência, na sua ansiedade perante (talvez) um bebé moribundo, ministrará doses de grãos, possivelmente de potência muito alta; em lugar de alguns pequenos glóbulos metidos dentro da boca, ou usados para medicar uma colher de chá cheia de água, da qual se dá uma gota, mais ou menos, ao bebé para uma dose.

Hahnemann, o mais arguto dos observadores, e com muitos anos de experiência atrás de si, foi, em muitos casos, na redução do número de glóbulos ministrados, até UM. E que ele trabalhava como ensinava (não só em infinitesimais em potência, mas também em doses mínimas doses infinitesimais) evidencia-se pelas pequenas caixas no átrio do nome Hospital de Londres, onde os seus pequenos frascos de glóbulos pequeninos estão à vista... Ninguém deve ter à mão, para pronto emprego, senão os mais diminutos glóbulos; e estes operam mais magnificamente quando usados com estrita economia.

Os nossos mais reputados clínicos empregam hoje os seus remédios na forma mais reduzida de glóbulos. Ministram alguns destes sobre a língua, para serem chupados antes de se engulirem, ou dissolvidos num pouco de água, se é para várias doses; ou colocados em pequenas partículas de açúcar fino, para impedir que se percam quando o papel é negligentemente aberto.

E antigos e sábios clínicos costumam enviar um "excerto" de alguma potência necessitada por algum colega, pelo correio — apenas meia drácula de glóbulos. Esses medicamentos álcool, do qual uma gota umedece e medeia um frasco de glóbulos pequeninos para uso. (Se quando agitados, se vê que esses aderem ligeiramente, é que estão medicados).

APÊNDICES

O REPERTÓRIO DE KENT

Com o nosso reconhecimento ao DR. GIBSON MILLER, ao DR. WEIR (de cujas preleções este apêndice é principalmente reproduzido) e ao DR. BORLAND.

Quando pensamos na perplexidade e desespero do não iniciado empenhado na sua primeira investida com o estupendo Repertório de Kent, ficamos obcecados pela velha história daquele homem da Etiópia, grande autoridade, sentado na sua carruagem, lendo enquanto viajava, de quem se aproximou um estranho que lhe fez a pertinente pergunta:

— Entende V. S. o que lê?

A pronta resposta:

— Como poderei entender, a menos que alguém me guie?

“Como poderei entender, a menos que alguém me guie?” Há labirintos onde muito necessitamos de um “novêlo de seda”. O Repertório de Kent é tal labirinto. Com o fio na mão, poderemos penetrar facilmente até seus mais profundos recessos. Mas, sem o novêlo, estaremos irremediavelmente perdidos.

Uma interrogação: poderão os médicos treinados desde o começo na Homeopatia avaliar as dificuldades dos que nunca foram treinados e tiveram de decifrar tudo por si mesmos? Nem sequer avaliam as dificuldades quase insuperáveis de tal trabalho aos privados do mais simples novêlo para o esquema em que é compilado, do princípio ao fim, o Repertório. Uma vez dominado o esquema, o resto é a própria simplicidade. Podemos encontrar num momento o que queremos.

Mas, que é que queremos?... Temos de aprender isso também! Pois, sem o conhecimento do que *de fato* queremos, sem a muito importante graduação dos sintomas (i. e. a compreensão do seu valor comparativo) — a vida é muito breve para usar o Repertório como guia habitual de prescrição, mesmo conhecendo a fundo a sua construção. E, a não ser que *de fato* o usemos assim e assim manejamos os nossos casos, seremos incapazes de utilizá-lo ou de nele confiarmos em casos de urgência, em que daríamos a própria alma por um remédio salvador.

De minha parte, posso compadecer-me e compreender, pois bem me lembro de minhas próprias dificuldades. Até ouvir pela primeira vez a preleção do Dr. Weir sobre o assunto, há três anos atrás, apesar de ter trabalhado com grande número de repertórios durante anos, comparando-os, no esforço de deles deduzir algo simples e facilmente manejável, devo dizer que andei desesperadamente às apalpadelas com o de Kent — especialmente nas seções de dor — e não tinha a mais vaga noção de como encontrar o que queria. Rubrica após rubrica, num espaço de algumas páginas, pareciam ser quase o mesmo cabeçalho e entretanto tinham diferente lista de remédios. O mesmo campo parecia abrangido repetidas vezes, com resultados diferentes. Como iria eu escolher a rubrica exata e ficar segura do remédio?

Portanto, lembrando minhas próprias experiências como uma das grandes profanas e a iluminação que me veio de uma preleção que julguei então uma das mais importantes dentre uma importante série de preleções, quando me chegou recentemente o apêlo, sob a forma de dois pedidos urgentes, um deste país e outro da América, para que compusesse este trabalho, senti que devia corresponder-lhe, que devia tentar a reprodução, pelo menos parcial, da matéria daquela preleção, de modo que outros também lhe apreendessem o sentido e ficassem "emancipados" do Repertório.

Ser chamada a falar e ensinar diante dos próprios olhos de críticos e peritos é coisa não pouco alarmante. Entretanto, sinto ser capaz de lidar com o assunto mais felizmente do que a mais alta autoridade dentre todos ou do que os homens que ele treinou (os quais, por sua vez, ensinaram-me tudo o que sei), simplesmente porque sou a única dentre todos a ter experimentado as dificuldades do não iniciado. Eles não as experimentaram! Portanto, aos não iniciados ofereço esta tentativa de auxílio, confiando em que, na discussão que se seguirá, os críticos e peritos indiquem qualquer erro ou engano e em que o próprio Dr. Kent seja levado a endossar ou refutar o exposto. O assunto é URGENTE, se a Homeopatia deve predominar. Nada vale, nestes dias, a não ser o melhor trabalho.

Mas, antes de considerar onde procurar o que queremos, paremos um momento para considerar o que queremos encontrar. Pois, saber bem o que queremos encontrar simplificará o nosso trabalho e limitará grandemente o nosso esforço.

O que queremos encontrar é, é claro, o remédio homeopático. Isso é o que vamos descobrir no Repertório.

Mas, que é o remédio homeopático? Ora, o remédio homeopático é sempre a droga que, na sua patogenesia, exhibe os sintomas mórbidos do presente paciente que queremos curar.

Para começar, *paciente presente!* Sintomas do paciente, não necessariamente sintomas da doença pela qual ele nos consulta.

Hahnemann diz que o médico deve dar-se conta de que não são doenças que lhe interessam mas pessoas doentes. Num paciente devemos ver uma pessoa que sofre; um indivíduo que se desvia do normal da raça e da sua própria normalidade; um mortal em desarmonia, até certo ponto, com o ambiente, físico ou mental e portanto, aflito.

Se os senhores tratarem um caso de doença meramente pelo nome e se tentarem apanhar essa doença pelo Repertório e pela Matéria Médica, é muito improvável que descubram o remédio curativo. Para começar, as experimentações com as drogas raramente foram levadas tão longe, a ponto de produzirem lesões patológicas. Se o seu trabalho baseia-se em alterações patológicas, o senhor está perdido. Mesmo supondo que muitas drogas tivessem sido levadas a ponto de produzir pneumonia, por exemplo, cada qual produziria não somente uma pneumonia com sintomas peculiares, mas também daria origem a sintomas peculiares a cada experimentador, de maneira que, para curar, seria ainda necessário individualizar. Sabem os patologistas que as drogas produzem pneumonia ou ciática; o que não sabem é que elas produzem uma ciática ou uma pneumonia modificada.

O que os senhores têm de descobrir é o remédio que o próprio paciente necessita, o remédio que lhe corresponde, a corpo e alma — e mais especialmente à alma! Os senhores necessitam o remédio individual do doente, o remédio pelo qual os seus sintomas clamam (sintomas a ele inerentes e não dependentes de lesões patológicas, de sua "óbvia anatomia mórbida").

Assim sendo, poderão verificar haver grande número de sintomas, bastante presentes para o doente, que os senhores descartarão de imediato, pois não os auxiliarão na menor parcela na pesquisa do remédio. Um paciente com ancilose é necessariamente rígido. A rigidez apegase ao doente; por causa dela — o doente apegase ao médico, pois ela limita-lhe os movimentos e reduz-lhe as atividades. Mas a rigidez não os auxiliará na pesquisa de um remédio para esse paciente! É sintoma comum, inevitável em casos de ancilose, explicado pelas alterações patológicas.

Uma dispnéia, com uma tireóide hipertrofiada, encravada parcialmente atrás das clavículas, é intensamente penosa para o paciente; mas não seria sintoma importante (a não ser que qualificada), no que diz respeito ao trabalho repertorial. Seria sintoma "comum", com tal lesão, dependente de causa mecânica. A droga, a não ser que tivesse sido levada a ponto de produzir justamente tal lesão, não precisaria ter *Dispnéia* em negrito! Uma dispnéia, pelo contrário, com nada de mecanicamente gros-

seiro para explicá-la, poderia levar-nos à consideração de certos remédios, especialmente se qualificada por alguma modalidade, como "pior em tempo úmido, ao despertar, durante o sono". Novamente, *frequência das micções*, com uma proliferação mórbida encravada na pelve, não nos auxiliaria na escolha de um remédio. Seria sintoma secundário a alteração patológica grosseira; não sintoma que expressasse a própria paciente, mas meramente dependente de pressão mecânica, prontamente aliviado pela remoção do tumor.

Sintomas, pois, dependentes de causas mecânicas, não expressam o paciente e são inúteis para prescrever-se homeopaticamente. Podem, é certo, conduzir a um medicamento mais ou menos paliativo, paliativo para a aflição premente. São inúteis para a seleção do remédio curativo.

Assim, antes mesmo de abrir o repertório ou de mergulhar no turbilhão das drogas, poderemos descartar todos os sintomas dependentes de lesões grosseiras e assim reduzir um pouco o trabalho. Isso quer dizer, *examinem sempre o doente com cuidado, antes de começar com o repertório.* Assegure-se de que os sintomas são peculiares ao próprio paciente, característicos do próprio paciente e não secundários à doença. Mas lembrem-se: os senhores não poderão eliminar sintomas dependentes de uma doença que não diagnosticaram!

Além dos sintomas patológicos, há SINTOMAS COMUNS. Esses também não nos auxiliarão grandemente. De fato, não nos auxiliarão nada, a não ser que qualificados. Darão imenso trabalho se escolhermos começar com eles.

Os sintomas comuns são de duas espécies: os comuns à doença, meramente diagnósticos, não mostram como o paciente reage a esse particular "agente morbífico", como diz Hahnemann; e os comuns a enorme número de drogas e portanto inúteis na seleção de um remédio — tais como diarreia, vômitos, suor excessivo, dor de cabeça. Os sintomas comuns não servem para distinguir e os senhores precisam distinguir, se quiserem apanhar a verdadeira droga. Tomemos a questão da sede: o doente está com febre e tem sede intensa. É sintoma comum. Na verdade, duplamente comum, pois a sede é comum a muitos medicamentos e a muitas febres. Devemos ter algo mais, algo que distinga e qualifique o sintoma, que o torne útil para nós. E no entanto o sintoma é geral e no que diz respeito ao paciente — urgente. Perguntemos mais e vejamos se podemos utilizá-lo. Suponhamos que a sede seja a uma determinada hora; ou somente na fase de calefrio; ou antes do calefrio; ou sede para grandes porções de água; ou para pequenas porções; ou que haja ausência de sede só na fase de calor; ou sede intensa sem vontade de beber. Ora, essas coisas são peculiares a indivíduos e a poucas drogas, sendo

portanto de importância. Grife-as. São distintivas. Os senhores poderão usá-las como auxílio para encontrar o remédio. Vêm os senhores como um sintoma comum e inútil pode transformar-se em sintoma "estranho, raro e peculiar" de Kent, "e portanto em sintoma geral — pois os estranhos, raros e peculiares devem aplicar-se ao próprio paciente".

E assim é o caso com todos os sintomas comuns, quer gerais do paciente, quer particulares a suas partes — diarreia, vômitos, dores localizadas, dor de cabeça — os próprios males para que os pacientes vêm pedir auxílio! Vejam que rubricas enormes, contendo quase todos os medicamentos! Não os ajudarão nem um tico. Nunca comecem por eles. São absolutamente inúteis a não ser que possam pegar algo que os qualifique, que os distinga, que seja peculiar a ESTE doente com diarreia ou dor de cabeça — nessas condições, um sintoma comum, qualificado, poderá auxiliá-los no seu trabalho.

Mas, se não podemos conservar os distúrbios de que o paciente se queixa e se não podemos reter os sintomas urgentes e aflitivos, dependentes de lesões, que é que, em nome de Deus, devemos conservar? Quais são os sintomas que de fato denotam o paciente? Quais os sintomas por que devemos começar? E como devem ser graduados os sintomas, quanto à sua importância relativa?

Kent (segundo estreitamente Hahnemann, nisso como em tudo) define bem os sintomas de primeiro grau, os de suprema importância, os que expressam absolutamente bem o paciente: são esses os sintomas MENTAIS. Eles, se são nítidos, dominam o caso.

Os senhores podem encontrar pacientes intensamente ciumentos ou desconfiados ou lacrimosos ou indiferentes aos entes amados ou que se retraem e não toleram a simpatia e o consolo. Na doença, essas coisas aparecem. Frequentemente, na doença, a própria natureza parece mudar: os temerários e descuidados tornam-se tímidos em relação a si e aos outros; os de bom gênio, mal-humorados; os irritáveis e agitados, pacientes. Se um traço mental é nítido, especialmente se denota alteração do normal do paciente, é da maior importância para o caso e sabemos que deverá estar no mesmo tipo, tanto na rubrica quanto no paciente — o que significa que somente medicamentos com as maiores graduações terão probabilidades de ajustar-se ao caso. Se o sintoma não é muito nítido, tome cuidado quanto ao modo de usá-lo para eliminar drogas: se a rubrica é muito pequena, conserve-a, mas tome conjuntamente uma rubrica maior que mais ou menos inclua o determinado sintoma. Não se arrisque a perder o remédio por causa de mental impreciso ou de rubrica muito curta. Mas, se o sintoma é muito nítido, os senhores sa-

berão que o remédio que procuram deve estar entre os medicamentos dessa rubrica — e portanto poderão limitar o trabalho. Diz Kent: "Na repertorização de um caso, devemos fixar-nos nos sintomas que NÃO PODEM ser omitidos em cada indivíduo". Um mental assim nítido — os mentais pertencem aos mais altos graus! — seria um dos sintomas que NÃO SE PODEM omitir nesse indivíduo — portanto o remédio deve estar aqui. Podemos, portanto, usá-lo como sintoma eliminador, a ser comparado com todas as rubricas subsequentes, com isso descartando as drogas que não aparecem nessa primeira lista essencial. Com esse guia, esse forte sintoma eliminador, vindo por assim dizer diretamente do "centro do coração do doente", podemos repassar as rubricas que correspondem aos sintomas do paciente, em ordem (i. e., primeiro os mentais, depois os gerais e depois os particulares com suas modalidades), tomando de cada lista apenas os medicamentos que aparecem nessa primeira rubrica (ciúme mórbido ou o que quer que seja), mas pegando todos esses medicamentos cimentos de cada lista subsequente. Dêsse jeito podemos trabalhar rapidamente até encontrar o remédio que se adapta ao paciente com um todo.

Mas isso significa muita coisa! Para eliminar com segurança, devemos colher os sintomas a sério, não levemente. Devemos estar absolutamente seguros de que os sintomas são reais e precisos, de que eles exprimem de fato o paciente. Teremos de fazer muitas perguntas para extrair poucos sintomas de valor. Devemos estar completamente seguros de que nós e os nossos pacientes queremos dizer a mesma coisa. Podemos cair em muita armadilha!

Mesmo os sintomas mentais têm graduação. De primeira ordem, em importância, estão os relacionados com a VONTADE, com o amor e o ódio, a desconfiança e o medo. Ela odeia o filho — é ciumenta — tem medo de doença, da solidão — esses sintomas estão entre os mais altos mentais.

Em segundo grau, os que afetam o ENTENDIMENTO — alucinações, delírio, perda do senso de proporção, com amplificação de ninharias, mania de grandeza ou de perseguição.

Em terceiro e último grau, os sintomas relacionados à MEMÓRIA.

A seguir, aqueles sintomas, como diz Kent, "estranhos, raros e peculiares e portanto entre os mais altos gerais, pois estranhos, raros e peculiares devem aplicar-se ao próprio paciente". Devem eles ocupar lugar elevado na pesquisa do remédio. Mas lugar que depende talvez da graduação, pois um mental peculiar ocupará posição mais elevada do que mero sintoma peculiar local. Muitos deles são indicativos de uma ou duas drogas apenas.

Anotem-nos em lugar alto na lista, mas usem-nos com cuidado. Como diz Kent: "O grande mal das notas tónicas é que delas se abusa. São muitas vezes sintomas característicos. Mas, se as notas tónicas forem tidas como definitivas e os sintomas gerais não concordam, aí então virão os insucessos". Na realidade, apagar um sintoma e curar um paciente não são sinónimos.

Uma droga, nas experimentações, pode somente evocar em cada caso o que já lá estava, latente no experimentador — do mesmo modo que a doença revela os pontos fracos — e portanto não afeta dois pacientes exatamente da mesma maneira. Por a mostra o quadro todo de uma patogenesia requer muitos experimentadores, de tipos diferentes e de diferentes falhas de resistência. Tivessem muitas drogas sido mais extensamente experimentadas e muitos mais sintomas "raros, peculiares e distintivos" teriam provavelmente visto a luz do dia. O remédio individual do próprio paciente, prescrito por sintomas mentais e gerais, varrerá muitas vezes sintomas peculiares, que nunca foram registrados como tendo sido produzidos, e que são impressionantes notas tónicas de algum outro medicamento. Portanto, cuidado com o tomar sintomas raros e peculiares, com apenas uma ou duas drogas a seu crédito, como eliminadores. É fácil, mas muitas vezes fatal. Podem pô-los diretamente no caminho certo (se o resto do caso se ajusta), como podem pô-los diretamente no caminho errado! Não osem usá-los nunca para eliminação de drogas. Não havendo nada nos sintomas gerais que os contrarie, fornecem eles forte razão para a apresentação de um remédio que os produz e os cura. São muitas vezes valiosos para dar o voto de Minerva. Como diz Kent: "Obtenha os sintomas fortes, estranhos e peculiares e depois VERIFIQUE SE NÃO HÁ NO CASO SINTOMAS GERAIS QUE SE LIHES OPONHAM OU QUE OS CONTRARIEM".

Mas, pode não haver sintomas mentais nítidos mas ser o paciente muito friorento, completamente intolerante ao frio. Em tal caso, podemos muitas vezes, ao manejar o caso, limitar o trabalho eliminado de cada rubrica os remédios quentes, intolerantes ao calor. Pelo contrário, se o paciente é calorento, intolerante ao calor sob todas as formas, somente os remédios quentes de cada rubrica necessitam consideração e podemos eliminar os friorentos. Mas, para serem usados com segurança, tais sintomas devem, é claro, ser gerais ao paciente como um todo e não particulares (pois sintomas gerais e particulares são muitas vezes flagrantemente contraditórios) e ser bem nítidos. Se usados levemente, há sempre o risco de eliminar logo no começo o remédio que necessitamos. Esse medo de perder o remédio é que leva alguns de nós a empregar enorme soma de trabalho nos seus casos e a usar métodos que Kent descreve como "duros e árduos, acarre-

tando trabalho enormemente maior do que o que ele usa nos seus casos". Ele estigmatiza isso como "trabalhar morro acima".

Além de medicamentos quentes e frios, Kent tem uma rubrica menor de drogas afetadas pelo calor e pelo frio. É útil quando os pacientes são intolerantes aos dois extremos de temperatura. Os senhores observarão que há nessa lista medicamentos ao mesmo tempo frios e quentes. Ocorre ela na pág. 1312 do Repertório.

E agora, apelando para que se manifestem e critiquem, inserirei uma lista de graduações, como mais ou menos as entendemos. Diz Kent em carta particular, de que venho fazendo citações: "O estudante e o médico devem especificar ao máximo os sintomas — gerais, comuns e particulares, se quiser poupar trabalho". A compreensão da importância relativa dos sintomas típicos de um caso é essencial a um trabalho melhor e mais rápido.

MENTAIS:

VONTADE — amor, ódio, medo.

ENTENDIMENTO — alucinações, delírio.

MEMÓRIA

ESTRANHOS, RAROS E PECULIARES:

Podem ocorrer entre mentais, gerais e particulares e devem portanto ser de importância e categoria variáveis.

FÍSICOS:

Perversões sexuais (amor e ódio, físicos) ou os sintomas referentes ao estômago, como desejos e aversões pelos alimentos, por comidas e bebidas quentes e frias; apetite; sede.

FÍSICOS GERAIS:

Reações ao frio e ao calor, ao horário, à secura e umidade, à eletricidade, ao oxigênio e ao anidrido carbônico, à menstruação, à posição, gravidade, pressão, movimento, enjôo em veículos etc.
Agravações e melhoras pelos alimentos.

CARATER DAS SECREÇÕES.

PARTICULARES (referentes a alguma parte e não ao todo): — sempre qualificados.

Desses últimos, diz Kent: "Não espere que um medicamento que tenha os gerais tenha de ter todos os pequenos sintomas. É perda de tempo ir atrás de todos os sintominhas, se o remédio tem os sintomas gerais. Nada me perturba mais do que as cartas compridas que recebo de médicos, mostrando o quanto per-

deram tempo com particulares inúteis. Particulares comuns são geralmente inúteis".

"Obtenha os sintomas fortes, estranhos e peculiares" (vale a pena repetir!) "e depois VERIFIQUE SE NÃO HÁ NO CASO SINTOMAS GERAIS QUE SE LHEM OPONHAM OU QUE OS CONTRARIEM".

Outra citação: "Percorrendo uma lista de sintomas, descubra primeiro três, quatro, cinco ou seis (ou quantos sintomas existam) que sejam estranhos, raros e peculiares: maneje esses em primeiro lugar. Esses são os mais altos gerais, pois "estranhos, raros e peculiares" devem aplicar-se ao próprio paciente. Quando tiver focalizado três, quatro ou seis remédios que tenham esses sintomas gerais, procure qual deles é mais semelhante ao resto dos sintomas do paciente, comuns e particulares.

Na repertorização de um caso, devemos fixar-nos nos sintomas que NÃO PODEM ser omitidos em cada individuo. Se ele piora pelo movimento, não podemos omitir isso, a não ser que seja comum, isto é, devido à inflamação (toda a articulação inflamada, inchada, piora pelo movimento e daí, neste caso, a agravação pelo movimento não vale muito). Agravação pelo consolo, ela odeia a mãe, ela odeia os filhos, ela piora pela música, fica triste antes das menstruações, friorenta durante as regras, durante a evacuação, durante a micção — Está sempre muito encolada, agrava em um quarto quente, anseia por ar livre, todos os sintomas vêm quando muito agasalhada etc. etc. Vá eliminando com esses sintomas e veja depois quantos medicamentos sobram: talvez somente uns três ou quatro, talvez um só. Verifique se há no caso algo que se oponha a esse único. Se nada houver, prescreva-o então. Se vir as notas tónicas de *Arsenicum*, veja a seguir se o paciente é friorento, sensível ao ar, medroso, inquieto, fraco, pálido, precisa endireitar um quadro que esteja torto numa parede — e *Arsenicum* curará.

Ou, se as notas tónicas se parecem com *Pulsatilla*, verifique se ela não é friorenta, se gosta de janelas abertas, quer passear ao ar livre, melhora com o movimento, se é chorosa, meiga... O grande mal das notas tónicas é que delas se abusa. São muitas vezes sintomas característicos. Mas, se as notas tónicas forem tidas como definitivas e os sintomas gerais não concordam aí então virão os insucessos".

Vamos agora, finalmente, ao REPERTÓRIO! Já sabemos o que queremos. Vejamos onde encontrá-lo.

No Repertório, a questão é *Alfa e Ômega*, o princípio e o fim, o primeiro e o último: os MENTAIS na primeira seção, as GENERALIDADES (ou GERAIS) no fim, na última seção. São essas seções as que mais nos importam. Muitos casos crônicos poderão

ser manejados somente com mentais e gerais e os sintomas particulares, veremos, enquadram-se maravilhosamente.

Observe que nos Mentais, no começo, nos Gerais, no fim, e em todas as seções intermediárias, de capa a capa, *persiste o mesmo arranjo*, de modo que podemos assenhorearmo-nos dele logo e para sempre. Por toda a parte o arranjo é o mesmo:

Primeiro, HORARIO.

A seguir, as CONDIÇÕES, em ORDEM ALFABÉTICA.

Depois, se for caso de dor — LOCALIDADE, CARÁTER e EXTENSÃO.

Tomemos um sintoma mental, na primeira seção, por exemplo — *ansiedade*.

Primeiro, sempre, o HORARIO: ANSIEDADE — de manhã; à tarde; à noite; em alguma hora especial.

Depois, as condições em que foi observada *ansiedade*, em ordem alfabética: ANSIEDADE — ao ar livre; na cama; como se tivesse a consciência pesada; durante a febre; em relação a outros; antes das regras; sobre a salvação da alma; ao despertar...

Vamos agora à última seção do Repertório — as Generalidades ou GERAIS. Teremos aqui as agravações, melhoras e reações do paciente ao ambiente como um todo. Encontraremos aqui novamente o mesmo arranjo.

Primeiro, em relação ao HORARIO: o paciente agrava no seu geral de manhã, ao meio-dia, à noite, em tal ou tal hora. Quando não há nada especificado, compreende-se sempre que há agravação: "ao despertar" quer dizer *pioer ao despertar*. É normal melhorar pelo sono. Não se repertoriza o que é normal!

A seguir, após o horário, vêm as condições gerais do paciente, como um todo, em ordem alfabética. Essas condições aplicam-se ao geral do paciente (as agravações de suas várias partes — cabeça, pele, estômago, membros — ocorrem anteriormente, cada uma em sua própria seção).

Entre essas Generalidades, no fim do livro, encontramos *pioer e melhor pelo banho e por lavar; pelo frio; pela umidade e secura; pela posição, movimento, pressão, pelo comer, sono e assim por diante*.

Aqui também, inserido alfabeticamente, encontraremos quase tudo o que há de *patologia* e não é muito. Também certas condições, alfabeticamente colocadas, tais como: *desmaio; convulsões; plenitude; dores em geral* — o seu início, gradualmente súbito; seu *desaparecimento*, do mesmo modo, com as combinações; o caráter, queimante, irradiante, de pressão etc e a sua direção, para cima, para baixo, para dentro, para fora, de tra-

vés. (Em outros lugares, em seções diferentes, devemos procurar as dores particulares, localizadas na cabeça, membros, juntas e órgãos).

Abaixo dessas rubricas mais amplas, como p. ex. *desmaios, convulsões*, encontraremos novamente qualificações, agravações e melhoras, reinando a mesma ordem em todas elas, até nas menores subrubricas: HORARIO, primeiro, depois CONDIÇÕES, alfabeticamente. Por exemplo: DESMAIO, de manhã; depois de meia-noite; a tal e tal hora; durante a febre; antes ou depois de comer; pelo esforço; depois das menstruações; ficando de pé e uma porção de outras.

Há também alguns GERAIS, esparsos pelas seções anteriores — devemos saber onde encontrá-los. *Desejos e aversões em relação a alimentos* serão encontrados na seção ESTÔMAGO, assim como *fome e sede* (essas últimas com as suas modificações e qualificações em relação ao horário e às outras condições, em ordem alfabética). Observe que, enquanto que *fome e sede, desejos de e aversões* por diferentes espécies de comidas estão colocados na seção ESTÔMAGO — as *agravações e melhoras por comer e beber e pelas diferentes espécies de comida e bebida* encontram-se (a maioria na rubrica ALIMENTO) nas GENERALIDADES, no fim do livro.

Do mesmo modo, enquanto que a agravação e a melhora, em geral, relacionadas com a função menstrual, colocam-se em Generalidades — todas as condições menstruais importantes acham-se na seção ÓRGÃOS GENTAIS FEMININOS. Sintomas particulares sobre modificações menstruais estão espalhados do princípio ao fim do livro. Por exemplo: vários estados mentais modificados pelas regras serão encontrados na seção MENTE; várias dores de cabeça modificadas pelas regras, na seção CABEÇA; incômodos gástricos ou abdominais modificados pela menstruação, na seção ESTÔMAGO ou ABDOME.

Em tudo e por tudo persiste o mesmo arranjo. *O melhor e o pior do paciente como um todo* ocorre sempre em GENERALIDADES; *o melhor e o pior de uma parte ou de um órgão* (PARTICULARES) encontra-se sempre no lugar apropriado, em CABEÇA, ESTÔMAGO, PEITO, EXTREMIDADES.

Entre MENTE, no começo e GENERALIDADES, no fim, o grosso do livro, no meio, com essas poucas exceções, diz respeito a PARTICULARES, isto é, não ao paciente como um todo, mas às suas várias partes.

Tomemos agora as dores nas extremidades, o que há de mais alarmante e estonteante para o neófito; ocupam mais de 120 páginas e são absolutamente sem remédio se não houver conhecimento do arranjo.

Começam, como sempre, com o que é mais geral: DORES NAS EXTREMIDADES EM GERAL. Primeiro, o HORÁRIO, depois as usuais condições modificantes em ordem alfabética, p. ex., durante o calafrio; estando deitado; durante as regras; reumáticas; alternando com diferentes incômodos; erráticas, mutáveis; no tempo frio e assim por diante.

A seguir, DORES DE LOCALIZAÇÃO GERAL, nos ossos, músculos flexores, articulações, juntas, tendões, sempre qualificadas com várias condições, primeiro em relação ao horário e o resto em ordem alfabética.

Depois, DORES localizadas nos MEMBROS SUPERIORES EM GERAL, à direita; à esquerda; com as mesmas condições (primeiro de horário e o resto alfabeticamente); depois as EXTENSOES.

Depois do membro superior como um todo, Kent vai agora às partes: OMBRO, BRAÇO, COTOVELO, ANTEBRAÇO, PUNHO, MÃO, DEDOS, com todos os pormenores, indo até os dedos, um por um, com juntas, unhas e ponta dos dedos. De cada vez, as mesmas condições, na mesma ordem — horário, outras condições, alfabeticamente e por fim extensão.

Assim dispostos os membros superiores, entram agora os MEMBROS INFERIORES, precisamente da mesma maneira, com os mesmos pormenores e o mesmo arranjo. E assim terminam as localidades em geral.

Kent, a seguir, considera o CARÁTER DA DOR e, sob várias rubricas — DOLORIMENTO, dor QUEIMANTE, CORTANTE, REPUXANTE etc. — começa tudo de novo! Por exemplo:

DOLORIMENTO, em geral, com HORÁRIO e outras CONDIÇÕES.

DOLORIMENTO nos OSSOS, ARTICULAÇÕES, MÚSCULOS FLEXORES.

DOLORIMENTO nos MEMBROS SUPERIORES, com horário, outras condições, extensão.

A seguir, DOLORIMENTO em todas as LOCALIDADES em ordem, primeiro nos membros superiores, depois nos inferiores, com as usuais condições, primeiro em relação ao horário, depois as outras e por fim extensão.

E assim, através de todas as várias espécies de dor, queimante, pressiva, irradiante, rasgante, cada qual passando por todas as localidades, desde as mais amplas e mais gerais até as menores e mais particularizadas, sempre com as condições de horário, outras condições e extensão. Na verdade, um trabalho assombroso.

E assim já nos familiarizamos com o Repertório, pois, onde quer que ocorra DOR, quer na CABEÇA, ESTÔMAGO, BEXIGA, COSTAS, o arranjo é precisamente o mesmo:

Primeiro, DOR EM GERAL, em relação ao horário e outras condições — essas últimas sempre em ordem alfabética.

Em seguida, DOR LOCALIZADA, em relação ao horário, outras condições e extensões.

Depois, CARÁTER DA DOR EM GERAL, com horário, outras condições, extensão.

Vem depois o CARÁTER DA DOR RELACIONADA A CADA LOCALIDADE POR SUA VEZ, sempre com horário, outras condições e extensão.

O homeopata já está familiarizado com o arranjo mais amplo do Repertório, pois é o da Matéria Médica. Concluindo, lancemos um olhar por esse arranjo: há uns pontos difíceis na busca do que desejamos.

Percorramos o livro, pela ordem das seções.

MENTAIS — Aqui, especialmente, precisamos ler constantemente e comparar. Muito freqüentemente teremos de conceber a idéia e recorrer a sinônimos, para encontrar precisamente o que queremos. Às vezes teremos de combinar rubricas. Entre os sintomas mentais, as subseções são muitas vezes mais importantes do que as listas de rubricas maiores e mais gerais. CHORO é rubrica muito longa e comum a muitíssimos medicamentos. Mais abaixo é que está qualificada: CHORO a certas horas; alternando com alegria; sem motivo; o consolo agrava; ao relatar os sintomas; pela música — essas coisas individualizam e nos levam para mais perto do remédio. Vale a pena estudar constantemente os Mentais e saber exatamente o que podemos encontrar e sob que fraseologia precisa. Observe que SENSÍVEL À LUZ, ao BARULHO, aqui se encontram, ao passo que SENSÍVEL A CHEIROS vem em OLFATO agudo, na seção NARIZ.

TONTURAS — Há aqui várias rubricas que denotam levitação. Encontramos aqui sensação de afundamento, tendência a cair à direita, à esquerda etc.

CABEÇA — Inclui cabelo. Encontramos aqui todas as dores de cabeça e sensações na cabeça. Encontramos também, somente em relação à cabeça, o que já havíamos notado em GENERALIDADES, para dores em geral, isto é, dores crescendo e decrescendo súbita ou gradualmente e as suas combinações.

OLHOS — A seção VISÃO vem separada.

OUVIDO — Com purgação e dores. Separadamente, a seção AUDIÇÃO.

NARIZ — Incluída a sua função — olfato.

BÓCA — Inclui língua, entrelaçada entre todas as rubricas. Há uma seção separada para DENTES. Encontramos língua saburosa em BÓCA — Discromia.

Da boca para baixo vem o tubo digestivo, mas antes GARGANTA, com amígdalas, úvula, esôfago.

Na seção seguinte, Kent insere GARGANTA EXTERNAMENTE, com gânglios cervicais e tireóide. Essa seção é sempre difícil de achar.

ESTÔMAGO — Contém importantes Generalidades — desejos e aversões em relação a espécies de comida e fome e sede. Como já dissemos, melhorado e agravado por comer e beber como também por diferentes alimentos — encontram-se em Generalidades.

ABDOMEN — Aqui se encontram as dores menstruais, na sua maioria. Como é muitas vezes difícil diferenciar entre dor gástrica e abdominal, é aconselhável consultar ambas as seções.

RETO — Há seção separada para FEZES. Diarréia, Prisão de ventre, Vontade de evacuar encontram-se em RETO. O caráter das fezes — soltas, duras, grandes, em jato, forçadas, cor, cheiro etc estão na seção seguinte — FEZES.

Em ÓRGÃOS URINÁRIOS encontramos nada menos de cinco seções, embaraçosas a princípio, pois BEXIGA e URINA estão completamente separadas e não sabemos o que procurar em cada uma delas. As cinco seções são: BEXIGA, RINS, PRÓSTATA, URETRA, URINA. Vontade de urinar, retenção de urina etc ocorrem em BEXIGA. O caráter da urina, cheiro, sedimento, encontra-se em URINA. Aqui encontramos também urina abundante e escassa.

ÓRGÃOS GENTAIS — em duas seções, MASCULINOS e FEMININOS. Nesta última encontram-se importantes Generalidades associadas à menstruação, ao passo que, como vimos, a agravação e a melhora, em geral, em conexão com as regras, colocam-se em GENERALIDADES, no fim do livro.

Depois, retornamos a GARGANTA, saindo daí e descendo, desta vez, pelo trato respiratório. A ordem de Kent, ao compilar o Repertório, é sempre de cima para baixo, do mais importante para o menos importante, do mais amplamente geral para o mais minudamente particular.

LARINGE e TRAQUEIA.

TOSSE.

EXPECTORAÇÃO.

A seguir PEITO, em cujas rubricas estão incluídos: pulmões, coração, mamas.

DORSO.

EXTREMIDADES.

A seguir, SONO, com sonhos. Realmente, uma generalidade importante. Inclui posição no sono, ao passo que melhor e pior

pelo sono e por diferentes posições na cama, encontra-se no fim do livro, em Generalidades.

Depois, as seções de febre: CALAFRIOS, FEBRE, TRANSPIRAÇÃO. Em FEBRE, encontramos a sucessão de períodos, que pode ser importante.

Finalmente, PELE. Lembremo-nos de que ela é meramente uma particularidade, um órgão, se bem que órgão muito importante, em relação à sua função excretora.

E assim termina o livro com a positivamente importante seção das GENERALIDADES.

DIFERENTES MEIOS DE ACHAR O REMÉDIO

Em Homeopatia, o REMÉDIO é o que mais importa. Dinamizações, administração dos medicamentos — questões que nos dividem — são assuntos mais ou menos subsidiários. Resultados brilhantes (pelo menos em doenças agudas) conseguiram-se com pessoas que usaram as mais diferentes dinamizações — contanto que tenham encontrado o remédio. Sem isso, é claro, a mágica não dá certo.

Estamos aqui para considerar DIFERENTES MEIOS DE ACHAR O REMÉDIO, pois o essencial numa prescrição homeopática (e nisso estamos todos de acôrdo) é TAL REMÉDIO, TAL CONDIÇÃO ANORMAL.

Mas, para achar o "tal" remédio, precisa-se obter acuradamente o quadro da doença a emparelhar. E talvez o mais difícil de tudo seja retratar o caso.

Alguém disse há dias: "Se o caso foi bem retratado, qualquer lóbo encontra o remédio". Certamente, se o caso foi mal retratado, é impossível encontrá-lo.

A retratação do caso à luz da patologia não nos auxiliará. Devemos ter sintomas que perfazem o diagnóstico, mas eles raramente conduzirão à droga curativa. Eles podem indicar um grupo de medicamentos úteis em tal doença. Não apanham o ÚNICO remédio que os sintomas DÊSTE paciente pedem. Assim formulou o Dr. Drysdale: "Quanto maior o valor de um sintoma para o diagnóstico, tanto menor seu valor na seleção do remédio".

Isso não quer dizer que não devamos ou não necessitemos diagnosticar! Devemos! Quando mais não seja para não levar em conta sintomas comuns à doença e não peculiares a êsse paciente, com essa doença; ou sintomas dependentes de resultados finais da doença, sintomas mecânicos, talvez, não expressivos do paciente. Também devemos diagnosticar, para o prognóstico; e para obter informações sobre as dinamizações a empregar. Além disso, em pura defesa própria: Deixar de diagnosticar pode deitar a perder o médico. Entretanto: "O diagnóstico, sem o remédio, é fraco consólo para o doente"... "Devia você fazer esta parte e não ter deixado a outra parte por fazer".

O fato é que a retratação homeopática do caso é meramente uma grande adição a uma anamnese comum — ela nunca a substitui. Assim também a Matéria Médica homeopática é volumosa adição à Matéria Médica das escolas. O médico homeopata é tudo o que os outros são — e em seguida algo MAIS.

Em primeiro lugar, pois, considerar brevemente a *retratação do caso*.

Está tudo em Hahnemann. Mas, em vez de citar, tentarei resumir.

Comece por anotar o relato do paciente com suas próprias palavras. Por que? Para evitar erros e falsas interpretações, mas, principalmente, com finalidades de comparação. A Matéria Médica consiste em dizeres de gente simples, em linguagem simples — coadunam-se.

Isso importou em censura contra a Homeopatia: seus fatos não estão registrados nos termos científicos de hoje. E, entretanto, foi justamente essa simplicidade da verdade que salvou a Homeopatia e fê-la válida para todos os tempos e para todos os povos. Tivesse ela sido feita no calão científico de cem anos atrás, estaria de há muito obsoleta. A ciência de uma geração é muitas vezes o disparate da geração seguinte. É o contrário no nosso caso. Pois, aquilo que na Homeopatia se vituperou como disparate por um século reconhece-se agora como a última palavra em ciência:

A VERDADE É PODEROSA E ACABA PREVALECENDO, COM O CORRER DO TEMPO.

Você já registrou a exposição do paciente. Comece agora a busca do "estranho, raro e peculiar". Isto é, faça-o repassar sua exposição, amplificando e qualificando suas afirmações. Por esse meio você poderá topar com um ou dois sintomas que lhe são peculiares e não meramente indicadores da doença. O fato de ele ficar sem fôlego — na asma — não tem alcance. Faz parte do programa, é comum a todos os asmáticos. Mas o fato de poder ele respirar somente quando estendido horizontalmente ou quando com os cotovelos nos joelhos pode ser peculiar a ESTE caso e ser altamente indicativo de um, dois ou três remédios. *Grife isso.*

Se você for tão hábil ou feliz que possa conseguir dois ou três sintomas valiosos, o trabalho pode terminar aqui. Pois, procurando as drogas que causaram esses sintomas, você poderá achar numa delas um quadro completo do caso, doença e tudo.

Esse método de encontrar o remédio parece ter sido comum em mãos do Dr. Erastus Case e conduziu-o a brilhantes resultados com muitos medicamentos raros que não "viriam à tona" por

métodos repertoriais mais tediosos. O seu livrinho é bem digno de estudo, abarrotado como está de casos instrutivos.

A seguir, tente extrair algo preciso e bem nitido dos sintomas gerais do paciente: as suas (especialmente) reações anormais ao ambiente, *mentais e físicas*. O efeito que lhe causa a temperatura, umidade, trovão, alimentos, luz, barulho, cheiros; seus desejos e aversões, com sondagens delicadas de sintomas mentais, especialmente se denotarem mudança do que lhe é normal.

Você poderá ser auxiliado pela enfermeira, por amigos ou parentes (que mentirão, diga-se de passagem, se o doente estiver presente). Em todo esse tempo você estará usando a sua própria observação para verificar, confirmar e notar as coisas que não lhe contam. O Dr. Burnett costumava dizer: "*Em crianças, lunáticos e mentirosos, você terá de usar a sua própria observação*". Ele parecia dar a entender que era assim sempre. Pois há pessoas que exageram — hipochondríacas e histéricas. E pessoas que escondem, por timidez, por vergonha — invariavelmente o mais importante.

Lembre-se: "Perguntas capciosas evocam respostas enganosas".

Faça o paciente refletir. Nunca faça uma pergunta que possa ser respondida por sim ou não. Registre somente o que for refletido e preciso. Nos primeiros tempos, fazemos um bom número de perguntas e anotamos muito. Mais tarde, fazemos muito mais perguntas e registramos muito menos.

Em casos crônicos complicados obtenha os ANTECEDENTES MÓRBIDOS PESSOAIS. Pode o doente não lembrar-se na primeira vez de uma erupção, por exemplo, quando menino. Dirá alguma coisa após pensar bem e perguntar aos que sabem.

Os ANTECEDENTES MÓRBIDOS HEREDITÁRIOS são de grande importância.

E as VACINAÇÕES frequentes e que talvez não tenham pegado? Trataremos disso depois, com o trabalho do Dr. Burnett.

A VARIOLA é uma dessas coisas que dão logo na vista: ela marca a vítima. Com Variolinum pode-se melhorar surpreendentemente a saúde, física e mesmo mental, de pessoas que tiveram variola. Já se viram casos e casos em que a deformação facial cedeu, em grau que pareceria impossível e isso após quarenta anos! A pele fica lisa e de colorido normal após umas poucas doses de Variolinum 200, a longos intervalos.

Mas, será que o mesmo não se dá com outras doenças agudas e os respectivos vírus?

A seguir, o passado de *moleita* e *quinina*. De novo entra em cena Burnett com a sua pequena e brilhante monografia, que conduz o caso a *Natrum muriaticum*.

Procure manifestações de T. B., cicatrizes no pescoço, antecedentes familiares de T. B. Temos aqui um legítimo atalho a drogas como *Tuberculinum* ou *Drosera*, que levantam as resistências contra a tuberculose, além de um grupo de policrestos — *Phosphorus*, *Psorinum*, *Calcarea* etc., de acordo com os sintomas.

A seguir os "Miasmas" Crônicos de Hahnemann (infecções que parasitam o organismo) — psora, sífilis, gonorréia. Se não prescrevermos contra elas, especialmente em doença crônica, não beneficiaremos o paciente — assim diz Hahnemann e tal é a nossa experiência. Você poderá cobrir o quadro superficial, mas terá de atingir no fim a causa profunda que perturba o organismo se quiser obter o máximo resultado. Isso, como lhes mostrarei, é Hahnemann.

O uso prolongado de qualquer droga dará o quadro medicamentoso dessa droga, confundido com os sintomas próprios do paciente — ou poderá ser o caso inteiro. A mesma droga em alta potência pode antidotar uma preparação não dinamizada. Mas, qualquer droga, é claro, com sintomas semelhantes, antidotará. É sempre uma questão de concordância de sintomas.

Dentre os sintomas de drogas, muitos originam-se de pastas dentífricas, lavagens vaginais, gargarejos etc.

Um dente séptico pode estar envenenando o paciente. E um pessário séptico, muitas vezes imundo e indescritivelmente ofensivo?

E agora O CASO JÁ ESTÁ RETRATADO.

A história do paciente foi registrada, os sintomas comuns, abundantes (e aliás inúteis para a prescrição) foram qualificados como tal e algumas coisas "estranhas, raras e peculiares" foram apartadas e grifadas.

Os sintomas mentais, os mais preciosos de todos, se nítidos e verdadeiros, foram pescados, e no caso de serem precisos e de confiança, registrados. Quando eles se desviam do normal do paciente são da maior importância. Podem ser usados como sintomas eliminadores para pôr para fora drogas às dúzias, em cujas patogenias não aparecem.

Temos agora completo o quadro mórbido do paciente, isto é, o desvio do normal. Como vamos compará-lo com um quadro medicamentoso? Em outras palavras, como vamos achar o remédio?

Como Hahnemann solucionou o problema?

Hahnemann e seus discípulos imediatos levavam grande vantagem sobre nós. Tinham menos remédios para escolher. Conheciam-nos melhor e podiam reconhecê-los melhor nos pacientes. Durante anos, durante a metade de uma vida, vinham eles "provando" droga após droga e sofrendo os efeitos na mente e no corpo. Tinham, naturalmente, menos dificuldade em reconhecer no

paciente um quadro medicamentoso experimentado pessoalmente. Estava-lhes gravado na memória pelo sofrimento. Todo o sofrimento pessoal capacita mais o médico para reconhecer tal sofrimento, compartilhá-lo com o doente e auxiliá-lo eficazmente. A maior capacidade de auxiliar consegue-se sempre com o maior custo. Nenhuma grande obra foi jamais feita sem grande esforço e grande sacrifício pessoal. A Homeopatia não é arte para preguiçosos e obtusos.

Mas hoje o número imensamente maior de medicamentos é compensado por repertórios mais completos. E o problema é como usá-los com os melhores resultados.

Aqui o tempo e o trabalho necessários para encontrar o remédio por meio do repertório podem ser mitigados se compreendermos a GRADUAÇÃO DOS SINTOMAS, isto é, o seu valor relativo. Essa é a chave.

Mesmo ao "trabalhar" laboriosamente um caso com o auxílio do repertório, as três penosas e arrastadas horas do principiante (com resultados muitas vezes duvidosos) reduzem-se a dez ou quinze minutos, para o médico experimentado.

Além disso, quando o médico conhece bem os medicamentos e adquiriu experiência e confiança em si, já não se trata muitas vezes de trabalhar o caso: ele poderá identificá-lo num relance de olhos e algumas perguntas provarão que está certo. Isso torna possível o trabalhoso serviço domiciliar.

Hahnemann fala e nós também falamos correntemente na TOTALIDADES DOS SINTOMAS. Que entendemos por isso? Significa que se tenha de incluir cada pequeno sintoma e cada sintoma dependente de grosseiras lesões patológicas? Trabalho interminável, com resultados medíocres. Não reconhecemos os nossos amigos contando-lhes os dedos dos pés e das mãos, mas sim por coisas que lhes são pessoais, somente deles, dentre a humanidade inteira. A sua totalidade, no que nos interessa, reside no sexo, estatura, tom de pele, voz, expressão, mentalidade — não no que é comum aos homens, mas no que os diferencia.

Do mesmo modo um quadro medicamentoso, para ser completo, não consiste numa fiada de sintominhas mas em largos lineamentos de sintomas mentais e peculiares; peculiares a uma determinada droga e que a distinguem de todas as outras.

Como diz Hahnemann: "Os sintomas que determinam a escolha do remédio são bem peculiares a esse remédio e de nítida similitude em relação aos sintomas da doença".

Multidão de sintomas são comuns a centenas de drogas e portanto não são diagnósticos de nenhuma delas. Se você lhes der proeminência indevida, você poderia também tirar cara e coroa para achar o remédio.

"Cada medicamento difere de todos os outros quanto ao efeito". São as diferenças e não as correspondências que nos dizem respeito.

Hahnemann diz de sintomas indefinidos — perda de apetite, perda de sono, fraqueza etc. — que são inúteis, pois "comuns a todas as drogas e a quase todas as doenças".

Diz Hahnemann: "Ao comparar os sintomas da doença com listas de sintomas de drogas experimentadas, devem-se tomar especialmente e quase exclusivamente as feições do caso mais proeminentes e peculiares (características). Devem elas ter a mais estreita semelhança com os sintomas do medicamento escolhido, se quisermos curar". E ainda: "As condições de mente e temperamento do paciente são freqüentemente da mais decisiva importância na seleção do remédio". Fala ainda Hahnemann na "totalidade dos sintomas característicos".

Compreendamos pois que a TOTALIDADE significa a TOTALIDADE CARACTERÍSTICA e cessemos de contar os dedos dos pés e das mãos.

KENT foi um dos que retornaram a Hahnemann e realizaram obra de valor. Eis o que Kent me escreveu em 1912:

"Os métodos que a senhora usa são duros e áridos e diferem positivamente dos meus. A senhora executa trabalho enormemente maior do que o meu, nos meus casos.

Percorrendo uma lista de sintomas, descubra primeiro 3, 4, 5 ou 6 (ou quantos sintomas existam) que sejam "estranhos, raros e peculiares".

Essas são as mais altas generalidades, pois "estranhos, raros e peculiares" devem aplicar-se ao próprio paciente.

Quando tiver focalizado 3, 4 ou 6 remédios que têm esses sintomas gerais, procure qual deles é mais semelhante ao resto dos sintomas do paciente, comuns e particulares.

Quando retratar o caso em uma folha de papel, deve registrar os sintomas que NÃO PODEM ser omitidos, em cada indivíduo.

Não espere que um medicamento que tenha os gerais tenha de ter todos os pequenos sintomas. É perda de tempo ir atrás de todos os sintominhas, se o remédio tem os sintomas gerais.

Obtenha os sintomas fortes, estranhos, peculiares e depois VERIFIQUE SE NÃO HÁ NO CASO SINTOMAS GERAIS QUE SE LHEM OPONHAM OU QUE OS CONTRAINDIQUEM.

Se vir as notas tónicas de *Arsenicum*, veja se o paciente é friorento, medroso, agitado, fraco, pálido, se não pode ver um quadro torto na parede — e *Ars.* curará.

Ou então as notas tónicas parecem indicar *Pulsatilla*. Verifique se ela NÃO é friorenta, se gosta de janelas abertas, deseja

ar fresco, deseja andar ao ar livre, melhora pelo movimento, se não tem sede, se é lacrimosa, meiga.

O mal das notas tónicas é que delas se abusa. São muitas vezes sintomas característicos. Mas, se as notas tónicas forem tidas como definitivas e os sintomas gerais não concordam, aí então virão os insucessos".

Dentre as maneiras de encontrar o remédio há o aprimorado meio repertorial, que fornece excelentes resultados, na maioria dos casos.

Manejando o caso pelos sintomas mentais e gerais, com a devida consideração pela sua importância relativa, acha-se o remédio, *condanto que tenha ele sido*: a) bem experimentado; b) bem representado no repertório, o que é o caso em grande número de drogas, mas, é claro, em número limitado.

Isso significa trabalho, mas trabalho cada vez menor, quando se adquire experiência. Significa ter peito.

Mas, a não ser que sejamos cuidadosos em não incluir tais sintomas com muita facilidade, esse caminho levar-nos-á sempre a drogas bem experimentadas, bem representadas no repertório — os "poli-cresos". E remédios valiosos, apenas parcialmente experimentados e por isso mesmo inadequadamente representados no repertório? Podemos precisar de um ou outro desses uma única vez em muitos anos, mas quando de fato deles necessitamos, nada tomará o seu lugar. Envenenamentos acidentais já têm fornecido dados relativos a essas drogas; também picadas de cobra ou de insetos. Elas podem aparecer numa única rubrica em todo o repertório — mas lá estarão em negrito.

Preste atenção em qualquer medicamento raro, em negrito, que tenha o sintoma saliente de um paciente. Vá direito à Matéria Médica e veja se ele talvez não se adapta ao caso em todos os sentidos. Um remédio assim apreendido nunca é esquecido. E teremos uma flecha a mais na nossa aljava, para lançar contra o sofrimento e a doença. Eis um exemplo:

Um caso de melancolia, com mórbido medo de loucura. *Pulsatilla*, enquadrava-se mais ou menos, como também *Ignatia*, mas a doente piorava constantemente. Não sorria, mantinha-se sentada longe de todos, negligenciava tudo, não comia e não dormia, perdeu as côres e peso, não pensava em nada a não ser no seu TERROR. *Mancinella* abrangia o caso e curou completamente. *Mancinella* aparece somente umas poucas vezes no repertório, mas figura em negrito com o seu único sintoma dominante — medo da loucura. Tomou somente duas ou três doses, em longos intervalos, para leves ameaças de recidiva, que se dissiparam e desde aí tem estado bem, há uma dúzia de anos.

Latroductus moctans para angina pectoris é outro medicamento como esse, mal experimentado, mal representado. O negrito na única rubrica "Dor — coração — estendendo-se pelo braço esquerdo" deve enviar-nos em linha reta à Matéria Médica para encontrar o mais perfeito quadro desse terrível mal. E ele funciona.

Muitas drogas usam-se somente pela leitura e estudo do seu gênio. Um dos nossos veteranos costumava expor a sua própria lei: *Leia um medicamento por dia e dois medicamentos nos domingos.*

Mas marque ou grife, quando ler, os sintomas fortes, raros e característicos de cada droga. Posteriormente, você poderá percorrer a sua marcação e obter um retrato medicamentoso que se fixará na memória.

Ao ler qualquer droga, note também: a ação LOCAL; TECIDOS e ÓRGÃOS especialmente afetados (Burnett, seguindo Rademacher, usou muito remédios de órgãos, tanto quanto os polícrestos); e também as *sensações peculiares*, mentais e físicas. No Dicionário de Clarke essas sensações vêm especialmente salientadas, nas observações que precedem cada medicamento.

Os SINTOMAS GUIAS de Nash, as NOTAS TÔNICAS de Allen e as SINOPSES de Boger baseiam-se, todos eles, nas características das drogas — são livros que auxiliam imensamente.

Se você tiver a Enciclopédia de Allen poderá, mesmo nela, ler com utilidade e satisfação, contanto que percorra os sintomas em negrito e em itálico. Consegue-se, dê-se jeito, extraordinária visão dos medicamentos. E mesmo em tipo ordinário, podemos achar sintomas estranhos: *grife-os.*

Quando houver num caso um sintoma mental bem nítido que você sente deva ser aproveitado, poderá facilitar o seu trabalho utilizando-o como *sintoma eliminador*: continuando com as outras rubricas, registre somente os medicamentos que têm esse sintoma mental.

Nos muitos casos em que tiver de trabalhar solidamente com muitos sintomas nítidos, dos mentais aos gerais, em ordem de importância, pode-se, pela minha experiência, aliviar a tarefa assim:

Lembrando que os sintomas "gerais", reações à temperatura e ao tempo, a alimentos, ao ambiente de maneira geral, devem ser perfeitamente nítidos no paciente para que sejam usados; e lembrando que, assim nítidos e precisos, devem eles corresponder, em importância de tipos de impressão, às drogas dentro de cada rubrica — teremos portanto que, com fortes sintomas gerais, é geralmente suficiente anotar os medicamentos em negrito e em itálico. E isso realmente, mesmo com longas rubricas, não é tarefa

assim tão terrível. Há um limite à soma de trabalho que podemos dedicar a cada caso.

Além disso, o fato é que, quanto mais trabalho tivermos, de maneira pesada, mecânica, sacrificante, tanto mais será provável que acabemos com enorme escolha de medicamentos e tanto menos provável que encontremos o único. Em Homeopatia é preciso usar a cabeça.

Mas Hahnemann descobriu, como todos nós descobrimos mais cedo ou mais tarde, que há casos em que o mais cuidadoso abrangimento de sintomas não nos leva até o fim. O paciente melhora repetidas vezes, mas a saúde não se restabelece.

Numa simples pneumonia, abrangem-se os sintomas e aborta-se o caso; ou, se ele está mais adiantado, é ele levado com um mínimo de transtorno até uma fácil resolução. Ao passo que outros casos, mesmo de doenças agudas como a pneumonia, negam fogo. Por que isso? A nossa experiência não nos ensina haver pacientes que não podem desfazer-se mesmo de uma pneumonia sem um dos "antipsóricos" de Hahnemann — *Sulfur, Lycopodium, Calcarea?* ou, havendo antecedentes de T. B., sem *Tuberculinum?*

Tanto mais é assim o caso nas doenças crônicas, isto é, naqueles pacientes que, entra ano, sai ano, estão doentios, que melhoram só para retroceder.

Hahnemann se pôs a trabalhar nesse problema e dele evoluíram as suas DOENÇAS CRÔNICAS.

Duvido que qualquer de nós preste a devida atenção a esta parte do trabalho e do ensinamento de Hahnemann. Tendemos a ficar mais do que contentes quando o milagre age em casos simples e a rotular o resto como *pequenos casos crônicos*, como se, com isso, se dissesse tudo.

Não era assim o sábio e velho médico. Ele não estivera contente com a medicina da velha escola. Não ficava contente com a Homeopatia, se ela, em alguns casos, deixasse de restaurar completamente o paciente. "Ocupou-se, durante anos, noite e dia, em descobrir por que os medicamentos homeopáticos então conhecidos não efetuavam uma verdadeira cura de certas doenças crônicas miasmáticas".

Diz ele: "Todas as doenças crônicas miasmáticas são tão inveteradas, uma vez desenvolvidas no organismo, que, a não ser que inteiramente curadas pela arte, continuam a crescer em intensidade até a morte. Nunca desaparecem por si, nunca diminuem, não se deixam conquistar por uma constituição vigorosa, por hábitos de vida regulares, pela dieta mais estrita". "Todas as doenças crônicas", diz ele, "baseiam-se em miasmas crônicos fixos" (infecções) "que habilitam as suas ramificações parasíticas a espalhar-se pelo organismo humano e a crescer indefinidamente".

te. As infecções crônicas são miasmas mórbidos, semivitais, de natureza parasítica...". E diz ainda que, na sua opinião, "a infecção miasmática, tanto em doenças agudas como em doenças crônicas, dá-se em um momento, contanto que o momento seja favorável à influência contagiosa".

Em vez de "miasma" leia "infecção" e veja como Hahnemann estava em dia, há 100 anos atrás (*As Doenças crônicas foram publicadas em 1828*).

Hahnemann percebeu pois que há condições duradouras que se seguem a doenças agudas de muitos anos atrás, mesmo de séculos atrás, que devem ser levadas em conta ao prescrevermos.

Ele labutou em três delas: sífilis, sicose ou gonorréia e psora (Essa última muito ridicularizada pelos que nunca se deram ao incômodo de compreendê-la, mas sendo agora reconhecida como "científica", assim me disseram, na Alemanha).

Essas doenças ele tratava com medicamentos homeopáticos às suas manifestações e sintomas, sendo o maior número de medicamentos contra a mais largamente difundida, aquela com cabeça de hidra — a PSORA.

Seus remédios sicóticos eram *Thuja* administrada alternadamente com *Nitricum acidum*. Alternadamente? Que é isso? O próprio Hahnemann alternava?

Sim, quando mudavam os sintomas. Observe: alternadamente, em Hahnemann, nunca quis dizer goles alternados de dois copos, com algumas horas de intervalo, o dia inteiro, porque o médico não pôde decidir-se sobre o mais bem indicado. Eis as diretrizes de Hahnemann na alternância:

"A gonorréia pode-se curar de maneira perfeita e duradoura pela administração interna de glóbulos de *Thuja* 30, que deixamos de atuar de 15 a 40 dias. Depois desse tempo, dê igual pequena dose de *Nitricum acidum*, deixando-a agir durante período de igual duração".

Temos aqui, desde o tempo de Hahnemann, outra arma magnífica — *Medorrhinum* ou *Gonorrhinum*. No Repertório de Kent há uma pequena rubrica "Gonorréia" com alguns outros medicamentos úteis nessa doença, quando os sintomas concordam.

Medicamentos tais como *Medorrhinum*, *Syphilinum*, *Tuberculinum* estão no rumo de Hahnemann, ele que usava *Psorinum* na psora e que reconhecia a variola ou inoculações pela variola como curativas de condições — oftalmia, surdez, disenteria — que são freqüentemente sequelas, diz ele, da variola (Hahnemann afirma, diga-se de passagem, que a variola extinguiu a vacína, menos virulenta, enquanto que a vacína diminuirá a virulência e o perigo da variola).

O grande remédio de Hahnemann para a sífilis é o Mercúrio. Acha que a 30.^a dinamização age melhor do que as baixas, mas se eram necessárias várias doses, podiam ser empregadas as baixas potências.

A sífilis, não complicada, não tratada e no primeiro estágio, "em 50 anos de prática ele nunca deixou de curar com a mais diminuta dose do melhor preparado mercurial".

É claro, os mercuriais na sífilis são pura Homeopatia. Seus sintomas muitas vezes não se distinguem. Um já tem sido tomado pelo outro.

Não zombe da idéia de curar a sífilis com doses unitárias de Mercúrio, em potência, até ter experimentado.

Temos aqui também *Syphilinum*. *Mercurius cymatus* parece ser por grande diferença o mais poderoso dos mercuriais na sífilis em todas as manifestações e estádios. Kent tem uma lista bem longa, com oito drogas em negrito, para a sífilis. Só os sintomas podem decidir entre eles.

Em casos de doença crônica complicados pelos três miasmas, Hahnemann indica a ordem em que devemos usar os remédios: "Primeiramente, aniquilamos o miasma psórico (doença crônica não venérea) pelos antipsóricos indicados. Depois, usamos os remédios indicados contra a sicose. Finalmente, o melhor preparado mercurial contra a sífilis. Empregam-se essas diferentes séries de remédios alternadamente, se necessário, até que se complete a cura. Deixe a cada medicamento o tempo necessário para completar sua ação".

Quando damos, furtivamente, por assim dizer, uma dose de *Syphilinum* ou *Medorrhinum* ou *Tuberculinum* ou o que quer que seja, temos uma espécie de sentimento de culpa por tal coisa talvez não fazer parte da Homeopatia — como ensinada por Hahnemann. Mas faz parte! Hahnemann estava muito adiante de nós. A nossa única dúvida era que não conhecíamos a nossa herança em sua plenitude.

O fato é que estamos apenas seguindo as pegadas de Hahnemann ao interpormos uma dose de *Tuberculinum* quando o caso não reage bem e há deficiência hereditária da resistência à tuberculose — especialmente em afecções dos ossos, das glândulas e da pele, em pessoas com T. B. na sua ascendência.

Ou quando percebemos que doenças como a malária deixam condições crônicas, especialmente quando complicadas com o envelhecimento pelo quinino, condições essas que só podem ser tratadas com sucesso pelos seus remédios apropriados — *Natrum muriaticum*, *Sepia*, *Arsenicum* etc.: — "aquela velha maleita" dará muitas vezes o voto de Minerva, entre remédios em competição.

E agora, como conclusão, resumirei brevemente a brilhante obra de Burnett em outro estado crônico que surgiu e tem de ser reconhecido — ele o chama VACINOSE.

A pequena monografia de VACINOSE E THUYA foi escrita "para estabelecer a vacinose como uma forma de doença crônica e Thuya como um dos seus principais remédios".

Ele sustenta que, ao vacinar, não se faz de um homem saudável um homem mais saudável. Pelo contrário, estabelece-se um estado mórbido crônico para proteger, talvez por anos, de uma doença semelhante (variola). A vacinação é pois uma forma de HOMEOPROFILAXIA.

Ele define a vacinose como "um profundo e freqüentemente duradouro estado mórbido constitucional engendrado pelo vírus vacínico, eufemisticamente chamado "LINFA", mas que é, é claro, pus.

O vacinado é uma pessoa que sofre de vacinose. Ele pode não estar doente, mas deve estar num estado mórbido mitigado. Ele foi empestado ou então não foi vacinado.

Alguns dos meus piores casos de vacinose foram justamente aqueles em quem a vacinação não "pegou".

Não poucas pessoas datam seus males de uma assim chamada vacinação não sucedida.

"Pegar" é a reação constitucional por meio de que o organismo se livra, mais ou menos, do vírus introduzido.

Se a vacinação não pega e o vírus foi absorvido, as coisas encaminham-se para um processo crônico — paresias, nevralgias, cefalalgias, espinhas, acne etc.

Quanto menos uma vacinação "pega", tanto mais é provável que a pessoa sofra da genuína doença vacinal na sua forma crônica".

Mas e as outras e mais modernas formas de homeoprofilaxia, vacinas, imunizações etc.? Serão elas adições à saúde de quem é sadio? Ou serão novas formas de doença crônica que terão de ser reconhecidas mais tarde?

O livrinho de Burnett está repleto de casos brilhantes que provam a causa da VACINOSE como doença crônica e de Thuya como o seu grande remédio. E a coisa funciona!

Diz Burnett: "Em doenças crônicas, quando os remédios certos parecem entravados na sua ação, Hahnemann... recomendava aos seus discípulos que interpussem Sulfar como o grande e mais provável antipsórico". Muitos de nós achamos que essa sugestão clínica é muito valiosa. "De maneira semelhante, achei que a vacinose freqüentemente barra o caminho e aí entra a Thuya com o efeito simplesmente belo de um genuíno simillimum".

Penso que você concordará que não se RETRATOU BEM O CASO se não se registraram para cada paciente as vacinações, especialmente as más ou mal sucedidas, assim como quaisquer antecedentes, pessoais ou hereditários, de tuberculose, sífilis ou gonorréia.

[Estamos avançando ainda mais no rumo de Hahnemann ao descobirmos que, com doses intercaladas de *Diphtherinum*, *Morbillinum*, *Scarlatininum* etc., podemos ajudar, até um ponto surpreendente, pessoas "nunca bem após" uma difteria ou sarampo ou o que quer que tenha sido. (Veja n.º 12 — *Curso por Correspondência para Médicos*)].

RELAÇÃO DOS QUE CONTRIBUÍRAM PARA A PRESENTE EDIÇÃO

FARMÁCIAS E LABORATÓRIOS

Estado da Guanabara

Laboratórios De Faria & Cia.
Farmácia Homeopática Teixeira
Novais & Cia. Ltda.
Farmácia e Laboratório Almeida
Cardoso
Farmácia Murtinho Ltda.
Farmácia e Laboratório Homeopá-
tico Simões
Farmácia e Laboratório Araujo Pe-
na
Farmácia Homeopática Almoré
Ltda.
Farmácia Homeopática Thelma
Farmácia Homeopática Nóbrega
Farmácia Homeofarma Ltda.
Farmácia Hahnemanniana Barros
Ltda.
Farmácia Americana

Estado de São Paulo

Farmácia e Laboratório Homeote-
rápico S. A. (Cap.)
Farmácia e Laboratório Homeopá-
tico Almeida Prado Ltda. (Cap.)
Farmácia e Laboratório Paulista de
Homeopatia Dr. Alberto Seabra
S. A. (Cap.)
Murtinho Nobre & Cia. Ltda. (Cap.)
Farmajaõe Ltda. (Cap.)
Farmácia Real (Campinas)
Farmácia Hahnemann (Campinas)

Estado do Rio Grande do Sul

Farmácia e Laboratório Homeopá-
tico Van Der Laan (Porto Alegre)
Farmácia Homeopática de João de
Souza (Santa Maria)

Estado da Bahia

Laboratório e Farmácia Homeopá-
tica dos Irmãos Soares da Cunha
(Salvador)

Estado do Paraná

Farmácia Homeopática Paranaen-
se Ltda. (Curitiba)

MÉDICOS

Alraão Brickmann
Alberto de Almeida Braga
Alberto Soares de Meirelles
Alfredo Castro
Alfredo Eugenio Vervloet
Alfredo Habib
Alfredo Di Vernieri
Alípio de Araujo Costa
Alvaro Moreira Piedras
Alvaro Porto Barros
Amaro Guilherme de Barros Az-
vedo
Ana Kossak
Ana Tuman Birman
Angelo Candia
Antonio Ferreira Dias
Antonio Rodrigues da Silva
Arno Caye
Arthur Henoch dos Reis
Artur de Almeida Rezende Filho
Augusta Diogo Tavares
Augusto da Silva Sevilha
Aurelio Caetano da Silva
Azil Rodrigues Galhardo
Benedito Salles Barbosa
Benjamin Rodrigues Galhardo
Cadmo Carlos de Moura Brandão
Carlos Armando de Moura Ribeiro
Carlos Mariano de Almeida Prado
David Castro
Denizard Souza
Diogenes Pereira da Silva
Duval Ernani de Paula

Edmundo dos Santos Rodrigues
Estevam José de Almeida Prado
Francisco de Azevedo Pinto
Francisco de Carvalho Azevedo
Geraldo Miranda
Gerson Rodrigues
Gilberto de Carvalho Lustosa
Helena Minin
Irineu Gonçalves Pinto
Jayme Treiger
João Baptista Covelli D'Andréa
José Barros da Silva
José Carlos Braga
José Carneiro
José Mariano Raymundo de Souza
José Roux Leite
José Schembri
Juão Pimentel
Junin Brandão
Justin Robin
Juvenal da Silva Marques
Kamil Curi
Lauro S. Thiago
Leo Bernardes
Luiz Eugênio Neves
Luiz George de Oliveira Bello
Luiz Monteiro de Barros
Manoel Antonio Thedin Martinho
Nobre
Manoel Herculano Chaves
Manoel de Paiva Ramos
Maria Clélia Viotti Coelho
Maria de Lourdes Salomão
Mario de Magalhães Pecego
Mario de Pinho Saramago
Maryllo Soares da Cunha
Nelson de Toledo Piza
Nilo Cairo de Souza Knorr
Orlando Mollica
Oscar Guimarães Chermont de Miranda
Oscario Schleder de Araujo
Otocar Martinho de Souza
Paulo Von Atringen
Paulo Ferreira Barros
Paulo Gargione
Pedro Baptista Araujo Penna
Randolpho Penna Ribes

Renato De Faria
Roberto Costa
Rupert Ferreira
Sabino Theodoro da Silva Junior
Samuel Helmann
Sebastião Braga
Sergio da Costa Telles
S. Canato Abreu
Syllo Gomes Valente
Tullio de Saboia Chaves
Valeriano Barbosa Pereira
Waldemiro Pereira
Walfrido dos Anjos
Walter Coelho
Walter Soares da Cunha
Wilson Reis e Silva Atab

FARMACÊUTICOS

Elza Pecego
Sergio De Meda Lamb

SIMPATIZANTES

Afonso Rios Filho
Alzemirol Bello
Antenor Adurens
Artur Sousa Filho
Asser Antonio Ramos
Banco Colonial de São Paulo
Carlos Rios
Major Decio Gama de Almeida
Eduardo Trevões
Fanny Milch
Felicindo Ramos
Fernando José Castro
Helena Nioac Prado
Ivo Roberto Castro
José Amaral Quintela
José Castro
Dr. Lyrio Guimarães Kolth
Maria de Lourdes Moraes Camar-
go Bello
Mario Luiz Castro
Nelson Var
Paulo Roberto Ramos
Dr. Ricardo Lioac
Sara Castro

LIVROS ACONSELHADOS AOS INICIANTES PARA O ESTUDO DA HOMEOPATIA

I — VULGARIZAÇÃO

- Esculápio na balança — Dr. ALBERTO SEABRA — Tip. Continente, rua General Victorino, 58 — Porto Alegre — R. G. do Sul, 1943.
A Homeopatia sem mistérios — Dr. L. BERCHER — tradução do dr. Rezende Filho, Ed. Edigraf, Rua Direita, 235, S. Paulo, 1945.
Que é a Homeopatia? — Dr. CHARETTE — Ed. Edigraf, Rua Direita, 235, 1943.
30 razões para ser homeopata — Dr. J. C. BURNETT — Tradução do dr. Paiva Ramos, Tip. Gutenberg, São Paulo, 1943.
Homeopatie — Dr. P. VANNIER — Tradução do dr. A. Brickmann, Difusão Européia do Livro — São Paulo, 1960.
Homeopathie — médecine humaine — Dr. L. VANNIER, éd. Albin Michel, 22 rue Huyghens, Paris, 1959.
Initiation pratique à l'homeopathie — Dr. A. THIBAUT, éd. Farnèse, 89 rue de Sévres, Paris — 6^eme. 6^e edição — 1959 (a ser traduzido).
En attendant le médecin — Dr. H. VOISIN, Gardet Éditeur, Annecy — França, 1959.
Homeopatia — medicina del porvenir — Dr. A. MARZETTI, Libreria Hachette, Buenos Aires, 3.^a edição, 1948.

II — DOCTRINA

- Organon da arte de curar — HAHNEMANN — Tip. Laemmert, trad. da 6.^a edição alemã, 1962.
Filosofia Homeopática — D. J. T. KENT.
Théorie et technique homéopathiques — Dr. H. DUPRAT — J. Peyronnet & Cia. Éditeurs, 8 rue de Furstenberg — Paris, 1955.
Les doctrines de l'Homeopathie — Dr. MOUEZY-EON — Éditions Médicales, rue de Valenciennes, 7 — Paris, 1923 (a ser traduzido).
La doctrine de l'homeopathie française — Dr. L. VANNIER — G. Doin & Cie., Place de l'Odéon, Paris.
L'application rationnelle et critique de l'Homeopathie — Dr. H. VOISIN, rue du Lac, 4 Annecy — França (a ser traduzido).

III — MATERIA MÉDICA

- La Matière Médicale Pratique — Dr. CHARETTE — Lib. Le François, 91 — Boulevard Saint Germain — Paris — 1949 3.^a ed.
Elements de Matière Médicale Homeopathique — Dr. CHIBON — J. Peyronnet Éd. 8 rue de Furstenberg, Paris.
Matière Médicale Homeopathique — Drs. L. VANNIER et J. POIRER — G. Doin Éd. Place de l'Odéon, 8 — Paris.
Introducción a la Materia Médica Homeopática — Dr. H. ROUX — Farmacia Inglesa Méndez, Buenos Aires, 1954.
Além dessas, há outras mais completas a serem consultadas após aprendizado inicial: drs. DUPRAT, LATHOUD, VOISIN, KOLLITSCH, HODLAMONT, lingua francesa e J. T. KENT, W. BOERJCKE (com repertório), NASH, BOYAL, FARRINGTON etc., lingua inglesa.

INDICE

| | |
|---|-----|
| APRESENTAÇÃO | 5 |
| SENTESE DOCTRINARIA | 7 |
| LIÇÃO PRIMEIRA — <i>Similia similibus curentur</i> | 9 |
| LIÇÃO SEGUNDA — Resção vital — Estimulo vital — Sensibilidade | 27 |
| LIÇÃO TERCEIRA — Matéria medica homeopática e ex- perimentações | 41 |
| LIÇÃO QUARTA — Sintomas | 65 |
| LIÇÃO QUINTA — A retratação do caso | 83 |
| LIÇÃO SEXTA — Seleção do remédio | 101 |
| LIÇÃO SÉTIMA — O repertório | 123 |
| LIÇÃO OITAVA — Administração do remédio | 135 |
| LIÇÃO NONA — Efeitos dos medicamentos — Agrava- ção homeopática | 149 |
| LIÇÃO DÉCIMA — A repetição. Quando não repetir. Quando repetir | 171 |
| LIÇÃO DÉCIMA PRIMEIRA — A preparação dos remé- dios homeopáticos | 193 |
| LIÇÃO DÉCIMA SEGUNDA — As doutrinas de Hahn- mann, em breve resumo | 215 |
| APÊNDICES: | |
| O Repertório de Kent | 259 |
| Diferentes meios de achar o remédio | 275 |
| RELAÇÃO DOS QUE CONTRIBUÍRAM PARA A PRE- SENTE EDIÇÃO | 289 |
| LIVROS ACONSELHADOS AOS INCIANTES PARA O ESTUDO DA HOMEOPATIA | 291 |

★
Composto e impresso na
Gráfica e Editora EDGRAF S. A.
estabelecida à
Rua Uruguaiana, 88,
em São Paulo (Brasil)

★